



MR. SLANE E O BRASIL
e
PROBLEMA VITAL.





OBRAS COMPLETAS
DE
MONTEIRO LOBATO

EM 43 VOLUMES



1.ª Série — LITERATURA GERAL
(17 volumes)

- 1 — Urupês
- 2 — Cidades Mortas
- 3 — Negrinha
- 4 — Idéias de Jeca Tatu
- 5 — A Onda Verde e o Presidente Negro
- 6 — Na Antevéspera
- 7 — O Escândalo do Petróleo e Ferro
- 8 — Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital
- 9 — América
- 10 — Mundo da Lua e Miscelânea
- 11 — A Barca de Gleyre — 1.º Tomo
- 12 — A Barca de Gleyre — 2.º Tomo
- 13 — Prefácios e Entrevistas
- 14 — Literatura do Minarete
- 15 — Conferências, Artigos e Crônicas
- 16 — Cartas Escolhidas 1.º Tomo
- 17 — Cartas Escolhidas 2.º Tomo

2.ª Série — LITERATURA INFANTIL
(17 volumes)

- 1 — Reinações de Narizinho
- 2 — Viagem ao Céu e O Saci
- 3 — Caçadas de Pedrinho e Hans Staden
- 4 — História do Mundo para as Crianças
- 5 — Memórias da Emília e Peter Pan
- 6 — Emilia no País da Gramática e Aritmética da Emilia
- 7 — Geografia de Dona Benta
- 8 — Serões de Dona Benta e História das Invenções
- 9 — D. Quixote das Crianças
- 10 — O Poço do Visconde
- 11 — Histórias de Tia Nastácia
- 12 — O Picapau Amarelo e A Reforma da Natureza
- 13 — O Minotauro
- 14 — A Chave do Tamanho
- 15 — Fábulas e Histórias Diversas
- 16 — Os Doze Trabalhos de Hércules — 1.º Tomo
- 17 — Os Doze Trabalhos de Hércules — 2.º Tomo

3.ª Série — TRADUÇÕES E ADAPTAÇÕES — (9 volumes)

- 1 — Contos de Fadas
- 2 — Contos de Andersen
- 3 — Novos Contos de Andersen
- 4 — Alice no País das Maravilhas
- 5 — Alice no País do Espelho
- 6 — Contos de Grimm
- 7 — Novos Contos de Grimm
- 8 — Robinson Crusoe
- 9 — Robin Hood

EDITORA BRASILIENSE

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 93 — S. PAULO

Digitized by Google

MR. SLANG E O BRASIL
E
PROBLEMA VITAL

DIREITOS RESERVADOS PELA
EDITÔRA BRASILIENSE
SÃO PAULO

156

10.ª edição de “Mr. Slang e o Brasil” e “Problema Vital” pu-
blicada na 1.ª Série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”.

OBRAS COMPLETAS DE MONTEIRO LOBATO
1.ª Série * LITERATURA GERAL * Vol. 8

Isidro Benito

Monteiro Lobato

MR SLANG E O BRASIL
e
PROBLEMA VITAL

0



1961

EDITORA BRASILIENSE
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 93 — S. PAULO

PQ
9697
L59
1959
8

1489650

ÍNDICE

Nota dos Editores	VII
-------------------------	-----

PRIMEIRA PARTE

MISTER SLANG E O BRASIL

COLOQUIOS COM O INGLÊS DA TIJUCA

Advertencia	5
Da balbúrdia de ideias	7
Da maçaroca	12
De outras opiniões do Manoel	17
Do cruzeiro e outras miudezas	22
Do carpinteiro de Southdown	28
Do período ciclônico	34
Da indústria da repressão	39
Da camisola de força	45
Da proteção à incompetência	51
Do capítulo que faltou	57
Da "Estrada Alegre"	63
Dos direitos imorais	68
Do parasitismo camuflado	74
Da cabeça e da mão	80
Da importação de cérebro	85
De frutas e livros	91
Dos "ladrões"	97
Do suplício da senatoria	103
Das elites	108
Dos trinta homens	114
Nota final	120

SEGUNDA PARTE

OPINIÕES

Psicologia do jornal	127
Audiências públicas	133
O padrão	137

A moeda de borracha	143
Ganglios pensantes	149
A cegueira naval	155
Loucura	161
Guerra ao livro	165
Artur Neiva	169
Resignação	177
A morte do livro	181
A "Desencostada"	187
Assessores	193
Vacas magras e gordas	197
A maravilha do Calabouço	201
O quarto poder	209
Honni soit	215

TERCEIRA PARTE
PROBLEMA VITAL

A ação de Osvaldo Cruz	223
Desesete milhões de opilados	231 —
Tres milhões de idiotas	239
Dez milhões de impaludados	247
Diagnóstico	253
Reflexos morais	259
Primeiro passo	267
Deficit econômico, função do deficit da saúde	273
Um fato	281
A fraude bromatológica	287
Inicio de ação	297
Iguape	303
A casa rural	313
As grandes possibilidades dos países quentes	321
Jéca Tatú	329

Nota dos Editores

Em Mr. Slang e o Brasil temos uma nova feição do espirito de Monteiro Lobato. Inventa um velho inglês filosofo morador na Tijuca e o põe a dialogar com um "homem comum" durante interminaveis partidas de xadrez. A finura e a superioridade mental do impassivel britanico permite que uma serie de aspectos brasileiros sejam discutidos de um alto ponto de observação. Todas as coisas são vistas como de um cume de montanha, em linhas gerais e filosoficamente. Anatole France transparece. A leitura destes dialogos leva-nos a lamentar uma grande falha na obra de Monteiro Lobato: o silencio de Mister Slang durante o ultrapitoresco periodo da ditadura de Getulio Vargas. Seria interessantissimo o comentario do "Estado Novo" por meio duma dialogação tão fina como esta.

Na segunda parte do volume, Opiniões, entram alguns artigos de jornal em que Lobato critica com grande mordacidade a politica geral do país durante a presidencia Bernardes, acentua os males da instabilidade monetaria e se bate em defesa do livro.

Na terceira parte reaparecem os seus gritos de desespero em prol da saude do nosso povo, dados naquele tempo sob o titulo de Problema Vital. O homem que tão cruelmente pintou o retrato de Jéca Tatú descobre-lhe a causa da decadencia e resgata-se lançando em prol da "recuperação do Jéca" o mais vibrante de todos os seus "gritos de indignação" — e indignação foi coisa que nunca faltou a Monteiro Lobato. Ao aparecer o celebre retrato do Jéca nos Urupês, a celeuma se fez grande, e

não faltaram defensores do caboclo. Mas quem o defendeu melhor, quem trabalhou com maior ardor para a salvação do caboclo doente, papudo, opilado, maleiteiro, quem por ele fez algo de tanta eficiencia e de tantos resultados positivos, senão o proprio Monteiro Lobato? A violencia inaudita do seu alarma abalou o país de norte a sul. Houve uma agitação intensa, longos debates nos jornais e até no Congresso — e ninguem nega que o que se fez no Brasil em materia de saneamento, a partir do seu brado de indignação, foi sobretudo por efeito de suas palavras.

Fecha o livro uma historiazinha popular simbolica — o “Jecatatuzinho” — pequeno conto para as crianças e a gente simples em que o Jéca passa da maior lazeira ao maior triunfo. Um doutor o cura da verminose, e aquele vivo-morto passa a um esplendido morto-vivo — ou a um ressurreto com maravilhosas possibilidades na sua frente. Não se trata de uma retratação. Sempre coerente consigo mesmo, Lobato ressurge o Jéca porque já havia dito antes: “O Jéca não é assim; está assim”. Lobato cura-o e o triste Jéca vira o opulento coronel Jéca, dono de uma grande fazenda — e que fazenda! a mais adiantada da zona. E em materia de saude, quem batia o coronel Jéca?

Essa historinha tão simples tornou-se a coisa mais lida no Brasil inteiro, e continua sendo. Utilizada pela industria farmaceutica como propaganda de remedios contra a malaria e a opilação, já anda em 15 milhões de exemplares o total de suas tiragens. Circula nos sertões e em quanto lugarejo existe como antigamente a folhinha Ayer — e foi graças a ela que a pobre gente rural veiu a saber a causa de suas doenças e o meio de evitá-las. Na obra de Monteiro Lobato, o “Jecatatuzinho” se tornou a historinha abençoada — como o classificou um fazendeiro de Mato Grosso que só se libertou do amarelão depois que a leu.

MR. SLANG E O BRASIL

E

PROBLEMA VITAL

PRIMEIRA PARTE

MR. SLANG E O BRASIL

Coloquios com o inglês da Tijuca

A Silveira Bueno, poeta
um tanto fúnebre e
crítico zangadinho, dedica
Monteiro Lobato

ADVERTENCIA

(DA 1.^a EDIÇÃO, PUBLICADA EM 1927)

As opiniões de Mister Slang tiveram a sorte de interessar o nosso publico, ao surgirem em Janeiro estampadas n“O Jornal”. Por que? Pelo tom fleumático e sereno de que nunca se arreda o corado sudito de S. M. Britanica? Pela sua independencia mental? Ignoro-o e não vale a pena esclarecer este ponto sem minima possibilidade de influencia no movimento de rotação da terra. Interessou e basta.

Quem é este Mister Slang?

John Irving Slang nasceu na cidade de Hull, em 1872, e fez estudos em Cambridge. Muito jovem ainda deixou a ilha e se partiu a correr mundo, ganho de uma insaciavel fome de pitoresco. Esteve na India, na Nova Zelandia, nas ilhas Salomão, em Hawai, em Sarawak e outras inconcebiveis terras de gente côr de pinhão. Por fim veiu ao Brasil, onde encalhou por quarenta anos no mais lindo bangalô do Alto da Bôa Vista.

Absorveu-se em estudos das nossas coisas, depois que se retirou dos negocios, cheio de libras e notas da extinta Caixa da Conversão — a qual o bigodeou indecorosamente, seja dito de passagem.

Nada mais sei deste homem excentrico e, cá para nós, maniaco e exquisitissimo, como em regra todo inglês celibatario maior de sessenta anos. A sua repentina partida para o celeste imperio, "a ver a China desopilar-se dos europeus", muito intrigou os seus amigos, plantando em meu espirito um sério ponto de interrogação. Se por acaso escrever-me de lá, como prometeu, é possivel que o publico ainda obtenha novos esclarecimentos a seu respeito. Tambem é possivel que Mister Slang regresse. Assim o espera a criada Dolly, que ficou de guarda ao seu bangalô da Tijuca.

— *Ele não pode viver longe do Brasil por causa das orquideas, diz ela.*

A boa Dolly confunde orquidismo com parasitismo social, velho objeto de estudo do meu caro inglês da Tijuca ...

I

Da balburdia de ideias

O arvoredo sempre enfolhado dum dos belos sitios da Tijuca esconde a deliciosa vivenda de Mr. Slang, rubicundo britanico que ha mais de oito lustros reside entre nós. Quem sobe de bonde não avista a sua casa, nem sequer a suspeita. Esse inglês, além de filosofo, revela uma certa misantropia, muito consentanea num gentleman que o destino lançou para longe do "fog" londrino. Prefere o contacto das coisas ao contacto dos homens, embora possua meia duzia de amigos, com os quais conversa entre goles de "Old Crow" e intermináveis partidas de xadrez.

Quis o acaso que eu viesse a figurar entre tais amigos. Frequento amiude o delicioso bangalô, bebo do excelente whiskey importado diretamente e ainda dou, de vez em quando, meus xeques-mates no dono.

Nada disto tem que ver com o publico; mas acho que tem, e muito, a velha experienzia e a longa observação de Mr. Slang a respeito das coisas nacionais, objeto constante dos nossos debates. Eis por que me vi no dever de reduzi-los a escrito e estampa-los num orgão de variada expressão mental como este. (1) "Wisdom" é riqueza. A de Mr. Slang contribuirá, talvez, para o

(1) "O Jornal", onde em janeiro de 1927 sairam publicadas estas opiniões.

enriquecimento de algum espirito amigo da verdade, embora eu esteja convencido da absoluta tolice que é em nossa terra dar atenção á pobre dama nua que mora no poço.

Mr. Slang tambem escreve, de longe em longe, para o "Scribner's Magazine". Nenhum dos seus amigos sabe disto, a não ser eu — e por mera obra do acaso. O acaso em minhas relações com Mr. Slang vem representando papel curiosissimo. Não direi como descobri um seu ensaio publicado no magazine americano, mas direi que versava sobre o humorismo inconciente.

— Ha disso, Mr. Slang? perguntei-lhe, folheando o trabalho.

O inglês sorriu com malicia e apontou para um numero do "Jornal do Comercio", recem-percorrido pelos seus olhos.

— Ha, e foi a constante leitura deste orgão que me sugeriu a ideia. Não ficou naquele Monsieur Jourdain, de Molière, o privilegio de fazer prosa sem o saber...

Mr. Slang lê muito Bernard Shaw e não esquece os velhos humoristas, de Sterne a Wendell Holmes. Talvez lhe venha daí certa forma de espirito, amiga de replicar por tabelas e ricochetes. Esta mordacidade, entretanto, perde-a ele depois do terceiro drink, donde concluo que não passa de simples atitude mental. *In whiskey veritas...*

Da ultima vez que lá estive versou o debate sobre o tema do dia, a estabilização da moeda, e confesso que só aclarei as minhas ideias depois que ele mas varreu com a vassoura do seu bom senso raciocinante.

— Que acha, Mr. Slang, da estabilização? perguntei-lhe. Tenho lido as folhas, e mais leio opiniões mais me obscureço.

— Muito natural, meu bom amigo. A opinião dos nossos jornais é excessivamente instável. Não será no instável que o meu amigo se firmará a respeito de estabilidades.

— Mas que outro recurso existe para quem deseje senhorear-se do problema? Temos que acompanhar os debates do plenario.

— Talvez não. Acho que temos simplesmente de refletir sobre ela. Meu metodo de trabalho mental consiste em refletir, concluir de mim para mim, chegar a ideias que sejam produtos lógicos de todas as observações e conclusões anteriores da minha vida. Depois, a título esportivo, trato de conhecer as ideias dos outros. Meu metodo é rude no começo, porque bem pensar corresponde a trabalho rijo; mas delicioso ao cabo, quando vejo abrolhar da arvore lindos frutos. Método inglês. O metodo brasileiro parece-me muito mais comodo: comprar por 200 reis tais frutos já elaborados.

— Comodo e pratico, aventurei; em vez de criarmos rugas na testa e moermos os miolos, adquirimos logo uma ideia feita, já bem elaborada pelos tecnicos. Poderia eu, pensando por mim, por exemplo, chegar com a mesma pressa ás conclusões de um ex-ministro da Fazenda? Acho mais inteligente tomar feitas as ideias deste homem. Além disso, possuem maior autoridade.

Mr. Slang sorriu e disse:

— Certas preferencias são de resultados muito sérios na vida dos povos. O habito de ter ideias proprias fez da Inglaterra o que a Inglaterra é. O habito brasileiro de aceitar, por comodismo ou preguiça, ideias alheias, não me parece que esteja fazendo grande coisa deste país...

A leve ironia fez-me enrubescer e, para disfarce, emborcar o copo de whiskey. Enquanto isso, Mr. Slang continuava:

— Os jornais do Rio nunca esclarecem uma questão. Estudam-na sempre deslebrados do objetivo de esclarece-la. O negocio parece-me até que é baralhar. Só o embaralhamento renderá qualquer coisa. Jornal no Brasil é sinonimo de maquina de desenrolar linha. Le-los é ver desenrolar linha. O bom senso manda fazer o contrario: te-la em carreteis, numerados conforme a grossura do fio e bem arrumadinhos nas prateleiras. Fóra dos carreteis, linha deixa de ser linha. Passa a maçaroca, só util como esfregão.

— Vejo que Mr. Slang faz muito pouco em nossa mentalidade, murmurei ressentido.

— Não direi que faça pouco. Nem ainda que faça muito. Vejo-a como vejo a goiaba no pé, admitindo que seria absurdo virem maçãs de uma goiabeira. A mentalidade por aqui é o fruto logico de um hibridismo triplice. Grão de bico, pacova e quimbombô só podem pensar os frutos que pensam...

— Perdão! exclamei, um tanto vexado nas minhas suscetibilidades patrioticas. Cito Rui Barbosa e com esta simples citação esmago a sua teoria.

— Citará o Corcovado para provar que a lagôa Rodrigo de Freitas não é lagôa? Rui Barbosa constitue tamanha anomalia neste país... que está inedito. O governo adquiriu-lhe a propriedade das obras e não as publica. Acha — e acha muito bem — que esse Macaulay meridional nasceu nestas paragens por atrapalhação da natureza, nada tendo de comum com o país.

— Engano seu, Mr. Slang. Rui foi um ídolo nosso — o maior!

— O que não impediu que entre ele e o marechal Hermes, o país escolhesse o marechal...

— Escolheram os políticos, não o povo.

— Parece-me que esses políticos não se sustentam na sociedade com apoio das pedras, das árvores, do ar, das coisas, em suma, e sim das pessoas — cujo conjunto tem o nome de povo. Não negue evidências. Este negar evidências tem sido a causa real de não conseguirem vocês uma só solução acertada para todos os problemas nacionais. Tudo por aqui é emergência, isto é, solução pessoal, ocasional, momentânea, provisória. Sempre o horror à marcha de frente, ao leal estudo da situação de fato. Aponte-me uma solução definitiva, uma só, acertada e justa, de quantas o país vem tentando, e eu não comerei este seu bispo que imprudentemente acaba de colocar-se sob o meu cavalo.

Tinhamos iniciado uma partida de xadrez e de fato eu movera ineptamente o bispo do rei.

Na vida nacional ocorre muito disto. Movem-se pedras imprudentemente. Depois é preciso recuar, com deslise das regras do jogo — ou temos de ve-las comidas por um cavalo qualquer.

II

Da maçaroca

Depois de conclusa a partida de xadrez, que perdi (meio comodo de predispor o espirito de Mr. Slang para prolongadas dissertações), retomei o fio do nosso tema.

— Acha, então Mr. Slang, que a nossa imprensa desenrolou a linha do carretel e deixou o caso da estabilidade da moeda reduzido a maçaroca?

— E das inextricaveis! Vejo tantas laçadas e nós cegos que não sei como vai este pobre povo compreender qualquer coisa. O mesmo que se deu com a vacina obrigatoria no governo Rodrigues Alves. Desenrolaram-se naquele tempo os carreteis, e o povo, de tão enleado na maçaroca, pensou até em levante. Em levante contra o remedio preventivo da horrorosa doença que o dizimava e deformava... Hoje começam a fazer o mesmo. Já inventaram contra o remedio da estabilização monetaria uma engenhosa formula, boa para irritar o pobre burro de carga.

— Qual é?

— “Estabilização da carestia”.

— E não acha, Mr. Slang, que é isso mesmo?

O inglês olhou-me com certa piedade ironica. Depois disse:

— Carestia é sintoma de deficiencia de produção. Sempre que ha batatas de sobra no mercado normal

das batatas, o preço das batatas cai; mas sobrevirá a carestia de batatas sempre que a colheita de batatas produzir menos que o necessário ao consumo. O projeto da estabilização da moeda visa apenas tornar *rigido* e, portanto, *invariável*, o quilo com que o vendeiro pesa essas batatas. Nada tem que ver com a produção, quantidade ou preço delas.

— Não comprehendo.

— É que não me expliquei convenientemente.

— Explicou-se muito bem, Mr. Slang; o problema é que é complicadíssimo.

— Complicado só me parece aquilo que não entendemos. O brasileiro anda muito afastado do regime de pensar por si, de meditar sobre uma ideia até que a tenha madura no cerebro e articulada com todas as mais ideias que o povoam. Seria impossível um Newton por aqui — o homem que descobriu uma grande lei á força de refletir sobre a mecanica dos astros. Ao envés de pensar, vocês lêem — lêem coisas que, por *mal pensadas*, não contribuir para a formação da maçaroca.

— Mas acha então, Mr. Slang, que seja a finança uma coisa clara? Eu de mim confesso que quanto mais leio a respeito, menos pisco.

— É que lê e estuda nos jornais — isto é, na linha desenrolada. Experimente pensar a respeito. Enrole a linha e verá que nada existe mais simples.

— Ajude-me, então, Mr. Slang. Dê-me a ponta do fio.

O inglês acendeu o cachimbo fleugmaticamente e disse:

— Temos aqui sobre a mesa a maçaroca. Que nota nela á primeira vista?

Representei-me “in mente” a maçaroca que Mr. Slang dizia estar sobre a mesa e não notei coisa nenhuma. Que será possivel notar numa imaginaria maçaroca de linha? Vendo o meu embaraço, o inglês continuou:

— Nota que não é constituida de linha de uma só côr. Temos linha amarela, vermelha e azul. Logo, ha aqui tres carreis desenrolados.

— ?

— Sim. O carretel economico, o carretel financeiro e o carretel monetario. São tres problemas diversos que o “amor ao embrulho” dos nossos entendidos embaralha. Embora na vida dos negocios suas questões se entrelacem, economia, finança e moeda são coisas distintas. Cada qual com o seu campo, cada qual com a sua função, cada qual sujeita ás suas leis. Mistura-las é criar o caos. Mas desde o momento em que separamos da maçaroca as tres linhas de cores diversas, já o problema em causa se simplifica enormemente. Tão enormemente que qualquer caixeiro de venda suportará com galhardia um exame. Se eu fosse o presidente da Republica resolveria a eterna balburdia financeira, economica e monetaria do país metendo no Ministerio da Fazenda, ao envés de “technical experts”, isto é, mala-baristas da terminologia e pais da maçaroca, um simples caixeiro de venda.

— Lá vem Mr. Slang com os seus paradoxos! Leu Bernard Shaw esta noite, com certeza...

— Li varios artigos de famosos ex-ministros da Fazenda, daí me veiu a ideia de meter no controle um

caixeirinho — aquele, por exemplo, que ali vem, concluiu, apontando com o cachimbo para um moço em mangas de camisa que entrava a sobraçar um pacote. Era o caixeiro do armazém que vinha trazer biscoitos pedidos pelo telefone.

— Manoel, venha cá! exclamou o inglês. Venha dar umas lições a este amigo atrapalhado.

Aproximou-se o Manoel, tatalando os tamancos.

— A's ordens de Vossa Senhoria.

— Diga-me cá, Manoel, começou o inglês, entende você alguma coisa de finanças?

O rapaz olhou-nos desconfiado.

— Finanças? Homem, a falar a verdade, nunca ouvi sequer tal palavra.

Mr. Slang olhou-me e disse em inglês rosñado:

— Vou fazer-lhe umas perguntas e você verá que o simples bom senso desta criatura vai dar todas as soluções que os nossos grandes financistas não encontram.

E, voltando-se para o Manoel:

— Diga-me cá: se o seu armazém gastar dez contos por ano e ganhar oito, que é que acontece?

— Vossa Senhoria está a brincar! Pois claro que quebra! Poço de onde sai mais agua do que entra, seca...

Mr. Slang sorriu-se e soltou uma gostosa cachimba da para o ar.

— Manoel, acabas de dizer uma verdade eterna, das que os homens da Academia chamam inconcussas. Verdade, no entanto, que jamais entrou na cabeça dos nossos governos. Querem eles arrecadar 100 e gastar 150. Admitem que é possível encher-se um poço onde

entra menos agua do que sai. O teu solido bom senso acaba de ensinar a este meu amigo que o problema financeiro das donas de casa ou dos grandes imperios se resume em ter fé cega nas verdades que o Trajano ensina na sua aritmetica elementar. Não ha propriamente problema financeiro; ha a conta de entrar mais do que sair ou pelo menos entrar tanto quanto sair. Começa a haver problemas se esta regra é inobservada — problemas metafisicos e ultra-aritmeticos, de multiplicar a agua do poço por meio de quimicas e passes de magica, ao envés do natural e simplicissimo equilibrio das torneiras.

— De modo que o problema financeiro, na sua opinião, se resume nisso!... conclui um tanto desapontado.

— Está claro! E só fugirei deste modo de ver se alguem me apresentar um caso — um só que seja — de poço que se não esvasie quando sai mais agua do que entra. Enrole a linha vermelha da maçaroca e ponha aí no canto da mesa o carretel financeiro. Vamos ver agora o problema economico. Inda é o Manoel quem vai esclarecer-nos.

Ri-me e duvidei:

— Esse quero ver. É crespo e o pobre Manoel vai espatar-se.

— Engano. O Manoel vai deslinda-lo tão luminosamente que você se assombrará da iniquidade de andar como caixeiro de venda um corte de ministro da Fazenda como o Brasil ainda não possuiu nenhum.

— Nem Murtinho?

— Nem Murtinho.

E Mr. Slang chupou uma cachimbada gostosa antes de interpelar o Manoel.

III

De outras opiniões do Manoel

Tinhamos já enrolado dois carreteis, o financeiro e o economico. (1) Faltava apenas enrolar a linha do carretel monetario. O Manoel, de boca aberta, aguardava as novas perguntas de Mr. Slang, incerto ainda se seria aquilo sério ou brincadeira. Eu duvidava que desta vez lhe saíssem respostas claras, porque o problema da moeda sempre me pareceu dos que aumentam no mundo o consumo da aspirina.

Mr. Slang interpelou-o:

— Diga-me, Manoel: que é que mediu o comprimento daquele rolo de corda que você me trouxe ontem?

— O metro, hom'essa, pois nam sabe?

— E que é que mediu o peso destes biscoitos de agora?

— O quilo. Vossa senhoria está a brincar?

— E que é que mediu o valor, isto é, o preço da corda e dos biscoitos?

— O dinheiro de Vossa Senhoria, está claro.

— Muito bem! aprovou Mr. Slang, tirando uma baforada. Diga-me agora: se o metro que vocês usam

(1) Perdeu-se o capítulo que tratava do problema economico.

lá na venda encolhesse um palmo cada dia de chuva, ou espichasse um palmo cada dia de sol, que sucederia?

— Uma desordem dos diabos! Se comprassemos corda num dia de sol e a vendessemos em tempo de chuva, perderíamos um palmo em cada metro — ou viceversa.

— E os biscoitos? Se o peso de quilo que vocês usam ora pesasse 1.200 gramas, ora 800?

— Outra desordem dos diabos! O armazem levava a bréca com tal metro e tal peso. Como negociar assim? Virava tudo uma roleta e era preferível fechar a casa e ir jogar no bicho.

— Muito bem. E se o dinheiro na gaveta sofresse o mesmo mal do encolhe e do espicha? Se um conto de réis ora valesse 500\$, ora 1:200\$000?

— Isso, então, nem é bom falar! Era a falencia. Temos uma duplicata a vencer no dia tanto e apartamos o cobre; se no dia do resgate esse cobre diminuir, ou teremos de tomar emprestada a diferença ou fechar a porta. Se o cobre aumentar, ganhamos — mas sem saber como nem porque, qual no jogo. O negócio, com dinheiro dessa ordem, não vai lá de pernas...

— Perfeitamente. De modo que para haver negócio é preciso que o metro, o quilo e a moeda tenham valor constante...

— E quem não sabe disso, meu caro senhor? Vossa senhoria está a chover no molhado.

— Pódes ir, Manoel, disse-lhe Mr. Slang; as perguntas de hoje ficam por aqui.

E, voltando-se para mim, logo que o moço virou as costas:

— Vê? Todo o problema monetario está nas palavras do Manoel, simples como agua, luminoso como o sol. Se botam este Manoel no governo, que maravilha!

Nesse momento entrou o criado com o tabuleiro do xadrez.

Enquanto íamos arrumando as pedras, pude ainda objetar:

— De fato, em essencia as coisas são muito simples; mas na aplicação...

— Na aplicação tudo tambem é simples quando se respeita a essencia das coisas. A medida do valor dos objetos chama-se ouro, como a medida da extensão é o metro e a medida do peso é o quilo.

— Então é moeda sinônimo de ouro? Novidade!...

— Sim. O consenso unanime e imemorial dos povos adotou o ouro como medida de valor, isto é, como moeda.

— Mas, se as ha de cobre, prata, niquel, papel...

— Moedas por procuração do ouro. Eu posso gerir meus negócios por mim ou por intermedio de procuradores. Serei o ouro; eles serão o cobre, a prata, o niquel, o papel. Valem, não por si, mas como representantes meus. No dia em que eu não endossar os atos desses procuradores, nada mais valerão eles. O papel, por exemplo. Existe e só vale quando representa um deposito de ouro, isto é, quando procurador do ouro.

— Mas o papel-moeda?

— Papel-moeda não é moeda-papel, como procurador sem procuração não é procurador. Papel-moeda quer dizer uma ladroeira que certos governos inventa-

ram pelo simples fato de não haver cadeia para os governos. É o “paco” dos vigaristas.

— Mas desde que tem força liberatoria é moeda...

— Moeda falsa. Que é uma nota do Tesouro? Um *vale* que o Tesouro emite, apenas. Ora, esse *vale* realmente valerá enquanto o emissor for honesto e cumprir a sua palavra, resgatando-o pelo valor nele estampado sempre que lho apresentarem. Do contrario, não passa de pirataria.

— De modo que o nosso regime é de pirataria...

— Da pura, meu caro! Da legitima! O governo emite um *vale* ou uma nota de 100.000 réis... Um parentesis. Que quer dizer “réis”?

Engasguei. Sei, ou creio saber, o que quer dizer “réis”, mas engasguei.

Mr. Slang esclareceu-me:

— Réis é o nome em português do ouro-moeda. Esse mesmo ouro-moeda tem nos Estados Unidos o belo nome do dolar; na Inglaterra chama-se libra; na Alemanha, marco; na França, franco; na Italia, lira. Logo, “100.000 réis” quer dizer uma certa quantidade de ouro-moeda, e uma nota de 100.000 réis quer dizer um *vale*, um titulo ao portador, sem prazo de resgate, na importancia de 100.000 réis de ouro. E como ninguem desconfia do governo, esse *vale* circula como se fosse ouro. Quem quiser troca-lo pelo metal correspondente é só ir ao Tesouro e apresenta-lo. Mas desde que o governo se acanalha e se recusa a pagar os *vales* emitidos, eles passam á categoria de letras que o aceitante se recusa a resgatar. Se o fato se dêsse com um particular, o remedio seria simples: execução e penhora.

Mas como o caloteiro é grosso, o portador do vale não tem outro remedio senão procurar desconto na praça. E surge o cambio.

— Estou comprendendo, Mr. Slang. O cambio, o cambista, o homem que desconta os vales do governo impontual, só aparece quando o emissor do vale foge ao seu pagamento...

— Isso mesmo. Mas esse particular que desconta os vales do governo, está claro que o faz para ganhar dinheiro, e nunca paga o vale pelo valor nominal. Paga o que no momento lhe convem pagar, 10, 30, 50 ou 60% do valor nominal, conforme a taxa de cambio, isto é, conforme todos quantos fazem esse negocio de desconto acham que nesse momento devem pagar.

— Quer dizer que o cambio, isto é, desconto de vales do governo por particulares, só existe quando o governo não paga fielmente os vales que emite?

— Clarissimo! Desde que o emissor dos vales cumpra o seu dever, a sua palavra, a sua promessa, extingue-se a classe dos descontadores de vales, dos cambistas, dos que vivem á sombra e como produtos logicos da deshonestidade dos governos.

— Estou entendendo. E estou tambem comprendendo as razões do clamor contra a estabilidade...

— Não é preciso ser muito esperto. Ha mil interessados na instabilidade, sobretudo entre os banqueiros, isto é, os cambistas. Na estabilidade só é interessada a nação. Com o projeto da estabilização da moeda o governo reconhece que o regime do calote não pôde continuar, e se propõe a retomar o pagamento dos vales emitidos, isto é, das notas do Tesouro em circulação.

Reconhece que não pôde paga-las pelo valor nominal e propõe uma concordata. Em vez de continuar não pagando coisa nenhuma e deixando que os cambistas roubem ao país com a sua jogatina de desconto, propõe, honestamente, uma concordata de 40%. Quem tiver um vale do Tesouro poderá troca-lo por metal, recebendo, não tudo, mas 40% do valor nele impresso.

— Compreendo, comprehendo!... Tenho agora a chave da gritaria e da maçaroca... exclamei com a cara iluminada.

— E terá outras chaves, concluiu Mr. Slang saindo com o peão do rei, se continuar a *refletir* nesses problemas.

— A desembaraçar a maçaroca.

— Isso.

Mr. Slang calou-se e avançou com o bispo para a terceira casa da dama. Foi um belo movimento, que me atrapalhou.

IV

Do cruzeiro e outras miudezas

Aquela partida de xadrez não durou muito tempo. Eu estava preocupado com certa ideia — coisa inadmissível no xadrez. Xadrez absorve, exige o cérebro inteiro atento às combinações.

— Está distraído, murmurou em certo ponto Mr. Slang, a um movimento inepto do meu bispo da dama.

Esta sua jogada não se justifica, pois me permite responder assim...

O assim foi, zás-trás, xeque:

— As pretas abandonam, exclamei. Ganhou.

— Quem ganhou não fui eu, disse Mr. Slang. Foi o cruzeiro.

— É verdade!... Eu estava pensando na moeda nova e a parafusar nas perturbações que vai trazer ao nosso povo. Não acha que é assim, Mr. Slang?

— O cruzeiro trará as mesmas perturbações que trouxe a adoção do sistema métrico decimal — que aliás ele completa. É lógico que os espíritos fracos se perturbem com mudanças métricas. Mas em atenção à fraqueza de espírito dos homens devemos permanecer sob regimes viciosos que sobretudo a esses espíritos fracos dificultam a vida? O momentâneo prejuízo para a fraqueza de espírito se compensa com todo um futuro de facilidades. Nunca houve na terra progresso que não perturbasse o anterior equilíbrio da vida. A entrada do automóvel perturbou o equilíbrio da vida mesquinha de milhares de cocheiros de tilburi. Mas transformou esses homens. Os cocheiros são hoje choferes, gente mais bem paga e de um mais alto tipo de vida. Ai do mundo, se em atenção ao tilburis e seus cocheiros impedissemos o advento do automóvel! Além disso, no caso da nossa moeda o cruzeiro não passa de nome novo dado ao mil réis. Apenas. Rua de nome mudado não muda. Em vez de “quatro ou cinco mil réis” dir-se-á “um cruzeiro”. Só. Já o povo, levado pelo instinto simplificador, ou pela lei do menor esforço, diz “cincão”, em vez de “cinco mil réis”. A lei batizará

de cruzeiro o “cinco mil réis”, ou o “cincão” da giria. A consequencia unica do nome novo será, pois, economia de esforço vocal. Você bem sabe que a Eficiencia é o grande lema de hoje. Todo desperdicio, seja de materia, seja de esforço, vai contra a Eficiencia. A denominação nova trará uma economia de 2/3 no esforço vocal que hoje despendemos para nomear uma certa soma de dinheiro. Só isso.

- E as outras consequencias?
- Não ha outras consequencias além dessa economia.
- O abuso do comercio?
- Que abuso trouxe o metro ou o quilo quando tomaram o lugar da vara e da arroba?
- Vá que seja assim, Mr. Slang. Mas o ponto fraco da estabilização monetaria parece-me estar na taxa adotada. Seis! É muito baixa! Dou toda a razão aos que combatem o projeto e preconizam a taxa de 8 ou 12.
- O seu erro, meu caro, vem de admitir liberdade na escolha da taxa da estabilização. Mas a palavra estabilizar define-se por si mesma: *parar, ficar no que está*. Se estamos em 6, como propor 8?
- Esperaríamos que o cambio chegasse a 8 ou a 12.
- Por que esperar 8 ou 12 e não 27? Ha tanto arbitrio na escolha do 8 como na do 12 ou na do 27.
- Oito ou 12 seria um cambio mais normal; 6 é anormal.

Mr. Slang sorriu.

- Normal, em geometria, é a perpendicular tirada do ponto em que a tangente toca uma curva. Em matemaria monetaria a curva, em vez de linha, é um ponto em

perpetuo movimento sinuoso e sem normal possivel. Não ha normal fixa em cambio, isto é, no valor de uma moeda em perpetuo vôo de andorinha, ora nas alturas, ora barbeando o solo. Esperar! É graças á politica do esperar para fazer uma certa coisa que o Brasil se encontra assim, pobre e arruinado. Isto por aqui me dá a ideia de um navio que joga horrivelmente e não deixa que os tripulantes se mantenham de pé. Todas as manobras são falhas e desastrosas por efeito do balouço continuo — e o navio vai indo á garra. Mas a tantas surge um engenheiro que se propõe adotar um dispositivo de uso velhissimo, supressor do jogo e permitidor de eficiencia nas manobras. Será um bem para todos — no entanto os tripulantes se opõem, alegando que a *latitude* em que se acha o navio não é a mais propria para a adoção do dispositivo estabilizador. Acham que o gráu 18, 20 ou 23 é melhor. Outros acham preferivel o grau 27. Esquecem-se de que, avariado e a fazer agua como está o navio torna-se duvidoso que alcance tais latitudes...

— É conserta-lo, tapar a agua até que o navio lá chegue.

— Mas se justamente o balouço excessivo da nau é o que impede os reparos, homem! Dizem uns: primeiro equilibrar os orçamentos, primeiro fazer a paz. Mas o desequilibrio financeiro é em grande parte efeito da instabilidade.

— Mr. Slang não irá dizer que a revolução tambem procede da instabilidade...

— Não vou dizer? Digo já, pois toda revolução tem como causa ultima o mal estar economico. País que

prospera não faz revoluções. Equilibrio de orçamento! Como, se a moeda é movel? Como organizar um orçamento de despesas, se parte delas é em ouro e no fim do ano o ouro pôde estar valendo o dobro ou a metade? Tolices, meu caro. Chicanas. A base de tudo é a fixidez. Primeiro, estabilize; depois faça o que quiser. Estabilize, e o problema financeiro se resolverá por si mesmo. Estabilize, e a revolução perderá a sua razão de ser.

— Mas... e o custo da vida? Não acha que é muito alto o atual custo da vida?

— Alto em relação ao que?

— Ao custo da vida ao cambio de 8, por exemplo.

— Mas o custo da vida ao cambio de 8, será muito alto em relação ao custo da vida ao cambio de 12. E o custo a 12 muito alto em relação a 27. Um preço será sempre mais alto ou mais baixo em relação a um índice qualquer. Agora, pergunto eu: que é que tem isso com o fato da moeda se tornar fixa? Que tem o preço do morim com o metro de pau com que o logista o mede? Que tem o preço da terra com a trena do agrimensor? A estabilidade vem apenas dar à moeda a mesma fixidez que têm o quilo e o metro. Esta confusão que noto no espírito público anda a criar-me sérias duvidas a respeito da mentalidade brasileira...

Desci os olhos para a biqueira dos meus sapatos enquanto Mr. Slang prosseguia:

— O pobre Brasil tem sido vítima do corre-corre da adaptação a que a instabilidade da moeda o força. Suponha um negociante que fosse obrigado a mudar de casa todos os meses. Que sucederia?

— Todo o seu lucro ir-se-ia nas despesas de mudança e prejuizos consequentes. Diz o povo que tres mudanças equivalem a um incendio.

— Pois o pobre Brasil é um negociante que tem de localizar a sua quitanda em 27 casas diferentes, conforme as intimações de Mister Cambio. Como ha de o coitado prosperar?

— Realmente. A vida do Brasil tem sido um sair de uma crise para entrar noutra.

— Justo. Chamam vocês crise ás mudanças de casa cambial. Crise quer dizer desequilibrio. Para a volta a um equilibrio novo ha destruição de energias e bens. Como pôde enriquecer um coitado destes?

Mr. Slang tomou folego. Depois disse:

— Ha de haver uma causa para que o Brasil, com o seu imenso territorio e os seus 30 milhões de habitantes, seja um dos paises mais pobres do mundo.

— Talvez que a gente não preste... ia aventureando eu. Mas Mr. Slang tapou-me a boca:

— Depois que Henry Ford demonstrou como se aproveitam até cegos e aleijados, ninguem tem o direito de alegar o não presta. Tudo presta. Até um cego, um estropiado presta. A questão toda está em *proporcionar-se-lhes condições para prestar*. O mesmo cego que aqui não presta para coisa nenhuma em Detroit produz igual a um homem perfeito e ganha 6 dolares diarios. O brasileiro precisa de condições para prestar — e a condição numero um é a fixidez da medida do valor, a moeda.

Mr. Slang chamou o criado e pediu whiskey. Tinha feito jus a uma boa dóse, não havia duvida.

V

Do carpinteiro de Southdown

Mr. Slang fez uma jogada de cavalo, que consegui travar com um movimento de bispo. Antes que ele começasse a estudar a nova situação, perguntei-lhe:

— E qual a sua ideia, Mr. Slang, a respeito da entrada de ouro e imigrantes, admitindo que a estabilidade dê os resultados que os seus promotores esperam?

— O Brasil está inexplorado, respondeu ele. O Brasil constitue uma reserva imensa de possibilidades, que se transformarão em riquezas no dia em que houver o capital necessário para movimenta-las. O capital hoje foge do Brasil. Isso explica a expansão assombrosa dos Estados Unidos e da Argentina, em contraste com o marasmo brasileiro. Capital procura negócios, não casas de jogo — e o Brasil não passa de um Monte-Carlo em ponto grande.

— Isso não, Mr. Slang, porque não é pequeno o capital estrangeiro que está aplicado no Brasil.

— É mínimo, é zero diante do que podia ser e diante das necessidades do país. E o que veiu, ou veiu garantido por leis especiais ou veiu para empréstimos ao

governo, caso muito diferente. O capital com emprego na industria particular não pôde pensar no Brasil.

— A Light, o Gas...

— Empresas que talvez nem dividendo paguem, ou então que fazem o publico remunerar seus serviços em ouro — fato que transfere a parte jogo do negocio á besta do publico.

— No entanto, o capital encontra aqui a mais alta das remunerações.

— Em papel. Essa remuneração em papel, convertida em ouro, oscila de tal maneira que até um simples emprestimo hipotecario se transforma em jogo de roleta. Ora, o fim do capital é obter renda, nunca jogar. Tive um amigo de Londres que num momento de cegueira aplicou aqui 10.000 libras a 9%, dinheiro esse que na Inglaterra nunca lhe rendera mais de 3%. A perspectiva de triplicar a renda seduziu-o. Trouxe o dinheiro, reduziu-o a papel e, como o cambio estava a 12 e a libra valia 20 mil réis, achou-se com 200 contos, os quais, a 9%, passaram a render-lhe 18.000\$000 por ano. Meu amigo ficou radiante, visto como na Inglaterra só tirava desse dinheiro 6.000\$000. Empregou-o sob hipoteca, cujo contrato se venceu ha uns quatro anos atrás, com o cambio a 5. O devedor pagou-lhe pontualmente os 200 contos, mas o meu amigo, ao converte-los de novo em libras, só se viu com 4.200, em vez das 10.000 que trouxera. Está claro que fez cruz canhoto no Brasil e foi empregar o resto do seu dinheiro no Uruguai, onde o valor da moeda nacional é constante.

— Não ha duvida, comentei eu. Esse “bife” foi bigodeado...

— A outro amigo sucedeu o inverso, prosseguiu Mr. Slang. Trouxe 10.000 libras ao cambio de 5 e retirou-as ao cambio de 7. Ganhou na conversão 4.000 libras. Tambem se foi embora. “Quero negocio e não jogo; jogo por jogo, prefiro Monte-Carlo”, disse-me ele ao partir.

Eis a razão do horror que o Brasil inspira ao capital europeu e americano. Os homens de negocios preferem 3% lá a 12% aqui, porque 3 lá são 3, e os 12 de cá valem tanto como uma parada em roleta. Podem ser muito, podem ser zero.

— De fato, Mr. Slang. Isso que acaba de dizer é irresponsável. Mas acha que com a estabilização da moeda virá capital?

— Em proporções que ninguem aqui pôde sequer sonhar, meu amigo! No principio talvez não muito. A desconfiança será natural. O Brasil muda tanto de orientação que é preciso “ver primeiro”. Ver se ha constância na nova politica e se o futuro governo não destruirá a obra deste, como os sucessores de Afonso Pena destruiram a sua. Mas verificado que o bom senso e a honestidade se implantaram de novo no Brasil, o ouro acudirá em onda e este colosso passará de *cul de jatte* a Hercules.

— Os anjos digam amem! Já é tempo de cessar o nosso eterno e vergonhoso cul-de-jattismo. E imigrantes?

— A mesma coisa. Hoje pode-se dizer que não ha corrente imigratoria para o Brasil. Vêm para cá uns poucos iludidos e um certo refugo que não encontra guarida em parte nenhuma.

— Mas é um erro isso, exclamei, pois o imigrante encontra cá o melhor campo de expansão, se é trabalhador.

— O homem trabalhador prospera em toda parte, porque riqueza é sinonimo de trabalho acumulado. Mas como o produto do seu trabalho se reduz a moeda e *esta joga ainda quando imovel na gaveta*, dá-se com ele o mesmo que com o capitalista. Na minha ultima viagem á Inglaterra tive oportunidade de conversar com um carpinteiro desempregado que queria emigrar.

— “Quanto ganha no Brasil um carpinteiro?” perguntou-me ele.

— “Dezesseis mil réis diarios” respondi.

— “E quanto valem dezesseis mil réis?”

— “Varia. Valem 2 libras...

O homem deu um pulo.

— “Maravilhoso! Vou já para o Brasil!

Mas esfriei-o:

— “...ou valem 1/3 de libra apenas.

— “Como? Que absurdo é esse?” exclamou o pobre homem, de olhos arregalados.

— “Cambio, meu caro. Ha lá uma coisa chamada cambio, que espicha ou encolhe o valor da moeda nacional.

— “E a gente do Brasil vive sob um regime desses? Não arrebentam todos?

— “A vida lá se resume em fazer ginastica, em dar pinotes para adaptar-se ao cambio do dia. O brasileiro distrae-se com isso e esquece-se de enriquecer.

O carpinteiro, solida cabeçorra do Southdown, riscou o Brasil do mapa das suas cogitações. Dias depois partia para a Argentina.

— Realmente! exclamei. Está aí um aspecto da questão que nunca me ocorreu. Quer dizer que no dia em que tivermos moeda estavel o afluxo de braços será enorme...

— Colossal! O Brasil inteiro se transformará num Estado de São Paulo, que se é o que é deve-o sobre-tudo a um pouco de braço e cerebro europeu que para lá se encaminhou.

— Mas o paulista não diz isso. Atribue tudo a si.

— Engano. Os paulistas de verdade reconhecem que o estrangeiro foi magna parte no progresso local, como tambem admitem que muito cooperou para esse progresso o senso das realidades que caracteriza a mentalidade paulista. Os brasileiros do norte, por exemplo, em vez de senso da realidade possuem o senso da irrealidade.

— Não só os do norte. O nosso ultimo presidente, saido do centro, tambem possuia esse espirito.

— De acordo. Mas por exceção. E tanto que já está á margem, repudiado pelos seus proprios partidarios, que o querem asilar no Senado. O crime que ele come-

teu contra a expansão econômica de São Paulo é das maiores monstruosidades que se observaram no mundo. Fez que a árvore doente chamada Brasil se podasse do seu galho mais vigoroso...

— E preparou o terreno bombardeando a cidade... A história meterá o bombardeio de S. Paulo entre os sadismos que não têm perdão...

— Meu caro, os tronos e as curuas supremas têm abrigado as mais monstruosas cerebrações. É uma contingência humana que com a vontade de aço raro se alie a luz da inteligência, e viceversa. Incalculável o que têm sofrido os povos com a loucura dos governantes! Nas autocracias, com a loucura dos autocratas. Nas democracias, com a loucura dos congressos servis. E temos que nos conformar com isso — com o periódico advento da loucura ao poder, chame-se ela Luiz 14, Convenção Francesa ou tenha o nome do ex-presidente...

— Luiz 14? Põe então um rei tamanho entre os loucos!

— Do ponto de vista sociológico foi um monstro como outro qualquer... A revogação do edicto de Nantes... O incêndio do Palatinado...

— Vejo que só não são monstros estes nossos reis de xadrez, disse eu movendo uma torre.

— É que têm os movimentos muito restritos e só defensivos. Dessemos-lhes o movimento do cavalo, por exemplo, e os veríamos fazerem no xadrez tantas loucuras como os reis de carne e osso as fazem na história, concluiu Mr. Slang movendo também uma torre.

VI

Do periodo ciclonico

Perto do bangalô de Mr. Slang ha um morro de onde se avista toda a cidade. Fomos até lá.

— Veja que maravilhoso panorama! disse o meu inglês. Nem Napoles! Nem Constantinopl...

O dia estava lindo, de céu translucido e ar varrido de brisas frescas. Olhei para o mar, para as montanhas longinhas, para o casario da cidade e enchi-me de orgulho. Calei-o, porém. O meu amigo era acerado nas ironias e tive medo de uma picada.

Sentamo-nos sob as arvores e retomamos o fio da nossa conversa.

— Que acha do sr. Washington Luis, o novo Presidente, Mr. Slang?

— Não acho coisa nenhuma. Foi escolhido para sindico de uma grande massa falida e, como nunca funcionou de sindico, temos que aguardar seus atos antes de julga-lo.

— Massa falida? Pois Mr. Slang já dá ao Brasil o nome de massa falida?

— E então? Não ha ofensa nenhuma em admitir uma situação de fato. Inumeros paises, hoje prosperos, já faliram. Falir é tão comum entre nações como entre particulares. E só vejo possibilidades favoraveis no

sr. Washington Luis, se considerar-se como sindico de massa falida e agir como tal, despido de quaisquer ilusões. E parece-me que se convenceu desse papel. O ato numero um do seu governo qual foi? Uma concordata. Estabilizar a 6 é ato honestissimo, pois reconhece a bancarrota e sem ambages faz proposta aos credores — e proposta boa, pois é de 40%. A Alemanha não pagou coisa nenhuma...

— Acho a sua linguagem muito crua hoje, Mr.Slang.

— É o ar, o céu azul, o lindo panorama. Dentro da natureza o homem se varre da aura de mentira com que dentro de casa anda envolto. O Brasil está em falencia desde o dia 13 de junho de 1909, quando morreu Afonso Pena. Nunca um chefe de estado morreu tão fora de proposito. Havia um ciclone incubado no velho tumor militar do Brasil, tumor que nasceu lá pelos fins da guerra do Paraguai e vem dando febres no país até hoje. Febre intermitente. A habilidade dos velhos estadistas monarquicos que aderiram á Republica conseguiu manter o ciclone em estado de tumor. Esperavam que com o tempo o organismo o reabsorvesse. E assim seria, se a morte de Afonso Pena não viesse arrancar o governo das mãos desses experimentados e prudentes varões para entrega-lo á mashorca. “Basta de conselheiros!” foi o grito de guerra. Esse grito queria dizer, basta de experienca e prudencia. Quando o marechal Hermes, instigado por Pinheiro Machado, lançou o repto ao ultimo conselheiro da monarquia com assento na suprema curul republicana, nesse dia o Brasil atingiu o ponto mais melindroso de sua vida. Ou salvava-se ou despenhava-se no buraco, indo até á falencia. Afonso Pena aparou

o golpe, demitindo-o e nomeando outro ministro. Estaria salvo o Brasil, se a morte não viesse inverter a situação. Mas morre o ultimo conselheiro, vence Pinheiro Machado e começa a bacanal. A partir do momento em que Nilo Peçanha sobe ao Catete, o tumor rompe e o ciclone explode. Um fato diz tudo e traça o programa que foi seguido á risca até o ultimo 15 de novembro. Nilo telefonou a Nuno de Andrade em Petropolis (isto ouvi eu da boca deste grande medico, muito meu amigo), participando-lhe que o escolhera para prefeito. Meia hora depois Nilo assinava o decreto nomeando para prefeito o Serzedelo Correa...

Desaparecera o escrupulo moral. Entronizara-se no governo o amoralismo, a "injunção politica", e eu, um inglês, não preciso dizer a um brasileiro o que têm sido esses longos anos de furacão amoralista. Hoje me dá o Brasil, visto em conjunto, a sensação de uma terra devastada. De pé, coisa nenhuma. O que está de pé não resiste a um empurrão; vacila. O ultimo governo culminou, e sistematicamente inverteu todos os valores morais ainda a prumo. O ruim ficou sendo o bom, e viceversa. Já leu o marquês de Sade?

— Nunca.

— Pois leia. É um grande escritor, cujos romances revelam a mais monstruosa inversão moral ainda observada no mundo. Os personagens bons vêem-se horrivelmente castigados e os maus recebem todos os premios. Pois a obra do ultimo governo me lembra a "Histoire de Juliette ou Les Prosperités du Vice" reescrita por um boticario. Mas a mim me parece que a ultima presidencia foi o remate do periodo ciclonico, visto que o

instinto de conservação dos povos não permite que tais periodos se eternizem. Assim é que o proprio ex-presidente escolheu como substituto (e foi o unico ato ilógico que praticou) um verdadeiro valor moral. Parece a mais absurda das contradições a escolha do sr. Washington Luis, que é positivamente honesto, ter sido feita por um homem do qual não se pôde dizer o mesmo. Por que essa escolha? É que o instinto de conservação nacional agiu e fez seu instrumento o proprio presidente que levou ás ultimas consequencias a crise de moral começada com a morte de Afonso Pena. Não ha outra explicação.

— E acha Mr. Slang que o novo presidente, sendo um valor moral, conseguirá restabelecer a moralidade no Brasil?

— Não acho. Poderá inicia-la apenas. O trabalho reconstrutivo é lento e não cabe nas forças de um homem. Enquanto perdurar no organismo administrativo a ação dos elementos amoraís, nele sistematicamente embutidos durante o periodo ciclonico, o Brasil não recuperará a saude moral. E isto é demorado. Pedro II tinha o maior escrupulo na nomeação de um simples juiz que fosse. Sabia que um mau juiz é calamidade vitalicia. Ora, a Republica, até Afonso Pena, ainda muito se beneficiou com a projeção no tempo do celebre lapis azul do imperador. Mas o amoralismo que daí para cá presidiu á escolha dos substitutos desses homens, até quando operará os seus tristes resultados? Contra um mau ministro do Supremo Tribunal, com dez ou vinte anos de vida, que poderá o sr. Washington Luis, que dentro de tres e pouco não será mais governo?

— Quer dizer que o crime maximo do ultimo governo constituiu nesse enxertar amoralidade no corpo administrativo, sobretudo na justiça — na suprema justiça . . .

— Sem duvida. O criterio unico da escolha era a subserviencia. Quem demonstrasse alguma rigidez de carater ia para a lista negra. Ora, a subserviencia tem isto consigo: é malefica ou inofensiva, conforme a feição do homem colocado no posto supremo. Enquanto tivermos no alto, homens honestos, o país não se ressentirá grandemente do amoralismo desses enxertos. Mas no dia em que os azares do acaso levarem ao Catete um homem dubio, ceptico, fraca ou francamente deshonesto, esses sopitados vicios de caracter ressurtirão espontaneamente. O subserviente sub-serve. Serve sob. Reflete. Transforma-se em monstro sob Caligula, ou em passivo homem de bem sob Marco Aurelio.

— A vida do país fica instavel, em pura dependencia do padrão que está na cuspide . . .

— Perfeitamente. Ao passo que o elemento moral, o juiz honesto, o é sempre, tanto sob Caligula como sob Marco Aurelio.

— Compreendo. O Brasil está envenenado. Com maleitas . . .

— Boa imagem. Está com o germe da maleita no organismo. Conforme for o governo que tenha, honesto ou deshonesto, assim se comportará a sua maleita incubada.

— E o remedio?

— Curar-se. Eliminar do organismo os germes da maleita. Quinino. O quinino da honestidade — não durante quatro anos, mas durante tantos quatrienios

quantos necessarios para a total eliminação dos elementos amoraís que o periodo ciclonico lhe meteu dentro.

— E acha isso possivel?

Mr. Slang fingiu não ouvir a minha pergunta.

— Olhe, disse ele apontando para certa ilha. Veja que lindo quadro forma aquele veleiro, a estampar a brancura de suas lonas de encontro aos verdes do morrol...

Respeitei-lhe a discrição e desconversei.

VII

Da industria da repressão

Mas o barco deu volta e breve se sumiu por detrás da ilha. Desfez-se o lindo quadro e Mr. Slang pôs o pé na realidade, de onde o tirara aquele momentaneo "Castagnetto". Aproveitei o ensejo para interpela-lo:

— Eu queria, Mr. Slang, conhecer as suas ideias sobre a revolução. Quem já viveu entre nós quarenta anos deve ter ideias assentes a respeito.

Mr. Slang respondeu-me com a fleugma de um naturalista de cerebro ordenado á inglesa.

— As revoluções brasileiras, disse ele, incluem-se no quadro geral das endemias que assolam o país. Temos a opilação e a malaria na gente rural, e já tivemos a febre amarela na gente urbana. A endemia revolucionaria é febre que dá na gente desgostosa, armada ou em situação de armar-se.

— Gente desgostosa? repeti sem compreender.

— Sim, gente revoltada contra a coisa unica que revolta o homem, a injustiça.

— Mas Mr. Slang já me deu como causa das revoluções a miseria...

— E que é a miseria senão a consequencia ultima da injustiça na distribuição dos bens? A longa conti-nuidade da injustiça leva o povo á miseria, e por fim a revoluções ao molde da francesa de 89 ou da russa. Antes de chegar até lá, entretanto — e é este o caso do Brasil — provoca revoltas parciais, sem forças para se alastrarem pelo país inteiro, e mais revoltas de grupos do que propriamente revoluções. Mas a origem é sempre a falta de justiça.

— Nesse caso, o remedio contra os levantes periodicos não pôde ser a repressão, adverti.

— A repressão, explodiu Mr. Slang, vale apenas como cataplasma. Não cura. Não curou na Irlanda, não curou na Russia dos tsares. Não curou em parte nenhuma. Tenta combater uma febre do organismo, esquecida de que a febre é mero efeito de uma causa. Não deixa de ser contristadora esta generalizada inepcia de combater febres com emplastos, sem o menor exame das causas reais. Vejo que bem merecem os homens as ironias do meu Bernard Shaw...

— Mas por que se generalizou no mundo o emprego da cataplasma repressiva? Ha de ter sua justificação.

— E tem. É o meio pratico de evitar que se extingam os levantes e com eles a *industria da repressão*.

Olhei com espanto para Mr. Slang. Não o entendi.

— Sim, explicou ele, industria da repressão ou industria do legalismo, uma das mais rendosas que o homem ainda inventou. Encarta-se nas industrias de guerra. É a que permite ao "profiteur" maiores lucros, em troca de menos serviços, em menor espaço de tempo. É a velha pilhagem dentro da lei e sem riscos de nenhuma especie.

— Industria criminosa! exclamei, tomado de ingenuo horror.

— Para o sociologo. Mas no mundo não vejo sociologos. Vejo lavradores, negociantes, industriais, burocratas, militares, politicos. Quem os consultar sobre a repressão dos levantes pelas armas ouvirá, em todos os paises, duas ordens de razões. A favor e exaltadissimas, nos que estão dentro da industria. Resignadas e perfeitamente sociologicas, nos que lhes sofrem os males. A conciencia do homem comum mora no bolso, eis tudo . . .

— Mas um governo legalmente constituido não pode deixar de reprimir levantes, aventurei eu.

— Evidentemente que não pode. Seria uma incoerencia que tendo criado a causa do levante por meio dos seus atos de injustiça ou encampação de injustiça anterior (e incluo entre os atos de injustiça os atos de dishonestade), não procure defender-se, defendendo-os. O reconhecimento do erro e a volta atrás só seriam concebiveis num governo justo; mas o governo justo não praticaria atos injustos, nem os encamparia — donde o afastar-se para muito longe a hipotese do reconhecimento do erro isto é, do unico remedio verdadeiro contra o mal dos levantes.

— O seu raciocinio, Mr. Slang, leva a conclusões absurdas. Leva á conclusão de que os levantes não se reprimem nunca e perpetuam-se — o que não é fato. As revoluções terminam.

— A revolta armada contra a injustiça não terminará nunca na vida do homem sobre a terra. Interrompe-se apenas, gangiona-se de armistícios, de aparentes submissões, de momentos de repouso. O estado revolucionario do mundo só cessou nos países que entronizaram a justiça. Veja o caso brasileiro do Sul. Como a causa-injustiça persiste, a revolução no Sul é constante apenas interrompida por pausas de repouso. Ninguem fez ainda a conta do que, desde o inicio da Republica, vem ela custando ao Brasil em vidas, destruição, lucros cessantes e miseria. Seria um calculo de arrepiar. Que têm feito as enormes somas de dinheiro e de esforço despendidas na repressão? Têm fomentado o espirito de revolta, isso sim; têm preparado novos atos do mesmo drama. A revolução esteve, está e estará no Sul enquanto a arma erguida contra ela for a espada e não a balança da justiça. O filho inda no berço herda a revolta de coração do pai morto na luta. Os anos passam. As crianças fazem-se homens — e a revolução, aparentemente sufocada, ressurge.

— Mas é mal da America Latina.

— Mal da iniquidade, apenas.

— Todas as republicas sul-americanas vivem assim.

— Muitas já encerraram esse ciclo. O Uruguai foi uma charqueada de homens durante anos e anos. Hoje é um dos mais felizes e prosperos recantos do mundo. O mesmo se dá com a Argentina.

— E a que atribue Mr. Slang essa reviravolta?

— Não é preciso muita argucia para perceber que o fim do periodo revolucionario na Argentina e no Uruguai coincide com duas medidas de justiça: estabilização da moeda e voto secreto. Uma trouxe a justiça economica: direito a quem trabalha de prosperar ininterruptamente. Outra, a justiça social: direito do cidadão eleger de acordo com a sua conciencia. E o que a bruteza das armas não conseguiu em tragicos decenios de repressão, essas duas elementares medidas de justiça o conseguiram suave e instantaneamente.

— Admito o voto secreto, mas vejo o reverso da medalha. Esse sistema de voto destroi as elites.

Mr. Slang permitiu-se um sorrisozinho de malicia.

— Abusamos por aqui, meu caro, da palavra elite. Eu a interpreto como a nata dos valores morais e mentais do país e logicamente pergunto: encartar-se-á nesta definição a elite que entre nós domina?

Como eu vacilasse na resposta, Mr. Slang continuou:

— O Brasil possue a sua elite. Não ha leite, por magro que seja, que não dê creme sobrenadante. Mas será um creme naturalmente sobrenadante o grupo que aqui domina? Foi assim na Argentina antes de Saenz Peña?

— A resposta é difícil, murmurei.

— Tem sido aqui uma seleção natural, a seleção dos valores? O fato de ser valor mental ou moral leva para cima? Vejo valores morais e mentais em cima, não porque sejam valores, mas pelos acasos da flutuação. A regra, sob o regime do voto a descoberto, é uma seleção artificial, muito ás avessas da natural e

merecedora dos adjetivos dos jornais amarelos. Nem é sequer uma seleção consentida. Na alma do homem que votou contra a sua conciencia subsiste um fundo de rancor. Foi vitima de uma injustiça. É um revoltado. Será um revoltoso se lhe calhar ocasião.

— Ha o receio de que com o voto secreto as massas predominem. A maioria nunca vale a minoria.

— A mim tambem me parece que é assim e por isso condeno o voto secreto obrigatorio. Em materia de voto, isto é, de escolha, só pôde valer a qualidade do eleitor. Que importa o numero? Voto obrigatorio dá vitoria ao numero, com depreciação da qualidade. Mas voto secreto apenas, sem obrigatoriedade, traz seleção. Automaticamente afasta das urnas a massa ignara e atrai a elite conciente — o *eleitor nato*. O erro das democracias vem de admitir que o diploma de eleitor outorga faculdade eletiva. Admitamos Assis Brasil e o seu cozinheiro, que é um pobre tonto, ambos com diploma de eleitor. Serão *eleitores naturais* ambos?

— Não, está claro. Eleitor nato, isto é, conciencia e capacidade de escolha, só será o primeiro.

— Como então *obrigar* o cozinheiro a votar e a *destruir* assim o alto valor do voto conciente e medido de Assis Brasil? Muito hão de rir-se nossos netos das nossas tolices de hoje. Sufragio universal e voto obrigatorio serão motivos de gargalhadas estrondosas. No entanto...

— ... ainda fazem parte dos programas mais adiantados...

Mr. Slang assestou o binocolo para a baía e pos-se a acompanhar um “ita” que entrava.

VIII

Da camisola de força

Ao acender o cachimbo Mr. Slang verificou que estava sem fosforos. Ofereci-lhe a minha caixa, não aberta ainda. Ele rompeu o selo com a unha e depois da primeira baforada disse:

— O esforço que acabo de fazer para abrir esta caixa de fosforos repete-se no Brasil 5 milhões de vezes por dia. Supondo que um quilogrametro de força muscular dê para abrir 200 caixas, teremos um dispendio de 333 cavalos-vapor para abrir os 5 milhões de caixas que se abrem diariamente, ou sejam, num ano, 121.500 cavalos. É o esforço, o dispendio inutil de energia que um simples selo, grudado ás caixinhas de fosforos, exige do país.

— Está interessante o seu calculo, Mr. Slang; mas a que vem ele?

— Para exemplificar de um modo entradiço pelos olhos que o sistema tributario do Brasil, não contente de tomar dinheiro, tambem toma esforço. É pois um sistema de taxação nocivo ao país. Cobra duas vezes — uma em moeda, outra em energia humana.

— Mas a perda de 121.500 cavalos por ano é nada para um país tão rico em cavalos . . .

— Toda perda é uma perda, e não é só na taxação de fosforo que se dá esse desperdicio de força. Não

conheço nenhum imposto por aqui que não cobre duas vezes. Um estudo neste sentido nos levará a resultados espantosos, pois verificaremos que talvez metade da energia brasileira se esvai em pura perda, na luta contra a feição anti-económica e incomoda dos impostos.

— Isso é verdade. Já lidei com o fisco e conheço os embaraços que ele cria até para receber as taxas. *Para receber!* Qual será a causa disso, dessa mentalidade de cuscuta, Mr. Slang?

— É mal que vem de trás, dos tempos do Brasil colonia. Portugal, ao tomar posse da terra nova, cuidou de uma coisa só: o Fisco. A colonia existia para o Fisco. A Fazenda Real era tudo e os interesses do povo eram nada. E o Fisco se organizou atendendo unicamente ás suas conveniencias. A inepcia desta concepção é que nos permitiu, a nós ingleses, tomarmos conta de todas as colonias lusas que nos convinham. Mas o Fisco organizou-se cá muito a comodo, sem respeitar coisa nenhuma além do seu interesse — pessimamente entendido, aliás. Veiu depois a independencia, a Monarquia, a Republica, e em todas estas mudanças se mexeu em tudo, menos no Fisco. Ficou ele com o mesmo arcabouço e a mesma psicologia colonial. Daí a sua forma de *castigo ao trabalho*, de empeço aos movimentos livres, que caracterizam as taxas republicanas, culminadas agora no monstruoso imposto sobre a renda. E o país que se desiluda. Não haverá progresso possivel enquanto não houver mudança de mentalidade a este respeito. Não é amarrando um homem e embaraçando-lhe todos os movimentos que esse homem ganhará corridas no “steeple-chase” internacional.

— E se fosse só isso! exclamei contristado. Ha ainda a iniquidade dos impostos anti-económicos — o de barreira, por exemplo, e o de exportação...

Mr. Slang pôs o chapéu na cabeça para regressar ao seu bangalô. Erguemo-nos daquela agradável sombra e partimos. A conversa prosseguiu durante o percurso.

— Esse Rui Barbosa que o Brasil tanto admira, disse ele, mas cujas opiniões sempre desprezou, teve a respeito do imposto de exportação palavras que me ficaram. Disse-as em carta ao meu velho amigo José Custodio Alves de Lima, que tanto se bateu contra tal imposto, sem ser ouvido: *O nosso empirismo tributario é um regime de sangria expoliativa a que nenhuma nação, das mais vigorosas do mundo, resistiria. A escravidão fiscal desenvolvida com uma carniçaria cada vez mais voraz, pela União, pelos Estados e pelos municípios, não faz menos pela atrofia do nosso organismo nacional do que a escravidão negra, a que sucedeu com vantagem na pertinacia e na estupidez. A furia do protecionismo e a inconstitucionalidade crônica dos impostos interestaduais são tres suicídios sistematizados a que o Brasil se entrega impenitente e consolado, como os maniacos do alcool, do opio ou da cocaína. Os nossos financeiros, criaturas da rotina, são os ministros concientes da loucura deste outro vicio etnicida, que mata a nossa nacionalidade.*

— Irra! exclamei. Não se pode fazer uma síntese mais rigorosa! O que me admira é que apesar disso o Brasil prospere.

Mr. Slang sorriu com piedade e replicou suavemente:

— O Brasil não prospera, meu caro. Não pode prosperar. Chamam vocês aqui prosperidade a um claro fenomeno de gigantismo. Ha deformação para o maior apenas. Inchaço. Entre Argentina e Estados Unidos, o Brasil dá-me a ideia duma lesma ensanduchada entre duas locomotivas. É que o Brasil se afez á sua miseria cronica, como o chim, e não vê, e não compara. O Brasil, perdoi-me a sinceridade, é um pobre gigantão *hebeté*. Brinca com brinquedinhos de Nuremberg: — a sua “imensa riqueza”, a sua “inteligencia”, etc., e já perdeu de todo a sensibilidade e o senso do real. Não é impunemente que se martiriza em camisola de força um pobre rapaz...

— Isso tambem não. A produção brasileira já sobe a cinco milhões de contos por ano, exclamei com orgulho.

Novo sorriso de dó aflorou aos labios de Mr. Slang.

— Cinco milhões de contos, para 30 milhões de habitantes, num territorio de 8 milhões de quilometros quadrados! Quer dizer uma produção anual correspondente a quatro meses da fabrica Ford...

Dei um pulo para trás e por um triz não me despenhei num buraco.

— Será possivel, Mr. Slang? Não está exagerando?

— Verdade purissima, meu caro. Em quatro meses os operarios da Ford Motor Company produzem tanto como o Brasil inteiro em um ano... Creio que não é possivel tornar mais flagrante a miseria, a infima força produtiva deste país. E nem podia deixar de ser de

outro modo. Com o regime de impostos que tem, com os vicios burocraticos que alimenta, ainda é muito que o Brasil faça o que faz. Mas o meu amigo sabe que na concorrença da vida os povos que não se defendem á força de progresso e eficiencia, mais dia menos dia perecem. O nosso Brasil perecerá...

— Os países não morrem, Mr. Slang. A morte é fenômeno individual.

— *Est modus in rebus.* Neste território já houve um Brasil ameríndio. Que é dele? Remanesce no fundo dos sertões, em tribus expulsas do litoral e condenadas ao desaparecimento. Hoje temos um Brasil luso-africano. Por que não ha de morrer, como morreu o Brasil ameríndio? A terra fica, mas os povos passam. A história está cheia de *tentativas de povos*, crisálidas de nações, cascas de casulos donde não saíram borboletas.

— O seu receio parece-me infundado, Mr. Slang. Temos energias em estado latente, que explodirão no momento oportuno.

— Oportunidade só a esperam os fracos. Os povos fortes criam-na. O Brasil vive a esperar uma vaga oportunidade, enquanto os seus vizinhos forjam a sua. A propósito, e como reflexo da mentalidade do país, ocorre-me uma opinião dc ex-presidente da República sobre as jazidas de ferro de Minas.

— Sei. Disse ele que eram uma reserva que nestes 200 anos poderiam valer muito e que devíamos deixá-las para os nossos netos.

— É isso. Li essa opinião e assombrei-me. Se um homem expoente, e tanto que já presidiu a nação, pensa dessa forma, que ha mais a esperar? Daqui a

200 anos podem dar-se, entre inumeras, estas duas hipóteses: não ter mais valor nenhum o ferro, graças á descoberta de um novo elemento, ou não existirem netos herdeiros das tais jazidas de Minas. Se Cunhambebe pensasse assim em 1499 e não comesse as pacas de sua taba de Araribá, para que cincuenta anos depois as tivessem, multiplicadas, os seus netos, teria evidentemente errado, porque no ano seguinte a aparição de Cabral viria transtornar a simplicidade desse calculo. Quem passou a comer as pacas foram os portugueses.

— Não ha duvida...

— Estenda o raciocinio a todas as reservas naturais do país, á borracha, ao mate, á piaçaba, ás madeiras, aos diamantes do Garça, ao manganês, ao babassú, á fertilidade nativa da terra...

— Fertilidade nativa da terra?

— Sim. O café de S. Paulo, por exemplo, não passa de um engenhoso meio de industrializar e comercializar a fertilidade nativa da terra roxa, que constitue a riqueza de S. Paulo, como o ferro constitue a riqueza de Minas. Estenda o raciocinio e verá que botocudos nus não seriam vocês todos por cá, se a politica de conservar reservas fosse a seguida. Os povos que chamamos grandes são os que mobilizam as sua reservas naturais. Os que não o fazem permanecem de tanga, com tabuinhas no beiço.

— Donde se conclue que...

— Donde concluo que são tres horas e o café deve estar na mesa.

De fato. Mal pusemos o pé na varanda o criado de Mr. Slang veiu chamar-nos para o café. Ao tomar-lo, Mr. Slang disse:

— Sabe qual é a multa que paga a lavoura de café pelo crime de produzi-lo e permitir que com o seu produto o Brasil vá se aguentando? Nove por cento *ad valorem* — mais cinco francos por saca — mais mil réis ouro por saca...

Fremi de horror e lembrei-me do Brasil amerindio desaparecido...

IX

Da proteção à incompetencia

Depois do café Mr. Slang levou-me para sua biblioteca. Muito falava ele na sua biblioteca e eu tinha grande curiosidade de conhecê-la, imaginando coisa aí para 10.000 volumes. Enganei-me. A famosa biblioteca se resumia numa edição da Enciclopedia Britanica, impressa em fino papel da India e encadernada em camurça.

— Só isto, Mr. Slang? exclamei desapontado.

— Acha só isto ao tudo? respondeu ele rindo-se. Já possui numerosos livros, mas desfiz-me deles como de trambolhos quando me convenci de que a Enciclopedia Britanica resume toda a sabedoria humana. Livros novos chegam-me diariamente. Examino-os e mando-os ao meu belchior. Já li muito, meu caro. Hoje prefiro pensar. Entretanto, de vez em vez surgem livros que me

seduzem. O ultimo que teve esse condão foi este disse Mr. Slang, abrindo uma gaveta e tirando uma brochura nacional.

Reconhecia-a logo. Era a “Terra Deshumana”, de Assis Chateaubriand.

— Bravos! exclamei. Tambem li esse terrivel libelo e muita curiosidade tenho de ouvir a sua opinião a respeito.

— Depois. Agora só quero acentuar o fato desta pequena brochura ter-me custado 8.000 réis. É caro. O grau de cultura de um país mede-se pelo preço dos seus livros.

— A vida no Brasil é cara; tudo é caro entre nós. País novo.

Desta vez Mr. Slang não sorriu como de costume, antes gargalhou descompassado, com grande desapontamento meu. Espantou-me aquele excesso em homem tão comedido.

— País novo! repetiu Mr. Slang. Vejo esta razão apresentada muito amiude, como uma das formulas, uma das frases feitas do brasileiro. Já meditou sobre ela? O Brasil é velho, meu caro, é um dos povos mais velhos do mundo. Idade, nas pessoas ou nos povos, não se calcula pelo numero de anos. Ha velhos de vinte anos e septuagenarios moços. No Brasil só vejo sinais de velhice. A raça que o habita é o velhissimo português misturado com o arqui-velho africano, mais o veneravel pele-vermelha que por seculos e seculos ocupou este territorio. A terra tem a idade comum de qualquer outro trecho da crosta terrestre. País novo por que?

— A raça é velha, concordo, e a terra tambem; mas o país é novo.

— Mas que é país senão raça numa terra? Como velhice-raça mais velhice-solo pode resultar em mocidade? Os povos denunciam sua mocidade nas ideias, na alegria da vida, na dionisiaca vontade de poder. É moço o povo americano, como é moço o povo alemão. O brasileiro é velhissimo. Onde o entusiasmo criador, o impeto para formas só suas, o "rush" de avalanche para um "über alles" qualquer? Dê-me um rapazola, seu patrício, que não pense com cerebro de setenta anos, e que ao sair de uma escola superior não aspire entrar na vida "já aposentado", isto é, que não aspire colocar-se num dos quadros do monstruoso parasitismo burocratico que aqui rola, como piolheira, o trabalho dos que ainda trabalham. Não me fale na mocidade deste país — e dado que existisse não vejo como poderia tornar-se causa do preço exagerado desta brochura. A causa real da vida cara no Brasil reside no protectionismo.

— Orientação, aliás, fecunda, atalhei, pois sem ele não criariamos as nossas industrias.

Nova gargalhada de Mr. Slang. O homem estava positivamente fora dos eixos...

— Só uma coisa, disse ele depois que serenou, cria a industria, a boa, a solida industria que presta serviços á sociedade humana — e essa coisa é incompativel com o protectionismo.

— ?

— A concorrença. A humanidade somente progide dentro do respeito ás leis biologicas. A concorrença é a lei biologica do progresso. Tudo quanto im-

pede, embaraça ou retarda a concorrencia atua contra o progresso. O protecionismo impede a concorrencia. Logo, é a morte da industria.

— Acho, disse eu, que Mr. Slang está hoje excessivo em suas afirmações — e paradoxal...

— Atenda-me e verá que não existe nas minhas palavras excesso nenhum. Que é industria? Fazer uma coisa. Entre duas industrias, qual a melhor? A que faz melhor, a que produz melhor. A vitoria da melhor, unica proveitosa para o mundo, vem á custa da derrota ou da supressão da peor. Se uma força estranha intervem e impede o melhor de matar o peor, que sucede?

— Regresso, perda, mal...

— E que é o protecionismo senão essa força estranha que impede a vitoria do melhor e protege o peor? O protecionismo não protege a industria e sim, apenas, a *incapacidade industrial*. Evita que o bom vença e toda a comunidade se beneficie com essa vitoria. Perpetua o mau — e leva a comunidade ao consumo forçado do mau produto, do produto que, pelas leis da natureza, deve desaparecer.

— Mas de outra forma um país não pode ter industria, adverti.

— Não poderá ter industria de muletas, só de lucro para o industrial, pois o protecionismo é o meio de criar esta monstruosidade. Mas que vantagem ha para um país em criar no seu organismo este inchaço simulador de musculo? A expliação nunca aproveitou a ninguem. O protecionismo enriquece alguns individuos mas empobrece a comunidade. Se eu pago tres mil réis por um mau produto que poderia obter, otimo,

por dois, empobreço-me de um mil réis. Ha vantagem para um individuo ou para um país em empobrecer-se de um só mil réis que seja?

— Quer dizer que ha duas industrias, uma de serviço social e outra de...

— ... pilhagem, de exploração. A primeira enriquece os países e beneficia a todos os homens. A segunda só beneficia — e momentaneamente — o explorador.

— Momentaneamente apenas?

— Sim. Como outros perderam para que ele ganhasse, baixou o nível da prosperidade geral do país e o industrial momentaneamente favorecido irá mais tarde, por si ou seus filhos, sofrer as consequencias desta baixa da prosperidade geral.

— Realmente. Parece-me que Mr. Slang tem toda a razão... conclui, pensativo.

— Transporte o protecionismo para outro campo e verá como se torna clara a demonstração. Suponha dois medicos numa pequena cidade, um bom outro mau. O bom, visto que cura os doentes, atrai enorme clientela. O mau vê-se ás moscas. Mas intervém o protecionismo. Uma lei municipal põe guardas á porta do bom medico e cobra uma taxa feroz de cada cliente que o procura. Os ricos se arrumarão. Pagarão a taxa e terão a boa assistencia. Os pobres — e eles constituem os 99% da cidade — não podendo pagar a taxa, recorrem ao mau medico. Este prospera, está claro, enriquece — mas lucrou com isso a comunidade? Cresceu o indice da saude geral?

— De fato, uma cidade assim pereceria. Mas que ha de fazer o mau medico? Morrer de fome?

— Está claro. Só tem direito de fazer uma coisa quem a faz melhor que os outros. É a lei do progresso.

— De modo que para Mr. Slang as nossas industrias protegidas constituem um mal... Mas não negará que muito nos serviram durante a conflagração europeia.

— Ponto a discutir. Mas dou de barato que assim tenha sido e pergunto se é argumento serio. Conservar no organismo uma ordem de coisas viciosa, que o debilita, que o mata, só porque num eventual caso de guerra possa tornar-se um momentaneo bem, será formula defensavel? Faz-me lembrar um homem que andasse leguas e leguas descalço, a ferir as solas nas pedras do caminho, só para beneficiar-se com a frescura da agua de um riacho eventual que tenha de passar a vau. A Argentina, que não tem industrias falsas, não se arrumou perfeitamente durante a conflagração? Não saiu ganhando, não está mais prospera do que nunca, ao passo que o Brasil geme no atoleiro, enterrado até ao nariz?

Mr. Slang tinha razão e eu não quis insistir em minhas tolas objeções. Mudei de assunto e interpelei-o:

— Voltando atrás, que acha, Mr. Slang, de "Terra Deshumana"?

Mr. Slang não respondeu de pronto. Ficou como quem procura uma formula sintetica para definir um caso dificil. Depois disse:

— Um retrato de corpo inteiro, feito por um mestre retratista.

— Parecido?

Mr. Slang vacilou.

— Um tanto enfeitado, respondeu por fim. O pintor deu ao original um vulto que me parece fóra da realidade. Desenvolveu á Carlyle o que apenas fazia jús a estilo de relatorio clinico. Houve erro de amplitude, evidentemente.

Preparei-me para ouvir uma alta revelação. Mr. Slang, entretanto, calou-se; e ao voltar-se para meter na gaveta a "Terra Deshumana" deu com o braço numa estatueta que havia sobre a sua secretaria. O bronze veiu ao chão e fez-se em cacos. Não era bronze, era barro bronzeado apenas.

X

Do capítulo que faltou

— Lá se foi o meu escriba! exclamou Mr. Slang de olhos postos na estatueta em cacos.

Era uma reprodução em terra côta do menos hieratico remanescente da arte egipcia, hoje no Museu Britanico.

— Tinha valor a reprodução? perguntei.

— Apenas como documento de que até na Inglaterra se bronzea o barro, o que é um contrassenso. A patina de bronze dá ao barro o aspecto, não a dureza, que é o próprio do bronze. Comprei-a no Strand, por ocasião da minha ultima visita a Londres.

— Mas, voltando atrás, Mr. Slang, que acha de "Terra Deshumana"? insisti.

— Acho-a logica em excesso. O vulto ali descrito assume proporções carlyleanas e quasi caberia num segundo volume do "Heroes and Hero-Worship", que se intitulasse "Municipal-Heroes and Municipal Hero-Worship". Vejo uma forma baixa de heroismo na resistencia municipal do retratado.

— Tambem me parece isso. Só não aceito os meios de que lançou mão.

— Poderia escolher outros?

— Devia escolhe-los. Fazendo o que fez, lançou mão de meios imorais, deprimiu o país, rebaixou-lhe o carater já fraco, e com isso produziu um mal maior do que não resistindo.

— Então foi uma desgraça...

Mr. Slang concluia com menos precipitação. Tinha nas veias sangue de juiz inglês e ponderava muito antes de emitir sentença.

— Os fenomenos sociais são bastante complexos, meu caro. Do mal nasce o bem e não raro do bem nasce o mal. No governo passado eu vejo males terribveis que podem florir em maravilhosas messes de bem...

— Por exemplo...

— A hostilidade, a guerra, a destruição da economia paulista, sob pretexto de que estava em desequilibrio com o resto do país, trouxe, como reflexo, a ideia da estabilização da moeda, isto é, uma situação fixa que não permita "nunca mais" tais atentados. O excesso de mal trouxe um bem.

Outro mal que trouxe um bem foi a exagerada corrupção da imprensa. O governo novo já reagiu e saneou o país da inominavel infamia. Se a corrupção tivesse

sido moderada e discreta, quem sabe se não continuaria inda hoje aquele regime?

Outro: o odio e o favoritismo levados ás ultimas. Esses excessos patentearam de tal arte os vicios do sistema, que o instinto da conservação nacional fez surgir um homem cujo lema é o oposto: "Nem rancor, nem favor". Em suma: o ex-governo forçou no atual uma verdadeira reversão de processos, que não viria, talvez, se houvesse comedimento na passada inversão moral. Tudo isto me leva a conclusões opostas ás do autor da "Terra Deshumana". Acho que o ex-governo foi o mais fecundo da Republica em resultantes beneficas. Criou a mentalidade estabilizadora que vai lançar as verdadeiras bases da prosperidade deste país, e demonstrou a urgencia da moralidade administrativa.

— De modo que para bem julgar o ex-governo devemos esperar as realizações do seu sucessor. Pragmatismo...

— Perfeitamente. E se essas realizações forem o que eu espero, os brasileiros estarão no dever de erigir uma estatua ao homem mal compreendido que, espancando sem piedade um organismo semi-inerte, arrancou-o, pela dôr, ao marasmo. Até a revolução, que esse homem provocou e conservou até o fim, vai resultar em frutos beneficos. A revolução é o meio mecanico de que dispõem os povos para apressar o dia de amanhã. Assim na França, na Inglaterra, na Russia, em todos os países que evoluem.

Ora, a revolução se limitava aqui a episodios curtos demais para produzirem efeitos. O ex-presidente fomentou a revolução longa de que o país precisava.

Donde concluo que nenhum homem de governo no Brasil ainda lançou mão de meios mais adequados para forçar o advento das tres coisas que o país mais pedia: base fixa para os negocios, moralidade administrativa e reforma no processo da representação politica. A estatua ao ex-presidente terá forçosamente este distico: "Ao criador, por meios indiretos, da moeda ouro, da moralidade no governo e do voto secreto, o povo agradecido".

— Voto secreto, tambem?

— Sim. Quem falava em voto secreto anos atrás? Um ou outro raro ideologo pregava-o ás brisas. E essa forma eleitoral, hoje vitoriosa no mundo inteiro, só entre nós era desconhecida. Faltava-lhe propaganda. Faltava um chefe de estado que por excesso de abuso na formação dos poderes provasse a urgencia de ser insti-tuido o voto secreto tambem no Brasil. Essa prova o ex-governo a fez. E fez mais: forçou a revolução a tomar como lema o voto secreto, tornando-o conhecido e discutido no país inteiro. O voto secreto virá e a estatua ao ex-presidente consigna-lo-á entre as benemé-ncias a ele devidas...

— Muito bem, Mr. Slang. Acha então que o prudente é suspendermos o juizo sobre o ex-governo, á es-pera das realizações do novo?

— Sim, porque o governo novo constitue a segunda parte do governo velho, do qual é filho. Constitue a parte construtiva. E tais sejam as suas construções, quem sabe se um dia até os encarcerados da Trindade não abençoarão o homem que, conciente ou inconcien-temente, forçou a nota do mal e fez que dele abrolhasse

o bem? Deus escreve direito por linhas tortas, diz a sabedoria popular.

— De modo que “Terra Deshumana”...

— É um precioso livro. Todas as finuras da lógica ali se encontram empenhadas em fazer fiel um retrato. E podemos medir da bravura desse livro pela violência dos ataques com que o agridem. Aceito-o plenamente como obra de arte, como primor de esgrima. Apenas lhe reconheço uma falha: a ausência do capítulo principal, o em que se ponha em suspenso o veredito pela admissão da hipótese que acabo de expender.

— A hipótese do ex-governo visar o bem pelas linhas tortuosas do mal, tem graça...

— Não digo “visar”, pois não possuo elementos para essa averiguação puramente psicológica e, portanto, impenetrável. Digo “chegar”.

— Se não houve a visada consciente do bem, isto desmerece a obra, tira-lhe a justificativa única, que seria a intenção moral.

— Que importam ao país intenções? Só valem as resultantes positivas.

— Sempre pragmatista o meu Mr. Slang! Creia que admiro a frieza desse seu cérebro britânico. Nós aqui, mais ardorosos, queremos, além dos resultados, as intenções.

— Infantilidade. O inferno está calçado de boas intenções e não há motivos para que as pessimas não levem muita gente ao céu.

Mr. Slang tocou a campainha e guardou silêncio até que aparecesse o criado.

— Leve daqui estes cacos, ordenou-lhe.

O criado trouxe uma vassoura e varreu os fragmentos do escriba. Enquanto isso Mr. Slang dizia:

— Tenho minhas opiniões sobre o Egito. Parece-me uma civilização que morreu por excesso de escribas...

— Pobres escribas! Como poderiam esses humildes parasitas dar cabo de uma civilização?

— Por escriba entendo o burocrata, a gente que passa a vida a encher de letras o papel branco. Eles vão sufocando o país e matando a vida, porque substituem movimento por gatafunhos. Tenho a impressão de que os escribas é que sufocaram o Egito, tornando-o inerme ante as invasões.

Mr. Slang ficou de olhar absorto, como quem está a ver para dentro ou muito longe. Tirei-o daquele estado com uma pergunta que de longo tempo trazia engatilhada.

— E aqui, Mr. Slang? Que acha da nossa burocracia? Terão forças os nossos escribas para também asfixiar a vida do Brasil?

Mr. Slang não respondeu de pronto. Continuou ainda por uns instantes absorto. Depois acordou e, como que estremunhado, disse:

— Aqui? Sim, aqui... Aqui a burocracia já devorou todo o Norte, está paralizando esta cidade do Rio e tende a descer para o Sul. E assume aspectos inéditos no mundo. Mas depois veremos isto. O xadrez está arrumado e é impolido de nossa parte fazer que duas nobres rainhas nos esperem...

Arrumamos as pedras e Mr. Slang fez o gabinete da dama.

XI

Da “Estrada Alegre”

As saídas de gambito sempre me atrapalharam, de modo que no quarto lance já Mr. Slang tinha de lucro um peão. O meio de equilibrar o jogo era faze-lo falar, e assim distrair-se. Traição? Que importa! Era Mr. Slang um filho da perfida Albion e pois eu vingaria uma parte infinitesimal das perfidias feitas ao mundo pelo molosso britanico.

— Acha então, disse-lhe eu, que a nossa burocracia já paralizou metade do país?

O meu inglês largou do peão que tinha comido e acendeu o cachimbo.

— Sim, afirmou. Está já roendo o osso. Ha tempos fiz um passeio a Minas e vi lá, numa velha fazenda, um quadro contristador. Era um cavalo aposentado do serviço e solto no campo para que morresse em paz. Sua magreza era tamanha que me despertou a curiosidade. Aproximei-me... Não era mais um cavalo. Era uma piolheira sobre quatro patas. Não teria talvez um milímetro de pele livre de parasitas — e parasitas bem magros, porque o sangue já se fazia pouco para tantos. Pus-me a refletir sobre a estupidez do dono do cavalo e sobre a estupidez ainda maior dos parasitas. Aquele multiplicar-se excessivo iria matar o cavalo, e com ele a piolheira. O Brasil é isso, meu caro, pelo menos no norte...

Horrorizei-me com a imagem de Mr. Slang e protestei:

— Mr. Slang exagera evidentemente. O Brasil não está assim tão parasitado...

— Queria mais? Não ha serviço publico que não empregue cinco homens, pessimamente pagos, para fazer, malfitissimamente, a tarefa que um só, bem pago, faria a contento. Essa é a formula da burocracia brasileira, da qual decorrem tres males: prejuizo do serviço publico, miseria do funcionalismo e roubo de atividade á produção privada.

— Ha um quarto mal, adverti. A corrupção...

— Simples capitulo da miseria. Quem ganha o insuficiente para viver não pode resistir a tentações. Note que eu não faço ao carater brasileiro o mau juizo comum. Acho-o até de um fundo mais honesto que o de muitos outros povos. As circunstancias, porém, impelem o brasileiro á dishonestade.

— A miseria é má conselheira...

— Má e engenhosa. Os artificios que aqui vejo empregados pela burocracia para aumentar seus rendimentos são habilissimos. Calculo que em cada orçamento da Republica 200.000 contos se vão em comissões. O governo paga em tudo quanto compra 20% a mais sem que o perceba — e a coisa é feita de modo tão habil que governo nenhum tem meios de impedir o latrocínio.

— E se fosse só isso! exclamei pensando nas gorgetas chamadas de "lubrificação". Nada corre sem propinas, Mr. Slang!...

— É verdade. O publico paga duas vezes. Já tive negócios em varios ministerios e sei que sem azeitar

as rodas a maquina não gira. Ha nisto dois males: a demora inevitavel no andamento dos negocios do Estado e o encarecimento dos serviços. Tudo porque a miseria da burocracia força-a a transformar-se em camorra para viver.

Enquanto Mr. Slang dissertava, eu estudava a situação do jogo, o que me permitiu um lance feliz. Mr. Slang esqueceu a burocracia e remergulhou no xadrez. Minutos depois me vi na necessidade de distrai-lo de novo.

— E a Central, Mr. Slang? interpelei-o de surpresa.

Mr. Slang sempre achou uma graça infinita na nossa via-ferrea. Chegou até a escrever para o "Scribner's Magazine" algo humoristico cujo tema era a Central. Sua pachorra o levava a fazer viagens nessa estrada apenas pela viagem, achando-as mais divertidas do que qualquer outro espetaculo humano. Sempre que nas nossas partidas de xadrez fiz vir á tona a Central, vi Mr. Slang sacrificar o seu jogo — e por isso tenho cá no coração uma grata simpatia pela nossa pitoresca via-ferrea. Fez-me ganhar, no minimo, umas dez partidas mal paradas...

— A Central!... exclamou ele. Da ultima vez que viajei nela, quando o comboio parou em Belem, desci para alertar os musculos. E estava nisso quando cruzou por mim um preto de boné, que vinha dando pancadas de martelo no eixo dos carros. Essa operação fazem-na eles, religiosamente, sempre que um comboio pára nas estações. Perguntei-lhe:

— Amigo, por que é que você espanca assim os eixos?

Com a testa a borbulhar de suor, olhou-me o preto com esse ar hostil que tem o nacional da plebe para com o estrangeiro bem posto, e disse, de mau modo:

— Sei lá! Ha dezesseis anos que estou neste emprego e ninguem nunca me fez semelhante pergunta. Bato porque meu serviço é bater, hom'essa! . . .

E Mr. Slang riu-se gostosamente.

— Esse funcionario, continuou, dá-me a mais perfeita ideia da burocracia brasileira. Ela faz uma série infinita de coisas sem a menor ideia do “para que”. O “sei lá” do negro do martelo é a resposta que todos terão para perguntas identicas relativas ao serviço de cada um. Não ha finalidade nos nossos serviços publicos, a não ser dar emprego ao maior numero possivel de parasitas. Bem publico, utilidade — nada disso tem que ver com a burocracia.

— E que acha deva o governo fazer, Mr. Slang? Qual o meio de corrigir-se isso?

Mr. Slang estava nesse dia de muito bom humor. Assim foi que me respondeu de um modo desnorteante:

— Corrigir para que? disse ele. Se é um elemento do pitoresco local, por que destrui-lo? Todos os povos possuem os seus caracteristicos. Na Alemanha podemos observar a organização levada a extremos inconcebiveis. Nos Estados Unidos vemos a eficiencia como a mira de tudo. Modos de ser de cada povo. Se o Brasil prefere o pitoresco, respeitemos-lhe a preferencia. . .

— Esse ponto de vista, exclamei abespinhado, será o de um estrangeiro que não se liga de amor a este país. Um nacional nunca poderá encampa-lo.

— Tem razão o meu caro amigo. Confesso que moro no Brasil apenas levado pelo meu amor ao pitoresco. As coisas brasileiras divertem-me tanto... Não as quereria na Inglaterra, está claro. Mas aqui, onde funcionalo de espectador apenas, confesso não desejar mudanças. Gosto muito de Mark Twain e possuo toda a sua obra. Pois creia que a Central, por exemplo, me diverte mais que "The Stolen White Elephant", a obra prima, para mim, do terrível humorista americano. Ora, o Brasil não é rico em coisas originais para que se dê ao luxo de destruir, reorganizando-a em moldes civilizados, a sua ultra-pitoresca estrada de ferro...

— Mas o país paga muito caro esse pitoresco, Mr. Slang!

— Não se gabam tanto vocês das imensas riquezas do Brasil? Que é pois que empreguem parte delas na manutenção de um pitoresco inedito no mundo?

— Que crueldade! As vidas que a má direção da via-ferrea custa ao país, os prejuízos à produção, nada disso conta para Mr. Slang...

— Faz parte do preço do espetáculo. Mas o espetáculo vale! E o governo novo me terá contra si, caso mexa naquilo. Uma das últimas cenas do espetáculo da Central: a Crise do Carvão, que conheço por dentro minuciosamente, é tão curiosa, é tão engraçada, que, não resisti, mandei notas a respeito ao meu velho amigo Bernard Shaw, do qual justamente ontem recebi resposta.

Mr. Slang tirou do bolso uma carta em inglês, assinada pelo mordaz petroleiro, hoje premio Nobel. Dizia, entre outras coisas:

“Dá uma opereta maravilhosa! Já escrevi ao Franz Lehar propondo a musicagem do libreto que mentalmente compus com as notas enviadas. Se ele aceitar, teremos um “numero” de sensação”.

— Que tristeza, Mr. Slang! exclamei sinceramente compungido no amago do meu patriotismo.

— Tristeza? Vai ser de alegria pura essa opereta. Até no nome — “Estrada Alegre”... concluiu ele, cachimbando com satânico deleite.

Nesse dia vinguei-me do inglês da Tijuca dando-lhe um xeque-mate de surpresa, daqueles que desapontam até os indesapontaveis filhos da perfida Albion.

XII

Dos direitos imorais

O meu xeque-mate era dos que irritam o comum dos jogadores. Mr. Slang, porém, não se irritava nunca. O equilíbrio de seus nervos jamais se rompia, exceto para manifestações hilariantes quando o tema era a Central. Começamos nova partida; antes de sair com o peão da dama, disse-lhe eu:

— É muito fácil criticar a nossa pobre Caveira de Burro. Mas ninguém aponta o meio prático de endireita-la.

Mr. Slang sorriu de novo. A ideia da Central fazia-lhe cocegas incoercíveis.

— Como não? disse. Dêem-lhe um objetivo tecnico, e ela se regenerará.

— O objetivo de todas as estradas sempre foi realizar transporte.

— Devia ser esse o objetivo de todas as estradas; no entanto o mundo está cheio de exceções. Umas têm por objeto dar ensejo a jogo de titulos na bolsa. Outras visam apenas dar dividendos. Pouquissimas têm o transporte rapido, barato e seguro como o fim supremo de sua existencia. A nossa Central parece-me que traz como objetivo divertir-nos...

— Não é tanto assim, Mr. Slang. A Central presta muitos serviços e, embora não seja um modelo, como a Paulista ou a S. Paulo Railway, faz o que pode.

— É pouco fazer o que pode. A uma estrada como essa o que cumpre é fazer o que deve. Conhece a historia da Detroit-Toledo & Ironton?

— Não.

— Pois vale por historia muito ilustrativa. Foi uma especie de "Central" dos Estados Unidos. Nunca deu lucro, arrecadava 100 e gastava 150, servindo pessimamente ao publico. Quebrou diversas vezes, foi reorganizada outras tantas e por fim se tornou a armadilha financeira mais duvidosa da America. Chegou a cair em abandono. Estava nesse miseravel estado quando Henry Ford a adquiriu.

Mr. Slang interrompeu-se nesse ponto para responder com jogo identico á minha saída de peão da dama. Depois continuou:

— Comprou-a por 5 milhões de dolares e a primeira coisa que fez foi mandar varre-la. Ford é um grande

inimigo do lixo. Quando entra na posse de qualquer fabrica ou mina, primeiro a varre — para ver claro, diz ele, e ainda porque considera a sujeira um luxo muito dispendioso.

Depois de varrida a estrada, elevou fortemente o salario dos homens. Em troca exigiu de cada um oito horas de trabalho.

— Essas oito horas, já eles davam antes, observei.

— Engano. Oito horas de trabalho para Henry Ford não querem dizer oito horas de “ato de presença” no serviço. Querem dizer oito horas de trabalho real e continuo.

— Isso me cheira a absurdo, disse eu. O trabalho numa estrada é forçosamente subdividido. Um maquinista, por exemplo, que chega ao fim da sua viagem antes de completar as oito horas, tem de vadear as restantes, a não ser que ganhe por hora de trabalho real, o que tornará incerto o seu salario.

— Assim é de fato no mundo inteiro, menos na Ironton, replicou Mr. Slang. E foi o abandono desse regime em vigor no mundo inteiro que transformou aquela “Central” na *mais rendosa e perfeita estrada de ferro americana*.

— Como?

— Chega o maquinista ao termo da viagem e não tem mais locomotiva a conduzir? Muito bem! Vai completar suas oito horas com o serviço que houver. Vai varrer a estação, vai capinar o leito da estrada, vai arrumar o lastro...

— Mas isso não é trabalho de maquinista! — exclamei.

— Eis o segredo de Henry Ford, explicou Mr.Slang. Não ha categorias de trabalho nas suas industrias. Não ha trabalho mais nobre ou menos nobre. Ha trabalho, apenas. Varrer ou desenhar plantas: tudo é trabalho. E como ele paga um salario magnifico em troca de oito horas de trabalho, seja este qual for, ninguem se recusa ou escapa de *dar realmente oito horas de esforço* — e não, como aqui, oito horas de “empaliação”.

— De fato, se é assim...

— É assim, e nisto está o grande segredo desse genial reformador da industria. Um agente de estação, por exemplo, quando não tem serviço de agente, vai varrer, vai trabalhar de pedreiro, de pintor ou de carapina, no reparo do predio da sua estação. Resultado: o trabalho na Ironton passou a render de tal modo que essa estrada pôde realizar todos os seus serviços de maneira perfeita e com o emprego de muito menos gente. Antes ocupava 2.700 homens para um trafego de 5 milhões de toneladas; hoje emprega 2.300 para um trafego de 10 milhões...

— E dá lucro?

— Deu de lucro o ano passado 2 1/2 milhões de dolares, isto é, metade do que custou... A relação entre a despesa e a receita passou de 150% a 60%.

— É maravilhoso!

— Mais maravilhoso ainda é o fato de ter-se tornado a Ironton um mimo de eficiencia, asseio e ordem, trazendo satisfeitos os que nela trabalham (pois são os ferroviarios que mais ganham no mundo), o publico, que jamais teve melhor transporte, e o dono, que aufere uma renda soberba. Antes da aplicação do metodo Ford, os

empregados se queixavam, queixava-se o publico e queixavam-se os acionistas.

— Realmente. O trabalho, só ele, resolve todos os problemas da vida!...

— O bom trabalho. O trabalho dirigido por um cerebro que sabe o que é a eficiencia.

— E que é eficiencia, Mr. Slang? Abusa-se aqui desta palavra, e eu confesso que não lhe apreendi integralmente o sentido.

Mr. Slang colocou um cavalo na terceira casa do bispo do rei. Em seguida respondeu:

— Eficiencia é fazer ponta no lapis com o córte, em vez de com as costas do canivete; é ir de bonde para a cidade, em vez de ir a pé; ir de auto em vez de ir de bonde; ou ficar em casa, quando nada ha que fazer na cidade. Diz Ford que eficiencia é carregar um tronco de arvore numa carreta em vez de carrega-lo ao ombro. Eficiencia, em suma, é fazer o contrario, exatamente o contrario, do que faz a nossa administração publica em todos os seus departamentos.

— Mr. Slang acha então que se a Central...

— ... apontasse o lapis com o córte, em vez de o fazer com as costas do canivete, virava incontinenti uma Paulista, uma Ironton. Acho sim.

Sai tambem com o cavalo do rei, em jogo simetrico ao do meu parceiro. Em seguida adverti:

— Do que Mr. Slang acaba de dizer concluo que com um pouco de boa vontade podemos endireitar a Central.

Mr. Slang meneou a cabeça.

— Absurdo. Nunca o Brasil endireitará essa estrada. Não existe essa intenção em ninguem. Os politicos se beneficiam com o seu mau estado. Milhares de parasitas perderiam as tetas se ela entrasse nos gonzos. A regeneração da Central só aproveitaria o publico — unica entidade sem a menor voz ativa em coisa nenhuma neste país.

— Mas o fato da politica e os parasitas se beneficiarem com o desmantelo da Central não provará que até no desmantelo ha um lado benefico?

— Para os bacilos que roem os pulmões de um doente, nada mais benefico do que a debilidade geral do organismo desse doente. Sem ela não viveriam eles. Mas que acha o meu amigo de um medico que á cabeceira de um doente vacilasse na cura, em atenção aos bacilos que lhe devoraram os pulmões?

— Um absurdo. Medico nenhum vacilaria entre a cura do doente, benefica a este e a toda a comunidade, e a manutenção do estado de doença, só benefico aos bacilos.

— Pois todos os nossos governos vacilam. Nenhum deles se anima a sanear a Central, em atenção aos bacilos que a vêm entisicando. Os parasitas gosam de “direitos adquiridos”.

— Não pode haver aquisição de direitos imorais, nocivos á sociedade humana, adverti.

— No Brasil ha. Boa parte do que aqui recebe o nome de direito adquirido é sinonimo de abuso, de lesão do direito natural que tem uma comunidade de se defender contra os parasitas sociais. Eis por que não creio

no vosso país. É um país errado. Tem que desaparecer...

— Enquanto isso não acontece, vou “desaparecer” do jogo este seu cavalo, Mr. Slang. Como-o com o meu bispo e com sua licença...

Disse e fiz. Comi-lhe o cavalicoque, com intimo deleite de vingança. A patria dentro de mim gosou-se da replica inflingida ao implacavel dolicocefalo ruivo...

XIII

Do parasitismo camuflado

No dia seguinte, quando penetrei na casa de Mr. Slang, estava o meu homem a fazer recortes de jornais.

— Não sabia que era colecionador, Mr. Slang, disse-lhe á guisa de saudação.

O inglês respondeu-me apontando para varios *scrap-books*, gordos de tantos recortes guardados.

— Já formei sete volumes de 500 paginas cada um e estou no fim do oitavo. Duvido que haja um brasileiro possuidor de tantas notas sobre a vida do Brasil. Ha 40 anos que faço isto e não dou a minha coleção por dinheiro nenhum.

Dali a falar de jornais foi um passo.

— Os jornais brasileiros são muito curiosos, disse Mr. Slang. Nunca sabem o que dizem, mas refletem como espelho a vida desta terra — para quem sabe le-los. O meu sistema não é colecionar artigos. Recorto dos

artigos o que me interessa: quatro, dez, vinte linhas. Um artigo não passa de enchimento ou farofa para pôr em relevo uma ideia ou fato. Deito fora o farelo e guardo o fato ou a ideia. Hoje, por exemplo, estou a colar um fato bastante significativo, embora bem comum por aqui. Encontrei-o no relatório do meu amigo Renato Jardim, o novo diretor da instrução municipal: uma escola que existe e não existe.

Abri a boca.

— Como pode existir o que não existe, Mr. Slang? Parece-me um contrassenso.

— Uma “cosa brasileña” apenas, explicou ele, como ha “cosas de España”...

— Trata-se de...

— De uma escola profissional, e de nome pomposo — “Escola de Aperfeiçoamento”, que custa ao tesouro 140 contos anuais, que tem diretor, professores, empregados, etc., mas não tem casa, nem alunos.

— Como? É um absurdo!

— Existe só no orçamento, eis aí.

— Assombroso!..

— O assombroso é que ha inumeros serviços assim, com existencia só no orçamento. O fato de não existir a escola acentua apenas a deshonestidade; mas se ela existisse e não prestasse nenhum serviço, estaria aparentemente justificada, embora dêsse na mesma. Ha numerosos serviços publicos desta ordem, caríssimos, e da mais absoluta inocuidade. Existem apenas como ninho de parasitas.

Calei-me, refletindo na verdade daquilo. Quantas repartições não conhecia eu, meros ninhos de parasitas!

— Olhe, disse Mr. Slang abrindo o livro de “Cosas brasileñas”, aqui está outra curiosidade. Uma vila baiana cuja arrecadação municipal é de oito contos. Veja como se distribue a despesa.

Lancei os olhos para o recorte e assombrei-me. Os oito contos eram totalmente empregados na paga dos vencimentos do prefeito, dos fiscais e agentes arrecadadores.

— Curioso, não? disse Mr. Slang a sorrir, no enlevo d'alma do colecionador que exibe um achado raro. Pois o municipalismo no Brasil, segundo as notas que tenho neste livro, quasi que se resume nisso. Em 90% das Camaras a receita só dá para o pagamento do pessoal arrecadador. É um dos mais belos casos de parasitismo que possuo em minha coleção..

Mais tarde vim a saber que Mr. Slang se dedicava ao estudo do parasitismo humano e tinha planos de publicar na Inglaterra um tratado a respeito. A razão da sua residencia no Brasil prendia-se a tais estudos.

— O campo cá é maravilhoso, disse-me certa vez. Em parte nenhuma do planeta o parasitismo se aperfeiçoou tanto, nem assumiu tão engenhosas formas. O Brasil pode gabar-se de um recorde...

Entristeci-me com o caso da escola. Por mais que procure desinteressar-me das nossas coisas, não o consigo, e isso me faz infeliz.

— Diga-me, Mr. Slang, que remedio a sua experienca aconselha para esse mal?

Mr. Slang sorriu com malicia.

— Por que mal? Acho até um bem. Na minha idade o homem se torna ceptico e passa a ver as coisas

através de um prisma muito diverso do da mocidade. Eu hoje só quero o pitoresco. Olho tudo pelo prisma estetico. Vejo paisagens humanas, nas quais o parasitismo figura como um elemento estetico de muito valor. Se dependesse de mim, confessó que estimularia ainda mais o parasitismo brasileiro, para vêr até que ponto podem os agrupamentos humanos comporta-lo. O parasitismo é a lei da humanidade. Uma criatura parasita outra...

O cinismo de Mr. Slang horrorizou-me. O Brasil para aquele homem não passava de uma cobaia imensa...

— Mas se fosse na sua Inglaterra, que faria? interpelei-o.

— Bom, o caso aí mudava. A Inglaterra é a Inglaterra e até dos ingleses cepticos merece o sacrificio dum ponto de vista puramente de arte. Se fosse o caso na Inglaterra, e a mim incumbisse destruir o parasitismo, a primeira coisa que eu, como governo, faria, era *constatar a existencia dele*.

— Isso não é resposta, Mr. Slang. Se o parasitismo existisse, *ipso facto* teria a existencia constatada, com perdão do galicismo.

— Engano. O parasitismo é maquiavelico e vence como o camaleão, á custa de disfarçar-se e justificar-se como sendo coisa util. Temos, pois, antes de mais nada, de desmascara-lo, de po-lo a nú, de provar que não passa de *camouflage* da utilidade. Exemplo. Ha aqui uma Biblioteca Naval. Fui outro dia lá pela primeira vez, em consulta a um alfarrabio. Casarão enorme e vasio. Em vez de consultentes, empregados bocejantes que matam

o tempo a ouvirem o caruncho roer a livralhada. Pedi o livro, e enquanto esperava pus-me a observar aquele curioso caso de parasitismo e a calcular o quanto já teria custado á nação.

— Mas a marinha precisa de uma biblioteca, exclamei.

— Precisará apenas de livros e poderia te-los na Biblioteca Nacional, com enorme economia publica, não acha?

— Realmente...

— E agora pergunto eu, continuou Mr. Slang: precisará o Brasil de marinha?

Arregalei os olhos.

— Hom'essa! Onde já se viu país sem marinha?

Mr. Slang ia muito longe em sua logica inglesa.

— Marinha é coisa que a Inglaterra criou por necessidade, e como veiu por obra da necessidade, possue-a eficientissima, desempenhando uma missão defensiva real. Os outros países europeus imitaram-na, uns por puro espirito de imitação, outros para equilibrio de forças com vizinhos hostis. Isso lá. Mas aqui? Que é que significa a vossa marinha?

— Defesa das costas... sugeriu.

— Mas será com meia duzia de calhambeques antiquados que se defendem umas costas tão largas como as do Brasil? Haverá algum almirante, ou grumete, que acredite na eficiencia defensiva da vossa marinha? Algum país do mundo por acaso a teme?

— Realmente; de um ponto de vista elevado, assim é.

— Imagine agora todo esse dinheiro, os milhões de contos que o Brasil despendeu até hoje na manutenção desse bric-a-brac de ferro, puro mostruário retrospectivo do navalismo dos últimos decenios, imagine todo esse dinheiro empregado em obras uteis!

— E se se visse atacado por mar esse Brasil sem marinha, mas cheio de obras uteis?

— Sucederia o mesmo que se fosse atacado tendo isso que lhe custou milhões e que ingenuamente considera marinha. Marinha é arma, e arma ou é eficiente ou não é coisa nenhuma. E o mesmo direi do exercito.

— Que? Até o exercito, Mr. Slang?

— Exercito ou é ou não é. Eficiente, é. Ineficiente, não é. Pergunto: é o vosso exercito eficiente?

Fiquei embasbacado. Mr. Slang estava positivamente delirando.

— O dever de um país consiste, primeiro em criar riquezas, desenvolver-se. Depois, cuidar da defesa de sua riqueza, mas a sério. Ter aparelhos de defesa “para inglês ver” é camouflagem de parasitismo das mais onerosas. Se não tem estradas, se não tem instrução, se não tem riquezas, como esmagar-se de dívidas para fingir que tem dentes?

— Fingir, Mr. Slang?

— Ponha a mão na conciencia, meu amigo, e responda-me se é assim ou não.

Calei-me.

XIV

Da cabeça e da mão

Aquelas ideias de Mr. Slang sobre o parasitismo camuflado impressionaram-me profundamente. Cheguei a convencer-me de que o Brasil era a fragilima nação que é porque finge ser o país que não é.

— Mas acha, Mr. Slang, que a nossa marinha constitue um mero pretexto para gastar dinheiro?

— Que duvidal! Se não tem eficiencia, de modo nenhum se justifica. E a sua inutilidade agravou-se depois do aparecimento do avião. Correspondem hoje, os caríssimos couraçados e cruzadores, ás velhas armaduras de aço. Enquanto os combates eram a arma branca, desempenhavam com eficiencia o seu papel mas logo que sobreveiu a invenção da polvora, tornaram-se inuteis. Que diz o meu amigo de um exercito que hoje aparecesse em campo raso com os seus homens revestidos de pesadas armaduras medievais?

— Que era um exercito de bobagem.

— E que diz da nação que gasta milhares de contos por ano para a conservação de umas armaduras marinhas que já tiveram o seu tempo, mas de que se riem hoje os aviões? Que vale um *dreadnought*? Para que conservar, á custa dos olhos da cara, custosíssimos mostrengos que um pequeno avião manda ao fundo com a maior facilidade? Parasitismo, meu caro. O estado é uma sociedade anónima que explora o imposto e im-

põe-se aos povos á força de dar-se como necessário. Exercito, marinha e todas as mais criações do estado só existem para justificar a extorsão de impostos e a manutenção de um bando imenso de parasitas, aqui e em quasi toda parte.

— Que absurdo, Mr. Slang! exclamei horrorizado com o anarquismo daquelas ideias, admissivel num russo, mas inconcebivel num britanico.

Ele, porém, explicou-mas de um modo muito claro.

— Se nenhum povo possuisse exercito e marinha, que sucederia?

— Ficavam indefesos...

— ... e simultaneamente inofensivos. Consequencia logica: desaparecimento da guerra no mundo. Um bem, pois. E se constituiria um bem a extinção dos exercitos e das marinhas, quer isto dizer que a existencia deles é um mal.

— Teoricamente está certo, Mr. Slang. Mas seria necessário que todos os povos os suprissem, o que não se dá. E se existem povos carniceiros como os leões, que se armam até aos dentes, os outros se vêem forçados a fazer o mesmo.

— Sim, a armarem-se. Mas acha que é armar-se possuir caríssimos aparelhos de defesa que não funcionam por antiquados ou ineptos?

— Sua logica é terrivel, Mr. Slang, mas no caso brasileiro de nada vale. É impossivel extinguir aqui os aparelhos de defesa inuteis e que muitas vezes se voltam contra o país. O povo brasileiro não o consentiria.

— Diga que o parasitismo camuflado não o consentiria. O pobre povo moureja na labuta pelo pão e só quer sossego — sossego que os aparelhos de defesa deste país, parece-me, não lhe permitiram ainda...

Ri-me das extravagancias de Mr. Slang. Os ingleses têm cada uma... Mas concordei que a logica no Brasil não funciona e que o parasitismo camuflado defende-se.

— Defende-se tanto, meu caro amigo, confirmou Mr. Slang, e aperfeiçoa-se tanto, que um dia os povos perdem a paciencia e espojam-se nas revoluções. É o meio de que usam os cavalos para se libertarem dos parasitas.

— De que valem tais violencias? Desaparece uma forma de parasitismo e surge outra. O parasitismo é irredutivel...

— De fato assim tem sido, mas ha esperanças de que um dia a humanidade possa ver-se livre dessa monstruosidade.

— Um dia!... exclamei num muxoxo de incredulidade.

Mr. Slang não se deu por vencido.

— Ha cem anos a escravidão parecia indestrutivel. Hoje está quasi totalmente extinta. Eu creio no progresso moral do homem.

— E crê tambem no governo novo? perguntei, mudando subitamente de assunto.

— Não ha governo novo, respondeu ele; o governo é uma continuidade ininterrupta. Ha homens novos á testa de uns tantos serviços que mudam de chefes de quatro em quatro anos.

— Mas crê nesses homens?

— Vejo em quasi todos eles uma qualidade muito séria — honestidade, o que já é muito em vista dos ultimos quatro anos de inversão moral que o país teve. Poderão limpar um bocado do sujissimo aparelho do estado e fazer as coisas dentro da lei. Só.

— E acha pouco?

— Acho. A rigorosa aplicação das leis brasileiras não trará nunca felicidade ao país. São leis-cipós, que enleiam os homens e lhes embaraçam os movimentos. Além disso, o regime no Brasil é o inominavel disparate fisiologico do corpo com tres cabeças autonomas — os tres poderes. A natureza não criou nada com tres cabeças.

— As minhocas têm duas.

— Duas apenas, e por isso, envergonhadas, metem-se pela terra a dentro. A tricefalia é pura monstruosidade anatomica.

— Mas na Inglaterra tambem é assim.

— Engano. Na Inglaterra a cabeça é uma só, o Parlamento. O executivo é mão.

— E o judiciario?

— Um mero ajustador. Não é poder.

— Mas aqui, na realidade, a cabeça é o executivo. Dá na mesma.

— Não sei, exclamou Mr. Slang com certa bonhomia, se dará na mesma atribuir ao que é mão funções de cerebro. A experienzia do passado quatrienio parece-me decisiva. A mão executiva pensou e agiu como cinco dedos...

— Já com o governo novo não se dará isso. É mão limpa.

— Logo, o sistema brasileiro está errado, concluiu Mr. Slang. Equivale a um jogo. Fica de quatro em quatro anos na dependencia da qualidade da mão que o empolga.

— De fato assim é. Mas o Congresso, como o temos, não merece ser o detentor da hegemonia. Se a mão do executivo não lhe puser freios não sabemos onde irá parar o país...

— Se o mandatario é incompetente, o povo que lhe casse o mandato e escolha outro á altura da missão.

— Mas o nosso povo é incapaz de escolher. Não tem a cultura, nem a educação moral necessaria para escolher.

— Nesse caso, como vive o seu país sob forma de governo representativo? Não acha um monstruoso contrassenso?

Não tive por onde escapar. Mr. Slang levava-me á parede.

— A democracia, Mr. Slang! exclamei, fazendo frase. As conquistas democraticas, a integração republicana na America ...

Mas o inglês viu que eu brincava e mudou de assunto.

— Já leu isto? perguntou-me, tirando da estante um pequeno livro escolar.

Corri os olhos pelo titulo: "Little Arthur History of England", de Caldecott.

— Neste livrinho, continuou ele, aprendi os rudimentos da formação do meu país. Aqui no capítulo

VIII trata a autora, em linguagem ao alcance de qualquer menino, de como se formou o parlamento inglês. Cada cidade enviava ao rei tres ou quatro dos seus homens mais habeis, os quais se reuniam numa casa dita, em velho inglês, "Witenagemot", ou reunião de homens avisados. Reuniam-se e davam opinião sobre as leis que o rei queria fazer. E o povo só aceitava as leis dos reis quando esses seus homens as consentiam. Assim nasceu o parlamento e com esta função se tem conservado até hoje. Cá no Brasil as coisas parecem-me diversas. Ser representante do povo constitue apenas uma profissão altamente remunerada.

— Quer dizer...

— ... que essa função, como tudo mais, degenerou aqui em parasitismo.

— Pobre Brasil! exclamei compungido. Tudo nele degenera...

— Até o xadrez. Passa de arena de luta silenciosa a campo de debates, concluiu Mr. Slang, quilotando filosoficamente o seu cachimbo com umas dedadas do louro "Navy Cap."

XV

Da importação de cerebro

Estavamos na sala de jantar quando soou a campainha. A criada foi atender e logo voltou a dar conta do que era. Vinha soridente, toda enlevada numa cesta de frutas artificiais que trazia na mão.

— Está aí um sujeito, disse ela a Mr. Slang, que vem oferecer esta "beleza" de frutas. Dez mil réis só...

Era evidente o interesse da criada em que o patrão adquirisse a "beleza".

— São comestíveis? perguntou Mr. Slang.

— São de cera, respondeu a criada.

— Pois nesse caso devolva-as ao homem. As frutas têm para nós uma função muito séria, minha filha: serem comidas. E estas você mesma declara que são de cera, substância que nem as abelhas, suas fabricantes, me consta que comam.

A criada olhou-o com assombro. Não podia admitir que um homem tão rico recusasse ter á mesa de jantar aquele primor de arte. Permaneceu irresoluta, como á espera de que Mr. Slang voltasse atrás na sua decisão. Mas Mr. Slang manteve-se firme.

— Leve-as ao homem, repetiu. São frutas para inglês vêr — e já as vi.

A criada foi-se e Mr. Slang, voltando-se para mim, disse:

— Bem curiosa esta sua patria, meu amigo. A terra dá tudo, já o disse, creio, o velho escriba Vaz Caminha. No entanto, para que houvesse frutas nas mesas foi necessário que aparecessem por aqui uns eslavos emigrados, fabricantes de frutas... artificiais. Não ha casa burguesa onde não figurem nos etageres as tais frutas de cera que tanto seduziram a minha boa Dolly.

— É que as casas burguesas não podem te-las naturais. Nossas frutas são caras como as joias e os livros. Muita praga, Mr. Slang. País quente...

Mr. Slang sorriu e disse:

— Está aí um juizo dos que chamo apressados. A praga é universal, mas o homem aprende a livrar-se

dela. Ainda ha pouco li no "Geographic Magazine" um estudo sobre o combate a uma praga da cana no Hawaí, ilha quente. A vitoria foi completa. E não precisamos ir muito longe. Em S. Paulo a campanha contra a praga do café vai surpreendendo pelos resultados. Não é a praga que nos encarece a fruta, meu amigo, e sim a falta de transporte. O Brasil está parado porque ainda não se convenceu de que é tão absurdo um país sem vias de transporte como um corpo sem arterias e veias por onde circule o sangue.

— Realmente! E tanto que mal sobrevem a arterio-esclerose o organismo humano começa a decair...

— Exato. Esclerose quer dizer decadencia das estradas de rodagem do sangue. Pois o Brasil tem o seu sistema de arterias e veias completamente esclerosado. Chamam estradas aqui a sendas de boi e burro por onde o transporte de uma tonelada de carga se faz pelo mesmo processo, com a mesma lentidão e preço de séculos atrás. Isso torna o lucro do produtor praticamente igual a zero e eleva o preço de venda dos produtos a niveis fantasticos.

— Mas o remedio, Mr. Slang? perguntei.

— Dificilimo. Remedio para tudo neste país só vejo os indiretos.

Admirei-me da resposta. O remedio contra a má estrada sempre me pareceu a boa estrada.

— Como, Mr. Slang? O remedio contra a má estrada ou a ausencia delas é diretissimo, é estrada...

— Parece... respondeu o inglês. Se assim fosse, o problema seria dos mais simples e já estaria resolvido. O remedio é como eu disse, indireto. Para ter a rede

de estradas que a sua economia está pedindo, só possue o Brasil um meio: importar cerebro.

Decididamente Mr. Slang extravagava.

— Importar cerebro?!. . . repeti, franzindo a testa. Não entendo . . .

— Sim. As nossas más estradas decorrem do mau cerebro que ha por aqui. Para te-las boas está claro que antes de mais nada havemos que importar bom cerebro. Que cerebro temos aqui? O luso, o africo, o amerindio. São os brasileiros uma fusão de tres cerebros anti-estradeiros. As estradas de Portugal e suas colonias são deficientes ou más; as da Africa são trilhas e as do amerindio eram picadas pelo seio das florestas. O brasileiro não possue, pois, a mentalidade estradeira, isto é, não reconhece, não admite, não concebe, que a estrada é tudo num país, mas absolutamente tudo! É a instruçao, a riqueza, a defesa, a ordem, a lei, a policia, o progresso, a felicidade. . .

— A fruta barata. . .

— A fruta barata, e baratos tambem a carne, os cereais, a roupa e a casa. Ha dias li no "Today and Tomorrow" do grande Henry Ford, um livro que está fazendo furor no mundo mas que vocês inocentemente ignoram, uma opinião sobre o Brasil. Diz ele: "For while Brasil takes up one fifteenth of earth's surface and has extraordinarily rich natural resources, it has not had transport facilities for development. A country develops only according to the ease of transport, and most of Brazil has only six months of transport by motor because, during the other six months, the roads are too heavy for any car to force through." Vê? Ford tem

a mentalidade dos povos estradeiros e sem nunca ter estado aqui comprehendeu o que pouquissimos brasileiros comprehendem.

— Não ha duvida. As afirmações de Henry Ford são categoricas. *“Um país só se desenvolve por meio da facilitação do transporte”*. É isso mesmo. Mas o assombroso fenomeno norte americano explicar-se-á apenas pelo transporte?

— Passei o mês de outubro na America do Norte, respondeu Mr. Slang, e posso dizer que não saí do meu automovel. Em quatro semanas percorri 24.000 quilometros, ou seja uma media de 800 por dia... Para percorrer esta mesma distancia no Brasil, S. Paulo fóra, o brasileiro vê-se forçado ao dispendio de 666 dias!

— Que calculo extravagante é esse, Mr. Slang? Não estou entendendo.

— Muito simples. Quantos quilometros pôde um homem viajar no Brasil, a cavalo, que é o meio de condução possivel nesta terra?

— Seis leguas, sendo homem resistente. Seis leguas por dia, durante 30 dias, valem por africa.

— Pois está aí o meu calculo. O heroi que nesse andar quisesse percorrer cá os 24.000 quilometros que eu comodamente e sem o menor cansaço, fiz em outubro nos Estados Unidos, teria de gramar 666 dias em lombo de matungo. Duvido que tal heroi suportasse a tortura...

Fiquei a refletir nas carradas de razão que tinha o meu inglês. Mas a historia da importação de cerebro ainda me importunava os miolos.

— Está bem. Seu calculo está certo, Mr. Slang. Só não comprehendo o remedio: importação de cerebro como meio de ter estradas.

— Explico-me, respondeu ele. Por importação de cerebro entendo imigração, entrada de europeus. Noto que no Brasil só ha estradas em S. Paulo, Santa Catarina e num ou outro trecho onde penetrou cerebro europeu. E concluo daí que, praticamente, o problema só se resloverá por essa forma indireta.

— Mas S. Paulo cuida cada vez mais de estradas e não podemos atribui-las ao europeu. Os autores desse movimento foram os paulistas.

— De fato, vejo os paulistas no leme da administração. Mas não contassem eles com a força propulsiva da população rural já muito infiltrada de cerebro europeu, e estariam, como os mineiros, no carro de boi ainda.

— Minas tambem já começa a pensar em estradas.

— Começa... Levará um seculo começando. Sem importação de cerebro Minas não se porá em movimento.

— Acho que Mr. Slang tem razão, exclamei, ao recordar-me da campanha feita em S. Paulo contra as estradas de rodagem. Insultavam de "estradeiro" ao presidente que iniciou o movimento...

— Cerebro, meu caro. O Brasil tem que importar cerebro. Com este cerebro velho, cheio de teias de aranha e bolor, nada vai. No governo vejo um moço que me parece significar cerebro revitalizado, desse que o Brasil precisa.

— Victor Konder?

— Sim. O pouco de cerebro que entrou no seu estado natal, Santa Catarina, já criou lá o sistema de arterias e veias que as condições requeriam. O problema brasileiro se resume em eliminar da raça que povoa este territorio o peso retrogrado de certos elementos que a compõem.

— Enxertia...

— Sim. Enxertar cerebro novo no cerebro velho. Nisto a criada entrou, ainda com as frutas artificiais na mão. Vinha insistir com Mr. Slang para que adquisesse a obra prima.

Mr. Slang riu-se e murmurou para mim:

— Vê? A minha Dolly é como o Brasil. Tambem gosta de ilusões. Vou ver se descubro algum cirurgião que lhe abra o cranio e meta dentro um pouco de cerebro novo.

XVI

De frutas e livros

No outro dia Mr. Slang contou-me que a Dolly tinha comprado a cesta de frutas de cera para enfeite do seu quartinho.

— Quando a mentalidade é viciada, disse ele, ha uma resistencia passiva ás tais verdades que entram pelos olhos. A boa Dolly só aparentemente cedeu ás minhas razões. No fundo está convencida de que a função das frutas não é só para a alimentação. Equi-

para-as ás flores e as quer como enfeite. Tal qual o Brasil com a sua marinha e as mil outras frutas artificiais que lhe dessangram o orçamento.

Não concordei com a inclusão da marinha entre os nossos arrebiques.

— Perdão, Mr. Slang. Um espirito justo como o seu não deve insistir em fazer mau juizo da nossa marinha, disse-lhe com patriotica severidade.

— Não faço mau juizo, meu caro. Considero-a apenas um luxo em excesso caro para um país que vive á custa alheia.

A ofensa fez-me vir o sangue ás faces.

— Mr. Slang!... exclamei em tom de censura.

— Sim! retrucou ele, irritado. O Brasil vive de emprestimos cujos juros não paga. Sou um dos seus credores. Tenho titulos dos quais não recebo juros. Posso falar. Vive de emprestimos, a hipotecar tudo quanto possue e não me parece honesto que gaste um dinheiro que não é seu em exibições de povo rico.

Mr. Slang estava inteiramente fora da sua calma habitual. Que sensivel é o bolso dos homens!...

— Perdão, Mr. Slang! Somos um povo soberano...

— Cada vez menos.

— Como? exclamei, a sofrer a minha indignação. Mr. Slang insulta-nos!...

— Cada vez menos, repito. Quanto mais um devedor se enterra em dividas, menos soberano se torna. Ha anos que não recebo os juros do dinheiro que de boa fé emprestei ao seu governo. Fui enganado, e a soberania do seu país já não impede que eu lhe atire isto em rosto.

— Perdão! O “funding” foi um acordo entre duas partes.

— Acordo imposto pelo devedor relapso, gritou Mr. Slang.

Tive impetos de estrangular o meu inglês, mas contive-me. Estrangula-lo com argumentos, já se vê, pois eramos dois homens civilizados, liberrimos em nossas ideias e portanto incapazes de uma cena indecorosa. Faltou-me o argumento estrangulador e silenciei.

Arrefecido o assomo do credor lesado, Mr. Slang, com toda a calma, disse:

— A marinha brasileira faz a função das frutas de cera da Dolly. Enfeita o país. Em caso de guerra para o Brasil ou de fome para a Dolly, ambos compreenderão a inutilidade e o erro do enfeite que finge coisa util.

— Mas não convém remodelar a marinha num momento em que a aviação parece que a vai substituir. Somos prudentes. Estamos a ver onde param as modas.

Mr. Slang achou uma certa graça no meu adjetivo “prudentes”.

— Noto, disse ele, que florece nestas plagas uma logica especial. Chamam vocês prudencia não fazer uma coisa antes que essa coisa seja feita por todos os outros povos. Na Inglaterra chamamos a isso imprudencia... No dia em que Blériot transpôs de aeroplano o canal da Mancha, a comoção da Inglaterra foi tremenda. Era o primeiro homem que penetrava em nosso territorio sem nos pedir autorização. E como onde entra um podem entrar milhões, a Inglaterra cuidou imediatamente de criar uma frota aerea que

fosse a mais poderosa do mundo. A isto, sim, chama-mos prudencia.

— Mas a Inglaterra conserva a sua esquadra.

— Conserva-la-á enquanto durar o periodo de transição. Mas conserva-a em perfeito estado de eficiencia, o que não se dá aqui. Lá será a marinha ainda por muitos anos, uma arma de uso real bem conservada e pronta para agir, mas desde já em segunda plana. Todos os cuidados hoje são para com a frota aerea — que nenhum povo possue melhor que nós. Mas aqui? Nada aereo ainda — e no mar as frutas de cera da Dolly.

Aquele assunto me era doloroso; mudei de rumo.

— Basta, Mr. Slang. Quero agora que me diga por que razão incluiu ontem o livro entre as frutas e as joias.

— Não fui eu quem fez essa inclusão, foi o governo.

— Como?

— Não acompanhou o debate do caso pelos jornais? Pois o governo mantem o papel para livros taxado com imposto equivalente a 170% sobre o custo.

— Que horror, meu Deus!

— Mais que a seda. A seda paga de 80 a 100%.

— É impossivel! exclamei atonito. É um crime, isso!

— E fez mais, meu caro. Deu entrada franca de direitos aos livros impressos em Portugal. Quer dizer: criou um protecionismo ás avessas — favores á industria de lá contra a similar de cá.

— Impossivel! . . .

— Essa taxa tornou o livro tão caro como a fruta, e hoje só os ricos podem ler.

— Mas como explica o fato, Mr. Slang? Quem teria interesse nessa perseguição ao livro?

Mr. Slang sorriu com maliciosa displicencia.

— Que ingenuo é você, meu amigo! Todo mundo sabe a historia da taxa sobre o papel, que surgiu em 1918. Um passe do Congresso. Dizem que houve um honrado senador que não resistiu á injunção de duas centenas de contos... e fez elevar a taxa do papel, bruscamente, de 10 para 300 réis.

— Que miseria, meu Deus! Esse homem merecia ser inimigo do dr. Bernardes e passar uns anos de vi-legiatura na Clevelandia. Esfaquear a cultura de sua patria pelas costas, em troca de trinta dinheiros...

— Duzentos, aliás... E a coisa vai ficando. A cultura não consegue derrubar essa taxa. Editores ingenuos dirigem-se ao Congresso com lamurias. O meio positivamente não é esse...

Pus a mão na boca de Mr. Slang. Meu pudor de brasileiro não podia admitir que saisse de seus labios a solução certa. Infelizmente a solução que ele ia apontar era a unica certa...

— Mudemos de assunto, Mr. Slang. Esse caso é tão triste que me dá vontade de chorar. Vamos ao nosso xadrez.

Mr. Slang concordou e passamo-nos para a varanda.

Enquanto arrumavamos as pedras, contou-me ele de uma conversa que dias antes tivera com um editor. Homem positivo e sem teias de aranha no cerebro, para o qual a ciencia da vida se resume em dansar conforme

tocam. "Quando veiu a isenção para os livros impressos em Portugal, disse ele, tratei logo de montar lá a oficina grafica que pretendia montar aqui, e tenho ganho um bom dinheiro! Enquanto os meus colegas do Rio choram e lamuriam perante o Congresso, que é surdo quando não ganha para ouvir, vou enchendo os bolsos. Meu lucro é o imposto que os colegas de cá pagam. Tenho sobre eles uma vantagem de 1\$300 em cada quilo de livro, vantagem automatica, decorrente, não do meu trabalho ou do aperfeiçoamento da minha produção, mas apenas de ter-me colocado no ponto estrategico. Pois se o governo protege a industria impressora de lá contra a de cá, o inteligente é passarmos para lá, não acha? Que façam os outros o mesmo, em vez de se arrepelarem e irem falindo um por um..."

Senti um aperto na alma diante daquelas revelações, mas fui arrumando as pedras e saí com o peão do rei. Mr. Slang fez jogo identico e depois saiu com o cavalo. Eu estava com a ideia longe dali e em dado instante, involuntariamente, pensei em voz alta: "Que cavalos!..."

Mr. Slang surpreendeu-se com a intempestiva exclamação e olhou-me a fito. Atrapalhei-me e, para remedio, disse:

— Sim, que cavalos... mal feitos, estes cavalinhos de xadrez não acha?

Mas o raio do homem percebeu o que me ia pelo cerebro e retrucou de modo a me fazer admirar a sua penetração.

— Não ha cavalaria nenhuma nessa desatenção aos reais interesses do país. Ha má fé nuns poucos

espertalhões e uma infinita incuria na massa dos congressistas. Já assisti a varias sessões da camara e assombrei-me do que nela se chama votar.

Tambem eu conhecia o Congresso, e sabia muito bem o que ali se chama votar.

— E o remedio, Mr. Slang? perguntei ingenuamente.

— Não ha remedio, respondeu ele sorrindo. É a quarta vez hoje que você me pede remedio, como se minha função na vida fosse receitar para o Brasil.

Calei-me e mergulhei-me no jogo. Mas antes disso ainda houve tempo de passar pelo meu cerebro a lembrança de dois remedios. Um, o de Capistrano de Abreu: vergonha. Outro, o de um amigo de S. Paulo, Maneco Lopes: pau.

Mr. Slang pela segunda vez me leu o pensamento e murmurou entre dentes.

— O remedio é um só, e sempre o mesmo: cerebro.

De fato. É o remedio para tudo. A surra que nesse dia levei no xadrez provou-mo sem demora.

XVII

Dos “ladrões”

A varanda de Mr. Slang dava para uma casa em abandono, em cujo quintal uma caixa d'agua nunca se enchia, apesar da torneira de alimentação conservar-se permanentemente aberta. É que a caixa, roida pela ferrugem, vasava em numerosos pontos.

Como eu pusesse os olhos na caixa furada, Mr. Slang disse:

— Ha meses que está assim, desde que o ultimo inquilino deixou essa casa. E sempre que a vejo tenho a sensação fisica dos orçamentos do Brasil.

Estranhei a comparação.

— Muito simples. O orçamento do Brasil compõe-se de uma torneira como aquela, a Receita, e de uma infinidade de "ladrões" por onde a agua escapa. Sabe o que é "ladrão" em tecnica hidraulica?

— Sei. Falso escapamento de agua.

— Isso. Ha "ladrões" em excesso na caixa d'agua do Tesouro deste país. O dinheiro se escoa em pura perda por milhares de canaliculos insidiosos, com prejuizo da nação e das obras publicas. Eu, se fosse governo, suprimia os impostos anti-economicos que estão empobrecendo o país, e para compensar o desfalque das rendas tapava os buracos.

— Suprimia os "ladrões"...

— Exatamente. Com a simples supressão dos "ladrões", os saldos avultariam. Calculo em 200 mil contos o dinheiro escoado por esses canaliculos em cada ano fiscal.

— Duzentos mil, Mr. Slang? Não está exagerando? exclamei, incredulo.

— Falo com base. Um dos ultimos presidentes americanos, creio que Harding, fez isso na America do Norte. Depois da guerra o orçamento americano tambem se encheu de "ladrões". O desperdicio das rendas publicas tornou-se assustador e o presidente resolveu pôr-lhe o basta. Para isso escolheu um grupo de au-

xiliares honestos e mandou-os inspecionar em segredo todos os serviços publicos e anotar tudo quanto representasse desperdicio. A maquina administrativa foi assim revisada d'alto a baixo, sem que o funcionalismo o percebesse.

De posse dos elementos necessarios, o presidente operou os cortes e obturou os "ladrões". Sabe qual foi o resultado?

— Economias, está claro.

— Uma redução de 800 milhões de dolares nas despesas.

Levei tamanho susto que por um triz não caí de costas. Oitocentos milhões de dolares eram assopro violento demais para a minha fraca mentalidade de mil réis.

— Oitocentos milhões? urrei, com os olhos tão arregalados que, disfarçadamente, Mr. Slang chegou a tirar o fone do gancho.

Recaí em mim e disse-lhe, envergonhado:

— Não chame a Assistencia, por favor. Não é caso. Assustei-me, mas já passou. Oitocentos milhões! É dinheiro...

— E esse corte se operou sem o menor prejuizo dos serviços publicos, ao contrario...

— Sem o menor prejuizo! repeti arregalando de novo os olhos. Quer isso dizer que...

— Que se o nosso governo fizesse coisa parecida, os resultados seriam identicos. Só com a economia assim conquistada poderia o Brasil liquidar a sua dvida externa em breve numero de anos.

Continuei de olhos arregalados, absorto, a pensar naquilo. Mas as objeções acudiram-me logo.

— Lá tudo é possível, Mr. Slang. Que não fará um país que adotou a lei seca? Mas aqui? Um absurdo!

— Por que?

— Ha os direitos adquiridos.

— Já vimos o que isso vale e não consigo admitir que certas medidas de simples honestidade só possam ser aplicadas na America do Norte. Apesar de britânico, vejo o Brasil com melhores olhos do que a maioria dos brasileiros. Noto entre vocês uma descrença excessivamente generalizada.

— E temos razão para isso, gemi lembrando-me do quatrienio sinistro.

— Terão razões, mas não terão o direito de descer de do país. A boa vontade e o amor ao bem público operam prodígios.

— Sei disso. Mas a nossa mentalidade política se divorciou demais do bem público. Perdeu-o de vista. Só enxerga o bem pessoal.

— Não participo dessa descrença, meu amigo. Basta que um homem no alto creia no bem público para que os maiores milagres se operem. E isso é mais fácil no Brasil do que em qualquer outra parte, uma vez que a forma real de governo aqui é a de uma perfeita ditadura sob apariências constitucionais.

— Fácil dizer, Mr. Slang. Os obices são tremendos...

— Mas não insuperáveis. Não ha obices insuperáveis para a boa vontade. E eu já noto por cá um

começo de reviravolta na mentalidade. Conhece o vendeiro ali da esquina?

— O Ferreira, sei...

— Pois converso com ele ha anos e sempre o vi feroz contra os governos do Brasil, não admitindo hipótese de regeneração. Mas ontem estive lá e achei o meu homem mudado. Perdeu a carranca. Já sorri, coisa que passou os ultimos quatro anos sem fazer.

— “Que é isso, senhor Ferreira? Todo risonho...” disse-lhe eu.

O homem acabava de ler um jornal amarelo.

— “É que, ao que parece, as coisas estão com o seu jeitinho de mudar. Estes vétos parciais... Ha de crer que me tenho regalado com eles? Se continuam...”

— É o que dizem todos, observei. Ha um *se* de expectativa geral. Tudo está em que continue, porque o povo anda ceptico a respeito de vassouras novas. Todas varrem bem no começo. Qual a sua opinião intima, Mr. Slang?

— Eu de mim estou que as vassouras de boa piassava varrem bem de começo a fim. Em todo caso, espero. Tenho tido minhas desilusões. As mais das vezes a vassoura é boa, mas os amigos do lixo travam a mão do varredor.

— Continua o *se*, portanto... murmurei desconsolado.

Neste momento entrou a Dolly com a cesta de compras no braço. Deu-nos o *good evening* e passou.

— A Dolly, por exemplo, disse Mr. Slang voltando ao começo da nossa conversa. Dou-lhe para as despesas da casa metade do que dava á sua antecessora, e passo melhor. É uma Harding de saias, que supriu todos os “ladrões” deste meu lar de solteirão.

— Numa casa é facil, mas num país... adverti, ceptico.

— Se Harding fosse vivo discordaria da sua opinião, meu amigo. Ele foi a Dolly dos Estados Unidos e achou facilima a tarefa. São sempre faceis as tarefas que recebem o apoio da opinião publica.

— Mas teremos nós opinião publica?

Mr. Slang olhou-me surpreso.

— Boa pergunta! disse. Que somos nós dois aqui senão bocas da voz publica? E a esta hora pelo país inteiro milhões de bocas como as nossas estão a cochichar opinião.

— Cochichar, diz bem, Mr. Slang. E por isso os governos não a ouvem. Fala a coitada tão baixinho...

— Já começa a falar pela boca das carabinas. Dar tiro não me parece cochichadela, concluiu Mr. Slang.

Pus-me a arrumar as pedras no tabuleiro com um pouco mais de fé na nossa regeneração. O otimismo de Mr. Slang erguera-me o animo.

Nisso chegaram as folhas da tarde. Abri “A Noite” e procurei ansioso novas politicas de Minas. Achei-as. O homem que bombardeara S. Paulo fôra indicado para senador... Opinião! Opinião!...

XVIII

Do suplicio da senatoria

Passei uma semana sem subir á Tijuca. O estado de sitio chegara ao fim e o meu tempo era pouco para a leitura das folhas. Com que gana elas se desfarravam do longo periodo de arrolhamento, pondo de novo na rua os velhos adjetivos aferrolhados pela Censura!

Muita graça achei na volupia com que a expressão “negro burro” passou a rebolar-se no papel impresso — expressão que meses antes, cochichada que fosse, conduzia incontinenti ás geladeiras policiais. (1)

Subi, afinal. Encontrei Mr. Slang “respigando pitoresco” nas folhas da manhã.

— Sua safra de recortes deve ter sido abundantsima, disse-lhe eu. Os jornais andam agora de encher o olho.

Mr. Slang primeiro marcava a lapis azul os trechos a recortar. Depois metia a tesoura, quando não encarregava dessa tarefa a boa Dolly.

— Nem por isso, respondeu ele. Tem vindo á tona muito menos do que eu esperava.

— Pelo amor de Deus, Mr. Slang! Acha pouco?

— Não é que ache pouco. Um milesimo disto já punha abaixo uma situação na Inglaterra. Mas estou vendo que o grosso não transpirará.

(1) O chefe de policia do governo Bernardes fôra o Marechal Fontoura, que era mulato escuro. Daí ser proibido o uso dessa expressão.

— O grosso? repeti admirado. Haverá um grosso?

Mr. Slang sorriu com evidente piedade da minha “sancta simplicitas”.

— Tenho um amigo no Banco do Brasil, disse ele, que conhece a conta corrente secreta desse estabelecimento com o governo. Mostrou-me apontamentos — e se não me assombrei é que tenho quarenta anos de vida no Brasil.

— Mas não acha, Mr. Slang, que devia o novo governo publicar isso?

— Não. O novo governo está empenhado em por fim á revolução e não é lançando lenha ás fogueiras que se extinguem fogueiras.

— Não entendo...

— Se conhecesse a tal conta corrente entenderia. Não ha homem de sangue vivo que ao conhece-la não sinta impetos de ir incorporar-se aos revoltosos. Se o governo a publicasse, esse simples fato redundaria em tamanho aumento da coluna Prestes, que, babau! Lá se ia a legalidade. O governo novo é prudente. Não procura apagar incendios com jactos de gasolina.

— Mas os crimes não devem ficar impunes. Diz o brocado: *fiat justitia pereat mundus*. Faça-se justiça ainda que pereça o mundo.

— Ha uma ideia mais inteligente que a desse estúpido e cruel brocado e nessa ideia se assenta o moderno conceito de justiça. É a substituição do *pereat* pelo *floreat*. Faça-se a justiça para que prospere o mundo. Se de um ato de justiça redundar mal maior, essa justiça é injusta.

— Quer dizer que Mr. Slang defende a encampação pelo novo governo das deshonestidades do velho...

— Nem defendo, nem vejo encampação. Acho apenas que é sabia a politica do ponto final e consequente "vita nuova". Havia aqui numa chacara vizinha um monturo. Veiu um jardineiro inepto e o revolveu. A consequencia foi adoecer esse homem e ficarmos, eu e a Dolly, com ar empestado por dois dias. Um monturo, com ser revolvido, não deixa de ser monturo — e empesta. Além disso, dinheiro que vôle não volta mais.

— Essa sua teoria é comoda. Graças a ela desaparece do mundo a responsabilidade criminal.

— As minhas teorias decorrem das condições por assim dizer personalíssimas do ambiente brasileiro. Está claro que na Inglaterra eu não poderei pensar deste modo.

— Dois pesos e duas medidas...

— Certamente. Na Inglaterra ha, perfeita em sua formação, uma coisa que mal se esboça aqui — consciencia moral. Um crime lá é um crime.

— E aqui?

— Não ha crime em terra de consciencia moral em germen como aqui. O mesmo fato, tido como crime horrendo por uns, é louvado por outros. Não ha crime no Brasil. Matar, desviar dinheiros publicos, bombardear cidades ou saquear são atos que ainda não constituem crime no Brasil. O crime brasileiro, por enquanto, é um só: dissentir do governo.

— Realmente! exclamei. É esse o crime imperdoável e o que recebe todos os castigos. Conheço um sujeito que roubou, matou um homem e violou tres me-

ninas. Nada lhe aconteceu. Mas votou no Nilo Peçanha e foi morrer de febres na Clevelandia...

— O seu exemplo justifica muito bem a minha tese. A consciencia moral brasileira ainda está nos primordios da formação. Estado caotico, periodo da pedra lascada, quando muito.

— Compreendo, comprehendo... É por isso que em São Paulo a simples constituição do Partido Democratico é vista como um crime.

— Pois sem duvida! E dos crimes imperdoaveis. O bugre inda vos lateja sob o paletó saco, meu amigo. Ha a ficção republicana por cima, uma roupa-feita. Por baixo estão Cunhambebe, Zumbi e Pina Manique.

— Vá que seja assim, Mr. Slang, mas em todos os países observo malversão de dinheiros publicos e abusos do poder. Nem a sua Inglaterra escapa.

— O homem que Maquiavel e Hobbes definiram é o mesmo em toda parte, na Groenlandia ou em Paris. Mas nos povos de consciencia já formada existe, para contrabater o crime, o castigo.

— Para os pequenos. Os grandes escapam sempre.

— Warren Hastings era grande e não escapou. Conhece-o?

— Já li o ensaio de Macaulay a seu respeito.

— Macaulay julga-o com muita serenidade. Primeiro governador das Indias, Hastings portou-se como um heroi na guerra contra os franceses. Subjugou os rajás e consolidou a dominação britanica, anexando territórios e criando os alicerces que até hoje nos asseguram a posse desse opulento pedaço da crosta terrestre. Um conquistador, em suma, e ao molde dos que se

tornam idólos nacionais. Mas Hastings abusou do poder. Supliciou indígenas, extorquiu dinheiro aos rajás, impôs tributos iníquos e com estas brutalidades ergueu contra si a consciência moral da Inglaterra. Macaulay descreve o terrível processo a que o submeteram e que durou quasi um decenio, arruinando-o. Sheridan, Fox e Burke se celebrizaram pelas suas arengas no Parlamento contra o herói nacional. Foi absolvido, mas ficou à margem. Nenhum governo teve o topete de dar a mão ao condenado pela consciência pública. Embora reconhecido como um dos maiores homens que ainda produziu a Inglaterra, o obreiro máximo da sua grandeza colonial, era para a opinião um criminoso e jamais foi perdoado. Viveu o resto de sua vida no retiro de Doylesford, a expensas da Companhia das Índias, pela qual muito fizera. E isto em 1700 e tantos. Quer dizer que nessa recuada época já estava cristalizada a consciência moral da Inglaterra.

— É, mas... e nos outros países? O que houve na França contra Dreyfus...

— Lembre-se que Dreyfus foi rehabilitado.

— Na Itália...

— Não fale na Itália de hoje. Está revolta, com os dedos de uma possante manopla a lhe apertarem o gasnete. Mas na Itália constitucional existe o caso do ministro Nasi.

— O que subvencionava jornais...

— Sim. E que foi pilhado mandando pagar 30.000 liras a um. O escândalo explodiu. Nasi foi processado e condenado. Cumpriu pena e não mais se rehabilitou na opinião pública.

— Trinta mil liras! Dez contos de réis! Que ninharia... Dez contos aqui um ministro dá por uma ordem telefonica ao banco e não acontece coisa nenhuma. Diz bem, Mr. Slang. No Brasil não ha crime. Não ha penas, não ha punição. Um homem de estado pode fazer tudo, porque coisa nenhuma lhe acontece...

— Acontece, sim, contraveiu Mr. Slang.

Olhei para ele de olhos arregalados. Estaria bobo o meu inglês?

— Os Warren Hastings daqui são castigados com um castigo inedito...

Percebi a ironia e antecipei-a:

— Com a senatoria, não é? (1)

Mr. Slang fez um muxoxo muito divertido e concluiu:

— Cada povo possue os seus instrumentos nacionais de castigo. Havia ou ha o knut na Russia. Ha o castelo de Monjuich na Espanha. Na Turquia houve o empalamento. Se são tão pessoais os povos no invento dos seus castigos, que muito é que o Brasil crie o seu?

Pus fim á conversa. Quando Mr. Slang “bernardshawisava”, eu desconversava...

XIX

Das elites

Na tarde seguinte, ao esperar na Avenida o bonde que me levaria á Tijuca, avistei Mr. Slang parado de-

(1) O ex-presidente Bernardes foi eleito senador.

fronte a uma vitrina. Era a primeira vez que nos encontravamos na cidade.

— Que novidade é essa? exclamei conjuntamente com o aperto de mão.

— É que parto amanhã para Hong-Kong e vim despedir-me da cidade, foi a sua resposta.

Assombrei-me. Aquele homem partia para a China como nós partiamos ali para a Vista Chinesa, sem aviso previo, sem atroar os ouvidos do mundo com o brasileiríssimo grito de guerra: “Vou para a Europa, sabe?” Viajar para Mr. Slang era coisa tão comezinha como tomar um café expresso...

— E qual o motivo, Mr. Slang, da sua fuga, se não é indiscreção?

— Cansaço do Brasil.

— Detesta assim o nosso país?

— Ao contrario, adoro-o, e para o meu estudo sobre o parasitismo não creio que haja no mundo campo melhor...

— Sempre a cobaia...

— Mas como tudo cansa, costumo periodicamente descansar do Brasil. O ano passado descansei do Brasil na Suecia e cansei-me logo da Suecia. A ordem que lá reina é excessiva, meu caro. Mata o pitoresco. Ao cabo de tres semanas voltei, saudoso deste maravilhoso eden dos imprevistos.

— E por que se retira, então?

— Está me parecendo que daqui por diante, com o governo novo, vai o Brasil normalizar-se. Volta o império da lei, do bom-senso e da justiça. Ora, isto destroi o pitoresco social que cá me trouxe.

Que alma satanica possuia aquele homem! As nossas desgraças é que o retinham por cá. Achava-as pitorescas...

— Ordem e justiça, continuou Mr. Slang, só me interessam no Imperio Britanico. A America do Sul quero-a como sempre a tive: convulsa, facinorosa, isto é, pitoresca. E já que se pretende instalar aqui a ordem, mudo-me. Ordem por ordem, tenho a inglesa, que é de pedra e cal e não momentaneo acaso politico.

— Mr. Slang esqueceu-se de que a revolução ainda não acabou. Prestes continua a revolver os sertões.

— Só me seduz a desordem urbana, aqui no centro, bem visivel e observavel do meu Alto da Boa Vista.

— E não volta ao Brasil?

— Pode ser. Tenho muitas esperanças na reeleição, para o futuro quatrienio, do meu velho amigo Bernardes. Se tal se der, está claro que voltarei. Considero-o um dos mais interessantes casos biologicos da humanidade contemporanea e por forma nenhuma perderia um novo governo seu. Infelizmente vejo que contra ele se avoluma uma corrente de odios, com força talvez de impedir-lhe o retorno ao poder. O Brasil não comprehende ainda o singular valor dos homens “revolvedores”.

— Está aí uma especie que jamais vi classificada por nenhum Linneu da sociologia.

— Chamo assim aos homens que d'alto a baixo revolvem a sociedade. Pedro I foi um revolvedor — e note que lindo de pitoresco e imprevisto nos saiu o seu reinado! Já o filho, Pedro II, burocrata sabio e virtuoso,

não revolveu coisa nenhuma. O Brasil lhe deve apenas meio seculo de sensaboria. Caligula foi um revolvedor. Napoleão outro.

— Que mistura, santo Cristo! Chego até a achar criminoso o seu ponto de vista puramente estetico, Mr. Slang.

Notei que Mr. Slang não me ouvia. Estava enlevado num onibus que passava á toda. Atrair-lhe-ia a atenção algum passageiro com a cabeça de fóra? (1) Havia evidentemente um certo sadismo no ponto de vista estetico de Mr. Slang...

Pusemo-nos a andar e enquanto andavamos desabafei. Eu tinha muitas coisas a dizer áquele frio leitor de Bernard Shaw. Muito ofendera ele, em nossas conversas, a minha aguda suscetibilidade de brasileiro patriota. Não podia, pois, raspar-se para a China sem ouvir-mas, e boas.

— Mr. Slang, comecei, a sua injustiça no julgar-nos deixou-me com um peso n'alma. Não somos o povo que o amigo pensa. Dentro de nós ha uma alma que o estrangeiro jamais compreenderá, e em materia de honestidade, juro-lhe, não ficamos a dever ao mais sardento britanico. Os nossos homens publicos são mais honestos do que os jornais dizem. O assalto ao Tesouro é menor do que parece. Como exageramos, como proclamamos e damos vulto a acusações levianas, julgam-nos mal os de fóra, mas ha nisso um evidente erro de perspectiva, como vou provar.

(1) Dias antes um passageiro de onibus pusera a cabeça de fora e a teve arrancada por outro vindo em sentido contrario.

E fui provando até á primeira esquina, onde nos detivemos proximos de dois sujeitos que estavam por ali a conversar em voz baixa.

— “Fez muito bem, dizia um. Se você não tirasse, outro tirava. Dinheiro de governo é como nota perdida na rua. Se quem passa primeiro não péga, outro péga...”

Mr. Slang, que não havia respondido á minha tirada patriotica, limitou-se a um olhar de malicia. Corei até á raiz dos cabelos e arrastei-o para diante.

— Outra censura descabida que comumente nos lançam em rosto, prossegui, é a nossa falta de conciencia moral. Temo-la, porém, e já em muito adiantada cristalização. Acatamos os direitos alheios, respeitamos a personalidade humana, talvez tanto como na Inglaterra. Ha abusos, não nego, mas que acabam punidos. Não nos devemos deixar arrastar pela grita dos orgãos amarelos. São jornais de oposição, sistematicos no aleive e na calunia. Mais de metade do que narram a respeito de violencias das autoridades não passa de puro exagero... e fui por aí além até á segunda esquina, onde paramos pela segunda vez.

O arteiro acaso quis que tambem ali estacionassem tres investigadores policiais, tipo secretas, em regalada troca de impressões.

— “Ele protestou que era inocente, dizia um, e alegou que não tínhamos prova. O doutor delegado mandou passar-lhe a borracha e tranca-lo nú na geladeira. Um advogadinho aí qualquer requereu habeas-corpus e o juiz pediu informação. O doutor delegado piscou o olho e oficiou que não sabia onde estava o reu.

E eu ferrei-lhes duas duzias de bolos, dos bem puxados...”

Segundo olhar malicioso de Mr. Slang e segunda onda de sangue no meu rosto. Arrastei-o novamente para longe daqueles miseraveis, e pelo caminho lhe fui dizendo:

— A ralé inda não possue formação moral. Muito misturada e sem cultura. Mas num povo valem as elites, e quanto a estas não ha negar que já as temos bem apuradas. Duvido que na orgulhosa Britania haja uma nata mais bem formada que a nossa, mais ardente de patriotismo e rica de abnegação.

E fui por aí afóra até á terceira esquina, onde pela terceira vez paramos. Mr. Slang ouvia-me sem nada dizer. Percebi que desta vez o convencera ou pelo menos abalara algum juizo temerario que a respeito das nossas elites viçasse em sua conciencia. Mas de subito vi caminhando em nossa direção um grupo de tres senadores, um dos quais jogava pocker com seis cartas. Senti um calafrio percorrer-me o corpo e, antes que a palestra dos tres expoentes da nossa nata politica chegassem ao alcance da apurada audição de Mr. Slang, agarrei-o pelo braço e meti-o num automovel.

— Vá para a China, Mr. Slang, vá deleitar-se com a desordem que está infernizando o ex-Celeste Imperio. Mas vá convencido de que a nossa elite salva-se.

Mr. Slang não sorriu. Apertou-me a mão de um modo efusivo e disse apenas:

— Não se aflija, meu amigo. Eu creio na existencia de uma elite moral no Brasil. Apenas admito que está

arredada da sua função organica. Está á margem, á espera de que a chamem. Uma reserva por enquanto — mas uma bela reserva, creia.

Respirei e tive impetos de beijar Mr. Slang.

XX

Dos trinta homens

Fui ao bota-fóra de Mr. Slang. Penetramos juntos no navio e ficamos longo tempo debruçados na amurada, assistindo ao movimento de embarque.

— Está vendo aquele homem baixote e gordo, vestido de casemira cinza? perguntou-me ele em certo momento.

— O que está proximo ao guindaste?

— Sim. Conhece-o?

— Não; só de vista.

— Pois é um dos homens-força deste país. Por falar em força: quantos homens calcula você que possue o Brasil?

A pergunta pareceu-me ingenua. Não obstante, respondi:

— Metade da população total do país, uns quinze milhões, sem dúvida.

Mr. Slang filosofou:

— As estatísticas erram psicologicamente. Contam como homens apariências de homem, burocratas da biolo-

gia. No Brasil, pelos meus calculos, haverá uns trinta homens.

Ri-me. Vinha paradoxo pela certa.

— Trinta só, Mr. Slang?

— E acha pouco? No mundo inteiro não haverá mais de dois mil homens, talvez nem mil. Por homem entendo unidade de força social construtora, elemento propulsivo, engenheiro do dia de amanhã. Animal muito raro. Apesar disso, ou muito me engano ou esse homem gorducho é um dos trinta do Brasil.

Cravei os olhos no ser prodigioso que era unidade em tão restrito grupo.

— Chama-se Belisario Pena, continuou Mr. Slang, e é o engenheiro que tomou á sua conta a construção da saude do Brasil. Um perfeito apostolo. Tem feito tamanho bem á sua terra e o fará ainda tanto que — escreva o que vou dizer: acabará na Clevelandia.

— Hom'essa! Que premio horrivel foi Mr. Slang descobrir para um homem de tal benemerencia!...

— Sei da vida, meu amigo. Os apostolos, os construtores do amanhã, acabam sempre em Clevelandias. Isto desde Jesus.

— Quer dizer que nos nega o mais elementar sentimento de justiça...

— Não nego coisa nenhuma. Mas acontece que os homens deste tipo se queimam nas proprias chamas. São sarças perpetuamente incendidas e portanto impolíticas. Falta-lhes o senso pragmatico do instante em que vivem. Olham demais para o futuro. Enxergam muito longe e tropeçam. O comodismo do presente, incomodado, sempre perseguiu os "visionarios".

— No entanto, eles vencem...

— Vencem, ou antes, fazem que vença a ideia que os apaixona. Mas pagam a vitoria com a vida. É de todos os tempos e de todos os povos.

— Mas que fez esse Belisario Pena até hoje?

— Revelou ao país o seu estado de doença. Demonstrou que ha no Brasil 70% de criaturas bichadas pela verminose. Provou que em trinta milhões de criaturas ha mais de vinte milhões de inutilizados, sombras de gente, cadaveres vivos, mero pasto de bichos gordos e satisfeitos.

— Que horror! exclamei. Esses numeros me abatem de tal forma o animo que sinto impetos de um mergulho mortal aqui na agua do porto.

— Não faça isso, respondeu com bonhomia Mr. Slang. Além de perturbar a doçura desta manhã tão boa, iria espantar aquelas pobres sardinhas que ali estão em inocentes cardumes.

A agua do porto, batida de sol, deixava ver centenas de peixinhos prateados, em "dolce" e descuidosa natação. Teria Mr. Slang alma de S. Francisco de Assis e no meu suicidio só veria realmente o susto da população aquatica?...

Transferi meu trespasse para melhor momento e perguntei-lhe:

— E os outros vinte e nove homens dos trinta que possuimos? Quem são eles?

Mr. Slang vacilou.

— A resposta não é facil e tenho receio de que minhas previsões não obtenham o selo da confirmação.

Todavia parece-me provavel que o capitão Prestes possa ser enumerado como um deles.

— Oh, um revoltoso! exclamei com repugnado acento legalista. Um inimigo da ordem...

Mr. Slang redarguiu com socratica serenidade.

— Esta divisão entre revoltosos e legalistas é das mais precarias e muito me espanta ve-la em sua boca — ou na de qualquer outro brasileiro. Noto a vossa linda cidade cheia de estatua de revoltosos. No palacio da Camara vejo a estatua de Tiradentes, um revoltoso; vejo a de Deodoro, outro revoltoso; vejo a de Benjamim Constant, outro revoltoso. Na Avenida vejo a estatua de Floriano, outro revoltoso. Vejo ainda a estatua de Pedro I, outro revoltoso contra a legalidade da epoca. No largo de S. Francisco temos a de José Bonifacio, ainda um revoltoso. Aquela ponte que liga o continente á ilha das Cobras recebeu o nome de Alexandrino de Alencar, outro revoltoso. Quando venho da Tijuca passo pela rua Frei Caneca, outro revoltoso. Entre os feriados nacionais vejo o 21 de abril, homenagem aos revoltosos de Minas; vejo o 24 de fevereiro, comemorativo da Constituição, isto é, da carta politica resultante da revolta militar vencedora a 15 de novembro; vejo o 7 de setembro comemorativo de outra revolta vitoriosa. E vejo ainda o 14 de julho. Não contente de homenagear as revoltas caseiras, o vosso país exalta as de fóra e dá feriado no dia em que a plebe de Paris, revolta, destruiu a Clevelandia de Luiz 16. Esta singular glorificação da revolta por meio do bronze, da pedra, da placa de rua e da vadiagem obrigatoria, parece-me con-

traindicar esse focinho mégalista (1) que o meu amigo acaba de fazer ao ouvir o nome do capitão Prestes.

Era irresponsável aquilo. Mr. Slang, até no momento de partir, arrolhava-me à força de lógica. Mas resisti, e queimei os últimos cartuchos da minha pobre dialética.

— Tudo depende da causa da revolta. Se é nobre, está claro que se justifica.

Mas o filósofo saiu-me à frente com a rolha final.

— Apenas a vitória justifica, meu caro. Entre Isidoro e Deodoro só há uma diferença: um venceu e o outro não. Fora daí só vejo sofismas.

O navio apitou. Ia zarpar. Abracei Mr. Slang, deveras comovido e já saudoso da nossa amável convivência. Muito lucrara minha cabeça com a sua placida ideologia, tão isenta de paixão transviadora.

— Nunca mais então, Mr. Slang?

— Quem sabe, meu caro amigo? O uso do cachimbo deixa a boca torta. Tenho quasi meio século de residência no Brasil, com fugas para o estrangeiro que não somarão mais de seis anos continuos. Vou ver a China e talvez Nicarágua. A China está se desopilando de um modo muito pitoresco.

— Desopilando? repeti sem compreender.

— A opilação da China não é como a dos brasileiros rurais. Opilou-se, não de ancilostomas mas de europeus. Infiltraram-se-lhe no corpo como sanguessugas, e tanto lhe roeram o duodeno que ela está hoje em regi-

(1) O povo, no quadriénio Bernandes, chamava “mé” (o mé dos carneiros) aos que apoiavam o governo e diziam amém a tudo. O próprio presidente ficou com o apelido de “Seu Mé.” A palavra “megalista” em vez de “legalista” é invenção do autor.

me de xenicidas. A revolução chinesa não passa de movimentos convulsos para deitar fóra os europeus aferados á mucosa amarela.

— Ingleses, sobretudo... murmurei.

— Sim, ingleses, americanos, alemães. O parasitismo, já disse, é a lei da humanidade, e a revolta constitue o timol competente. Vou observar “de visu” como a China aplica o seu timol contra os europeus.

A campainha de bordo soou. Abracei Mr. Slang pela terceira vez.

— Adeus, caro amigo, disse-me ele. Fique a sondar os acontecimentos. Se por acaso verificar que o nosso homem (1) inda pode subir ao Catete, escreva-me, que precipitarei a minha volta. Ele trará de novo a revolução. Adeus!...

Desci. A escada foi recolhida e o belo paquete moveu-se lentamente.

Fiquei no cais, de lenço na mão e lagrima no olho, a acenar para o meu inglês da Tijuca até que o barco se sumiu ao longe.

Gaiotas adejavam no azul, com repentinhas descaidas para fisgadelas do peixe incauto.

Junto ao muramento do cais, a agua, translúcida do sol, deixa entrever cardumes das imperturbadas sardinhas de Mr. Slang.

Tomei um bonde e remergulhei-me na cidade dos monumentos a revoltosos, calculando de mim para mim onde iria erguer-se em anos futuros a estatua do marechal Prestes...

(1) Artur Bernardes.

Nota final

Os meus debates com Mr. Slang não se cifraram aos temas desenvolvidos nestes vinte capítulos. Dariam cem, talvez cento e vinte, se os fosse a todos fixar. Mas aonde iríamos?

Sobre o exercito e a marinha, por exemplo, o nosso debate se prolongou por duas semanas, e não resisto á tentação de expor mais alguma coisa do que lhe ouvi.

Lembro-me de uma visita que fiz ao couraçado "S. Paulo" a convite do comandante Frederico Vilar, em companhia do Fernão Dias carioca, esse admirável Porto d'Ave, e mais um grupo de néo-bandeirantes do Brasil. (1) Voltei de lá cheio de entusiasmo ante o maravilhoso estado de conservação do velho *dreadnought* e á noite subi á Tijuca para despeja-lo sobre o cepticismo do meu inglês implacável.

Encontrei Mr. Slang recortando um aerograma do tenente aviador Netto dos Reis, piloto insigne e fervoroso propulsor da aviação entre nós.

— Mr. Slang, fui logo dizendo de cara, acabo de visitar o "S. Paulo" e venho cheio de argumentos contra o que o amigo disse da nossa marinha.

O fleugmático britânico continuou a manobrar a tesoura e, sem erguer os olhos do serviço, apenas disse:

— Vejamo-los.

(1) Socios do Clube dos Bandeirantes, de que era presidente Porto d'Ave.

Contei-lhe o que vira. O meu rapido encontro com o almirante Souza e Silva, um valor tecnico, sereno e frio, dos que demonstram a superioridade ao menor gesto. A admiração que me causara a figura singela do capitão Anfiloquio dos Reis, intelligentissimo e senhor do seu comando como poucos. A ordem perfeita, o asseio meticuloso, o respeito a um velho e sabio regulamento, que não sofre na sua entrosagem a minima alteração a não ser que venha indicada pelo evoluir natural das coisas e comprovada pela experienca no sentido de um maior rendimento util. Falei dez minutos com um entusiasmo muito irmão do com que o capitão Vilar, esse dinamo de patriotismo, sabe influir nos que o ouvem. E ao cabo, quando julguei que Mr. Slang ia voltar contra mim o canhão da sua contradita, eis que com assombro o ouço dizer:

— Sei disso e reconheço que não ha nenhum exagero em suas palavras. Dou-me com o almirante Souza e Silva e faço-lhe a justiça de o ter como digno de ocupar posto equivalente na marinha britanica. Dou-me tambem com o comandante Anfiloquio e duvido que algum capitão ingles traga o seu navio nas condições do "S. Paulo" e goze de tanto respeito e amor da guarnição. Tambem conheço o comandante Vilar, cuja notabilissima obra sobre a pesca e educação dos pescadores me parece das mais sérias que ainda se fizeram neste país. Além disso, admiro na marinha o espirito de dedicação e o nobre culto ao dever que a distingue. No Club Naval vejo em todos os andares o retrato de Saldanha da Gama, o almirante perfeito, cuja memoria a marinha vem cultuando com uma ternura enternecedora, e nos navios

noto o retrato de Marcilio Dias, o heroi humilde que é uma lição para todos os jécas da maruja.

— Então como nega eficiencia á nossa marinha?

— *Piano, piano...* Acho apenas que ela não possue o essencial a uma perfeita marinha. Não possue um aparelhamento sempre ao nível dos progressos rápidos que faz a arte naval — culpa que não lhe cabe, todavia, e sim a uns tantos governos ineptos e descuriosos que o país tem tido. Governos que brecam a marinha, lhe entorpecem o ardor, procuram burocratiza-la. Que vale ser bom atirador, se a arma é a picapau?

— Os governos nunca têm dinheiro e sem muito e muito dinheiro não pode um país conservar sua marinha ao nível dos progressos incessantes que o navalismo faz. A culpa não cabe á marinha.

— Perfeitamente. E por isso condeno a conservação onerosa do aparelhamento existente e o incluo no caso geral de parasitismo. Por melhor que a marinha conserve os atuais navios, de que vale isso, se estão todos atrasados de um quarto de hora? Na guerra vence quem chega primeiro, quem atira primeiro, coisas que só conseguem os que andam em dia com a evolução das armas.

Canhão que só alcança cinco milhas, por mais bem tratado que seja, e por melhor que seja a pontaria dos seus atiradores, vale tanto como um pedaço de pau — se defronta outro que alcança dez milhas. Ora, parece-me tolice conservar máquinas atrasadas, de ineficiencia evidente e reconhecida por todos os bons cerebros de que a marinha dispõe.

— Mas como proceder, se não temos dinheiro? Como substituir nossos velhos couraçados, se um *dreadnought* custa hoje 400.000 contos e vivemos nesta miquia eterna que Mr. Slang sabe?

— Exatamente por isso preconiso o avião, que é a arma do pobre. Couraçado é hoje arma de povo rico ou de povo que tem metalurgia e pode construi-lo em casa. Os dez milhões de libras que a Inglaterra gasta num couraçado ficam-lhe todos em casa. O dinheiro sai do povo, passa pelas mãos do governo e volta ao povo. Não ha sangria. Mas aqui? Como nunca ha dinheiro, fazem-se navios com dinheiro tomado de emprestimo e o custo deles se escoa inteiro em troca de ferro que enferruja, atrasa-se e perde todo o valor como arma muito antes que seja amortizada a quarta parte do emprestimo respectivo. Ora, isto cheira-me a absurdo, não acha?

— Como fazer então? Permanecermos inermes?

— Não. Apenas pensar em armas que estejam ao alcance do país, deixando as armas dos países ricos para os ricos. Além disso, o couraçado já teve a sua época. Desde que apareceu o submarino começou a sua decadência e hoje, depois do avião, está irremediavelmente morto. O elefante é uma fragil coisa, se o ataca uma nuvem de moscardos bombardeadores. A era dos grandes navios passou, e conserva-los, com desconhecimento disso e desprezo pela arma nova que os vem substituir, é preparar momentos tristes para o futuro.

— Mas a Argentina, unico inimigo provável com que temos de contar, tambem possue couraçados.

— Sim, mas sempre em dia, sem o tal atraso que caracteriza os seus equivalentes no Brasil. Apesar disso a Argentina, mais previdente, já criou a sua nuvem de moscardos. Possue numeroso corpo de pilotos e numerosos aviões. Trezentos pilotos e outros tantos aviões terá ela.

— E nós?

— Uns quarenta pilotos, dos quais nem um só treinado em guerra. Quanto a aviões em estado de voar, haverá dois ou tres. O resto, em desmantelo, enferruja-se nos hangares e só serve para onerar o orçamento e fazer numero.

— É tragico isso que me está dizendo, Mr. Slang.

— Por enquanto, apenas curioso, respondeu ele; mas não nego que poderá tornar-se tragico um dia...

SEGUNDA PARTE

O P I N I Ó E S

Psicologia do jornal

Antes de iniciar sua colaboração n'O JORNAL" M. L. filosofa sobre a psicologia ou feição dos jornais. Isso em 1926.

Convidado a escrever n'O JORNAL, confesso que vacilo. E enquanto vacilo, ouço o filosofar sensato da pena. Estas humildes obreiras do pensamento, de tanto lidar com ideias aprendem a julgar-lhes o jogo de xadrez. E quando o cerebro se exalta, explue lava eruptiva ou desarrazôa, elas emperram e saem-nos com sensatíssimos conselhos.

— "Piano", amigo. Olha a feição do jornal...

A pena é mulher, e dotada, portanto, do bom senso pratico das mulheres — as iletradas, que não fazem versos. E não erra quem segue o conselho do que é mulher. Este, por exemplo, relembrativo da feição do jornal, é sabio como a propria sabedoria.

Cada folha tem sua feição personalissima. É como o tom maior ou menor das musicas, esta linha mental que afina o orgão inteiro, do artigo editorial á mais simples noticia. Se fogem do tom, da linha, ai da musical ai do jornal! Auditorio e publico, chocados, torcem o nariz, resingam e acabam pondo o chapeu na cabeça.

O jornal é uma casa de pasto, com quitutes de ideias e arranjo de pratos diarios com o tempero ao sabor dum paladar que não muda. Freguês de jornal é como freguês de restaurante. Adquire habitos gastronomicos, serios e respeitabilissimos. Se o jornalista, levado pela veneta ou por humores extravagantes perde o ponto de bala, dá sal demais ou mete banha de lata no que requer manteiga, arrisca-se a um "Idiotal" desconcertante e á perda dum freguês. Isso porque não ha publico: ha publicos, partidos, facções, gente afim em materia de exigencias mentais, tom, timbre, estilo, temas e até disposição tipografica.

Agremiam-se lentamente em torno da folha que melhor lhes vai com o diapasão, afazem-se á sua mesmice, e a ela identificam-se. Nada evidencia melhor este fato do que a observação dos leitores dos velhos orgãos. Chegam a abdicar do pensamento proprio, e esperam, para formar opinião, que lá se manisfeste o seu mentor de papel e graxa.

— A peça de ontem? Fui assisti-la, mas não sei se é boa ou má. Inda não li o "jornal"...

Não dizem os jornais. Singularizam, porque opinião decisiva ha uma só, a do seu jornal. Os outros...

Daí jornais de todas as cores e feitios — amarelos, rubros, cízentos; escritos com cordite liquida ou mel rosado; vestidos á ultima moda ou capistranescamente; sisudos ou brincalhões; honestos ou canalhas. Diz-me que jornal lês, dir-te-ei que bisca és.

Na Inglaterra celebrizou-se a feição imutavel do "Punch". Passassem os decenios, estraçalhassem-se as nações, criasse novas manchas o sol — o "Punch" não

mudava — e isso dizia muito alto do encoscoramento conservador da mentalidade inglesa. Pois o "Punch" um dia mudou! Anda agora de frontispicio novo, e todo gamenho das suas reformas internas.

Sintoma ultra serio do traumatismo mental ocasionado pela grande guerra e sinal, sobre todos grave, de fim de um mundo.

Pois que mudou o "Punch", adeus equilibrio de até aqui! A ordem velha naufraga. A Russia de Lennine vencerá. Incapazes de compreender a significação gravíssima do fato, os punchistas irredutíveis, clã vindo de pais a filhos com uma reforma de assinatura no orçamento caseiro, andam de focinho torcido e tristes. É que pressentem a seriedade do caso.

Entre nós um jornal houve especializado em asneiras. Duas ou tres, gordas, cabeludas, e uma duzia das miudinhas, temperavam-lhe a materia diaria, á guiza de azeitonas e pasteis. Assim prosperou. E chovesse ou fizesse sol, fossemos monarquia de Pedro II ou republica hermetica, nunca deixou de servir a gulodice da praxe. Certo dia um secretario novo deu de reformar o cardapio, suprimindo as azeitonas. Pois o publico percebeu, deu-se como lesado, murmurou, e passando da murmuração á boicotagem indicou no termometro da caixa o grau da sua desaprovação. Apavorada com a queda das rendas, a empresa pôs no olho da rua o tal secretario e fez voltar o homem das azeitonas. O publico serenou e tudo correu daí por diante como no melhor dos mundos possíveis.

Este fato tem sua explicação psicologica. Mostra a complexidade da vida, e como até a asneira é elemen-

to da harmonia universal. Fornecendo-a diariamente, a granel, aquele orgão dava aos seus fregueses um meio pratico de se demonstrarem, pelo contraste, que eram eles uns alhos. Ao topar uma cabeluda, diziam gozosos:

— É idiota este jornal! e riam o saudavel e confortante riso da superioridade mental provada.

Para conquistar o seu publico jogam os jornais com dois elementos: tempo e constancia de atitude. Confirma-se aqui o adagio: pedra que muito mexe não cria limo. Sem esta adoção duma cara ou mascara fixa, seja ela qual for, impossivel criar o limo que torna o jornal vivedoiro. Se muda de cara duas ou tres vezes, está irremediavelmente morto. O publico — o limo — afasta-se, murmurando: “Ventoinal”

Mudar nem para melhor, porque bem ponderado não ha melhor nem peor. A verdade não existe, a vida é uma irisação, e tanto está certo Rui como Seabra. Tudo varia com o ponto de vista. O Rio é um para quem o vê da Avenida; é outro olhado da Praia Vermelha; e do alto do Pão, quatrocentos metros apenas acima do mar, não é mais nem um nem outro, e sim um quadro da natureza, uma simples paisagem. Afirmar que o verdadeiro Rio é este ou aquele é de otima politica para o partido em que formamos — mas nada filosofico. Pelo menos é isso o que nos ensina o filosofar da pena, fiel companheira por cujo bico escorre toda a sabedoria humana. E não só a sabedoria como a sandice, o que dá na mesma, polos que são, sabedoria e sandice, do mesmo mundo, o cerebro. Daí o prognostico dos jornais. Afirme cada um o que bem saiba ao seu limo,

e nada de vôos planados pelo eter da filosofia pura onde mora a Dúvida — certeza unica, mas de perigosissimo uso cá embaixo. Jornal assim, só de filosofos seria entendido, e de mais ninguem. Quer isto dizer que nem um só leitor teria porque os filosofos ignoram a existencia dos jornais. E quando apanham um é para dar-lhe emprego muito diverso do visado pelas empresas, chegando até a filosofar sobre o maravilhoso que seria se por acaso pudessem vir em branco.

Audiencias publicas

Quando o Presidente Washington restabeleceu as audiencias publicas suprimidas no governo anterior, M. L. pôs em relevo a ação profilatica desse contacto do chefe do estado com o publico.

Muito se tem louvado, á boca pequena e na imprensa, o restabelecimento pelo novo Presidente da velha praxe das audiencias publicas, tão respeitadas pelo cada vez mais saudoso D. Pedro II. Chamam-lhe “praxe democratica” e por isso louvam — embora seu verdadeiro merito não seja esse.

Que é uma audiencia publica? Contacto semanal do apice da piramide com a base, do diretor supremo com o humilimo dirigido.

E quais as suas consequencias? Aparentemente, solução de uns tantos casinhos pessoais; na realidade profilaxia de maravilhosos efeitos.

Todos nós temos na vida uma só coisa que nos interessa: o nosso problema pessoal. O Brasil, como povo, significa um bloco de 30 milhões de problemas pessoais que intentam resolver-se — e se resolveriam muito bem, visto como a criatura humana é engenhosissima nesta matematica, se não intriessem dois fatores anomalos — abuso das autoridades e reflexos inconcilia-

veis da má organização politico-social. Mas os fatores anomais intervêm e o problema pessoal encrenca-se, tornando-se "um caso". Ora, como no Brasil o arbitrio da autoridade virou regra e a organização politico-social é perto de monstruosa, podemos afirmar sem medo de erro que os 30 milhões de problemas pessoais que somos equivalem a 30 milhões de casos pessoais.

A media das pessoas atendidas em cada audiencia semanal é de sessenta; quatro anos de audiencias publicas significarão, portanto, 11.520 casos resolvidos.

É pouco. É praticamente igual a zero.

O valor das audiencias, todavia, não reside na sua escassa função terapeutica. Reside na ação profilatica. O simples fato das autoridades, cevadas no arbitrio, saberem que o chefe da nação atende aos queixosos, como no tempo daqueles imperantes *debonnaires*, Henriques Quartos e Pedros Segundos, leva-os ao abandono do mau regime e à volta automatica ao regime da justiça. E milhões e milhões de problemas pessoais entram a resolver-se por si mesmos, pelo jogo natural dos interesses e das limitações da lei. Eis como, com a simples instituição ou restauração das audiencias publicas, o senhor Washington Luis passa a contribuir mais para a boa ordem das coisas do que com mil quilometros de telegramas morais e civicos — dos que os destinatarios recebem com piscadelas de olho, a murmurarem de si para si — Que pirata!

São as audiencias o meio pratico que a experiençia politica dos povos encontrou, seja em monarquias, seja em republicas, de fazer o chefe do Estado agir por catalise, isto é, por ação de presença.

Além desta possue outro efeito de não menor importancia: por ás vistas do chefe certos aspectos humanos deplorabilissimos, consequentes á viciosa organizaçao social. O mendigo que lá aparece diz que ha mendicancia e fa-lo refletir nos meios de minora-la ou sana-la. O opilado que o presidente recebe o conduz a meditar nas endemias que se alastram nas zonas rurais — e a dar atenção ao eterno clamor dos apostolos ao tipo de Belisario Pena.

Mas se o chefe se tranca, ao modo de um Dalai Lama, e só deixa que os rumores do mundo lhe cheguem aos ouvidos por meio de uma côrte celeste de espiritos santos de orelha?

Dizia-nos ha pouco um fiscal da Prefeitura:

— O Dr. Alaor não é má bisca, mas não sabe do que se passa. Tranca-se no gabinete, como um Deus, e só conhece dos fatos através dos santos da secretaria. Estes santos fazem o seu joguinho e só o informam do que lhes convem.

A audiencia publica é, portanto, o meio pratico de pôr a divindade em ligação direta com as criaturas. Suprime a agencia dos santos — e faz que muita gente má se coiba pelas simples ação do medo.

O padrão

Tempo houve, no governo Washington, em que M. L. se preocupou com os problemas financeiros. Neste artigo procura explicar com clareza o que é padrão monetário.

Os leitores dos jornais hão de andar tontos com o inicio dos debates em torno da estabilização da moeda, ponto central do programa do futuro presidente. Surgem economistas de todos os lados, como durante a grande guerra surgiram estrategistas em todos os cafés. E o publico "fica besta". Mais discutem, mais debatem, e menos o publico se esclarece. Por que? Porque em regra os expositores tambem não possuem ideias claras. Baralham coisas imbaralhaveis e dão valores arbitrarios ás cartas. O coringa vale tudo para um; para outro só vale dez. Não definem os termos e discutem. Dai o caos.

Ameaçado de meningite pela leitura desses debates, resolvi socorrer-me de um velho amigo filosofo, sem niquel no bolso nem conta-corrente no banco, e pois insuspeito para falar de dinheiro. Os que o possuem ajeitam suas ideias ás conveniencias do peculio. Não merecem fé.

Esse pobre velho ha quatro anos que vive como hospede do Estado, num mediocre hotel de pedra com grades de ferro nas portas. O Estado garante sossego em torno da sua pessoa. Não deixa que ninguem vá incomoda-lo, nem sequer os parentes. Tambem impede que o meu amigo saia dos seus aposentos. Podia extraviar-se — como o Costa Leite — privando assim o Estado da obra de benemerencia que é hospedar as criaturas de ideias um tanto diversas das dos demais. E esse amigo possue positivamente ideias novas, ideias meninas, dessas que irritam as ideias matronas, sacramentadas pelo bispo e oficializadas pelo governo.

Mas fui-me a ele. Obtive uma licença para visitar o precioso hospede, e fui.

— Desejava trocar ideias a respeito do problema financeiro, disse-lhe apôs as efusões do encontro.

O hospedado sorriu com doce malicia.

— Perdoe-me, mas não troco ideias. Sempre que o fiz fui roubado. Da-las-ei, mas não aceito paga na mesma especie. Pague-mas com um charuto, pois tenho o vicio de fumar — e cá o dono do hotel não inclue charutos no menu. De que se trata?

— Do padrão. O futuro presidente ameaça quebralo, e vestais já surgiram, abespinhadissimas. Dizem que é uma heresia e uma imoralidade. Será?

— É! É uma heresia de logica falar em quebra do padrão.

— Por que?

— Porque não se pode quebrar o que está quebrado. Quando muito eu admitiria que se dissesse — requebrar o padrão.

— Falo serio e vou levar as suas ideias aos jornais, ajudando assim a orientar a opinião publica.

— Diga, a opinião que se publica, que dirá certo. Mas, venha cá: que é padrão?

— Padrão é...

— É uma coisa em que todos falam mas sobre que poucos refletem. O sossego de espirito que o nosso bondoso Estado me proporciona permitiu que eu meditasse sobre essa palavra, habilitando-me a responder á sua pergunta como se o proprio padrão falasse pela minha boca. Padrão é simplesmente o valor de uma coisa em relação a outra.

— E que é valor?

— Tambem uma relação entre uma coisa e outra.

— Mas valor economico?

— Relação entre uma coisa chamada oferta e outra coisa chamada procura.

— Quer dizer que o padrão da nossa moeda é o valor...

— ... que ela tem em relação ao ouro, que é a moeda universal.

— A nossa moeda não é moeda, então?

— Moeda só é o ouro, por consenso universal dos povos. O nosso papel-dinheiro não passa de vales emitidos pelo governo — vales que o governo não paga em ouro porque não o tem e em vista disso os portadores os descontam na praça. A taxa desse desconto indica o padrão dos vales, isto é, a relação de valor entre o vale e o ouro.

— É movel, nesse caso, o padrão do nosso dinheiro...

— Está claro. É de borracha. Daí a asneira que é falar-se em *quebra de padrão*. Desde que a moeda só é o ouro, e a relação de valor entre o ouro e os vales emitidos pelo governo varia sempre de acordo com os descontos que esses vales sofrem na praça, o tal padrão será sempre movel.

— Mas o padrão de 27, o par?

— Houve um momento na nossa vida econômica em que esse numero 27 marcou a relação entre os vales e o ouro. Esse momento passou. Em seguida os numeros que descem de 27 a 4 vieram por aí afora marcando o padrão dos nossos vales, conforme a maior ou menor abundancia de vales na praça.

— Mas a lei marca o numero 27 como o padrão fixo.

— A lei marca, mas que tem isso? Que vale a marcação legal? A vida segue por um lado e a lei fica feito mumia num canto. A vida não dá a minima importancia ás leis escritas, em regra asnáticas e contrarias aos movimentos da vida. Não ha padrão fixo. Isso é asneira da lei. Se padrão é relação de valor, como pode ser fixo?

— Nesse caso, como fixar o valor da nossa moeda?

— Passando do regime de vales para o regime da moeda ouro. Enquanto houver vales de curso forçado, haverá padrão, isto é, relação de valor entre esses vales e o ouro. Quebrar padrão é asneira de rabo.

— E qual o verdadeiro padrão da nossa moeda?

— Ai, ai, ai! Vejo que perdi todo o meu latim. Verdadeiros são todos, desde o de 27 até ao de 4. Em cada momento de nossa vida é verdadeiro o padrão indicado pelas taxas de cambio do dia. Tão verdadeiro

que qualquer banco troca os vales por ouro a essa taxa de cambio, ou de desconto. Não ha um mais verdadeiro que outro. Ha a verdade do momento.

— E acha que o futuro presidente realiza o seu programa e nos dota de moeda de verdade?

— É possivel. Ele está profundamente imbuido da necessidade de arrolar o país entre os povos honestos. A convicção é uma grande força e além disso ele é...

— Empacador!

— Isso mesmo. Só lamento que não complete seu grandioso programa pondo no ministerio os dois grandes nomes nacionais naturalmente indicados.

— Na Praia Vermelha o Assis Brasil, não é?

— Isso mesmo. E na pasta da Guerra...

— Ele! (1)

O meu amigo sorriu e rematou:

— Como todo mundo neste país se entende bem em certos pontos! Passa-me o charuto.

Despedi-me e lá deixei o meu velho amigo Bom Senso no hotel de pedra onde o Estado o mantem incommunicavel. Pelo caminho vim pensando:

— Será possivel que as ideias deste homem sejam realmente tão perigosas?

(1) Prestes

A moeda de borracha

VERSATILIDADE DA POLITICA FINANCEIRA

Os jornais noticiam mais uma grande falencia. Uma formidavel empresa ligada a incontaveis progressos de S. Paulo, e resultado da inteligencia e operosidade de dois homens de excepcional valor, caiu.

Mas a um exame rigoroso do assunto sera certo que esses homens faliram? Não. Pois seus nomes significam inteligencia e trabalho, e seria absurdo admitir que inteligencia e trabalho possam falir.

O que faliu foi o nosso governo. O que faliu por excesso de estreiteza mental, de incomprensão, de ignorancia queixuda, de estupidez, foi este nosso governo central de paranoicos.

Tal governo assumiu dentro do mesmo quatrienio duas orientações diametralmente opostas e igualmente denunciadoras da mais absoluta estreiteza mental: inflacionismo e deflacionismo.

Na primeira emitiu papel moeda e fomentou o redesconto no banco central, determinando com esta politica financeira um artificial estimulo de vida nos negócios com base no credito. As possibilidades e as facilidades de credito bancario permitiram, muito logicamente, a todos os homens de iniciativa, largos saques contra o futuro, saques que seriam pagos a tempo, com grande

lucro para o enriquecimento do país, se... se o mesmo governo, subitamente, sem dizer agua vai, não adotas-se nova politica financeira, justamente oposta á seguida até então. Adotou-a com a inconciencia ingenua e convencida que a pobreza de miolo dá a certos homens levados ao poder pelo nosso absurdo regime de seleção ás avessas.

As consequencias foram as mesmas observaveis num trem a toda velocidade em cuja locomotiva um maquinista bebado desandasse a manivela do contra-vapor: parada brusca, choques violentissimos, telescopagem, mortes, destruição de material, etc. Até que tudo se remende e o trem possa retomar o movimento, quanta riqueza destruida, quanta energia inutilizada!

A RELAÇÃO ENTRE FINANÇAS E ECONOMIA

A adoção de uma qualquer politica financeira cria um estado de cousas a que toda vida economica do país se adapta. Torna-se um sistema de equilibrio. Se esse sistema de equilibrio se rompe de subito, mil males se sucedem até que novo sistema de equilibrio sobrevenha.

Foi o que se deu. O capricho queixudo do centro rompeu um sistema de equilibrio por ele mesmo até ali aceito e fomentado, para criar outro. *Melhor* — diz ele na sua santa simplicidade, como se em fisica, por exemplo, o fenomeno da endosmose pudesse ser *melhor ou peor* que o da exosmose...

A vida de um país — seus negocios, seu comercio, sua industria — só exige uma coisa para a plena expan-

são: estabilidade. Dentro de um regime de cambio baixo ou de cambio alto, o país pode igualmente prosperar e enriquecer *se houver estabilidade*. A condição da prosperidade não é esta ou aquela relação da moeda em curso com o valor do ouro, não é esta ou aquela taxa de cambio, 27 ou 7, mas simplesmente a estabilidade. Do contrario não ha prosperidade possível, pois prosperar é construir e a base de qualquer construção é que o terreno não trema.

O MAL DA MOEDA ELASTICA

O nosso pobre Brasil vive no rol dos paises mais pobres do mundo — e aqui na America entalado, qual um mendigo de *fundings*, entre dois nababos cada vez mais ricos, Estados Unidos e Argentina, unicamente por força da instabilidade do valor da moeda.

A moeda movel (medida movel! metro movel! litro movel!), sujeita a espichar-se ou encolher-se como borracha, cria no dominio economico um regime equiparavel ao do terremoto periodico em certas regiões vulcanicas do globo, onde não ha construir nenhum edificio de vulto, senão casebres de palha e bambú.

O cambio, indice visivel do estado de doença da moeda papel, ora sobe, ora desce, como termometro que é. E a descer ou a subir está sempre a destruir riquezas. Se sobe, destroi as riquezas criadas sob o regime da baixa; se desce, destroi as criadas sob o regime da alta. De modo que *sempre, sempre, uma metade do país está perdendo o que ganhou*.

Vem daí que o pobre Brasil *trabalha* mas não *acumula* e vem daí a sua grotesca situação econômica no mundo.

UM EXEMPLO FRISANTE

'Basta um exemplo para mostrar a nossa miseria.

O Brasil, com os seus incontáveis recursos naturais e seus 30 milhões de habitantes, produz menos que... a fabrica Ford! Henry Ford, á testa de 50 mil operários, transforma matéria prima em utilidades no valor de 8 milhões de contos por ano. Nós, um país! não chegamos lá!...

E como chegarmos, se o regime é *criar e ver cair*?

Vivemos, em matéria de riqueza, a fazer e ver desfazer-se. O bom povo trabalha de sol a sol, os homens de iniciativa lançam as bases de grandes negócios; mas o fatal tremor na moeda sobrevem e tudo rue. Estes tremores são uma contingência lógica do sistema monetário que nos envenena — funesto em si e ainda por permitir experiências pessoais de governantes paranoicos que acaso subam ao poder.

Por uma inaudita felicidade parece que tudo vai mudar no próximo quatriénio. O sr. Washington Luis está senhor do problema e empenhadíssimo em resolvê-lo. Se o fizer, se estabilizar a moeda, se puser fim ao regime crônico do tremor da moeda, realizará uma coisa tão desconformemente grande que a nada se poderá comparar. Isso será o verdadeiro inicio da nossa vida como povo decente; será o fim da jogatina que tem

sido a vida nacional; será o fechamento da era das aparentes falencias da inteligencia e do trabalho.

E será também o fim do odio a S. Paulo. Porque é espantoso que a ininteligencia chegue aos extremos a que chega. Ha o proposito deliberado de abater S. Paulo *já que o resto do país não lhe pode acompanhar o progresso!*

Daí um imposto sobre a renda que só alcançará S. Paulo, daí os contra-vapores na politica financeira, e o bombardeio, etc. Tudo isso é planejado para *refrear* a marcha de São Paulo!

Para tais mentalidades o Brasil não é um corpo uno. É um corpo parasitado por outro corpo: — S. Paulo, e cumpre atrofiar a este para beneficio daquele...

Tais cabeças raciocinam como o louco que queimou a mão direita porvê-la mais habil e produtiva do que a esquerda, convencido de que com isso beneficiaria o corpo...

A seleção ás avessas dá resultados assombrosos...

Ganglios pensantes

Curiosa investigação, mas fóra do alcance humano, seria, num dado momento, estudar o cerebro de um povo. Mas se nada ha mais complexo que um cerebro humano, que dizer-se do cerebro de um povo, composto de milhares de ganglios esparsos pelo país inteiro, correspondendo cada qual a um cerebro individual autonomo? Os dirigentes julgam que dirigem, mas não dirigem coisissima nenhuma. Quem na realidade dirige ou, melhor, quem elabora as diretrizes sociais são os pensadores, são os ganglios esparsos do cerebro coletivo. Aqui um medita — e dele virá uma futura norma financeira. Ali outro pesa e repesa fatos, conclue, induz — e dele sairá a clara visão sociologica de amanhã. Adiante outro adivinha — e em suas ideias se alicerçará um melhor codigo de regras industriais.

Onde está neste momento o cerebro do Brasil? Quais os ganglios autonomos cujo pensamento justo e certo nos encaminhará a todos, pela força de sedução da logica e da verdade pragmática, para uma justiça e uma certeza?

Impossivel dize-lo, mas muito possivel acertar com a indicação de um ou outro lobulo elaborador de pensamento construtivo, realmente organico.

Em S. Paulo ha um, Carlos Inglês de Souza, de feição intuitivamente economica e dotado da grande força persuasiva necessaria para fazer adeptos, formar corrente e atuar com a benefica eficiencia do jacto de luz nas trevas do nosso caos economico. Apareceu ha bem pouco tempo com um livro olhado de revés pelos sabios em finanças, pelos banqueiros que se gozam e tiram o maximo partido da nossa anarquia monetaria. Essa obra é o olho d'agua de um rio de amanhã.

Da "Anarquia Monetaria", de Carlos Inglês de Souza, vai sair o reajuste da economia nacional á base unica da prosperidade: a fixidez da moeda.

Carlos Inglês é pois um ganglio cerebral do país — o ganglio do bom senso economico.

Outro reside em Niteroi, ignorado dos grandes do dia, esses medalhões que remoçam a velha fabula de La Fontaine — "L'âne portant les reliques". E' Oliveira Viana. Em seu modesto retiro, á rua S. Boaventura, esse ganglio pensante erigiu um laboratorio de analise sociologica para onde confluem o melhor instrumental do mundo. Em suas estantes não falta a mais recente obra dos penetrantes sociologos americanos e ingleses, como nenhum dos classicos universais da ciencia que estuda o jogo das raças, sua interpenetração reciproca, seu condicionamento pelo meio fisico.

Mas o valor de Oliveira Viana está em que desses mestres não toma as ideias, e sim apenas os metodos de estudo. Por meio deles apenas apura a sua tecnica, apenas aperfeiçoa o seu aparelho mental de analise e observação. O objeto de estudo é o nosso povo, sua contextura, os movimentos que nele se operaram e se

operam, a dose de eugenismo dos varios fatores, o modo por que se comportam na reação contra o meio fisico — formação e evolução, em suma, do povo brasileiro.

Sua obra de revisão de valores, de exame e refugo de ideias feitas, de visão e previsão social, dará outro norte ao país, uma vez concluída. Os dirigentes que hoje atuam ás cegas, sem uma diretriz científicamente deduzida a lhes guiar os passos, ver-se-ão por fim na posse de bussola e roteiros. Oliveira Viana está criando “olhos de ver”, que mais tarde lhes substituam na cara os olhos de olhar apenas.

Os livros que já deu a público impressionaram fundamentalmente, como “algo nuevo” em nossas letras. Eram ciencia da boa, ciencia crioula, cujos principios qualquer criatura de mediano bom senso pode controlar por meio da observação propria e comezinha. Mas apesar desses livros representarem muito, nada são diante da obra que Oliveira Viana elabora com paciencia de frade bolandista, no recesso do seu laboratorio de ideias. Em duas partes ele a divide. A primeira, “O Problema Etnico Brasileiro”, virá esclarecer para sempre a nossa constituição racial, com a minucia e clareza com que Fabre esclarece a biologia de um inseto.

O “nosce te ipsum” é conselho de verdade eterna. Não ha construção possível sem o conhecimento exato do material que entra na construção. E o “nosce te ipsum” até hoje nos faltou. A extensão territorial e a variedade de fatores componentes do nosso povo têm desnorteado a nossa visão ligeira, o nosso concluir apressado, a nossa meia ciencia livresca e mais de reportagem do que construtiva.

Grandes homens tivemos, como Rui, cuja ignorância do povo foi grande. Nossos presidentes da República em regra imaginam um Brasil teorico que em nada se ajusta ao de carne e osso.

Quando veiu a República e os constituintes se meteram á tarefa de coser para o país um novo terno constitucional, nenhum se lembrou de tomar medidas ao corpo do gigante nú, recem despido do casacão monárquico. Importaram dos Estados Unidos uma roupa feita — muito bem cosida, de muito bom pano, lindo corte, mas com o grave defeito de não servir para o gigante. Vem daí que para que as coisas funcionem é mister um periodico despi-lo e enfia-lo na camisola de força do estado de sitio.

Não contente com essa obra que vai ser a pedra mestra das nossas construções futuras, Oliveira Viana elabora outra, deduzida da primeira e de consequencias praticas evidentissimas. A primeira é a lei. A segunda será o regulamento da lei: "A educação das classes dirigentes".

Até aqui vem acontecendo entre nós o mais curioso dos contra-sensos. Exige-se habilitação para tudo, menos para dirigir o país. Ninguem toma uma cozinheira que não saiba cozinhar, nem um pedreiro que não saiba assentar tijolos, nem uma datilografa que não saiba dar ao teclado. Mas se se trata de presidir a uma municipalidade, a um estado ou á União, qualquer individuo serve. Não é preciso que entenda de coisa nenhuma, como o marechal Hermes; nem que tenha ideias sãs e operativas. Daí a nossa permanencia numa eterna "insolução de problemas".

Ora, no dia em que um homem de governo possua um guia, uma verdadeira obra de ciencia que lhe dê ideias claras e justas, fará como os bachareis recem-formados, que dão a ilusão de saber alguma coisa á custa dos "vade-mecuns" e "assessores forenses." Estarão dispensados de pensar com suas proprias cabeças e nos vitimar com as lamentaveis ideias que elas partejam. Uma luz os guiará — e como essa luz se terá difundido pela elite orientadoramente, a elite se achará habilitada a impor ao chefe diretrizes sãs nos casos em que a cegueira suprema se mostre cega além do coeficiente toleravel.

Para a treva só ha um remedio, a luz. A treva em materia de inteligencia tem o nome de estupidez. Ideias claras, ciencia: eis a unica luz que bate a treva da estupidez. Quem elabora ideias claras como as de Oliveira Viana, ciencia de verdade como a sua, não pôde deixar de ser um dos ganglios pensantes do cerebro da nação. Os homens de hoje não percebem isso. Mas os do futuro far-lhe-ão justiça.

A cegueira naval

Neste artigo, de 1925, M. L. prevê o que a aviação vai representar para as marinhas de guerra como vedetas em altitude.

UMA LIÇÃO DE MARINHA

— É muito maior por dentro do que por foral disse, resumindo a sua visita a um dos nossos *dreadnoughts*, certo... finlandês.

Esta ingenua observação é recordada por todos os oficiais da marinha sempre que um paisano penetra no “S. Paulo” e assombra-se com as dimensões imprevisíveis dessa cidade flutuante. Quem o vê de fora só apinha a massa correspondente a dois andares, e o arranha-ceu ás avessas (arranha-fundo) tem onze. O que se vê á tona das águas corresponde ao telhado; a massa maior do monstro de ferro só se visibiliza para os peixes — que muito se hão de admirar do engenho dos seus netos. Sim. O *Homo sapiens*, pelo transformismo, procede dos peixes. No “amphioxus” está um dos nossos avós — donde não passar de puro canibalismo retrospectivo o comermos uma simples pescada de escabeche...

Uma visita ao “S. Paulo”, puxada pelo comandante Vilar, proporcionou-nos a “lição de marinha” que todo brasileiro devia receber.

Lição, sim. Porque a marinha brasileira, por absurdo que o pareça, *existe* — no seu espirito, na sua tradição, no seu sacrificio, na sua tristeza, na sua renuncia. Espírito que a longa continuidade de trabalho num certo rumo formou. Tradição que Tamandaré, Amazonas e Saldanha paragonaram. Sacrificio que é ver-se á margem de um coração que a mal-compreende. Esforço que é dar mais do que pode. Tristeza de saber-se descolocada no continente. Renuncia que é a certeza da derrota no momento decisivo...

O SEGREDO DE DIRIGIR NOSSA GENTE

O primor de asseio e apuro tecnico com que o velho "S. Paulo" se mantem chega a enternecer. Brummel fazendo prodigios para substituir pela arte a mocidade que já lá se foi... Aquilo reluz como automovel novo. O visitante percorre-o inteiro, d'alto aos fundos, toca em todas as maquinas, esbarra em todos os metais e ressurte na coberta sem a menor mancha na alvura dos seus brins. E espanta-se ao saber que esse prodigio é obtido com o terço da guarnição normal — toda ela formada de jécas da roça, a gente de maior rendimento util quando se cura e o acaso põe a competencia a dirigi-la.

Uma leva de homens do norte chegou, coletada para o serviço da marinha. Caboclos, jagunços, jécas, — a rija e surrada carne sertaneja, o rude coração que a iniquidade transforma em cangaceiros e o espirito de justiça transfaz em herois. Vinham dos fundos do sertão, ingenuos, ambientados ainda pela aura humilde da querencia.

O comandante foi-lhes dando os respectivos destinos, até que chegou a vez dos dois ultimos.

— Você, para o "Belmonte", e você, para o "Minas."

Os dois sertanejos entreolharam-se, aflitos e incertos. Por fim um falou:

— Não vê que nós queria ficar perto. Nossa malinha vem junto desde o Catolé...

O comandante olha para a humilima trouxinha em comum, comove-se e junta-os de novo. Não se sentiu com animo de separar o que aquela trouxinha unira...

Mas a visita prosseguiu e, ao cabo, por voz unanime, nossa impressão se sintetizou numa frase:

— É o maximo que se poderia exigir.

Todos o dissemos — e mais que isso todos o sentimos.

A MAIOR FORÇA DE UMA MARINHA

Adiante, de surpresa, uma nova peça mestra da nossa marinha nos surpreende: o almirante Souza e Silva. Meia duzia de palavras e um retrato se desenha. O retrato do equilibrio sereno, do homem finamente policiado em suas ideias e sentimentos, senhor de si em todas as emergencias, amplo de cultura bem personalizada, chefe nato sob o chefe que o estudo conforma. A aura de respeito que o envolve não procede apenas das suas insignias de almirante. Não é almirante só porque as tem. Se-lo-ia sem elas. O que faz o almirante, o general, o chefe nunca são os galões, senão as qualidades superiores de comando e descortino. O Capitão Prestes, nú, é general. Quantos generais permanecem cabos, por mais galões que se pendurem neles?

E, instruidos pela lição daqueles oficiais superiores e pelas manobras que outros tiveram a gentileza de executar, varremo-nos das noções falsas que tínhamos na cabeça. Verificamos que no descalabro das nossas coisas a marinha existe; e como um quadrado que se fecha na defesa silenciosa de um pendão, subsiste, insiste, resiste, persiste.

A marinha teima heroicamente em ser. Olha para Saldanha, faz que a maruja olhe para Marcilio Dias e em silencio se obstina em não renegar suas tradições.

Este verso de medalha revê heroísmo. Já o reverso só revê melancolia, porque a marinha sabe do seu mau aparelhamento, reconhece a sua inferioridade material e pende a cabeça sobre o peito.

A maior força de uma marinha, a força eletrizante capaz de impelir seus homens aos maiores heroismos é a convicção da eficiencia belica. Quando uma esquadra inglesa, japonesa ou americana parte para a luta, em todos os corações freme a certeza da vitoria. Todos sabem que durante a paz nada foi descurado para consegui-la. Sabem que a arma que vão manobrar consagra a aplicação do que ha de ultima palavra na materia. E essa segurança da vitoria corresponde a meia vitoria.

Em caso identico a nossa esquadra partiria com o coração a estalar na certeza absoluta da derrota. Partiria desarmada da grande arma do entusiasmo, deseletrizada como pilhas vazias . . .

Por que?

Porque nosso programa naval não visa coisa nenhuma. Temos navios por ter, porque é uso dos paises terem navios — e isto jamais constituiu programa. Um

programa visa fins definidos, objetivos proximos, inimigos provaveis. A Inglaterra visa a supremacia sobre as duas maiores esquadras do continente europeu reunidas.

Os Estados Unidos visam a supremacia sobre o Japão. A Argentina visa-nos. Nós visamos... a lua.

Mais pragmática, a Argentina, com muita lógica, visa o vizinho de sentimentos pouco afins em virtude de certas fatalidades históricas. Tudo nos une, sim diz ela... Ituzaingo, Caceres... mas armem-nos contra esse vizinho amigo. E seu programa naval corresponde na Sul América ao do "two powers standard" da Inglaterra. Pragmática, sensata, pouco ideologa, seu programa naval estatue uma superioridade constante sobre a marinha brasileira. Cada passo que o Brasil dá no mar é seguido de passo e meio da Argentina — e hoje como ontem, como há dez anos, como há vinte anos, a nossa arma de mar se conserva em relação à da Argentina em atraso de um quarto de hora...

Mas quem não sabe que nos recontros vence aquele que chega um quarto de hora antes?

Combatente que conheça o atraso de seu relógio parte na certeza matemática do desastre. Sabe que no choque uma só coisa o espera: o mergulho sinistro da destruição antes que um só projétil seu alcance o adversário...

OS OLHOS DAS ESQUADRAS MODERNAS

Uma nova arma veiu revolucionar o mundo. São os aviões os olhos das esquadras modernas. Aguias de visão agudíssima, que das alturas norteiam o movimen-

to tecnico das unidades navais — e talvez amanhã o elemento novo que as vai varrer dos mares. Foi um filho destas terras quem criou esses olhos que faltavam á marinha — olhos de que hoje se estão provendo todas as marinhas do mundo. A Argentina possue mais de 300 pilotos e talvez outros tantos aviões. Trezentos olhos já!

O Brasil, na sua inconciencia de “gigante bobo”, de país que espera não se sabe o que, conserva a sua marinha tão sem olhos como nos bons tempos do almirante Tamandaré. Força-a a dirigir-se ainda pelo tacto, a caminhar apalpando, como Noé na sua arca. Fôrça-la á no momento do perigo a fazer o papel de cabra-céga sob um revôo vertiginoso de aguias.

O Brasil possue uns 30 pilotos e uns 3 ou 4 aviões que voam... Sô.

Os patriotas de palavras chamam derrotistas aos que clamam a tempo de se evitarem derrotas. Mas o verdadeiro derrotista é quem esconde a verdade ou apoteosa o regime do cabra-ceguismo, quando nas fronteiras o vizinho previdente vai formando o seu viveiro de olhos.

— Mas o vizinho é amigo. Tudo nos une..

— Sim, e os anjos digam amem a essa amizade e á eternidade dessa união. Mas fique o trabuco bem escorvado ali no canto.

Povo que em relação aos seus vizinhos ardorosos e fortes não admite o “mas” da velha prudencia ingleza, copiado pela jovem prudencia argentina, acaba um dia de luto, murmurando entre lagrimas a dolorosa interjeição dos franceses — *Helas!*...

Loucura

Um autor americano acoima de *madness*
o que nós aqui chamamos governo.

Acaba de aparecer nos Estados Unidos um livro sobre o Brasil, dum turista que anda pelo mundo derramando seus dolares em troca de impressões.

Como sempre acontece, esse impressionista viu tudo a seu modo e no livro estampa coisas justas ao lado de outras injustíssimas.

Entre as injustas ha uma que não sei como ainda não arrepiou as escamas da nossa tão escamavel imprensa. Imagine-se que o homenzinho diz que somos um povo de mulatos e loucos!

Vá que dissesse de loucos; mas de mulatos, é demais! Calunia pura. Mulato só existe no Brasil o de Aluizio de Azevedo. E a melhor prova disso está na indignação da imprensa todas as vezes que em livro estrangeiro aparece repetido tão monstruoso aleive.

Que estranho daltonismo assalta os turistas que pisam terras brasileiras! Todos vêm errado, ou vêm coisas que não existem...

Savage Landor viu no sertão um povo doente, que ele acoimou de fim de raça. Afonso Arinos, de Paris, rebateu-o vitoriosamente e deslumbrou o mundo com o quadro de saude e beleza fisica do nosso jáca.

É preciso que surja agora um novo campeão e prove ao turista detrator que não ha mulatos aqui, e muito menos loucos.

Mas transcrevamos as palavras de Mr. Cooper, o tal turista.

“Não me posso explicar de outra maneira, diz ele no capitulo *Madness*, a leviandade com que se legisla no Brasil. Por mais que eu procure desviar o espirito, a palavra *madness* (loucura) me obsessiona. Imagine-se que dentro de um mesmo periodo governamental (que é dos mais curtos, quatro anos) adotam-se duas politicas financeiras diametralmente contrarias: a politica emisionista e logo em seguida a deflacionista, consistente na restrição do papel moeda circulante. De acordo com a politica numero um, o banco central, armado de faculdade emissora, operou em escala amplissima. Fabricou dinheiro á larga para com ele redescantar os efeitos comerciais recebidos pelos bancos satelites. Isso deu origem a uma forte expansão dos negócios (*boom*), com base na facilidade do credito bancario. E São Paulo, que é a parte viva e produtora do país, aproveitou-se das ensanchas para um verdadeiro e vertiginoso elance (*rush*) industrial.

Repetiu-se ali o fenomeno que observamos cá durante a guerra. Os negócios cresceram como cogumelos, sem outra base além das facilidades do credito.

Subitamente o governo central muda de orientação. Passa á politica numero dois, deflacionista. Cessa de emitir, suprime o redesconto no banco central e, não contente, passa a queimar o papel já integrado no movimento dos negócios e, pois, indispensavel.

Sobrevem o panico. As praças comerciais vêm-se descavalgadas e sem meios de prosseguir nos negocios. O credito desaparece, ao mesmo tempo que as reservas em especie mingoam.

Os negocios colhidos de surpresa em meio da corrida, tropeçam e caem. Começam as falencias. Só em S. Paulo chegam a 30 milhões de dolares, soma altissima para um país pobre como o Brasil.

O fenomeno torna-se perfeitamente equiparavel a uma temperatura, que cai ás bruscas de 25 graus a 5. Não ha organismo que tenha tempo de adaptar-se. Todos se resfriam e grande numero de organismos rola por terra vitima do choque traumatico.

Quando me lembro que na Inglaterra o parlamento leva anos e anos a debater a menor lei passivel de reflexos economicos, quando me lembro do que vem sendo ha um seculo a luta entre o protecionismo e o livre-cambio — quando vejo a prudencia com que a *poor France*, na angustia em que se debate, evita mutações repentinhas, não posso deixar de acoimar de loucura esta inconsciencia do brasileiro.

Ao lado da loucura dos dirigentes outro fato que me impressionou foi a resignação do povo.

Entre nós, ou na Inglaterra, um semelhante ato de loucura levaria o governo ao chão e seus membros seriam internados em manicomios.

No Brasil, nada disso. O povo abaixou a cabeça; quem faliu ficou falido; quem morreu morreu; quem ganhou ganhou.

Conversei com varios homens de negocios e em todos vi o mesmo gesto de resignação muçulmana, accompa-

nhado da mesma palavra: Que fazer? O governo quer...

O governo do Brasil não é o orgão coordenador que temos aqui (*a sort of central distribution point where all our efforts are coordinated for the general good*). É uma especie de dono, de senhor das coisas, como na idade media europeia. Age de acordo com os caprichos do momento (*lunacy*) sem consulta aos interesses mais vitais da nação. É em suma o que pode ser num país de mulatos tarados e loucos."

São estas as duras palavras de Mr. Cooper — que até parece um leitor assiduo da "certa imprensa". (1)

Como se vê, palavras injustíssimas. Calunias. Nada do que ele refere se deu por cá, nem ha mulatos no Brasil. Somos todos louríssimos, de olhos azues; e quanto a bom senso, temo-lo para dar e vender a esses miseraveis yankees, tão degenerados que já nem alcool bebem.

(1) Nos tempos anteriores à Revolução, a imprensa oposicionista era chamada pelos jornais do governo de "certa imprensa"...

Guerra ao livro

Vão reformar-se as tarifas da Alfandega e entre as novidades introduzidas no projeto ha uma equivalente a profundo golpe em nossa debil, incipiente cultura. Parece até que a mira do legislador foi quebrar-lhe as pernas raquiticas, para divertir-se, á maneira de Nero, com o trambolhão da aleijadinha.

A cultura se faz por meio do livro. O livro se faz com papel. Carregar de taxas o papel é asfixiar o livro. Asfixiar o livro é matar a cultura. Pois no seu projeto de reforma o legislador parece que não visou outra coisa.

Começa onerando proibitivamente a entrada do papel proprio para livros, em taxas que vão até 800 réis o quilo, um puro absurdo. Depois, abre a porta ao livro estrangeiro, ou impresso fora. Resume-se assim o seu criterio: papel em branco para ser impresso aqui: proibido; papel impresso fora, sob a forma de livros e outras: isenção completa.

Torna-se impossivel a concorrencia. Que editor fará livros em oficinas nacionais, se fazendo-os em oficinas estrangeiras ganha só no papel até 800 réis em quilo! Morre a industria do livro nacional, positivamente, e morre por mãos dos homens a quem o povo confiou implicitamente a missão de fomenta-la.

A guerra ao livro vai além. Não contente de desferir contra ele esse golpe tremendo, o reformador de tarifas sub-golpeia-o á direita e á esquerda, por cima e por baixo. Como? Onerando com ferocidade a importação de maquinas graficas. Cento e cincuenta réis por quilo é quanto terá de pagar o imbecil que se proponha a importar prelos, linotipos, etc. Esse onus, somado ao onus imposto ao papel, equivale áquela famosa medida adotada pelo governo português contra os prelos do Brasil-colonia, mandando-os destruir a marreta. Os extremos tocam-se. A mentalidade metropolitana d'antanho irmana-se agora com a mentalidade dos nossos republicanissimos fazedores de leis. Ambas querem a mesma coisa: trevas mentais. Ambas guerreiam o mesmo dragão: o livro. São manas. O mesmo utero as gestou. A diferença é apenas de época de nascimento. Uma nasceu a tempo. Outra fóra de tempo. A mentalidade de hoje, bibliofoba, explue como um feto teratologico, filho de Pina Manique, com gestação emperada de um seculo.

Como explicar numa época como a nossa sobrevivencias assim? Parturições de mostrengos peludos, enor-míssimos de orelhas, com quatro patas cascudas?

Todos os povos civilizados procuram aplinar por todos os meios o caminho da cultura. Nós atravancamo-lo de empeços. Na Alemanha o povo atingiu ao mais alto grau de cultura porque o Estado asfaltou o caminho que a ela conduzia. Vimo-la, assim, editando em 1913 35.000 obras, enquanto a Inglaterra dava

12.000 e a França 10.000. Nós, em vez de asfaltar a estrada, barramo-la de arame farpado!...

Um unico regime é possivel aqui: entrada franca para o livro estrangeiro e para a materia prima do livro nacional. Tudo o que sair disso vai de encontro ás nossas necessidades vitais. Vítimas da incultura, pobres por incultura, doentes por incultura, mal governados por incultura, sem bom conceito por incultura, o meio unico de nos arrancarmos ao atoleiro é a cultura. Como, pois cercea-la, torcendo o pescoço ao instrumento de cultura que é o livro?

Já era caro e capenga o livro nacional. Apesar disso abria o seu caminho e lá ia desempenhando a sua missão. Começava. Experimentava os primeiros passos. Veiu a alta do papel, a maior de quantas registrou a industria, mas ele a ia vencendo, com a boa vontade do publico e uma restrição de lucros para o editor. Venceria a crise. Aguentaria o mau passo. Subito, intervem o Governo. A favor? Não! Contra. Para fomenta-lo, ampara-lo? Não! Para mata-lo. Mata-lo com carinho ao menos, disfarçadamente, aos poucos, sem sofrimento para a vítima? Nada disso. Mata-lo por estrangulação imediata — garrote velho!...

Sob o novo regime tarifario por que preço vai sair um livro impresso entre nós? Certamente que por preço inacessivel ao publico. E este o dispensará, está claro. Já anda o livro por 4\$, o que é muito, o que é mesmo o limite maximo que o publico tolera. A nova tarifa

po-lo-á a cinco, e o publico o deixará ás moscas. Eis a bela perspectiva que se nos abre ante os olhos...

O Congresso anda escarafunchando meios de comemorar o Centenario da Independencia. Ha um em absoluta coerencia com este e outros atos legislativos: decretar que a cultura é um mal e a incultura um bem; e organizar na praça onde se ergue a estatua de Pedro I, um solemíssimo auto-da-fé do livro. Depois, todo o mundo de quatro, a zurrar evoés ao cavalo de bronze do Imperador.

Artur Neiva

Quando o grande cientista de Mangui-nhos pôs em prática suas ideias na chefia sanitária de S. Paulo, M. L. exaltou-o com calor.

Certo dia, na universidade de Leipzig, um estudante japonês abordou o eminente Ostwald com esta pergunta estranha:

— Haverá meios de distinguirmos cedo os homens que um dia se notabilizarão nas ciências?

Esta pergunta, encomendada pelo governo nipônico, embaraçou deveras o grande professor alemão e ficou a verrumar-lhe os miolos por muitos dias. Mas ao cabo de longo matutar ele apreendeu finalmente o traço característico dos futuros grandes homens, o primeiro a revelar-se em anos verdes: horror à escola! Os alunos mais bem dotados nunca se mostram satisfeitos com o que lhes oferece o ensino secundário, conformado sob medida para a mentalidade e o caráter do maior número, isto é, dos mediocres. As criaturas de exceção, essas sofrem a asfixia do ambiente estreito e revoltam-se. Passam a constituir a classe dos maus alunos, dos vadios, dos indisciplinados, e acabam, não raro, expulsos da escola.

A pergunta do japonês deu lugar a que Ostwald escrevesse o mais interessante dos seus livros, "Os Gran-

des Homens" — no qual estuda o problema com o rigorismo analítico dos métodos germanicos. Seus numerosos anos de vida letiva na universidade, onde pôde observar a evolução de milhares de alunos, mais o escabichamento da vida duns tantos grandes homens verdadeiramente criadores, como Davy, Liebig, Robert Mayer, Faraday e Helmholtz, confirmaram-no naquela intuição.

O sinal caraterístico do grande homem na vida escolar é sempre a rebeldia ao ensino clássico, tendente, como diz Nietzsche, a arruinar a exceção em favor da regra.

Eis porque as academias de ciências nunca dão de si os frutos esperados. A formação fecunda faz-se fora delas, em torno de professores apaixonados pelo ensino e bastante compreensivos para sofrear em si a tendência, inata no homem, de impôr tiranicamente a personalidade própria, em vez de permitir o livre surto da personalidade dos discípulos. É clássico o exemplo da ação formadora de Justus Liebig. Ao mundo deu esse químico mais sabios do que uma universidade inteira; vários países disputavam os seus alunos, vindo ele a exercer, dess'arte, uma influência enorme no movimento científico da época.

Acodem-nos à memória estes fatos diante de Artur Neiva, mais um a confirmar as teorias de Ostwald. Enquanto aluno de academias, vadiou — forma usual da revolta contra os métodos de ensino. Seus contemporâneos são contestes neste depoimento. Vadiou, e vadiando assinalou-se como um predestinado a brilhar na pleia de nossos maiores cientistas. O acaso, depois, fe-lo discípulo de Osvaldo Cruz — e aí começa a sua

veradeira formação. Osvaldo era o tipo do mestre criador, á maneira de Liebig. Catalítico, agia pela presença. Fecundava os cerebros com o polen da sua bondade e do seu fervor pela ciencia. Favorecia no mais alto grau a evolução personalissima dos alunos. Criava grandes homens. A ele deve o Brasil o mais fulgurante nucleo de cientistas jamais formado em nossas plagas. Um deles foi Artur Neiva. Ao influxo da alma ardente de Osvaldo Cruz, Neiva revelou-se a si proprio, comprehendeu a ciencia, amou-a e entregou-se-lhe de corpo e alma, como outrora os místicos se entregavam á religião.

Ele proprio o reconhece, dando-se como criação osvaldina; e não perde ensejo de proclamar a força de radiação do grande mestre.

De natureza contemplativa, com singular vocação estetica, á força de treino conseguiu no jogo das suas faculdades dar hegemonia ao pendor científico, subordinando-lhe todos os mais. E é hoje um exemplar acabado do sabio moderno, com visão das mais amplas, sensação ecologica da interdependencia dos fenomenos humanos, naturais e sociais, seguro de si, confiante, rijo no trabalho, todo olhos para o futuro, frio ás injunções mesquinhas do presente, norteado sempre por um calmo determinismo científico, criador, ampliador e catalítico á maneira do seu mestre — tipo, em suma, dessa classe de obreiros através dos quais se realiza hoje o progresso do mundo.

Uma anedota documental. Em excursão a Iguape, a ver com seus olhos como iam os trabalhos de combate á opilação e á malaria lá iniciados, convidou-nos para

companheiros de viagem. Fomos. Viagem longa, de um dia inteiro, começada em trem e concluida em lancha pela Ribeira abaixo. Chegamos ao escurecer. Depois do jantar, enquanto os outros se ajeitavam para o descanso ou no bilhar batiam bola para desentorpecimento dos musculos, vi parar á porta um camarada com tres matungos arreados. Neiva convidou-me a acompanha-lo e lá fui, nove da noite, sem saber ao que. Penetramos na mata, alguns quilometros fóra da cidade. Vi-o apear-se e acender a lanterna eletrica, e correr a luz pelo couro do cavalo em procura das anofelinas que incontinenti acudiram áquele inesperado banquete. Uma hora passou ele assim, caçando mosquitos, e dissertando sobre as particularidades de cada especie. O caso era este: havia daquelas bandas um fóco malarico resistente a todos os trabalhos da profilaxia — drenos, roçados, etc. Vindo Neiva a saber disso durante o jantar, não resistiu á comichão duma pesquisa direta, e a ela se fôra enquanto os mais descansavam da viajada no hotel. E resolveu o problema. Encontrou as anofelinas da especie perigosa. Tinham o ninho na agua depositada pelas chuvas nas bromelias parasitas. Estava liquidado o caso. Regressamos — e no outro dia ordens precisas eram dadas para matar de vez a malaria de Iguape em seu deradeiro reduto.

Nessa noite comprehendi o homem e alcancei a força tremenda que se potencializa nos apaixonados da ciencia. Pela primeira vez em S. Paulo um diretor do Serviço Sanitario esquecia as suas funções burocraticas e fazia ciencia pessoalmente á moda de Osvaldo.

Este fato ilustra a "maneira" de Artur Neiva. Não se limita nunca a organizar um serviço; vai ver, cheirar, apalpar; identifica-se com ele, apaixona-se, e com o exemplo transmite aos seus auxiliares aquele fervoroso interesse sem o qual todo serviço encrúa em caquetismo burocratico. Foi assim que remodelou, inteira, a organização sanitaria de São Paulo.

Esta sua obra não pode ser bem compreendida no momento. Neiva criou demais, inovou demais: o quadro saiu de dimensões muito arrojadas para que possamos ve-lo no conjunto sem o recuo do tempo. As telas pequenas enxergam-se a um metro de distancia; nas grandes, um espaço tão pequeno só permite a visão de detalhes. É o que se dá com a obra de Artur Neiva em S. Paulo. É cedo para aprecia-la devidamente. A de Osvaldo, no Rio, não foi compreendida pelos contemporaneos, chegando até a provocar uma revolução. Mas haverá hoje imbecil, um que seja, que não perceba a harmonia da tela?

Não se limitou Neiva á função comoda de chefe dum departamento publico, com rapapés lisonjeiros aos jornais, tendentes a criar uma irisação adjetivosa em torno de sua pessoa. Criou. Plantou. Semeou. Remodelou serviços velhos e pêrrhos. Iniciou serviços novos. Restringiu a burocracia ao minimo. Venceu a resistencia tremenda do espírito de inercia, de rotina e de apercepção.

Gastou quatro anos de sua vida nas funções de mecanico, montando um aparelhamento de primeira ordem, por meio do qual, em materia de higiene, S. Paulo pudesse conquistar no mundo um lugar de honra.

Pô-lo em funcionamento, corrigiu-lhe os defeitos iniciais e legou aos seus substitutos a tarefa infinitamente mais simples de não deixar que parem as maquinas.

De Butantã fez um instituto científico superiormente aparelhado para o fabrico de numerosos sôros, muitos deles concentrados, novidade no Brasil, e lançou os alicerces da sua transformação numa das primeiras casas de ciencia da America do Sul — rival do Instituto de Higiene de Buenos Aires e de Manguinhos. Se o novo governo compreender a importancia deste fato e levar a cabo a conclusão do projeto nos termos em que o eminente Rocha Lima o propôs, fará uma obra de incalculável alcance para o progresso deste país, vitima sempre do descaso, ou da nenhuma importancia dada á ciencia, como se não fosse ela a fada magica de cujas mãos tudo hoje sai. As bases do grandioso instituto estão lançadas; bastará dota-lo com um quinto da verba anual gasta pelo governo passado em “gavar” vilíssimos piratas da imprensa para que S. Paulo alcance uma hegemonia a mais, a científica.

Bastaria Butantã para notabilizar a passagem de Artur Neiva por S. Paulo. Ele foi muito além, entretanto. Iniciou batalha tremenda contra as endemias assoladoras. Varias zonas já se acham libertas das verminoses e da malaria. Trabalho silencioso, sem toque de caixa, sem manobra apoteotica de imprensa, não diz dele uma procissão de adjetivos comprados pela verba secreta a tanto por cabeça. Mas abençoam-no os milhares de doentes opilados ou malaricos, libertos do flagelo graças á sua energia.

Atacou, ainda, a sifilis, criando cinco postos de assistencia gratuita, por onde já passaram milheiros de doentes.

Estes serviços, se valem, e muito, como realização, valem imenso como prova de possibilidades. É a maquina do saneamento que partiu. É a ideia transformada em ação. É o repudio definitivo da parolagem bacharelesca de até aqui, e o inicio da arrancada para a civilização. É o lançamento da primeira pedra do Brasil de amanhã — curado, ressurgido, capaz de pôr-se de pé e caminhar.

Foi tudo. Não. Artur Neiva completou sua obra dotando São Paulo dum Código Sanitário Rural que é novidade não só para o Brasil como para toda a America do Sul. Visa estender á população do campo, largada até aqui na maior miseria física e moral, os benefícios que a higiene já deu ás cidades, estabelecendo medidas profiláticas contra as endemias, contra a invasão dos indesejaveis e contra a má habitação que as fazendas proporcionam aos trabalhadores. Novidade absoluta, foi o código no começo recebido com desagrado e até revolta. Hoje, melhor compreendido, está aceito e vai sendo aplicado em escala cada vez maior. Muitas fazendas já se remodelaram e instigam as outras a fazerem o mesmo.

Uma palavra resume a ação de Artur Neiva em S. Paulo: semeadura. E a seara virá, farta e consoladora.

Resignação

O desalento de M. L. em face da nossa pobreza, decorrente de erros da nossa organização social e política, aparece mais uma vez aqui.

A todos espanta o fato de não existir entre nós um jornal, um pelo menos, ao molde e das proporções de *La Nacion* e *La Prensa*, poderosíssimas folhas argentinas, de tiragens acima de 200 milheiros. E ainda há pouco um eminente jornalista carioca, estudando o fato, frisou como causa — uma delas — a fraca porcentagem de anúncios que revelam nossas folhas em comparação com as platinas.

O comércio pouco anuncia, é fato, mas cabe culpa ao comércio? Não. O anúncio entre nós raro corresponde — e sempre que corresponde é feito em larga escala. Os fabricantes de tonicos, por exemplo, elixires maravilhosos, panaceias, etc., esses anunciam em quanto jornal e jornaleco existe. E mais anunciam, mais vendem. Os vendedores de automóvel, idem. O cinema, idem. E pode-se dizer que é só. O mais com que o comércio mercadeja não paga uma alta e intensa publicidade. Por que?

Pobreza do país. Quem desembarca no Rio, vindo do Prata ou da América do Norte, confessa logo a sen-

sação de pobreza que a nossa capital lhe dá. E quem sai das capitais e penetra no interior, mais que de pobreza tem a sensação da miseria. Pouco importa que o Brasil possua inumeras possibilidades naturais. Não é com possibilidades que se compram melões. E como dorme um sono de mendigo sobre o montão das suas possibilidades, o nosso pobre país vive de facadas, empenha e reemprende a capitalistas de fora tudo quanto possue, tendo chegado á triste posição de por duas vezes interromper o pagamento de juros e amortização desses debitos levianamente contraídos.

Os jornais do governo, por exemplo, andam agora a entoar louvores ao patrão porque... porque o patrão hipotecou em segunda ou terceira hipoteca uns arquihipotecados tarecos. Hipotecar os bens de familia, em condições onerosissimas, é ser estadista entre nós! É fazer jus a louvores pagos com o dinheiro tomado de emprestimo!...

Sobre a causa desta miseria crônica ninguem diverge hoje... hoje que mestre Washington Luis erigiu em pivô do seu futuro governo a estabilização da moeda.

Mas qual a causa ultima da instabilidade da moeda, causa proxima da nossa miseria?

A deshonestidade dos nossos governos, a inconciente deshonestidade dos nossos estadistas, tão louvados por si proprios através da imprensa paga. Os crimes que eles vêm cometendo acumularam-se e a situação de beco sem saída em que nos achamos é uma resultante lógica.

O regime criado pela moeda móvel impede o país de enriquecer. Todo negocio se torna jogo e a riqueza

acumulada pelo trabalho periodicamente se destroi ao choque das convulsões ritmicas das crises, isto é, das rupturas do equilibrio financeiro.

O que está se dando em São Paulo é impressionante. Terra de imensa vitalidade, terra que não para de criar, a industria lá toma grande incremento cada vez que se beneficia com um periodozinho de equilibrio. Quando o cambio caiu a 5 e nesse nível permaneceu alguns anos, a industria paulista aproveitou-se do equilibrio e ergueu suas formidaveis construções. Subitamente o cambio entra a subir — o equilibrio rompe-se e a industria desaba como sacudida de um terremoto.

E é bem isso. No terreno economico uma variação de 40 por cento no valor da moeda equivale a um tremor de terra — violenta ruptura no equilibrio dos valores; e até que novo sistema de equilibrio se forme e a ele possa adaptar-se a industria, quanto desastre, quanta riqueza destruida!

Desse modo vai vivendo o país, a trabalhar sem acumular, a criar riquezas e a ve-las submergirem-se nos vortilhões das rupturas de equilibrio — vasto Ceará onde a seca periodica mata todo o gado que os anos chuvosos permitem produzir.

O comercio pouco anuncia porque a força aquisitiva do publico é fraca demais para responder á sugestão do anuncio. “O anuncio não paga” — é como o comercio traduz em breve sintese o fenomeno. Não ha anuncios e, portanto, não ha jornais. Fóra um ou outro a nossa imprensa opéra prodigios para viver, e vive com extrema dificuldade, embora procure por todos os meios promover o surto do anuncio.

A pequena parte do comercio que anuncia pede tiragem; a grande tiragem exige publico pagante; o publico não pôde pagar porque é pobre; o publico é pobre porque trabalha mas não enriquece, eternamente vitimado pelos terremotos da moeda; a moeda sofre essas crises periodicas porque os governos são bem falantes mas ineptos, visto como descuram dum dos problemas fundamentais de todos os países: a fixidez da moeda, a fixidez dos alicerces sobre os quais tudo se constroi.

E assim vamos vivendo, vergonhosamente entalados entre dois países cada vez mais prosperos e poderosos: Estados Unidos e Argentina, este dez vezes, aquele cem vezes mais rico do que nós. E os nossos estadistas continuam a ser grandes estadistas — enquanto transportam no lombo as relíquias da fabula. E continuam a hipotecar os moveis de familia e as magras rendas dos impostos. E nas escolas os professores continuam a ensinar aos meninos que somos o país mais rico do mundo.

Rico de resignação e cegueira, sim...

A morte do livro

Os livros nacionais são caros e mal feitos. Nosso aparelhamento grafico, além de atrazado e deficiente, não tem a manobra-lo o operario tecnico á moda europeia, treinado no oficio de pais a filhos, especializadissimo, capaz do apuro de linha e tom que é mister. Nada sai das nossas oficinas que possa ombrear com os produtos graficos dos prelos ingleses, alemães, espanhois ou norte-americanos, lideres nessa materia. Em confronto com os estrangeiros nossos livros fazem sempre a triste figura de jécas de papel e graxa em face de elzevirismos d'alto coturno. Ainda quando pretendem alçar-se á categoria de obras de luxo, nunca deixa de cantar o galo, a paginas tantas, na capa, na escolha do tipo, num cabeçalho: a impressão digital da "industria nacional" nalgum lugar tem que apor a sua conhecida marca.

Ora, tal capenguice do livro nacional, em vez de comiserar nossos legisladores, provocou-lhes a ira, com este consequente raciocinio:

— Se não vingaste até aqui, é que sofres de debilidade congenita. Em vez de acudir-te com paliativos e mézinhas, vou fazer obra mais limpa: torcer-te o pescoço.

O Congresso Nacional raciocina muito bem. A vida é de quem pode. Quem com ela não pode o

melhor que tem a fazer é desocupar o beco. Provada a vantagem de nos alimentarmos com pão argentino, bacalhau da Terra Nova, sardinhas de Portugal, ervilhas de Nantes, vinhos da Champagne, é logico, em material, que nos alimentemos de livros exóticos. Mais baratos, mais bem feitos, veículos de literaturas mais ricas, não há razão para prejudicar o livro estrangeiro com a concorrência dos nossos livrinhos capengas, dentro de cujas páginas chora de fome e frio a literatura em cueiros que uns tantos idealistas se empenham em aleitar. Mata-los, a ela e ao livro que a abriga, é medida não só de boa higiene e ótima estética, como de alta misericórdia.

Além disso, para que livros na terra do “não-preparo”? Não é o “despreparo” a forma mental que conduz a tudo? Valeu algum dia a Rui Barbosa ser o prodígio de cultura que é? E impedi a ignorância, uma só vez que fosse, que aos postos supremos chegasse o ignorante?

Pensando assim, a mesma corporação que no prelio entre o “preparo” e o “não-preparo” deu a palma da vitória a este, (1) vai desfechar no livro nacional o abençoado tiro de misericórdia. O coitadinho está a padecer de fome, frio e feira? Bala nos miolos! É limpo, expedito e eugenico. E é duma coerência inatacável. O Senegal não edita livros. Não obstante, a

(1) No quadriénio Hermes foi muito debatida na imprensa a tese do “Não preparo *versus* preparo.” Como Hermes derrotasse Rui nas eleições, ficou oficialmente estabelecida a superioridade do “não-preparo” sobre o “preparo” — isto é, da ignorância sobre a ciência.

pretalhada vive luzidia, contente da vida, felicissima, com o cerebro em edenico repouso.

Olhemos para o Senegal.

Letras nunca deram felicidade a ninguem, e o ideal de um povo não pode ser outro senão a felicidade do musculo e do cerebro.

A Alemanha — valeu-lhe ser o maior centro produtor de livros do mundo inteiro? E ter, só em 1913, publicado mais de 35 mil obras novas? Não está vencida, derrotada, espoliada, saqueada pelos que produziam menos, inclusive nós, que publicamos naquele ano duzentas?

O livro é um mal. Envenena o escol e azeda o povo. Inocula os germens da revolução. Junto com ovos de caruncho traz larvas de Lenines, Rousseaus e Luteros, agitadores perigosíssimos. É ele que desvia de honestas carreiras comerciais tantas aptidões preciosas. O pobre Casimiro de Abreu... Estragaram-no os livros, maus conselheiros, induzindo-o a poetar. Podendo morrer negociante forte, como o queria o seu sensato e honrado progenitor, estourou em verdes anos, fóra de tempo, criança ainda, legando, em vez de succulentas apolices, chorosos versos. Tambem o desvairado Alvares de Azevedo acabou vitima dos livros que traziam Byron dentro. Se os não conhecera, teria acabado velho, morto de pigarro senil, rodeado de numerosa prole, juiz aposentado dum tribunal superior ou coisa assim.

O Congresso sabe disto e, zeloso que é da felicidade de todos nós, vai dar mais um passo a ela conducente matando o livro nacional. Para isso, no projeto de reforma das tarifas alfandegarias, resolve:

1.º) — Isentar de direitos a entrada de livros estrangeiros e de trabalhos graficos feitos no estrangeiro.

2.º) — Taxar proibitivamente a entrada das materias primas de que se alimentam nossas artes graficas e a nossa rudimentarissima industria editora.

3.º) — Proibir por meio de taxas ferozes a importação de maquinas manipuladoras do livro.

É engenhoso o plano e muito honra a habilidade dos congressistas em materia de tiros de misericordia.

Feito fóra o livro, nada pagará na alfandega; feito aqui, terá pago na Alfandega, *sub especie* papel, maquinas e tinta, um imposto de escachar.

Vindo o papel já impresso: entre, a casa é sua! Vindo o papel em branco para imprimir-se aqui: pague de dez a oitocentos réis o quilo.

Paga dez o papel de jornal: por muito favor concede-se vida ao jornal. Paga 400, 500, 600, 800, réis o papel proprio para livros: mata-se o livro.

Ha mais mortes.

O papel já estampado com gravuras não paga coisa nenhuma. Se, porém, surge em branco, para imprimir-se a gravura aqui, paga uma exorbitancia. Mata-se assim a gravura indigena.

Cartazes, catalogos, prospectos e cartões feitos fóra, pagam apenas 150 réis por quilo. Papel para cartazes, catalogos, prospectos e cartões feitos aqui, pagarão até *cinco vezes* mais. Morte, pois, á industria nacional dos cartazes, catalogos, prospectos e cartões.

O plano de campanha contra as artes graficas nacionais parece elaborado pelas casas estrangeiras, empenha-

das em suprimir os concorrentes medrados na terra de Santa Cruz.

Cifra-se — insistimos — em isenção ou taxas minimas para o papel impresso lá, livro, gravura ou o que seja; e taxação leonina para o mesmo papel quando em branco e destinado a ser impresso aqui. Nada mais simples, nem mais pratico, nem mais inteligente. Nada mais denunciativo de que olhamos para o Senegal e lhe copiamos o regime intensificador da felicidade estomacuica.

O nosso pobre livro nem seis meses resistirá ao golpe. Dará o mais angustioso dos berros e, batendo com rabo na cerca, irá para a cova chorando saudades daquele bom velho, tão seu amigo, Pedro II, banido, talvez, por excesso de amor aos cartapacios.

Livres do livro nacional, comemoraremos o Centenario da Independencia com indigestões de livros portugueses e franceses, senhores absolutos do mercado.

Apesar da sua arqui-comprovada boa pontaria, o Congresso teve receio de errar o tiro, e precaviu-se contra a hipotese adotando medidas indiretas, auxiliares. Assim, taxará as maquinas graficas — está no referido projeto — com verdadeiro furor. *Cento e cincoenta réis por quilo* é a taxa estabelecida para prelos, linotipos, monotipos, etc. Estas maquinas são mostrengos de ferro, pesadíssimos, e por mais peças que possuam, possuem sempre mais quilos do que peças. Cobrar por cada um deles 150 réis é pô-los aqui quasi pelo dobro do valor que têm lá fóra. Equivale, portanto, a restaurar a lei portuguesa da destruição dos prelos. Destruí-los, proibí-los a entrada, é tudo um.

A reforma das tarifas resolve assim, de maneira indireta, o nosso eterno problema do braço. Matando o livro retira das letras legiões de poetas, cronistas, contistas, romancistas, ensaistas. Forçados a não se publicarem, esses homens do mundo da lua ou plantam papiro para á moda egipcia nele vasar as comichões bele-treantes, ou vão plantar batatas, arroz ou café. Como o papiro pode não dar bem aqui, é provavel que predomine a realização da segunda hipótese, e teremos um aumento sensivel das safras agricolas. Menos "Ouvir estrelas" e mais batatas de arroba, mais porcos de ceva, mais pés de café no limpo. É o que serve. Letras, só de cambio. As outras não enchem a barriga.

Olhemos para o Senegal — com a mesma atenção com que outrora olhavamos para o Mexico. Já que em tudo é forçoso imitar, imitemos o país da felicidade pura, onde não ha nenhum dos males decorrentes do papel impresso. Pretos por fóra e por dentro, toda gente lá come e digere na perfeição, sem nunca sentir necessidades mentais. É um Eden, aquilo. Ora, está em nossas mãos ter um Eden em segunda via por cá, gordo e feliz. Tenhamo-lo.

A estrangulação da industria editora é o primeiro passo; o segundo virá com a supressão das escolas. Depois... depois é regressarmos á tanga, ao içá torrado, ao bicho de pau podre, á rede, ao anzol de osso, á zarabatana. Araras e tucanos pelo ar, um pagé no Catete, vinte feiticeiros no Monroe — e todo mundo a mascar milho para fornecer cauim ao Alvear. Que felicidade!

A “Desencostada”

Depois do ato de dona Maria I mandando destruir os prelos do Brasil-colonia, nenhum maior golpe inda sofreu a cultura neste país do que a elevação de taxas sobre o papel ocorrida em 1918. A agravação foi, justamente para o tipo de papel de uso mais corrente, de 3.000%, a maior agravação ainda sofrida, em qualquer país do mundo, de qualquer continente, por qualquer artigo de importação!

Imposto sobre o papel significa imposto sobre a cultura, visto como é o papel a materia basica do livro, do jornal e da revista, os tres grandes instrumentos modernos da cultura. A nossa incipiente cultura sofreu, pois, o mais rude dos golpes com o advento dessa taxa brutalissima. E tão grande foi ele que o governo logo o reconheceu e a tempo acudiu com um remedio, outorgando absoluta isenção de direitos de entrada para o papel destinado aos jornais e revistas. Reconhecia, assim, tacitamente, que esses instrumentos de cultura não poderiam viver sob o regime da taxação absurda.

Mas ficou de fóra o livro, justamente o que mais merecia proteção, já que como instrumento de cultura o livro prima sobre o jornal e a revista. Ficou de fora como um excomungado, e passou a definhar na mais dolorosa das decadencias. A industria do livro deixou

de constituir negocio dos que tentam os homens detentores do capital. Dos poucos editores existentes, uns se restringiram ao livro escolar, de consumo forçado; outros cortaram fundo na publicação de obras novas, agindo com grandes cautelas e só dando a publico o que lhes parecia de absoluta segurança. Deixou de viver essa industria, passou a vivotar apenas, como essas plantinhas ás quais roubam o sol e dia a dia mais se raquitizam na desclorofilização.

Uma circunstancia toda eventual, entretanto, é que permitia esse modesto vivotamento: o contrabando do papel, o abençoado, o benemerito contrabando feito pelos jornais e revistas. Importavam quantidades acima de suas necessidades e vendiam aos editores o excedente. A cartilha das nossas crianças passou a ser feita em papel de contrabando — unico meio que possibilitava a industria de um artigo por essencia infimamente barato. De 1918 para cá, pois, as nossas crianças aprenderam a ler por contrabando...

Não ficou aí a calamidade. A carta regia de dona Maria I ressurgiu logo disfarçada em convenio literario com Portugal, maromba que estabeleceu entrada franca de direitos para os livros impressos naquele país. Quer isso dizer que o nosso governo instituiu uma monstruosidade inedita no mundo: um protecionismo ás avessas, protecionismo á industria de lá contra a sua concorrente de cá... Livro já vem impresso de lá, entrada livre de qualquer taxação. Se vem em branco para ser transformado em livro aqui, a tal taxa de 1918, que correspondeu a um aumento de 3.000%!

É ou não é a ressurreição da carta regia de dona Maria I, que o demo tenha no seu ardente garfo? Tanto faz destruir os prelos como impedi-los de funcionar, pondo-os em situação insustentável perante os de uma nação europeia cuja lingua é a mesma que a nossa.

Ferido de morte pela taxa de 1918, proibido de existir graças ao convenio criminoso, mesmo assim o pobre perseguido teimava em viver, humilimo, modestissimo, ressabiado, sempre na dependencia de um contrabando que era a sua unica tabua de salvação. Mas, aí!... A reação mineira não tardava. O quatrienio de chumbo, no seu odio á luz, percebeu a pia fraude e, de dentes arreganhados, desferiu golpe mortal na industria que teimava em impedir que nos afogassemos de vez no estado de alma ledo e cego duma viçosa escuridão. E, zás — matou-o.

A supressão do contrabando foi o tiro de misericordia no livro nacional — e, pois, na nossa cultura. Os editores entraram a falar, um por um. Cincoenta por cento desses abencerragens se viram estatelados no chão, como o sapo que foi á festa do ceu e de lá caiu.

Hoje a situação chega a ser comica, de tão dolorosamente tragica. Autor que surja de originais debaixo do braço ás portas de um dos rarissimos editores sobreviventes, só falta ser recebido a tiro. Propor a um editor a publicação de um livro significa propor negocio que cheira a facada — e o editor apita, como é natural. As escassas edições que ainda saem, em regra por conta dos autores, além de extremamente exigas de tiragem são postas á venda por preços de espantar freguês — e ficam ás moscas, como tudo quanto não confere com a

força aquisitiva do publico. Equiparou-se o livro á fruta. Breve só o veremos nas montras dos joalheiros, ao lado da maçã e do abacaxi, competindo em preço com as pulseiras e os *pendentifs* de brilhantes.

E estruge o clamor: o povo não lê, o brasileiro tem horror ao livro.

Está errado. O povo não lê porque não pode ler, porque está impedido, proibido de ler. A viçosa reação, (1) assim como o impedi de espernear sob as torturas, tambem lhe vedou o acesso ao livro. Para que livro? Não viviam os nossos avós tupinambás tão bem sem ele? Acaso souberam jamais os pretos do Congo o que isso é? Povo que ainda apanha bolos lá tem direito de pensar em livro? Cultura... Isso é bolchevismo. A felicidade dos povos reside no culto da santa Estupidez.

Todos os países decentes demonstram o mais entranhado amor á cultura do povo; e seus governos tudo fazem para desenvolver a industria do instrumento fundamental da cultura, que é o livro. E os que a tem incipiente chegam a conceder ao livro favores excepcionais. Entre nós, o contrario. País onde se protegem de maneira escandalosa todos os artigos industriais, por meio de tarifas embaraçadoras da livre entrada dos similares estrangeiros, o Brasil abre exceção para a industria basica da cultura. Para todas as outras, protecionismo escandaloso. Para a do livro, protecionismo ainda, sim, porém ás avessas, a favor da de fora, contra a de dentro...

(1) Reação de Viçosa, a cidade natal do Presidente Bernardes.

Seria isso caso de assombrar, se alguma coisa assombrasse num país onde ainda impera a palmatoria.

Por felicidade, com a entrada do novo governo bruxoleiam esperanças de melhoria. Um deputado por Pernambuco, moço que além de finamente culto sabe auscultar as necessidades superiores da nação, promete apresentar á Camara um projeto de lei que ponha fim a tamanha monstruosidade. Vencerá ele o espirito de dona Maria I, funesto espirito santo de orelha que até aqui tem inspirado os nossos legisladores em tal assunto?

Esperemos. Se essa tentativa for bem sucedida, o Brasil estará salvo. A Estupidez terá de fazer as malas e sumir-se, cedendo o passo á pobre "desencostada". A desencostada é a Cultura.

Até ontem era uma encostada... ao contrabando. Hoje, nem isso. Apenas uma desencostada posta no olho da rua, sem albergue onde acolher-se, tremula pária a retransir-se de fome pelos desvãos escusos.

Quem a viu tão animada por Pedro II e quem a vê nos trapos em que a deixou a Republica, não pode deixar de redizer levemente modificado o verso celebre de Catulo Cearense:

— Meu Deus, por que não fizeste os brasileiros iracionais?

Assessores

Apareceram, finalmente, depois de tantos labores, um no Senado, outro na Camara, dois projetos de lei animados do mesmo objetivo: salvar o livro nacional do despenhadeiro em que rola. Barbosa Lima justifica o primeiro em poucas palavras — poucas mas fortíssimas e vibrantes. O ilustre senador não esconde a indignação que o atentado lhe acendeu na alma.

Já o projeto da Camara põe de lado o tom fulminatório do grande tribuno e procura a eloquência da demonstração. Solano da Cunha, seu autor, justifica-o à força de dados inofismaveis. Mostra que o papel para livros nos fica hoje 500% mais caro do que antes da guerra e que o imposto de entrada corresponde a 170% sobre o preço de custo! Mostra ainda que o papel para livros está pagando uma taxa quasi dupla da... da seda!

Taxada como artigo de luxo, a seda paga, em media, 80% e só alguns tipos 100% sobre o custo. O papel para livros, 170%!

O brasileiro já perdeu o habito de abrir a boca diante de disparates fiscais, tantos são. Mesmo assim muita gente abriu a boca. Sobretudo no Congresso.

Logo depois que Solano da Cunha leu sua exposição de motivos, um congressista ao seu lado murmurou:

— Incredível! Então há oito longos anos que o papel para livros está taxado assim ferozmente? Confesso que em absoluto ignorava semelhante infamia. Taxar o livro! Asfixiar a cultura num país que está definhando por falta de cultura! Reclama-se contra o analfabetismo e proíbe-se o livro!

Aproximou-se um congressista, a pedir esclarecimentos ao autor do projeto.

— Mas é sério isso, Solano? Mais que a seda, artigo de luxo?

— As sedas pagam em média 80% e só nalguns casos 100%. Logo, o papel para livros paga o dobro da seda, se a aritmética não falha.

— Realmente é escachante! Se isso me tivesse chegado ao conhecimento, eu já teria apresentado um projeto salvador. Mas nunca o soube, ninguém me disse nada.

Ia passando um terceiro pai da pátria.

— E tu, X, sabias?

— Esse negócio do livro? Não. Aliás nunca me interessei por livros, nem acho que sejam coisa de alto interesse para a nação. Em todo caso, concordo com os amigos que a taxa é pesadinha e votarei a favor... se o governo mandar.

Disse e afastou-se, sob o olhar comiserado de Solano da Cunha.

Um novo deputado surgiu.

— Ali vem F., disse Solano. Consultemo-lo. Cumula as funções de legislador com as de beletrista; já publicou várias obras...

— ... que não lemos...

— ... e deve estar ao par disso. Que achas, F., do caso do papel?

— Horroroso! Pura infamia! Como ha de este pobre país arrancar-se do atoleiro da incultura, se lhe proibem o livro? Esse indice de 170% sobre o custo é simplesmente fantastico!

— O fantastico, aparteou um novo deputado, não é que seja assim. O fantastico é que nenhum de nós soubesse disso, apesar de termo-lo votado!...

Entreolharam-se todos.

— E que tenhamos passado oito anos sob este regime, na mais absoluta inciencia do que estava acontecendo com a industria do livro, a mais merecedora, talvez a unica merecedora de todos os carinhos do estado. Só me admiro que ela haja resistido por tanto tempo.

— Engano. Essa industria não resistiu e em grande parte naufragou. As casas de S. Paulo na maioria desapareceram; outras se fecharam aqui, e neste momento venho de saber da queda de uma das maiores e mais antigas do Rio Grande do Sul.

O nosso povo não é dos mais amigos da leitura. Herança. O luso, sabemos, é de muito pouco ler. O tupinambá não consta que lesse. O negro, idem. Já assim hereditariamente avesso ao livro, muito logico que o nosso povo haja deixado perecer a sua industria quando os produtos dela se lhe tornaram inacessiveis á bolsa.

Vejam-se os preços dos ultimos publicados. *Terra Deshumana*, duzentas e tantas paginas, 8\$000; *A Planicie Amazonica*, 6\$000; *Raça de Gigantes*, do Ellis Filho,

10\$000. Livros de 250 paginas, em papel de jornal, brochados!...

— Preços proibitivos. Fica o livro ao alcance apenas da gente de dinheiro, isto é, dos que têm mais que fazer do que dedicar-se ao estudo.

— E fomos nós que votamos essa taxa mortifera! E passamos oito anos a ignorar que a tinhamos votado! Decididamente, falta ao congresso brasileiro um aparelho complementar.

— Qual?

— Um grupo de funcionarios incumbidos de prestar atenção no que fazemos e advertir-nos quando as asneiras forem muito grossas. Homens esclarecidos sobre todos os problemas nacionais e que saibam deduzir as consequencias dos nossos projetos.

A nossa intenção é sempre boa, mas saem tantos tiros pela culatra que um corpo assessor se impõe. Eu, por exemplo, ando em comichões por apresentar um projeto sobre açambarcamento de generos. Tenho medo, porém, que em vez de acertar o tiro no açambarcador, acerte no açambarcado. Já errei tantas vezes que estou com sérias duvidas a respeito da minha pontaria. Ora, se tivessemos um corpo consultivo, de absoluta confiança, era só chegar e perguntar:

— Que é que vocês acham? Se eu der este tiro, bem apontado, naquele alvo, onde é provavel que acerte?

Vacas magras e gordas

Paz traduz-se em mecanica por equilibrio, e guerra por interrupção, ruptura desse equilibrio. Dada a interdependencia de todas as coisas fisicas ou humanas, cada ruptura de equilibrio determina uma série infinita de repercussões que só cessam quando as coisas convulsionadas encontram um novo sistema de equilibrio. A ruptura de 1914, sendo a maior de quantas nos registra a historia, suas repercussões alçaram-se a um grau de intensidade e extensão nunca vistos. E sua duração será... Quem pôde medir até quando irão os seus círculos concentricos, se ainda hoje percebemos os círculos concentricos determinados pela pedra do barbáro caida no espelho d'água da paz romana?

Um destes efeitos patenteia-se no mundo inteiro com identicas características: a inflação das cidades e o consequente agravamento dos males do urbanismo.

As cidades encheram-se fóra de conta e medida, e todas sofrem hoje a "afrontação" da plethora.

Por que essa congestão? Donde veiu o fluxo humano?
Dos campos.

A guerra determina um consumo intensificado de generos alimenticios. A produção dos beligerantes diminue com a mobilização militar dos braços ocupados no labor agricola, e os governos, sacando sobre o futuro,

empenham tudo para manter stocks abastecedores do tonel das Danaides. Isso acarreta a imediata valorização dos generos sem os quais não ha vida. O produtor agricola, eternamente explorado na paz pelo parasitismo intermediario do comercio, vê chegar, enfim, a sua vez. É a desforra. É a alta. É o *royal-flush* que no pocker da vida vem afinal ter ás suas mãos. As cidades, os governos, os exercitos, os estomagos em suma, ficam numa terrivel dependencia do campo. O eterno explorado esfrega as mãos. Virou fiel da balança. Está a salvo de bléfes. “Vê” todos os jogos, na certeza de ganhar. E ganha sempre. E ganha cada vez mais. E ganha de enriquecer. E enriquece.

Foi assim na ultima guerra. Milhões e milhões de homens retirados ao labor da produção ocupavam-se em consumir e destruir. Cinco anos nessa loucura. Cinco anos de sorte para o produtor — sorte reiterada, insistente. E ele não perdeu a vasa. Dobrou, triplicou as semeaduras; dobrou, triplicou, quintuplicou os preços. Enriqueceu com furor. Fez ás rapidas o que normalmente não faria a vida inteira pelo sistema de juntar aos vintens um mealheiro doloroso. Não houve um só ramo da classe agricola que se não beneficiasse com a alta.

O ouro vinha de toda parte bater-lhe á porta, oferecendo-se humilde em troca do pão, da carne, do couro, do açucar, de cereais de qualquer especie. E ele trocava, dando sempre menos mercadoria em troca de mais ouro.

A consequencia desse afluxo metalico ás suas mãos foi um imediato reflexo na mentalidade. Surgiu a ten-

tação urbana. A atração das cidades empolgou-o. Viu o seu sonho — o sonho de todo agricultor: morar na cidade — transfeito de sonho vago em possibilidade ao alcance da mão. E como havia sobras permissoras da mudança de estado, o agricultor mudou de estado. Trocou o campo pela cidade. Urbanizou-se.

Cada qual, conforme as posses realizadas, deu o seu passo á frente. O mais fraco mudou-se para a freguesia proxima; outro mais forte comprou casa na vila; outro, na cidade; os mais empenados, na capital. Este deslocamento, tão perceptivel entre nós, reproduziu-se no mundo inteiro sem exceção, tanto nos países beligerantes como nos neutros. Na Argentina e na Espanha, como na Alemanha ou na França. E as cidades pletoi-zaram-se, literalmente entupidas. Não houve e não ha casas nem hoteis que bastem. Todas transbordam, derramam. Daí a alta dos alugueis. Consequencia logica do afluxo, a alta aparece como elemento equilibrador. Ha de ir numa ascensão até desaninar os invasores, forçando-os a permanecerem no campo ou voltarem para o campo.

Em 1913 deu-se entre nós, muito visivel em S. Paulo, o fenomeno contrario. A crise agricola, agravada com o terremoto balcanico, esvaziou as cidades. Quem pôde saiu. Milhares de pessoas passaram das capitais ás cidades, das cidades ás vilas, das vilas ás freguesias, das freguesias á roça.

Os senhorios, tão gordos hoje, emagreceram. Os alugueis cairam a niveis irrisorios. O inquilino fazia favor "morando". Não havia rua onde dezenas de

casas fechadas não pedissem, com o papel do “aluga-se”, a esmola de um morador. O inverso de hoje, exatamente.

Pergunta-se agora: quanto tempo durará a alta?

Desde a época dos Rameses que as enchentes e vasantes humanas se calculam por períodos de sete anos. O povo consagrou este número em redor do qual realmente se ciclam os fluxos e refluxos. Quer isto dizer que estamos no fim da alta, e que vamos comemorar a Independência com maré baixa.

Entremos, discute-se. Discutem-se mil expedientes de soluções artificiais para a crise — como se a “crise” não fosse uma permanente, um ir ou vir de pendulo. E adotam-se mais comicas medidas: comissariado, restrição de exportação, etc., esquecidos todos de que o equilíbrio vem por si, pelo próprio efeito da alta e da baixa. Uma determina a outra. Uma sai da outra. Uma é a um tempo mãe e filha da outra. Na crise de casas, por exemplo: a alta determina o surto das construções. O surto das construções por sua vez determina a baixa. Do ponto de vista das cidades — dado que crescer lhes seja um bem — a alta dos alugueis é um fator precioso. Só ela tem forças para cogumelar do solo os milheiros de predios novos que virão solver o problema. Assim, os que moramos em cidades, em vez de lamuriar da alta dos alugueis, devíamos abençoá-la. E acha-la pequena ainda. E pedir ao senhorio que não tenha dó, que enterre a faca até ao cabo. Porque tanto mais forte é a febre tanto mais rápida é a cura. Salvo quando o doente morre. O que aliás também é uma solução — e a melhor, na opinião de muitos...

A maravilha do Calabouço

Quando, mais forte que a explosão da Ponta do Cajú, reboou pelo país o estranho caso da "Revista do Supremo", foi de assombro a impressão geral, seguida de uma lógica sensação de aniquilamento. É o fim de tudo, ouvia-se dizer. Já que tais monstruosidades se geram no seio do nosso tribunal supremo, o país precipita-se vertiginosamente no abismo.

De fato, apresentado o negócio como o fez a imprensa, com a virulência dos adjetivos exacerbada pela força comprobante do número dos milhares de contos, outra não podia ser a impressão, resumida logo numa síntese fulminatória: "a maior cavação do século".

Pois para uma simples revista milhares de barricas de cimento importadas? Vidro importado a granel? Aparelhos sanitários em grandes lotes? Arame farpado, ferro, azulejos, mil coisas em proporções desnorteadoras, além de dinheiro a rodo e todos os favores possíveis e imagináveis?

Confesso, encampei a síntese fulminatória e lamuriei entristecido sobre o descalabro do caráter nacional. Convenci-me de que, sob o pretexto da montagem de uma oficina gráfica destinada à impressão de uma revista, homens espertos haviam, em proveito próprio, com a mira exclusiva no dinheiro, sangrado "a blanc" o Tesou-

ro. Foi, pois, com açodamento que aceitei o convite de um amigo para uma visita ao Calabouço. Ardia por medir com meus olhos a extensão da inominável patota.

Fui, corri o palácio inteiro e dele saí com as ideias mudadas. A síntese popular é evidentemente erronea. Não se trata da maior cavação dos tempos, mas de um belíssimo caso de delírio estético.

Tudo são nuances na vida; daí o perigo dos julgamentos simplistamente crúes: — é preto, é branco. Nada é preto, nada é branco, porque nada é simples.

O caso da Revista escapará aos anais da cavação porque tem seu lugar nos da psicopatia. Transcede os âmbitos de uma negociação de alto calibre com mira exclusiva no dinheiro para incluir-se nos domínios da psiconeurose megalomaníaca. Os seus hoje caluniadíssimos autores serão de futuro estudados no capítulo que Luiz II da Baviera encabeça como singularíssimos casos de megalônes. Poucos exemplares do tipo mental desses homens apresenta a nossa história: de pronto acodem-nos dois, um grosseiro, o famoso contratador de diamantes do Tejuco; outro mais nobre, o impressionante nababo paulista que se chamou Guilherme Pompeu do Amaral.

Para a compreensão nítida do caso da Revista é indispensável o estudo dos homens que idealizaram a obra, e ainda uma retro-visão indagadora sobre os seus ancestrais.

De um deles conta-se que, morador numa pequena cidade mineira, fazia chegar até lá as grandes celebridades que no tempo aportavam à Corte; ouvia assim Tamagno, Borghi-Mamo, Viana da Mota, em seratas domésticas de absoluta intimidade.

Para criaturas deste tipo mental o valor mais alto do dinheiro é exatamente esse de permitir a realização das mais delirantes fantasias. Luiz II da Baviera, cujo sangue talvez corra nas veias dos nossos sonhadores, apresenta o exemplo classico desta maravilhosa tara, graças á qual o mundo se vem enriquecendo de obras d'arte inconcebíveis e irrealizáveis pelo homem normal. Para este chatíssimo bipede, todo visceras de tranquilo funcionamento como as do carneiro, a função do ouro é produzir mais ouro, quando não "utilidades". A pintura lhes presta apenas como utilidade: encher o vazio das paredes. A musica, como meio de matar o tempo. A poesia serve para compor suas estantes com volumes bem encadernados.

Inteiramente outro é o conceito do dinheiro para os tarados de eleição. Os rajás indianos, os monarcas eslavos e orientais, alguns cesares romanos — entre os despotas, em suma, é vulgar este desdobramento do impeto criador que age sem pedir meças ao prosaico utilitarismo. E vem daí as coisas belas que enfeitaram o mundo, os Kremlins, o famosíssimo Taj-Mahal, os jardins suspensos de Semiramis.

Força de facil expansão nas monarquias ao molde aristocrático, esta nevrose do grande não encontra campo propício nas democracias, mediocres e sordidas por natureza; daí vem que as criaturas nascidas com o selo da predestinação ou recalcam a tara, engalhando-a pelos rumos que Freud deslinda, ou acostam-se ao estado para ao menos em parte dar-lhe asas.

O estado democrático é um tirano de chinelas incapaz de conceber algo de grandioso; mesmo assim, só

por intermedio dele, iludindo-o as mais das vezes, os megalostenas conseguem criar alguma coisa.

Foi o que fizeram os ideadores das oficinas graficas da Revista do Supremo. Sonharam uma obra unica e com espantosa habilidade realizaram-na á custa do estado, em honra e homenagem ao poder que no estado prima sobre os demais — em teoria pelo menos. E tudo o fizeram sem que o tirano de chinelas o percebesse, pois de outra forma não se explica a violencia com que hoje o estado arremete contra uma obra de arte que ele autorizou e pagou.

Erro clamoroso, pois, acoimar de cavação uma obra destas. O caracteristico da cavação está em tirar do estado nada dando em troca. No caso vertente os nossos geniais realizadores esqueceram-se de si e tudo quanto tomaram ao Tesouro carinhosamente empregaram na ciclopica obra d'arte concebida.

Obra d'arte, sim, e ciclopica, sim, a empresa ideada por Humboldt e Murilo Fontainha (a predestinação dos nomes!). Sem ver com os proprios olhos ninguem ajuizará ao certo do que vai pelo Calabouço — e quem o imaginar errará para menos. Tomaram eles desse palacio, a mais bela coisa que apresentou a Exposição Nacional em materia arquitetonica, casa imensa, com panoramas deslumbrantes descortinados das janelas (e estou que isto influiu na escolha) e adaptaram-no ao fim em vista. Como? Estirando galpões de zinco? Erguendo tabiques de pano? Nada disso. Multiplicaram-no por tres, com absoluto respeito ao estilo e clara intuição artistica de como é possivel multiplicar as dimensões de um palacio sem o minimo prejuizo da

sua unidade estrutural. As obras novas espantavam os visitantes tanto pelo vulto como pelo primor do acabamento, do qual jamais se afasta a preocupação estética. E dentro do palacio assim afeiçoado instalaram eles a maior e a mais perfeita oficina grafica que seria dado a um Luiz da Baviera conceber. Não a oficina ao tipo Ford, onde a preocupação unica é a da eficiencia e da higiene. Mas "algo nuevo", pura criação de berrante ineditismo. Sonho de opio realizado...

Em todas as seções ressalta a procura de um luxo britanico, com base na elegancia e na beleza sobria. Nada de aproveitamentos ou arranjos. No centro do Calabouço havia, implantado desde que o mundo é mundo, um formidavel bloco de granito que os construtores do palacio não se animaram a atacar. Eles o fizeram; a ponta de pique desbastaram a monstruosa pedra, em seu lugar erigiram uma sala de impressão e sobre esta um jardim suspenso, ladeado de galerias de cristal. Necessidade nenhuma havia de conquistar á rocha uns tantos metros quadrados de area, num país que tem tantos quilometros quadrados para dar e vender. Mas a estetica o exigia... Cavadores esses homens, que só no desbaste desse pedrouço gastaram soma suficiente para se enriquecerem?

Adequado assim o predio, em cujas obras novas se vê aplicado o copioso material recebido com isenção de direitos alfandegarios e que tanta celeuma causou, era mister enche-lo — e surgem as maquinas. Vem de França um tecnico de alta competencia para orquestrar a espantosa soma de maquinismos modernissimos que o bojo do Calabouço devia comportar. Esse ho-

mem, apesar de filho de um país líder, certo que se assombrou com a empresa, pois tudo leva a crer que nunca, no mundo, jamais um técnico teve que avir-se com tamanho e tão complexo bloco de material gráfico.

As grandes oficinas em toda parte resurtem de pequenas sementes e crescem com o tempo, tal qual as árvores, entroncando e engalhando ao sabor das necessidades.

Aqui, não.

A árvore — baobá adulto — havia de armar-se de chofre, da raiz às folhas, ao arrepião das leis naturais por um puro golpe de magia.

Imagine-se a dor de cabeça que torturou o francês! Entrozar tudo aquilo, harmonizar todos os conjuntos, equilibra-los no sentido da produção, afinal todas as peças ao diapasão de uma chave única que, voltada, tudo fizesse trabalhar qual um relógio — isto, mais que mecânica era música, e o francês, apesar dos odios de raça, teve momentos, sem dúvida, em que lamentou não possuir a envergadura orquestral de um Wagner.

Mas tudo se coordenou, por fim, da melhor maneira e, embora ainda incompleta, a montagem a meio já permite ao espectador apreender a beleza do total e fazer ideia da maravilha que será tal organismo em pleno funcionamento.

É mais do que oficina o que se vê no Calabouço. Aquela grande-opera mecânica aberra de todos os estalões conhecidos e pede para a nomear palavras novas, inventadas “ad-hoc”. A criarem equivalentes, os seus autores teriam feito, na música, os Mestres Cantores; na poesia, a Divina Comédia; na arquitetura, o Taj-Mahal. O destino embicou para as artes gráficas a

vertigem criadora que lhes tumescia o cerebro — e saiu esse prodigo, a mais curiosa e grandiosa coisa que depois do Pão de Açucar apresenta o Rio.

Todas as artes concorrem ali. A pintura, pelo pincel de C. Osvaldo enriquece de alegorias um imenso salão destinado a conferencias internacionais; o entalhe, pelos mais habeis entalhadores do Rio, trabalha finamente a embuia para "boiseries" luxuosas; a arquitetura chama a postos o colonial e, dos azulejos desenhados especialmente aos telhões de beirais feitos na propria casa, tudo estiliza com sutis preocupações de sintese. Ha a sala de Rui Barbosa, em cujo teto uma série de alegorias de Osvaldo mostra a evolução do nosso direito subsidiado pelo romano e culminado pelo codigo civil. Ha a sala dos ministros do Supremo, verdadeiro templo onde tudo é ouro verdadeiro.

— Mas para que tudo isto? pergunta a democracia.

A obra d'arte tem a sua finalidade em si mesma; num principado indiano o rajá faria coisa assim para seu gozo exclusivo. Aqui, democracia, exige-se fim utilitario. Premidos por essa tola exigencia, os nossos criadores consagraram-na ao Supremo Tribunal, como poderiam te-lo feito a Siva ou a Osiris. Fizeram o Vaticano industrial da nossa justiça, o aposento dos velhinhos supremos, a maquina que lhes veicula a rabulice interpretativa para uso de todos os cerebros julgadores do país.

Saiu coisa desproporcionada aos fins. Apesar de supremos e apesar da importancia que a voz desses velhinhos tem para a vida social e economica da nação, tamanho aparato certamente que os aterrorizará. À deusa Temis, sim, caberia um tal templo — uma

Temis moderna que não se contenta com julgar mas quer ver suas decisões escoarem-se através dos linotipos, estamparem-se em papel e circularem pelo país inteiro como os leucocitos da harmonia jurídica.

A função dos realizadores desta maravilha está quasi terminada. Nada lhes ha a imputar. O destino os predestinou a enriquecer o país com uma ciclopica obra d'arte industrial e eles superiormente o fizeram.

Resta a segunda parte. Tal obra pertence ao es-
tado. Este a autorizou, a custeou e a viu erigir-se
como o veiculo suntuario do seu ramo supremo. Mas
subitamente esse mesmo estado se rebela, nega seus
atos anteriores e procura uma forma para destruir a
obra d'arte, levado apenas de um motivo: te-la achado
bela demais, grandiosa demais para uma rabona. E o
povo embaraçado abre a boca sem saber o que pensar
dos seus homens. Se, entretanto, permitissem ao povo,
que tudo pagou, um desfile através da oficina-palacio,
com um livro á porta de saída para nele ser lançada
a sentença final, estou que o veredito seria unanime.

— “Não me bulam nesta obra! A vida não é só
comer, beber e construir vilas. O senso estetico de um
povo e o seu orgulho tambem possuem exigencias.
Quero que fique de pé esta maravilha para regalo dos
meus olhos e da minha vaidade. Faltava-me ao Pão
de Açucar, dom de Deus, um companheiro, obra do
genio humano. Tenho-o cá. Que fique”.

E estou ainda que, saindo dali, esse povo iria infali-
velmente votar em massa num dos autores da obra-prima
para prefeito vitalicio do Rio de Janeiro — meio unico de
transformar a cidade na oitava maravilha do mundo.

O quarto poder

Neste artigo e no seguinte M. L. descreve o começo da submissão dos jornais ao controle do estado — pelo suborno inicialmente e por fim á força, por meio do DIP no governo Getulio Vargas.

.....

A imprensa evoluiu num sentido imprevisivel aos seus ingenuos criadores — aqueles velhos sacerdotes que manejavam a “alavanca do progresso”. Fez-se a picareta do progresso, e cresceu como força social a ponto de penetrar no estado como um quarto poder. Na futura reforma da nossa Constituição os legisladores serão forçados a aceitar a coisa, legalizando assim uma situação de fato.

É a imprensa o poder que completa os outros e lhes manipula os atos para uma conveniente apresentação ao publico. Os governos dependem da harmonia dos poderes. Sem esta sobreviria o caos, a guerra intestina — e o governo se devoraria a si proprio.

A lucida inteligencia de Campos Sales, depois da sua violencia empasteladora contra jornais paulistas, foi a primeira a compreender a nova ordem de coisas. Verificando o erro da resistencia ás brutas contra a

maré montante, aplicou, quando na presidencia da Republica, um sistema novo, bastante racional; o qual sistema, aceito e desenvolvido pelos governos posteriores, caminha de forma a legalizar-se no futuro em artigo expresso da carta magna.

É logico. Não ha razão para remunerar os agentes do poder judiciario, do executivo, do legislativo, e exigir dos agentes do quarto poder gratuitade de serviços.

Este lance genial de Campos Sales muito honra o espirito pratico dos paulistas, os quais, pioneiros sempre, persistiram na senda do iniciador e alargaram-lhe a obra com a amplitude com que se fazem as coisas em São Paulo.

Ao atual governo paulista cabe no movimento um grande passo. Não achou razoavel considerar a imprensa sob o aspecto estreito do regionalismo e só admitir em seu posto de quarto poder, regiamente paga, a imprensa paulista. Dados a hegemonia do grande estado e os seus interesses cada vez maiores na politica geral, era imprescindivel fortificar o quarto poder com a oficialização da imprensa carioca.

A realização da bela reforma dependia apenas dum acoito: dinheiro — e havia-o em quantidade mais que suficiente. Montou-se pois o quarto poder definitivamente, com dotação apreciavel. Calcula-se em 300 contos mensais o orçamento da Secretaria da Publicidade, ainda incorporada ás outras por motivos obvios. É bastante para um serviço novo, ainda em periodo de clandestinidade, mas concordemos que é pouco, dada a importancia do quarto poder.

É forçoso, pois, prosseguir no movimento, alargar ainda a dotação, e regulamenta-la para que cesse o odioso vexame imposto aos agentes do quarto poder, de receberem seus honorarios pela verba secreta.

É tempo dos sacerdotes de Gutenberg erguerem a cabeça e exigirem o pagamento á plena luz, como se faz com os deputados e os juizes. Nada mais odioso do que esta vexatoria exceção.

Como tambem nada mais odioso do que a atitude de certos jornais paulistanos e cariocas, birrentos em não admitirem o fato consumado. Não fosse a funesta posição guerrilheira desses orgãos amarelos, irredutíveis num pironismo grotesco, teimoso em combater uma evolução muito natural e logica, e estariamos já com o Departamento da Publicidade definitivamente instalado. (1)

As vantagens para o publico seriam imensas. Cessariam as chamadas "campanhas contra o governo" e esses horriveis ataques contra as pessoas dos governantes, os quais ataques dão ao povo a impressão de sermos governados por uma quadrilha. O governo, por sua vez, teria o campo livre para uma "atuação" serena, sem empeços, sem o minimo aborrecimento.⁷ O roseo seria a cõr nacional por excelencia, porque tudo correria girando sobre mancais de bolinhas S. K. F.

Desgraçadamente subsistem por aí uns Catões incompreensivos, gente de figados maus, incapazes de atinar com as imensas vantagens da unanimidade. Que lhes preste.

(1) Ironicamente o autor previa em 1923 o que veiu a ser a imprensa na ditadura Vargas.

Ao atual governo de São Paulo cabe ainda a honra de ter reduzido ao minimo a odiosa facção dos não-conformistas. Soube captar para o rebanho não só grandes orgãos de publicidade, como ainda a miuçalha lambareira das revistas. Não tem conta o numero dos que se ligaram neste quadrienio á verba secreta por meio do seu cordãozinho umbilical. Resultado: vivem felizes, sem mais a espada de Damocles da falencia a lhes ameaçar o sono, e fazem felizes aos seus leitores com o dar-lhes uma impressão sempre rosea dos nossos homens e das nossas coisas.

O governo de São Paulo deixa no passivo muita coisa má, indigna dum governo decente. Mas para compensação deixa no ativo um gordo saldo que resgata longe tais mazelas. Basta, por exemplo, este simples fato da criação do quarto poder para guindá-lo à primeira plana dos grandes governos da Republica. É inegavel a sua benemerencia. No entanto, por uma estranha ironia, não ha um só jornal que o gabe sob este aspecto! Elogiam-lhe todos os atos, sua ação financeira, sua atuação agricola, sua equidade na justiça. Mas a coisa que mais de perto interessa á imprensa não merece dela o mais leve toque...

Por que? Talvez por injunção de velhos resíduos morais, persistentes no caráter moderno como uma especie de gafeira.

Mas a moral, como tudo, evolue. O que é crime hoje pode ser virtude amanhã. O gatuno na Grecia era honrado como um habil prestidigitador; perdeu o prestígio depois, chegou a ser considerado como o mais

infame dos homens; hoje reabilita-se, e terá ainda honras como nunca lhas concedeu o grego.

Nas escolas futuras muitas disciplinas inuteis, ensinadas hoje, serão substituidas por outras de alto utilitarismo. Em vez do mestre interpelar meninos sobre angulos, triangulos, senos e co-senos, farão perguntas assim:

— Quando, ao abrir uma burra, se verifica que a resistencia do aço do instrumento perfurante é 2 pontos menor que a resistencia do aço perfurado, qual a formula a adotar-se: a equação de Rocca ou o binomio de Carletto?

É tolice, pois, ficarmos toda a vida no Marquês de Maricá, convencidos da imutabilidade dos principios morais. *Le monde marche...* e lá vai de roldão Marco Aurelio, Epitecto, o Decalogo, Maricá e quanto fossil procura entravar as rodas do ex-carro, hoje aeronave do progresso.

Já foi, *in illo tempore*, ato de suborno remunerar a imprensa pelos seus serviços em prol desta ou daquela causa. Hoje a imprensa “advoga” a bela causa governamental, e como esta causa não tem fim, a imprensa, em vez de atacar o serviço parceladamente, com soluções de continuidade nocivas ao estado, fa-lo incorporada nele, ás definitivas, como uma procuradoria *sui-generis*. Nada mais honesto, mais limpo nem mais inteligente. Nada mais “evolução”. Governar foi sempre uma arte dificil; o surto moderno da imprensa veiu agravar essa dificuldade com o pôr-se a imprensa em frequente antagonismo com o governo. O povo, sabendo da ação do governo unicamente por intermedio da

imprensa, sofre com a apresentação desairosa que esta lhe faz dos atos.

De modo que se tornou impossivel governar sem auxilio da imprensa.

Mas era imoral suborna-la.

Como sair do dilema?

Suprimi-la? Impossivel. Amordaça-la? Peor ainda. A solução unica é portanto a paulista, experimentada no ultimo quadrienio com tamanhos resultados: subvenciona-la.

Realizada já esta grande conquista, que faz fremir de entusiasmo os ossos de Gutenberg, resta ainda escoima-la da bioquice hipocrita; e sobretudo poupar ao Quarto Poder a frequencia malsã da Verba Secreta.

Tenhamos a coragem dos nossos atos.

Afirmemos de cabeça erguida a nossa evolução, em que pese aos rançosos moralistas e a esses remanescentes grotescos duma moral morta: os jornais de oposição. Opor-se á prosperidade, á comodidade, ás delicias do oficialismo, á aposentadoria, á fecunda irrigação com as aguas do Pactolo, somente por amor do povo, ralé ignobil indigna do menor sacrificio, é coisa que depõe contra a sanidade mental dos discolos. Hospicio com eles! E, orgulhosa, eliminado o amarelo da gama das suas cores, penetre a imprensa, com desassombro, na fase aurea de sua existencia, legalmente transfeita em o Quarto Poder do Estado — com rubrica nos livros do Tesouro e libertada para sempre da aviltante focinhança na gamela suja da odiosa Verba Secreta. Amem.

Honni soit

Uma folha carioca, notavel pelo criterioso da informação e pelo tom elevado com que aborda nossos problemas, insinua, em artigo de fundo, como fato gravissimo, o singular “emagrecimento” do stock de café adquirido pelo governo paulista. Dá assim o curso da letra de fôrma ao murmurio da praça de Santos, em face da quebra de quatro por cento verificada nesse café por ocasião do reensaque.

Uma ninharia, esses 4%: apenas cento e vinte mil sacas, valendo nove mil contos no bloco dos tres milhões de sacas adquiridas.

Citamos esta insinuação da folha carioca simplesmente para robustecer nossa tese relativa á oficialização da imprensa, exposta nesta coluna ha uma semana.

Estivesse já totalmente realizada a grande reforma da incorporação da imprensa ao estado como o seu quarto poder, e o espirito publico não passaria neste momento pelo desgosto de sentir pelas ventas o bafo duma nova maroteira.

Mas não está realizada a reforma. Subsistem fora do aprisco varios orgãos pirronicos, e tanto basta para que se perturbe a paz de conciencia dos governantes e a doce beatitude dos governados.

Em plena apoteose a fogos de bengala do governo paulista, quando toda a imprensa rosea se abre em louvores, atribuindo aos seus gestores o grande surto economico do estado nestes ultimos quatro anos, desde a safra de algodão até a geada valorizadora, a nota do jornal amarelo cai como pingo d'agua no azeite em fervura. O publico, opiado pela palavra maviosa das sereias, acorda e arrepia-se; sofre na bossa do comodismo um desagradavel choque e entra-se de duvidas quanto á onzemilvirginal pureza dos apoteosados.

Ora, a felicidade do povo deve ser o fim supremo do governo, e lesa o estado de felicidade dos suditos todos os conceitos desairosos que corram á conta dos magnatas. Deve, pois, o governo impedir por todos os meios essa lesão da felicidade publica, causada pela apresentação aleivosa que de seus atos faz a imprensa rebelde.

Sob o regime da oficialização criado por S. Paulo, e que defendemos com o maximo calor, fica livre a opinião publica desses desagradaveis traumatismos.

Porque tudo vai da apresentação dos fatos, pouca importancia tendo os fatos em si. Neste caso, por exemplo. Apresentado como foi o fato pelo jornal carioca, dá a impressão dum formidavel "avança" no café armazenado, ligeireza que só poderia ser praticada com a conivencia dos proprios membros do governo; do contrario procuraria este apurar responsabilidades, o que não fez.

Ora, tal apresentação é aleivosa. O stock emagreceu, é verdade, mas em virtude de causas naturais de que têm culpa as leis da fisica e não os homens. Ex-

plica-se, pois, cientificamente o fenomeno, sem que se cubram de lama os nossos pro-homens.

Cento e vinte mil sacas correspondem em peso a sete milhões e duzentos mil quilos. Parte dessa massa é composta de agua, cujo evaporamento, num clima quente como o de Santos, é facil de explicar. Outra parte é composta de oleos essenciais, muito volateis, cujo desaparecimento não tresnoita o cerebro de ninguem numa terra onde o sol evapora até o asfalto das ruas. Agua e oleos lá estão pelo espaço integrados no turbilhão atomico.

Resta o resto: a parte solida desses sete milhões de quilos. Aqui a explicação científica é mais complicada, e seria mesmo impossivel anos atrás; mas depois da descoberta do radium pelo casal Curie, não apresenta a minima dificuldade.

Impressionado com as propriedades do radium, Gustavo Le Bon publicou um livro — "Evolução da Materia" — onde formula as novas hipóteses científicas desse corpo. Le Bon argumenta com muita lógica que o princípio de Lavoisier — nada se cria, nada se destrói — pedra fundamental que foi da química, está errado, e deve ser substituído por um outro que concilie a ciência com as propriedades do radium. Nada se cria, tudo se destrói: eis o novo alicerce da química. A matéria perde-se, esvai-se, extingue-se. A radiação não é uma propriedade exclusiva do radium, e sim de todos os corpos; apenas se manifesta com maior intensidade no radium.

E a radiação é a forma, o modo de extinguir-se da matéria.

Os atomos dissociam-se, turbilhonam, e perdem-se nos intermundios siderais. Os tres estados classicos da materia, solido, liquido e gasoso, passaram a quatro, com a entrada em cena do estado radiante. Mas este estado radiante não é propriamente um quarto estado da materia, e sim uma propriedade que a abrange toda. Liquida, solida ou gasosa, a materia é sempre radiante, isto é, subsiste num permanente estado de dissociação atomica que lhe dá cabo do canastro.

Apesar da infinita lentidão com que se opera o fenomeno dissociativo, tempo virá em que a materia estará totalmente extinta, dispersada, difundida pelo espaço como discreto perfume.

Ora, com o auxilio desta nova teoria nada mais facil do que explicar com rigorismo cientifico o emagrecimento do stock de Santos, sem inculpar os nossos governantes. Que culpa têm eles, afinal, de que a dissociação atomica seja um fato? E que se tenha manifestado no café com intensidade imprevista, em virtude duma anafilaxia qualquer? O café evaporou-se nas partes liquidas, e dissociou-se nas partes solidas. Transferidos em atomos, os sete milhões de quilos que faltam andam a fazer propaganda da terra roxa pelos confins etereos. Nada mais claro, nem mais rigorosamente cientifico.

Vê-se, pois, deste exemplo, como tudo varia com a apresentação do fato, e como ha vantagens para a felicidade do povo na apresentação oficializada. Todos ficamos satisfeitos, e ainda o povo se instrue com a lição científica chamada a esclarecer o misterio, lição esta muito adequada á compreensão de muito desfalque

até aqui injustamente atribuido aos homens. Porque está provado que o dinheiro tambem se irradia, chegando mesmo, quando publico, a possuir um dos mais altos coeficientes dissociativos.

Nesta hipótese, sob o novo regime dos jornais, não se negaria a evidencia do fato; o fato viria á tona banhado de luz, mas da boa, da santa, da fecunda luz rosea de que depende a felicidade dos cavalgantes e cavalgados.

Outro caso, agora. Suponhamos, por exemplo, que um senador da Republica, de alto destaque na politica e velho amigo do jogo, sai da capital do país e vai á capital dum estado vizinho fazer sua fé na mesa de poker dum clube elegante, ponto de reunião da plutocracia provinciana. E lá é pilhado roubando no jogo. E que a diretoria desse clube se reune e propõe a expulsão do "indelicado". E que esta se realiza. E que o suposto senador, grande magnata alguns furos apenas abaixo do Presidente da Republica, se vê proibido de jogar naquele círculo por "indelicatesse". (1)

Um fato desta ordem, no caso da imprensa oficializada, não seria apresentado ao publico por forma nenhuma, em respeito á posição oficial do cleptomano. Se o fosse, provocaria um abalo formidável no país e fora, enxovalhando coisas que valem mais que o homem. E o mal ficaria por aí, sem repercussão maior.

Já sob o regime atual da imprensa, o regime mixto, composto de orgãos oficializados e orgãos rebeldes,

(1) O artigo refere-se a um famoso senador federal que foi pilhado no Automovel Club de S. Paulo a roubar no Jogo — sendo convidado a nunca mais aparecer por lá.

subsiste o perigo de um destes, antipatriotico, amigo do escandalo e sempre movido por paixões más, trazer a publico a gravissima denuncia, com funestas consequencias para a nação.

Não ha, pois, negar. Por mil e um motivos a oficialização integral da imprensa impõe-se cada dia mais. Todos a reclamám: o povo, cansado da pintura negra que diariamente lhe dão os orgãos amarelos; os governantes, sempre apavorados ante a possivel má apresentação dos seus feitos; e a propria imprensa, assoberbada pela tremenda crise do papel. É o meio pratico de entrarmos todos de chofre num periodo aureo como jamais o gozou paíis nenhum do mundo.

E maldito seja quem malicia isto!

TERCEIRA PARTE

PROBLEMA VITAL ⁽¹⁾

“O Jéca não é assim: *está* assim.”

(Artigos publicados n“O Estado de S. Paulo”
em 1918.)

(1) A 1.^a edição dêste livro é de 1918 e trazia o seguinte esclarecimento: “Artigos publicados n“O Estado de S. Paulo”, e enfeixados em volume por decisão da “Sociedade de Eugenia de S. Paulo” e da “Liga Pró-Saneamento do Brasil”.

A ação de Osvaldo Cruz ⁽¹⁾

De longa data vivemos num perfeito mundo da lua muito parente daquele camoneano estado d'alma ledo e cego da Inês de Castro... Sempre vimos errado, a nós e às nossas coisas. E apesar de inumeras decepções continuamos a ver-nos ainda ás avessas.

Umas tantas mundices da lua ganharam foros de axioma, desses que se demonstram pelo simples enunciado, v. g.: a triplice miragem da nossa riqueza, da nossa inteligencia e da nossa *invencibilidade*.

Resumem-se assim tais dogmas:

1º — *Somos um dos povos mais inteligentes e sensatos do mundo* — como o afirma Alberto Torres no “Problema Nacional”, consolidando uma opinião generalizada. Mas como o pensador ocupa as quatrocentas paginas de sua obra no demonstrar que em apenas um seculo de vida livre chegamos á completa *degradação moral, política e financeira*, o leitor sai do livro com esta mirifica lição nos miolos: quanto mais inteligente e sensato um povo, tanto menos capaz de organização e progresso.

2º — *Somos o país mais rico do mundo* (poetas, jornalistas, patriotas, mensagens governamentais, etc.)

(1) Na 1.^a edição o titulo do artigo é “Saneamento do Brasil”, e trazia o Subtitulo: “A ação de Osvaldo Cruz.”

3º — *O Brasil é o unico país, além do Japão, que jamais foi vencido em guerra* (didatas, oradores de Recreativas, mulatos pernósticos, etc.)

Em palestras, conferencias, *meetings*, polianteias, artigos de fundo, revistas de agricultura, livros escolares e hinos da Guarda Nacional, tais dogmas, lardeados de comovidas ufianas pelas demais maravilhas da nossa terra, impam solemes, com ares comiserados pelo resto do mundo — esse miseravel resto do planeta que não tem a sorte de ser Brasil.

Cardumes de poetas menores — desses para quem em sua Republica Platão legislava: *Coroai-os de rosas e expulsai-os* — por sua vez puseram em verso a grande ilusão, de modo a perpetua-la pela mnemonica da rima e do metro na cabeça fraca do povo.

O povo, ingenuo que é, decorou a serio o agradavel estribilho da riqueza sem par, da inteligencia primacial e da invencibilidade parelha da niponica; e consequente com o ensinado assumiu uma atitude logica: papo ao ar em soridente lombeira. Se somos assim ricos, e geniais, e invenciveis, gozemo-nos disso em doce *otium cum dignitate*, é logico.

Por seu lado a politica sarcoptosa, interessada na sonolencia budista do povo, entrou a confirmar oficialmente a miragem, por meio da velhaca literatura dos relatorios oficiais ambrosiacos e das mensagens nectarinias. E dessa falseada visão das coisas advieram males sem conta.

Hoje, graças á pressão da evidencia, cada qual já procura ver com os proprios olhos, convencido de que

entre as flores da retorica e os frutos da realidade corre seria discrepancia.

Riqueza. Te-la no seio da terra, no azoto do ar, nas essencias florestais, na literatura côr de rosa e não te-la sonante no bolso, é ser nababo á moda do chinês em transe megalomaniaco de sonho d'opio. A noção economica de riqueza, desde Adam Smith, é um pouco-chinho diversa — a mesma diversidade que vai da *palavra libra-esterlina* á *rodelinha* amarela chamada libra-esterlina.

Inteligencia. O grau da inteligencia individual ou coletiva mede-se em toda parte pelos efeitos resultantes; uma que não consegue na vida nacional senão efeitos desastrosos e grotescos, bem pode ser que mereça um nome diverso, senão oposto. Não nos deu ela, sequer, esses elementos primordiais da vida das coletividades: administração eficiente e justiça.

Nas demais manifestações, letras, artes e ciencia, ainda não criou coisa nenhuma; sempre satelitante, qual lua morta, em torno dos movimentos europeus, copia-lhe com servilismo a letra sem nunca assimilar o espirito.

O “nosce te ipsum”, preceito fundamental do progresso, pedra basica de toda criação social e individual, não o praticamos ainda: a fauna mentirosa dos panegristas vigentes prova como nos conhecemos pouco.

Só agora é que o instinto de conservação, reagindo em face de perigos dia a dia mais sérios, começa a nos entreabrir os olhos.

Damos a impressão de um povo que estremunha no despertar dum longo sono de opio. Já principiamos a nos estudar *in anima nobile*, medrosos, tatibitatis,

ainda ás apalpadelas no caminho penhascoso da observação direta e pessoal.

O ponto de partida deste movimento entronca em Osvaldo Cruz.

A escolha desse homem para chefe da higiene no Rio foi o maior passo, talvez o unico, dado pelo país durante a Republica para arrancar-se ao atoleiro onde lentamente afundava. O acaso permitiu que, em vez de um burocrata desinfetador e papelifero, penetrasse na administração um homem de genio servido por um temperamento de organizador. Esse fato teve uma altissima significação mal percebida no momento: era o moderno espirito científico a tomar pé no país do palavrado ôco.

Uma era nova se abria sem que dessemos tento: a verdadeira significação dos fatos só pode ser avaliada depois que a corrente das consequencias, no estirar dos anos, permite a visão perspectiva.

Até Osvaldo o medico no Brasil era o Chernoviz: xaropes, iodureto e a continha. Curava — quando não matava. Prevenir, nunca. O higienismo dormia o sono das crislidas, apesar do movimento científico universal determinado pelas teorias pasteurianas.

Pasteur descobrira um como novo reino da natureza, o bacterial, ponto de convergencia, confusão e elaboração dos tres reinos classicos — mundo novo até ali apenas vislumbrado intuitivamente pela metafisica duns tantos precursores proféticos. Pasteur revelara o que por imagem chamaremos a teoria atomica da vida, esse esfervilhar invisivel de vibriões que fazem e desfazem os organismos superiores, transportam o organico para

o inorganico e elaboram a materia morta para a criação da materia viva. Mundo maravilhoso do supra-sensivel, onde a micro-sociedade de invisiveis anõesinhos belicosos faz do nosso corpo um eterno campo de batalha, e transforma as pobres criaturas humanas em loucos lueticos, tuberculosos, lazarios, leishmanicos, tificos, papudos, paraliticos, afasicos, tracomatosos, cretinos, colericos, etc.; e mata-as nas agonias horrendas do tetano ou lhes transforma a vida num calvario longo de miserias, conforme vence esta ou aquela facção, o espiroqueta palido ou o bacilo de Hansen, uma leishmania ou o gonococo, o tripanosoma cruzi ou a virgula do colera.

Aberta por Pasteur a devassa micro-organica, todas as ciencias filiadas á biologia desentranharam-se em maravilhosos surtos, das mais variadas e portentosas consequencias.

Inaugurou-se para a humanidade uma era nova; a era dum novo sentido, a ultra-visão.

E a higiene nasceu.

Só o Brasil, desaparelhado cientificamente como uma China antartica, permanecia de lado, combatendo seus males caseiros com as velhas seringações empiricas daquele doutor Purgon de Molière. Foi Osvaldo Cruz quem varreu com a seringa, com o lenço de rapé, com a cartola do matassano, e entronizou no lugar dessas rancidas antagalhas o laboratorio e o microscopio.

Na Europa, ao gesto de Pasteur, uma legião de sabios verdadeiros formou fileira em torno das suas ideias. Aqui, em torno de Osvaldo, um pugilo de estudiosos se cerrou em Manguinhos, cheios do mesmo ardor apostolico.

O que em tão curto prazo operaram esses heroicos moços nunca será louvado em excesso.

Osvaldo, Gaspar Viana, Chagas, Neiva, Lutz, Astro-gildo, Chaves, Vilela e Belisario Pena fizeram num lustro o que a legião de chernovizantes anteriores não fez num seculo.

Não que sejam criaturas de exceção, genios incendidos de faúlas divinas; mas simplesmente porque, aparelhados com os metodos modernos, trabalharam norteados pelo seguro criterio pasteuriano.

Esse metodo, essa ideia nova, tão fecunda em resultados, que anima todos os filhos de Pasteur, qual é ele afinal?

Definê-o uma anedota.

Quando o governo francês incumbiu Pasteur de investigar as causas de certa molestia do bicho da seda, o modesto farmaceutico transportou-se para a zona infetada e ali parou na cidadezinha obscura onde residia o insigne Henri Fabre. O entomologista recebeu o desconhecido Pasteur com a lhaneza habitual e, ouvindo de sua boca ao que vinha, mostrou-lhe uns casulos contaminados, por acaso ao alcance de sua mão.

Pasteur fez cara de quem enxergava aquilo pela primeira vez.

— Que diabo é isto? perguntou.

— Pois é o casulo que você vem estudar, retrucou Fabre, espantado de tamanha ingenuidade.

Pasteur examinou-os por uns momentos.

— É interessante! — disse chocalhando o casulo ao ouvido, num movimento de criança: “Ça sonne!”

Ignorava completamente o objeto do estudo para o qual fôra comissionado. Não obstante, concluído este a molestia que ameaçava arruinar a zona da seda era subjugada para sempre.

Eis o segredo.

É mister bordar os problemas com absoluta isenção de animo, limpo de ideias preconcebidas, de espirito partidario, de facciosidade de escola, de sentimentalismo pueril; é força começar do principio, não interpor entre o caso em fôco e o solido preparo tecnico do cientista nenhum apriorismo perversor.

O verdadeiro sabio não emite opinião: consulta o laboratorio e repete o que o laboratorio diz, sem enfeite nem torsão.

É com esse espirito novo que havemos de estudar e resolver os nossos problemas — e este espirito por enquanto só se denuncia em Manguinhos.

O povo, cretinizado pela miseria organica de mãos dadas á mistificação republicana, olha em torno e só vê luz no farol erguido por Osvaldo num recanto sereno do Rio. Só de lá tem vindo, e só de lá ha de vir, a verdade que salva e vence. Foi de lá que reboou esse veementissimo brado de angustia que é o livro de Belisario Pena — “O Saneamento do Brasil” — voz de sabio que escarna ao vivo as mazelas do país idiotizado, exangue, leishmanioso, papudo, faminto na proporção de 80 por cento, e grito de indignação dum homem de bem contra a phtiriase organizada em sistema politico que rói com furia acarina o pobre organismo inanime.

Dezessete milhões de opilados

Computam alguns estatistas em 25 milhões de habitantes a população do Brasil. Destes 25 milhões, 17 milhões são criaturas derreadas no fisico e no moral pela ancilostomose, caso não errem os calculos de Manguiinhos que fixam nas alturas dos 70% a proporção dos brasileiros avariados por essa calamidade.

Mal da terra, denominou-o com muita propriedade o povo, que tambem o conhece por *cangoari*, *opilação*, *amarelão*. É bem o mal por excelencia da terra brasiliaca um que assim inutiliza dois terços de seus filhos...

Donde provem semelhante flagelo?

Dois parasitos intestinais, o *Necator americanus* e o *Ancilostoma duodenale*, irmãos morfologicos a ponto de se confundirem, aboletaram-se no duodeno do homem como em casa sua. Ali passam a vida em familias de um macho para tres femeas, ocupados na faina de perpetuar a execravel especie.

Não existe ser mais bem aparelhado para a sobrevivencia do que este ascoroso verme. Cada femea dá-se ao trabalho de pôr em media 6.000 ovos por dia, e como é por milheiro que vivem penduradas na mucosa de um pobre intestino, cada doente funciona como um oviduto, uma indireta maquina de lançar ovos, com as fezes, á superficie da terra. Em contacto com a terra

estes ovos amadurecem, e 25 horas depois, completada a incubação, salta fora do ovo a ninfa.

Se o vibrião recem-nascido encontra condições propícias — e entre nós encontra sempre o calor e a umidade requeridos — enquastra-se numa casca protetora e deixa-se ficar ao leu, nas poças d'água ou nos lugares sombrios, á espera dum pé incauto a que possa aderir.

A invasão do organismo humano se faz pela boca, na ingestão de alimentos contaminados, ou através da pele; e é sobretudo em altissima escala feita através da pele dos pés. Aderem a ela e enfiam-se por um poro a dentro até ganhar o primeiro canal linfático. E por essa via acima, em viagem de Julio Verne pelo corpo humano, caminham, guiados por maravilhoso instinto, até se localizarem no duodeno, em cuja mucosa se aposentam comodamente, ferrando nela a ventosa armada de garras. E alí passam regalada vida, sorvendo o sangue do paciente e exsudando em troca uma toxina de terríveis efeitos.

Este verme dá a perfeita imagem dos parasitas sociais que se acostam ao Estado e em languido ocio mamam a vida inteira o sangue-dinheiro elaborado pelas classes produtoras. O funcionário publico aposentado pode classificar-se com exação no genero *Ancilostoma aerarii*, sem que lhe façamos nenhum favor.

O ciclo do ancilostomo é, pois, este: mucosa intestinal como habitat do individuo adulto; em estado de ovo desce pelo intestino grosso e de lá se passa á terra, carreado nas fezes; uma vez na terra, desabrocha em ninfa; a ninfa adapta-se ao ambiente e

espera com infinita paciencia o “pé-no-chão” da ingenua criatura feita á imagem e semelhança de Deus que lhe passa ao alcance; encontrado esse pé propicio, a ninfa ri-se do rei da criação, finca-se num poro e penetra no corpo do rei por escaninhos e portas de seu conhecimento instintivo, até alcançar a Canaã do duodeno, onde se aposenta com todos os vencimentos, entregue á tarefa agradavel de botar ovos aos milheiros para que não haja hipotese de periclitar a sobrevivencia da especie.

Não têm conta os males causados no organismo humano pelo horrendo verme. A permanente sugadela de sangue traz logo profunda anemia; a hemoglobina, cuja proporção normal no sangue é de 80%, cai até abaixo de 20%; os preciosos globulos vermelhos são destruidos em massa, decaindo do coeficiente normal de cinco milhões por milimetro cubico para a miseria de um milhão e ainda menos. De par com estas, outras alterações sofre o sangue, as quais se refletem na economia do paciente, redundando em baixa do seu tonus vital, enfraquecendo a defesa natural do organismo e predispondo-o á invasão vitoriosa de todas as doenças. E ainda inclina o opilado ao vicio da cachaça, lenitivo a que recorre para contrabater a permanente sensação de frio que o desequilibrio sanguineo acarreta.

Se ficasse nisso...

A inteligencia do amarelado atrofia-se, e a triste criatura vira um soturno urupê humano, incapaz de ação, incapaz de vontade, incapaz de progresso.

Retrato do nosso caboclo quem o dá perfeito, com fidelidade fotografica, é o medico ao desenhar o quadro

clinico do ancilostomado. Tudo mais é mentira, retorica, verso. Esses heroicos sertanejos, fortes e generosos, evolução literaria dos indios plutarquicos de Alencar; essa caipirinha arisca, faces côn de jambo, pés lepidos de veada, carne dura de pessego: licenças bucolicas de poetas jamais saídos das cidades grandes.

O que nos campos a gente vê, deambulando pelas estradas com ar abobado, é um lamentavel naufrago da fisiologia, a que chamamos homem por escassez de sinonimia. Feiíssimo, torto, amarelo, cansado, exangue, famoto, fatalista, geofago — viveiro ambulante do verme destruidor.

Do lado feminino é a mulher sem idade, macilenta aos doze anos, velha aos dezesseis, engrouvinhada aos vinte, mumia aos trinta, e como o homem, ocupada na tarefa de abrigar carinhosamente no seio a fauna infernal.

É fantastico, isto!

Milhões de criaturas humanas com a função social adstrita á veiculação das posturas do ancilostomo! Um país com dois terços do seu povo ocupados em pôr ovos alheios!

Em consequencia da escravização do homem ao verme jaz o país em andrajosa miseria economica, resultante natural da miseria fisiologica. E os paredros do litoral, luminares da politica, os sumos pontifices da intelectualidade, espinoteiam, zaranzas, na tentativa de fisgar soluções puramente formalisticas, sem contacto nenhum com as realidades cruas.

Uns, para exterminar os males que decorrem desta lepra do duodeno... querem a revisão constitucional! Basta mudar umas palavras ao artigo sexto, botar mais dois anos no periodo do presidente, e ai do ancilostomo!

Outro, feminista, quer reforma do sufragio com direito de voto estendido ás opiladas.

Este convence as massas de que, vestindo farda obrigatoria, o doente do Brasil sára. Aquele proclama como panaceia das boas o parlamentarismo.

E com tantos medicos, o país continua na faina sem fim de ciclar o todo-poderoso vermel...

Entretanto, se é assim destruidor o parasito em causa, nada mais facil do que combate-lo.

Bastam apenas duas coisas: defender os pés contra a infecção pelo uso dos sapatos, e evitar a infecção pelo uso da fossa.

Facilimo e dificilimo.

Como calçar este país, unico no mundo, fora as populações selvagens da Africa, que ainda anda de pé-no-chão?

Como inocular na inteligencia bruxoleante do povo a necessidade da fossa?

Seria uma tarefa talhada ás camaras municipais e aos inspetores de bairro — em contacto direto como vivem eles com a gente assolada. Mas de que modo convencer a um coronel prefeito de camara, ou tenente inspetor de quarteirão, da existencia, vida, costumes e atividades de um verme que ele não vê? Estes espiritos fortes só creem no que seus olhos enxergam...

Disto resulta dificilima a extinção dum mal de facilíma extinção.

Não obstante “é preciso” extirpa-lo.

A permanencia do mal equivale a um suicidio colectivo — nem sequer heroico, da beleza tragicá dum sabre a rasgar o ventre dum samurai, mas suicidio lento e indecoroso, coisa degradante que transforma esta grande paragem sul-americana em hospital ao ar livre, povoadão de cretinoides encachaçados, a lamuriar dôr na “boca do estomago” e cansaço. Suicidio em massa de milhões de criaturas que no seio duma natureza forte e rica songa-mongam rotas, esqualidas, famintas, doridas, incapazes de trabalho eficiente, servindo apenas de pedestal aos gozadores da vida que literatejam e politicalham nas cidades bradando para o “interior” inanime:

— Indolentes! Vêde como prospera o italiano e o português!

E o governo, por boca do facundo chefe da Produção Nacional, insere nas folhas proclamações onde se repete o estribilho:

— Trabalhai, plantai, lavrai a terra desde a madrugada até o pôr do sol!

Os escravos do verme — 17 milhões de criaturas! — ouvezn as apostrofes com indiferença muçulmana e continuam na tarefa de intensificar a produção de ovos alheios, para gloria imperitura dos nematoides.

Ha longos anos que é assim.

Ninguem clamava.

Foi mister que nascesse Osvaldo Cruz, que Osvaldo fundasse Manguinhos, que Manguinhos reunisse em seu seio uma pleiade de estudiosos, e que dentre eles Belisario Pena desferisse um grito lancinante de angustia para que afinal volvessemos para os males caseiros os olhos ha tantos anos postos nas coisas europeias.

Ah, se o Brasil que fala e pensa e age consagrassse ao estudo e solução dos problemas internos um decimo das energias despendidas em comentar os fatos europeus...

Mas é impossivel isso. Não ha tempo, nem é chique. O chique é meditar nos destinos da Alsacia Lorena...

Tres milhões de idiotas ⁽¹⁾

O nosso tipo de habitação rural não varia de norte a sul. Paredes de pau a pique ripadas de taquara, barreadas a mão e colmadas de sapé, palmas ou cascas de arvore. O barro ao secar contrai-se e lagarteia-se de inumeraveis rachaduras — couto propicio á ninhação de insetos domiciliarios.

É nessas rachas que mora o barbeiro, nojento percevejo tamanho como a barata, conhecido ainda por *chupão*, *chupança*, *bicho de parede*, *bicudo* ou, cientificamente, *Triatoma megista*.

Bebedor do sangue do homem e de outros animais, o horripilante inseto noturno sai com as trevas da sua toca, aproxima-se das vitimas, distende o “fincão” — tromba sugadora de fio navalhante — espeta-o na carne do adormecido e suga-lhe o sangue até cair para um lado de panturra cheia. Vivendo ás centenas em cada casebre, ninguem lhes escapa á sanha. Belisario Pena conta que certa vez apanhou em flagrante delito de sucção, no corpo de uma pobre criança de quatro anos, dezesseis ninfas, taludas como baratas descascadas, e oito barbeiros adultos, além de mais de cinco que, fartos, já se aprestavam pesadamente para voltar ao escon-

(1) Na 1.^a edição o titulo deste capitulo é: “Tres milhões de idiotas e papudos”.

derijo. Cada um deles sugando para mais de uma grama de sangue, e alternando-se na vampirica tarefa, é facil imaginar o quanto perdia de sangue por noite essa criança — essa criança que não é “uma” criança, mas *a criança do sertão brasileiro...*

Ora acontece que nos intestinos deste asqueroso bicho o *Tripanosoma cruzi*, parasito da molestia de Chagas, vive, evolue e prolifera; e dalí, através da tromba sugadora, passa-se ao corpo humano no momento da picada.

A criatura mordida e inoculada pelo tripanosoma é uma criatura perdida para sempre, tornando-se além disso um novo e perigoso fóco de propagação da molestia.

Vem logo a febre, que persiste durante dias e até meses: é o parasito que está vagueante na corrente circulatoria. Depois, conforme se localiza nas fibras musculares do coração, na substancia nervosa ou nas glandulas secretoras, a vitima apresentará, ou gravíssimos sintomas de mortais perturbações cardíacas, ou paralisias, deformações e cretinismo, ou varios fenomenos de endocrinismo.

Quando a localização se dá na glandula tiroide surge a papeira, com o seu horrivel cortejo de reflexos encefalicos, manifestados numa escala de depressões mentais oscilantes entre o simples aparvalhamento e o cretinismo completo.

O estudo deste flagelo, cuja etiologia devemos inteira a Carlos Chagas, abre á visão o monstruoso quadro patologico que ele entrevira na paisagem rude dos sertões á guisa de um circulo inedito do Dante.

Regiões inteiras assoladas. Parte de Minas, do Piauí, do Maranhão, de Mato Grosso, da Bahia, agonizando nas unhas de um inseto!

Tres milhões — tres milhões! — de criaturas atoladas na mais lugubre miseria mental e fisiologica por artes de um baratão!

Crianças dizimadas em massa — e felizes quando morrem; se vingam crescer dão de si um rastolho humano de sordido aspecto, que “atenta, diz Chagas, contra a beleza da vida e a harmonia das coisas.”

Vilas inteiras nas quais nem para amostra se encontra um individuo indene.

Em regiões de bom clima, terra fertil e boas aguas, a expedição Neiva-Belisario acampou em cidadesinhos onde não foi possivel obter uma informação segura relativa ao itinerario, porque não existia *um só individuo que não fosse mais ou menos idiota!*

Nessas pocilgas humanas, faltas de tudo, desde os elementos basicos da alimentação até ás mais comezinhas noções de higiene, a vida é puramente vegetativa, sem beleza, sem dignidade, sem risos — um soturno e eterno gemido de dôr transfeito no rictus apavorante da idiotia.

E pensar a gente que as vitimas do tripanosoma orçam, nos calculos de Carlos Chagas, por tres milhões — tres milhões! Uma população pouco menor do que a do Estado de São Paulo!

Tres milhões de quantidades negativas, incapazes de produzir, roendo, famintas, as sobras da produção alheia — e o que é peor, condenadas ao mau fado de

viveiros do parasito letal para que bem assegurada fique a futura e permanente contaminação dos sadios...

No entanto, as autoridades não movem passo; os literatos das capitais bisantinizam sobre a colocação dos pronomes e outras maravilhas; poetas a granel gastam todas as reservas fosforicas na metrificação de umas maguas de mentira e de uns amoresinhos de esquina; estetas de olho ferrado na França auscultam o pulsar do coração latino para fisgar de primeira mão a "nova corrente em via de substituir o parnasianismo"; politicos armam e desarmam casos, requerem habeas-corpus, eructando com grande riqueza de RR roçagantes a avariada palavra Republica.

Um olhar, uma medida, uma campanha contra o grande mal, nisso ninguem cuida. Não ha tempo, não ha verba...

E o mal cresce...

Deste deperecimento progressivo da população deflue nosso craque economico. As lavouras organizadas, como a do café, entanguem-se no desespero da falta de braços, mal se interrompe a corrente da imigração europeia.

Braços! Braços! Ha fome de braços. Um país de 25 milhões de habitantes não consegue fornecer braços para a lavoura do café, lavoura que *produz menos que uma das grandes empresas açucareiras de Cuba*.

É que os braços estão aleijados.

Ha-os de sobra, mas ineficientes, de musculos roidos pela infecção parasitaria, o que obriga a lavoura ao onus indireto de importar musculos europeus, ou chins,

ou japoneses — o que haja, contanto que seja carne sadia e não fibras em decomposição.

Entretanto, a solução definitiva do problema eterno da lavoura quem a dará é a higiene.

Suprimindo a ancilostomose, ela restituirá á faina fecunda dos campos dezessete milhões de aleijados; destruindo o barbeiro, ela evitará que os tres milhões de idiotas e papudos de hoje venham a ser seis milhões amanhã.

Os existentes ir-se-ão extinguindo — pois a molestia de Chagas é incurável — mas as gerações futuras estarão libertas do flagelo.

Disto se conclue que a Republica dos Estados Unidos do Brasil é um gigantesco hospital que em vez de lidoado por enfermeiros é dirigido por bachareis. E conclue-se ainda que é tempo dos sofistas de profissão cederem o passo aos cientistas de verdade.

É ridículo, e mais que ridículo, fatal, permanecer uma enfermaria desta ordem coalhada de legistas discutindo chicanas á cabeceira de milhões de entrevados.

O bacharel do Brasil faliu.

Dominando sem peias na política e na administração, não conseguiu organizar sequer a justiça. Vive a lamuriar de juizes, tribunais e leis, da justiça em suma, uma coisa criada por ele, que funciona por intermedio dele, para uso, goso e proveito dele — e no entanto positivamente falida.

Manguinhos, nos seus poucos anos de existencia, mal dotado pelos bachareis da governança com verbinhas choradas, resmungadas, ratinhadas ás gordas matoeiras, com meia duzia de estudiosos lá dentro anima-

dos pelo espirito criador de Osvaldo Cruz, Manguinhos já fez mais pelo Brasil do que um seculo inteiro de bacharelice onipotente.

A salvação está lá.

De lá tem vindo, vem, e virá a verdade que salva — essa verdade científica que sai núa de arrebiques do campo do microscópio, como a verdade antiga saía do poço.

Foi esse espirito científico que fez todas as nações prosperadas, e aqui já nos libertou das grandes epidemias. Só ele nos libertará dos males endémicos, mil vezes mais funestos.

Que é a febre amarela, ou a peste bubonica, em face da malaria, da opilação, do flagelo de Chagas? Quasi nada. Mas vê-se, acode-se, previne-se, evita-se, domina-se um morbus que ataca violentamente mil; não ha olhos, não ha prevenção, não ha tentativa de profilaxia para o mal que subrepticiamente arraza milhões.

Fala-se hoje em patria mais do que nunca. Jamais o dispendio de hinos, versos, conferencias, artigos, livros, boletins e discursos patrióticos foi maior. No fundo de tudo isso, porém, está a retórica vã, a mentira, a ignorância das verdadeiras necessidades do país.

Programa patriótico, e mais que patriótico, humano, só ha um: sanear o Brasil.

Guerra com a Alemanha só ha uma: sanear o Brasil.

Reforma eleitoral só ha uma: sanear o Brasil.

Fomento da produção só ha um: sanear o Brasil.

Campanha cívica só ha uma: sanear o Brasil.

Serviço militar obrigatório só ha um: sanear o Brasil.

E sanea-lo antes que o estrangeiro venha faze-lo por conta e proveito proprios.

Se tencionamos subsistir como povo soberano, livres do pesadelo de ignominiosa absorção, o caminho é um só: sanear o Brasil.

Por instinto de conservação é força, pois, que o bacharel — *Triatoma bacalaureatus* — entregue o cetro da governança ao higienista, para que este, aliado ao engenheiro, consertem a maquina brasilica, desengonçada pela ignorancia enciclopedica do rubim.

Dez milhões de impaludados

O Brasil é o país mais rico do mundo, diz com entono o Pangloss indígena. Em parasitos hematofágos transmissores de molestias letais — conclue Manguinhos.

E é.

Não bastava o ancilostomo. Não bastava o barbeiro. Vem completar a trindade infernal a anofelina, mosquito que veicula o hematozoario de Laveran, pai da malaria.

Este micro-organismo aloja-se nos globulos vermelhos do sangue e os destroi; aloja-se ainda no baço, no fígado e no encéfalo, produzindo as inchações bem conhecidas e os acessos perniciosos em que periodicamente tremem dez milhões de criaturas nossas patrícias. (Hão de achar exagerados estes cálculos. Mas justificam-se. Na falta de estatística exata só ha recurso ás autoridades. Para a população do país valho-me da de Rui Barbosa, que a calculou em 25 milhões. Para o cálculo dos paludicos recorro á de Manguinhos, que orça a proporção dos doentes em 40%. Rui e Manguinhos são indubitavelmente duas boas autoridades).

Assim, na terra paradisiaca onde dezessete milhões de criaturas vivem para uso e goso do ancilostomo, e três milhões pagam pesado tributo de sangue, de vida

e de inteligencia a um miseravel percevejo, dez milhões tiritam na febre consuntora do impaludismo. Para alcançar tais numeros é força que a maioria dos doentes abriguem simultaneamente no organismo os tres hospedes letais. E é o que se dá.

A malaria, depois da ancilostomose, é a maior responsavel pela degradação fisiologica do povo brasileiro. Ela o anemia, engorgita-lhe o figado e o baço — mata-o.

O agente transmissor é a *anofelina*, um mosquito irmão do pernilongo caseiro, *culicina*, esse importuno musico do “fium” que nos manteve sob a flagelação amarilica até ao aparecimento de Osvaldo Cruz.

Divergem, entretanto, nos habitos e em certas particularidades morfológicas. A *culicina* pousa encolhida, abdomen e cabeça baixos, em atitude de beata que reza. A *anofelina* enrasta o abdomen para cima, no jeito de um obuseiro que joga por elevação. Além disto distingue-as inconfundivelmente o aspecto da asa, que a primeira tem de uma só côr e a segunda manchada.

A *anofelina* é silvestre, vive no sombrio das matas, foge ao descampado e á luz. Os machos, fracos de tromba, não conseguem perfurar a pele do homem, e por isso vivem do mel das flores e do suco das frutas. Já as femeas desadoram esse vegetarianismo, querem sangue e de preferencia sangue humano. Para isso invadem as habitações e o sugam nas pessoas adormecidas.

Até aí nada.

Todos os seres organizam o seu cardapio como lhes apraz, e elas comem do homem com o mesmo direito com que o homem come do boi.

Mas o sangue do homem nem sempre é alimento sadio, alterado como anda por tantas infecções morbiferas. Se acontece estar contaminado pelo *plasmodio da malaria*, as pobres anofelinas incautas vêem-se contaminadas por sua vez. Os hematozoarios aboletam-se nos seus intestinos, ali evoluem e proliferam por milhões, deixando-as maleitosas; e as mosquitas, inocentemente, sem nenhuma tenção malevola, ao sugarem o sangue de um individuo são transmitem-lhe de boa fé o mal que lhes pegou o homem.

Destarte é ao rei da criação, senhor da Inteligencia e da Vontade, que compete, para libertar o mundo da terrível endemia malarica, evitar por todos os meios a contaminação dos corpinhos limpos das anofelinas. É mister conserva-las puras da macula paludica. Se deixa de o fazer — ai dele! — pagará caríssimo o desleixo.

Eis como se faz o transporte do corpusculo palustre de uma criatura para outra, por accidental intervenção duma mimosa cantarina alada.

Para combater o hematozoario de Laveran de ha muito que a ciencia possue um específico poderoso, a quina. O plasmodio não resiste á ação do alcaloide de Pelletier. O tudo é que o sal de quinina ingerido o seja de fato, e não sordida e criminosa falsificação, como acontece muitas vezes. E é necessário ainda que ele penetre no organismo na dose requerida pela posologia, pois do contrario o parasito não expungido pelo

arranque da ofensiva inicial inventa o seu Marne, es-
cora o inimigo, sexua-se em gametos de alta resisten-
cia ou entrincheira-se no baço e na medula dos ossos,
recessos fora do alcance toxico do alcaloide.

A profilaxia da malaria é a mesma da febre ama-
rela. Na impossibilidade em que está o homem de
destruir por completo o mosquito sanguinario, só ha o
recurso de evita-lo, interpondo, nas zonas rurais, um
aceiro escampo entre a casa e o mato; e nas casas ur-
banas isolando os doentes. Em ambos os casos a pro-
videncia é a mesma — isolamento, embora obtido por
meios diversos.

Além dessa medida, toda profilatica, inda cumpre
provocar a cura por meio da quina. Para o combate
á malaria são, pois, necessarias a quina e a higiene
preventiva, coisas que não possuimos.

O Brasil não tem quina. O fato de existirem nas
farmacias sais de quinino por preços fabulosos, numa
terra de pobreza onde o impaludado chia de fome, vale
por não ter quina.

País tropical sem quina é país perdido.

O inglês vence a palude indiana á custa de tone-
ladas de quinino. Sem que o Estado, como lá, chame
a si a fabricação e distribuição, positivamente gratui-
ta, do poderoso específico, nada conseguiremos nunca.

Felizmente parece que — graças ainda ao espi-
rito de Osvaldo Cruz pairante no animo de seus dis-
cipulos — o governo de São Paulo tomou a peito rea-
lizar em Butantã o fabrico do remedio salvador.

Bem haja.

Dote-se o laboratorio com metade das verbas gastaas em subvenção de jornais, e Butantã salvará o país inteiro da infecção palustre.

Das tres endemias pavorosas que fazem do Brasil uma nação pobre, aparvalhada e fragilima, se nem todas são curaveis, são todas evitaveis.

Mas é doloroso dize-lo: as coisas estão por este nível e ninguem, fora do circulo restrito dos discípulos de Osvaldo, põe tento na gravidade da situação.

Os governos digerem e engordam, alheios á mazela da montaria embriddada.

A parte culta da sociedade folga e ri, fazendo lembrar Bisancio.

Lá tambem era assim.

Maomé II já desfraldava o pavilhão da meia lua nos muros da cidade e os bisantinos ainda disputavam gravemente sobre a Consubstanciação do Verbo ou a Luz Incriada do Tabor.

Nós plagiamos o Baixo Imperio na agonia.

Meio país em tremura de sezões, inchado, palido, inerte, faminto, pede quina como o torturado da sede pede agua?

O governo dá-lhes novas reformas eleitorais.

Dezessete milhões de criaturas exangues, languentes na canseira sem fim do amarelão, erguem olhos mortiços para o Olimpo, pedindo misericordia?

Jupiter, Momo, Ganimedes sorriem e dão-lhes os conselhos paternais do Vieira Souto: "Trabalhai desde o romper da aurora até ao pôr do sol".

Tres milhões de embarbeirados, vergada a cabeça
ao peso das papciras, sorriem o sorriso doloroso dos
cretinoides?

As sociedades recreativas discutem qual o maior
— César, Alexandre ou Foch.

A leishmaniose ulcera horripilantemente a cara de
milheiros de irmãos miseraveis?

Nós debatemos a colocação dos pronomes.

A lepra campeia avassaladora, encaroçando as car-
nes e putrefazendo em vida centenas de individuos?

Nós cantamos *rag-times* patrióticos.

Legiões de criancinhas morrem como bichos, de
fome e de verminose?

Nós abrimos subscricções para restaurar bibliotecas
belgas.

A mulher dos campos mumifica-se de miseria aos
vinte anos?

As damas da cidade five-ó-clocktizam em francês,
nos Trianons e nas Cavés, mostrando umas ás outras
fotografias dos *poilus* de que elas são madrinhas.

— “É do regime, é do regime”, explica alegre-
mente o sr. Rodolfo Miranda.

Diagnostico

De par com os tres flagelos endemicos, a opilação, a malaria e a molestia de Chagas, uma só das quais bastaria para derrancar o país, a lepra campeia infrene, a sifilis alarga os seus dominios, a tuberculose avulta cada vez mais e a leishmaniose, essa horronda ulcera de Baurú ou ferida brava, deforma milhares de criaturas.

A sifilis é contrabatida nas cidades pela medicação especifica que lhe atalha o passo ou minora os efeitos; mas no sertão, nesse maravilhoso sertão preluzido na mioleta dos poetas como um eden embalsamado de manacás, quem lida com ela é o negro velho ignorantissimo, e o pica-fumo “curador”.

O treponema palido, afeito a lutar com o mercurio e os arsenicais terríveis, ri-se das micagens e rezas, burundangas e picumãs e jasmins-de-cachorro dos ingenuos Eusebios Macarios de barba rala. Ri-se, e em vez de paradeiro encontra fomento na absoluta inocuidade da terapeutica pé-no-chão. A sifilis, difunde-se, portanto, assustadoramente, sem peias, sem cura, sem prevenção possivel, arrazando o presente e sacrificando o porvir.

É grande parte na espantosa mortandade das crianças.

As mulheres da roça são puras maquinas de pro-

criar; começam a tarefa mais cedo que as da cidade. em regra aos 12 anos, e só descansam quando sobrevem "panne" nas engrenagens do aparelho reprodutor.

Não obstante, a população aumenta com morosidade extrema. É que nascem mortos, ou morrem na primeira idade, a grande maioria dos infantes.

Nada mais comum que este dialogo:

- "Quantos filhos tem, dona?"
- "Duas familias".
- "E quantas perdeu?"
- "Oito..."

Oito, dez, doze — sempre um numero em absurda desproporção com os dois sobrevivos.

Embora multiplas as causas desta letalidade, cabe á sifilis a culpa maior.

Se a estas mazelas sertanejas agregarmos o quadro da degenerescencia fisiologica determinada pela cachaça, ficará completo o hediondo painel.

A cachaça!

É inimaginável a degradação a que ela arrasta milhões de roceiros, pobre gente que a ela recorre como ao unico lenitivo.

Desnutridos pela parca e má alimentação, afiorentados pelas sezões, exhaustos pela ancilostomose, deprimidos de espirito pelo tripanosoma, sem raio de instrução na cabeça, escravizados pelo "graúdo", a cachaça é o oasis de esquecimento momentaneo onde a miseranda criatura repousa da vida infernal. Em troca dessa ilusão passageira a vítima não sabe que dá ao veneno da cana as ultimas energias do combalido organismo. E a diabolica bebida para logo a derreia na

demencia, no crime ou no agravamento dos males a que por intermedio dela procurou fugir.

O encachaçado esquece — e esquecer a realidade, fugir dela por uns momentos: eis a preocupação constante de milhões de brasileiros!

Em todos os países do mundo as populações rurais constituem o cerne das nacionalidades. Taurinos, torrados de sol, enrijados pela vida sadia ao ar livre, os camponeses, pela sua robustez e saude, constituem a melhor riqueza das nações. São a força, são o futuro, são a garantia biologica dos grupos etnicos. Pela capacidade de trabalho mantêm eles sempre elevado o nível da produção economica; pela saude fisica, mantêm em alta o indice biológico da raça, pois é com o sangue e o musculo forte do camponês que os centros urbanos retemperam a sua vitalidade.

O urbanismo é um mal nocivo á especie humana. Os vicios, o artificialismo, o afastamento da vida natural, o ar impuro, a moradia anti-higienica, se conjugam para romper o equilibrio organico do homem citadino, rebaixando-lhe o tonus vital. Mas o campo intervém e restaura-se o equilibrio. A infiltração permanente de sangue e carne de boa tempera, vinda dos campos, contrabalança o desmedramento das cidades.

É possivel entre nós pedir á roça o sangue revitalizador?

Não.

O elemento rural é peor que o urbano. As nossas cidades se vêem forçadas a *importar sangue de fora*, se querem escapar ao marasmo duma senectude extemporanea.

No interior do Brasil as cidades que se não retemperam ao modo das de São Paulo caem na mais desalentadora caquexia. Os homens mingoam de corpo, as mulheres são um rastolho raquitico incapaz de bem desempenhar sequer a missão reprodutora.

Belisario Pena transcreve no seu precioso livro um trecho tomado a um editorial do "Correio da Manhã", onde se esculpe, num sombrio rigorismo de síntese, o diagnóstico da situação: "O Brasil é um país de doentes no sentido literal da expressão. A nossa miséria financeira e econômica é o reflexo da desnutrição orgânica que converte a maioria dos nossos concidadãos em inuteis unidades sociais, incapazes de concorrer com a quota do seu esforço para o aumento da riqueza comum. A nossa incapacidade militar é o resultado sintético da fraqueza física de uma enorme população rural estiolada pelos germes da molestia. A nossa falta de energia moral é o precipitado ético da deterioração cerebral e nervosa de um povo invalido."

Não ha homem de boa fé, conhecedor do país, que pondo a mão na consciência não murmur: "Confere!" E se não a faz, mente.

Pois bem: se assim é, a missão comum e geral, tanto de particulares como de governos, é uma só: curar o Brasil, sanear o Brasil.

Todo programa de ação que não adotar este lema, será um programa criminoso.

Em face dum moribundo, o medico que lhe acena com literatura, ou reformas eleitorais, ou cantarolas, em vez de acudir com o topico adequado, é um criminoso.

E criminoso da peor especie, porque consciente e deliberado.

Depois dos estudos de Carlos Chagas, Artur Neiva, Osvaldo Cruz, e depois das veementissimas palavras de Belisario Pena, governo nenhum, nenhuma associação, nenhuma liga, pode alegar ignorancia.

O veu foi levantado.

O microscopio falou.

A fauna mentirosa dos apologistas que vêem ouro no que é amarelo e luz na simples fosforescencia putrida, que recolha os safados adjetivões que velaram durante tanto tempo os olhos da nação.

Pangloss emudeça, porque se a tarefa é assoberbante hoje, será maior amanhã — e impossivel depois de amanhã.

Comecemos.

O simples ato de começar representa meio caminho andado.

O quinto país do mundo em tamanho a cair aos pedaços, de verminosa lazeira, vendo, ao norte, o maravilhoso surto americano, e ao sul, a pujante floração argentina. E, para suprema vergonha e desdouro eterno do nome brasilico, com a conciencia de que desmedrou arrastado por males evitaveis ou de facil cura. Males de que todos os paises de mesologia semelhante se libertaram pela profilatica inteligente, com lentidão uns, com rapidez fulgurante outros.

Aí está Cuba, a pobre ilha degradada em rapida consumpção por molestias irmãs das nossas e que em poucos anos, ao influxo da higiene norte-americana, virou a maravilha que todos sabemos.

Reflexos morais

No corpo são a mente é sã.

Este conceito acarreta reciproca verdadeira: em corpo doente, impossível um espírito sã.

Quem ausculta o sentir íntimo dum brasileiro, seja um puritano ou um velhaco, ouve sempre os mesmos conceitos: não há salvação — estamos condenados ao deperecimento — apodrecemos antes de amadurecer — o caráter está em crise — governar é roubar, e fazem eles muito bem — tolo é quem não aproveita — honestidade é sinônimo de ingenuidade — se vamos à garra mais dia menos dia, viva o presente! — grande tolice pensar no futuro — depois de mim venha o dilúvio — gozemo-nos do que há enquanto isto é nosso — o desmembramento está aí, toca a aproveitar, etc.

A sumula desses conceitos converge nesta ideia sintética: falimos como povo, como raça — e falimos moral, intelectual e fisicamente.

Esta convicção, inoculada na maioria dos espíritos, proclamada pela imprensa e confirmada pela preamar crescente das nossas lazeiras políticas, cria, como atitude filosófica, o ceticismo completo, e como norma prática de conduta o mais deslavado oportunismo.

Daí o “Para que”? erigido em argumento navalhante contra todas as tentativas de regeneração.

Trabalhar... Para que?

Votar... Para que?

Sanear... Para que?

Prejulgamos antecipadamente todos os movimentos de reação: "É inutil."

Este doloroso estado de alma que é senão o reflexo depressivo das mazelas fisiologicas em razão evolução no organismo da nossa gente?

Otimismo, fé, crença, confiança em si e dignidade, amor, firmeza de animo, vontade energica: outras tantas resultantes logicas da boa circulação do sangue, das glandulas em normalidade de funcionamento, dos pulmões sadios bem oxigenados de ar puro.

Pessimismo, desanimo, descrença, desamor: sintomas de que o animal está com o ritmo da vida rompido por graves lesões organicas.

Assim, todos os males, morais, economicos e politicos, vão enclavar raizes na desmedrança fisiologica da população empolgada pelas endemias avassaladoras.

Nota-se nas conciencias puras uma revolta geral contra a degradação politica do regime republicano — mas cifra-se a revolta num murmúrio medroso e encapotado.

Esta desenergia deu em resultado a retração absoluta dos incontaminados pelo arrivismo, e é o arrivista que vence em toda a linha.

Os pais vacilam hoje em educar os filhos nos principios da velha moral — porque isso fará deles naufragos da vida. E vacilam em forma-los pela moral corrente — porque isso é criar deliberadamente puros apaches.

Os pais *nouveau-jeu* têm o problema etico resolvido: ensinam o servilismo, a bajulação, a dobrez, todos os capítulos da ginástica vertebral elegantemente disfarçadas em *savoir faire*. Os pimpolhos assim treinados prosperam na vida, alcandoram-se logo ás eminências políticas onde permanecem inexpugnaveis. São os vitoriosos. Mas se o pai é *vieux-jeu* e persiste na educação antiga, ensinando a honra, o brio, a independencia de caráter, o *honeste vivere*, os filhos desse modo plasmados só encontrarão barreiras, não tomarão jamais parte ativa na governança e viverão condenados a um eterno ostracismo. Cabe-lhes a parte do naufrago.

Como é assim, a maioria dos pais, imprensados entre as pontas do dilema, desistem de educar moralmente os filhos: lá se avenham eles com a vida, aprendam á custa propria, reajam ou adaptem-se conforme os induza o temperamento.

É o lavar de mãos de Pilatos.

Disto resulta uma resistencia social cada vez mais fraca diante dos abusos da força politica. Os seus detentores, incoactos por injunções morais internas, não se vêem coagidos externamente por nenhuma sombra de resistencia.

E ousam tudo!

O Brasil é a terra onde um parafuso qualquer da maquina governamental, prefeito de Camara ou ministro de Estado, tem o direito de "ousar tudo", escudado pela mais completa irresponsabilidade.

Na Alemanha, um particular obtem sentença contra o *kronprinz*; aqui ha estados onde um tribunal não

ousa agir contra um porteiro de repartição que tenha pelas costas o apoio de um primo da sogra de um ministro.

A politica virou assim um privilegio restrito com feroz exclusivismo á casta dos mais audaciosos amoraes.

É outro fenomeno social consorciado ao estudo patologico da nação.

Sendo a tendencia ao parasitismo uma lei biologica, a planta, o inseto ou o animal superior, quando vingam dominar um sér mais fraco, cavalga-o, suga-o e escraviza-o para uso e gozo proprios. É da natureza, e por isso é irrisorio deblaterar contra o parasito. Ele realiza a lei da sobrevivencia com o minimo esforço.

Não é imoral o matapau quando se encosta por uma arvore acima, constringe-lhe o tronco nos cingulos estrangulatorios, atrofia-a e mata-a.

Mas é imoral a arvore que assaltada não defende o seu direito á vida.

Não é imoral o ato do tubarão humano que se guinda a um alto cargo politico e lá se locupleta, a si e á sua camarilha.

Imoral é o subjugado que se deixa espoliar sem um gesto de reação.

O primeiro obedece a uma lei: viver, desenvolver-se em toda a plenitude, seja por que meio fôr. Mas o segundo, fugindo á lei da luta, mente ao instinto de conservação e aniquila a moral, que não é senão o equilibrio ritmico necessario á vida em sociedade.

Entre nós está rompido esse equilibrio por influxo do estado da doença que enerva a população. O que goza de saude empolga, monta e suga o doente.

Aparasita-se.

Se o parasitado é docil á sucção, por que poupar-lhe o sangue?

Foi esta resignada atitude da montaria que deu asas ao parasitismo politico, a ponto de, hoje, *fazer conta á casta que se goza da Republica a permanencia da mazela popular.*

Eis porque as doenças se agravam sem que os governos das zonas flageladas esbozem contra elas um movimento de reação.

Tornaram-se aliados naturais, os parasitos internos e os externos.

A maioria dos nossos paredros sabe que eles não seriam coisa nenhuma se lhes não emprestasse força a aliança do ancilostomo e do barbeiro.

A ação das anofelinas é o pedestal de muito sumo pontífice republicano; sem elas, ai deles e da sua Republica!

Eis aí a trave maior oposta á ideia do saneamento, ideia que só será vitoriosa em uma ou outra zona privilegiada do país.

* * *

Quem conhece a roça ha de ter visto alguma vez um animal atacado de qualquer doença consumptora. Se é observador, ha de ter notado os milhões de piolhos e carrapatos que encaroçam a pele do doente. Magrisíssimo, semi-morto, todo pele e ossos, mal se tenteando em pé, o animal não tem forças para espojar-se, e deixa que a piolheira o devore sossegadamente.

Mas intervem o veterinario, examina o doente e lhe dá a medicação certa. O animal logo que sente o renascer das forças espoja-se na terra, uma, duas, cem vezes, até alijar do couro toda a fauna de piolhos.

Com os países acontece o mesmo. Se caem maras-mados pela doença e não podem reagir contra a fauna dos ácaros sociais que os parasitam, se não têm forças para o espojar-se das revoluções, acabarão ás moscas, devorados como o cavalo de Tolentino.

Quereis remendar um país assim? restaurar-lhe as finanças? dar-lhe independencia económica? implantar a justiça? intensificar a produção? criar o civismo? restabelecer a vida moral?

Restaurai a saude do povo.

Curai-o, e todos os bens virão ao seu tempo pela natural reação do organismo vitalizado.

Mas não conteis para essa tarefa com os que têm interesse na permanencia do mal. Que isso é tanto como diante do cavalo moribundo apresentar-se o veterinario com um abajuxo assinado na mão, suplicando aos piolhos que hajam por bem soltar das unhas o paciente. Só a ingenuidade de Cacasseno pode conceber a hipótese altruistica de semelhante abdicação.

Está claro que os parasitos, ouvida a suplica, prometem deferimento; mas piscam o olho e voltam a cravar mais fundo na carne da vitima as trombas sugadoras.

— “Mata-pau, não me mates”, dizia a peroba ao gameleiro constrictor.

— “E por que, perobinha amiga, te não hei de matar?” respondeu o facinora vegetal.

— “Porque tambem tenho direito á vida,” gemeu a suplicante.

O mata-pau, sujeito lido em Darwin, retrucou sentenciosamente:

— “Só tem direito á vida quem não mente ás leis naturais, quem se defende, quem luta. Se és inerme e não esboças gesto de defesa contra mim, por que hei de privar-me de crescer e prosperar á tua custa? Impede-me de estrangular-te, se podes; do contrario, resigna-te.”

Nesta replica está a norma de reação do país contra o ancilostomo, contra o tripanosoma, contra o protozoario de Laveran, contra o treponema palido, contra o bacilo de Hansen, contra a leishmania tropical e, sobre-tudo, contra o ácaro politico.

Primeiro passo

No individuo enfermo o primeiro passo rumo á cura é de ordem puramente psicologica: ha de o doente convencer-se de que o é. Na tisica, doente convencido de seu mal é doente meio curado.

Esta convicção, entretanto, não é coisa assim facil de conseguir, dados os obices que lhe antepõe a renitente auto-ilusão do enfermo.

Ninguem se conhece, filosofa o povo — e Cristo fala do sujeito que vê o argueiro no olho do vizinho e não enxerga o pau de lenha no seu.

Se é dess'arte tendenciosa a natureza humana, agrava-se-lhe o vicioso pendor no caso de um enfermo em quebreira mental por força de mazelas fisiologicas. Ilude-se o sâo, mas ilude-se em tresdobro o doente.

Quando, agora, saltamos do caso individual para o caso coletivo, recrescem os obstaculos ao *nosce te ipsum*, e resulta dificilimo criar a conciencia coletiva do estado patologico de todo um povo.

Entre nós as ideias falsas relativas ás nossas coisas vingam sempre ofuscar a verdade; e como a moeda má expelle a boa, as ideias falsas mantêm no ostracismo suas rivais verdadeiras.

E a ilusão funesta se perpetua.

Vem de longe o vezo ditirambico dos mistagogos que oficiam no altar de Pangloss a eterna apoteose de Rocha Pitta.

Voltaire, quando no *Candide* caricaturou o otimismo imaculado de Leibnitz, teve em mira destroça-lo a lambadas de ridiculo. Mas ao invés disso só conseguiu dar-lhe mais vida.

Pangloss é uma ameba que se reproduz por cissiparidade. Um pedacinho dele voou para cá, cruzou-se em caminho com o celebre conselheiro Acacio e deu origem à panglossite indígena, vigente e viçante.

Mal surge alguém, como agora Belisario Pena, de facho em punho para estraçar a feixes de luz o veu de trevas sobreposto ás mazelas caseiras, acodem em chusma esses "patriotas", zumbem em torno da verdade, enroscam-se-lhe nos cabelos e mordiscam-na cruelmente, tentando escorraça-la para o celebre poço.

Constituem a fauna bem intencionada da mentiraria, preposta a recoser todos os rasgõesinhos perceptíveis no veu inconsutil da Ufania.

Para isso desenrolam do carretelão patriótico a linha rosea da ilusão e com a agulha do velho estilo Pitta remendam o nhanduti que esconde o sol. Procuram dess'arte restabelecer o ambiente embalsamado pelo incenso que as ideias megalomanicas criam a partir da escola.

Porque é na escola que a mentira pia começa.

A criança, no período em que a cera mole do cérebro recebe sem reservas e guarda indeleveis todas as impressões recebidas, aprende que somos o povo por

excelencia, o mais rico, o mais belo, o mais florido, o mais todos os bons adjetivos do lexico.

Fora da escola, sem habito de observação pessoal porque o brasileiro é amigo de ingerir ideias feitas, assadas no jornal, como quem ingere bolinhos de frigideira — continua a consolidar-se o pitismo inoculado, por meio de conferencias, discursos, poliantecias, artigos de fundo e mais modos de queimar fogos de Bengala.

Os jornais tomam parte grauda nessa consolidação da apoteose.

Transcrevem com as mais gordas entrelinhas da caixa quanta bajoujice amavel nos impingem estrangeiros itinerantes (em troca de secretas gorjetas espirradas do Tesouro). Estampam, gloriosos, em telegramas, as maravilhas que por encomenda dizem de nós as celebri-dades espertalhonas, tão conhedoras das nossas coisas como nós o somos das leis eleitorais do planeta Netuno.

O publico, desconhecedor dos bastidores da publicidade e da gorda industria que é lá fora deprimir o Brasil para provocar o suborno, e depois do suborno guinda-lo aos cornos da lua, presta fé ingenua á indecorosa adjetivação e impa, positivamente impa, de orgulho ante as "curvaturas da Europa".

E vai se perpetuando a ilusão funesta...

O primeiro passo, pois, para o saneamento do Brasil, consiste em matar esta ilusão, desprezar a opinião do suborno externo e a mentira pia interna, não mais soprar gaitinhas patrióticas, não ser otimista nem pessimista — polos do mesmo erro — e sim, pura, sincera e exclusivamente, verdadeiros.

Ver o que é, como é.

Examinar os problemas vitais com olho clinico e não com a ponta da lingua jornalistica.

Encomendar opiniões ao microscopio e não ao sr. Paul Adam.

Ouvir a voz do laboratorio e nunca a chiadeira do patriotismo zarolho.

Pedir numeros á estatistica e jamais adjetivos sonorosos ás patativas chocadas do ovo botado por Pangloss.

Acoimam de anti-patriota quem diz ás claras o que é, o que está, o que urge fazer.

Patriotismo! Como anda esta palavra desviada do verdadeiro sentido!...

Patriota só o é quem cumpre o seu dever, e trabalha, e produz riqueza material ou mental, e funciona como a silenciosa madrepóra na construção económica e etica do seu país.

A esta hora milhões de verdadeiros patriotas lá estão no eito, porejantes de suor, na faina da limpa e do plantio. Febrentos de maleita, exaustos pelo amarelão, espezinhados pelo ácaro politico, lá estão cavando a terra como podem, desajudados de tudo, sem instrução, sem saude, sem gozo da mais elementar justiça. Estão “fazendo” patriotismo, embora desconheçam a palavra patria.

Deles sai o café, pedra basica do nosso alicerce económico, deles saem as manadas de gado, deles saem a borracha, o fumo, o cacau e tudo mais que, exportado, transfeito em ouro, vai encher os bolsos e regalar a vida dos que “falam” patriotismo.

Semi-nús, mal nutridos, na grande maioria doentes de males que só aos seus espoliadores compete prevenir, eles são o polipo humilde que fez o que aí está. Se o que aí está não é melhor, nem maior, nem mais serio e decente do que devera ser, culpa cabe somente a quem lhes carunchou o banco de coral com a parlapatiça retorica de mãos dadas á velhacaria politica.

Mal, porém, vibra no ar a voz do higienista denunciando a doença do polipo, a legião de patriotas grifados entra a zumbir, e corre de peneirinha em punho a tapar a luz do sol.

E gritam: "É falta de patriotismo fazer diagnósticos claros. Nem todas as verdades se dizem. O que pensará de nós o estrangeiro?"

Cretinos!

A eterna mania da opinião europeia!

Numa ocasião como esta em que a voz sensata, sincera, verdadeiramente patriótica é desvendar as mazelas todas, escarna-las sem nenhum pudor, na tentativa de ver se, assim, envergonhados pela nudez na praça publica, os dirigentes dão um passo para a cura do enfermo, o grande argumento contra, a matraca, o obus 42, é a opinião do estrangeiro, é o panico ante a possibilidade da meia duzia de encomiastas europeus mudarem de ideia quanto ao paraíso antártico que eles enaltecem a tanto por adjetivo!

Ora, isto já é doença, e talvez que o sintoma grave por excelencia da opilação e da maleita seja precisamente este reflexo cerebral. A môleira ressentida dos males intestinais fraqueia e exsuda ideias assim grotescas.

O nosso problema, verificado que foi o mau estado da população nativa, é simples e uno: sanear. Para sanear é forçoso, preliminarmente, convencermos o país da sua doença; e em seguida fazer dessa ideia o programa de todos os governos, a ideia fixa de todos os particulares.

Tudo mais rola para plano secundario.

Sanear é a grande questão.

Não ha problema nacional que se não entroze nesse.

Só a alta crescente do indice da saude coletiva trará a solução do problema economico, do problema imigratorio, do problema financeiro, do problema militar e do problema politico.

Não fazer isto é condenar-nos ao papel de adubo inerme onde a flora alienigena afunda as raizes avidas, para viçar e florir nos regalos da conquista pacifica.

Não fazer isto é morrer na lenta asfixia da absorção estrangeira.

Não fazer isto é apodrecer.

Deficit economico, função do deficit da saude

Nos ultimos dias do ano transato, o sr. Cincinato Braga apresentou á Camara um projeto relativo ao fomento da produção, precedido de vigoroso estudo da nossa situação economica, o qual terminava assim: — *“Amanhã, quando uma comissão estrangeira vier arrecadar, como na Turquia, a renda das nossas alfandegas, já hipotecadas a credores que a guerra vai tornando necessitados e quasi famintos; amanhã, quando a ignorancia e a pobreza, impregnadas da sensação de abandono em que deixamos os estados do Norte, lhes aconselharem qualquer desatino contra a unidade nacional, eu quero, diante de qualquer dessas desgraças evitaveis — de que Deus nos livre — sentir em minha conciencia que para elas nunca concorri, nem por ação nem por omissão.”*

Felizes os que podem fazer o gesto de Pilatos!

Esse estudo não dizia novidades; impressionou, entretanto, pela clareza do metodo expositivo. Espelho de bom aço, o país pôde remirar nele a penuria economico-financeira a que o reduziram estes offenbachicos vinte e nove anos de Cassoulet republicano. Está ali patente, bem arabescado, bem cortado, rico de colorido, o quadro apavorante da nossa caquexia economica — da

patria opilada pelo ancilostomo de barrete frigio que a salva pelo duodeno.

Lido na Camara a 30 de dezembro, circulou no país como um presente de festas. A verdade nuazinha é sempre o melhor presente de festa que se possa dar aos iludidos.

Naquele quadro, nós, tão ricos na voz dos apologistas, vemo-nos economicamente pobres, e financeiramente peor que isso, mendicantes.

Como país produtor, decaidos para o raquitismo; como país devedor, de cabeça baixa, assentados nos degraus humildes onde os perdularios com o relogio no prego pedincham *fundings*.

Enquanto Cuba exporta por habitante 413\$000, e o Canadá 392\$000, e a Argentina 248\$000, e o Uruguai 196\$000, e a Nicaragua 126\$000, e o Chile 121\$000, nós, o colosso, nós, os 8 milhões de quilometros quadrados, nós, os 25 milhões de brasileiros, nós, que vamos do Amazonas ao Prata, nós produzimos apenas... 39.000 miseraveis réis! Menos, só dois paises na America: o Paraguai, a quem matamos na guerra todos os homens, e São Salvador, brasilzinho que ninguem sabe ao certo onde fica. E se do Brasil amputarmos São Paulo, o resto — um resto somando "apenas" 21 milhões de almas esparsas num territorio tamanho como a França, a Inglaterra, a Alemanha, a Italia, a Holanda e a Russia europeia reunidas, com folga ainda para acomodar dentro umas tantas Belgicas, o resto cairá na escala abaixo do sangrado Paraguai e do hipotetico São Salvador.

O Brasil, São Paulo fora, exporta por cabeça 23.000 réis anuais.

Sessenta e quatro réis, tres vintens e pico por dia de 24 horas...

Desta caquexia economica ressurte o monstro do *deficit* financeiro permanente, crescente e irredutivel, o abutre que roi ao Prometeu o figado e as visceras circunvizinhas.

Vem dela a dívida externa, colossal em relação á penuria produtiva; vem dela o regime iterativo das motorias, o pedinchamento sem fim de emprestimos e a consequente hipoteca de alfandegas e de todos os bens valiosos do patrimonio nacional. Vem dela o criminoso saque contra o futuro, levado a proporções incompatíveis com a permanencia da soberania.

Tudo quanto o paciente trabalho da Monarquia acumulou em cinquenta anos de vida seria, jaz virtualmente alienado ao judeu inglês.

E não contentes com isso os geniais e honradíssimos estadistas republicanos penhoraram o suor, o cabelo e o sangue dos nossos filhos, dos nossos netos e dos filhos dos nossos netos.

Cincinato Braga demonstrou que o Brasil exporta, media do decenio findo em 916, 57 milhões esterlinos; e que despende, nas mesmas condições, para pagamento de mercadorias, juros de dívida, renda de capitais aqui localizados, remessa monetaria de imigrantes, seguros, etc., a quantia de 72 milhões de libras. Quer isso dizer que nós nos empobrecemos de 300 mil contos por ano!

As rendas publicas, como reflexo disso, decrescem. Para mante-las em nível os nossos geniais Laws aumentam os impostos e tomam o dinheiro que podem aos

judeus. Estes no-lo forneceram até á soma de tres milhões e meio de contos, dando por essas alturas o basta. Fechada a porta de Shylock, os mesmos estadistas, criadores do imposto de exportação — romperam pela alquimia do papel-moeda a dentro, contraindo novos emprestimos internos, e estes forçados: o prestatista *malgré lui*, o Povo, vê chover sobre sua cabeça a nuvem de retangulos de papel gravados na Bank-Note. Cada retangulo é uma promessa de pagamento, uma letra a prazo indeterminado e sem endosso, irmã dos celebres *assignats* da revolução francesa, apesar de não virem, como eles, garantidas por bens nacionais.

Os bens nacionais reservamo-los para os credores de fora, que os exigem ferozmente; os de dentro, coitadinhos, não piam, não tugem, não mugem.

Onde reside a verdadeira causa desta caquexia?
Na doença do povo.

O *deficit* financeiro é reflexo do *deficit* economico.
O *deficit* economico é reflexo do *deficit* da saude.

Sem restaurar a saude do povo não ha solução possivel para os efeitos mediatos e imediatos da doença.

A população rural, esteio que é da riqueza publica, força primaria da industria extractiva, fonte de onde tudo promana, quanto mais doente se torna menos eficiente na produção de riqueza é.

Se está carunchada pelas verminoses, e exangue pela sucção dos parasitas endemicos, o edificio construido sobre ela claro que ha de ruir.

Opilada, impaludada, tracomatosa, embarbeirada, roida de intelligentissimos vermes por dentro e sugada no exterior por ineptos coroneis prepostos como ma-

noplas estranguladoras no gasnete da vitima pelo bachel politico — triatoma por tabela que folga e ri nas capitais — essa gente opera prodigios produzindo o pouco que ainda produz.

Cura-la é salvar o país.

Foi grande coisa arrancar o Rio ás unhas da febre amarela. Mas é coisa um bocadinho mais importante desopilar, desembarbeirar, desmaleitar os milhões e milhões de criaturas de cujo esforço muscular sai toda a riqueza da nação.

Se o brasileiro produz seis vezes menos que o argentino é que o argentino é seis vezes menos doente que o brasileiro.

O problema da riqueza publica, pois, liga-se ao da saude do povo. Mas diante deste lugubre estado de coisas como procedem os geniais estadistas da Republica?

Detentores da maquina governamental, senhores das rendas, da fabricação das leis, da força armada que as faz cumprir, luminares da ciencia politica, paredros da sociologia, cerebros da nação, curaram algum dia de examinar e medicar a alimaria tropega que os transporta?

Nunca!

O pária rural morre á mingua do mais elementar apoio por parte do seu cavalegante. Dão-lhe de esporas, e nos momentos de apuros, como nos de hoje, dão-lhe conselhos impressos em papelão com desenho de boiinhos no cabeçalho.

“Intensifiquemos a produção” — murmuram nos cartazes, e em seguida fotografam-se na atitude cansada de quem acabou de solver um magno problema.

As endemias crescem de vulto, meio país arrasta-se pelo chão tremendo sezões, bamboleando o papo, enxameando a terra de anquilostomos? Os higienistas clamam com desespero? Surge um livro como o de Belisario Pena? Correm arrepios de horror em todas as conciencias?

Os nossos estadistas enfarpelam-se, sacodem fora o pigarro e... fotografam-se de novo.

Metade da verba despendida pelo Tesouro afim de perpetuar fotograficamente as efigies dos paredros republicanos daria para extirpar de meio país a opilação.

Com os dez mil contos gastos no recenseamento Hermes para recensear nunca se soube o que, a maleita seria expungida de inumeras zonas assoladas.

Com os 40 mil contos das vilas operarias, adeus para sempre ao barbeiro.

Com os 12 mil contos do Teatro Municipal do Rio, mais os 13 mil da exposição Pena, mais os 60 mil dos elefantes brancos, mais os 500 mil da duplicação da Central, mais o milhão fundido na cauda dos orçamentos para gaudio das politicas locais — com esse Pactolo escorrido ás tontas, criminosamente, que obra gigantesca não se faria no Brasil, se os nossos estadistas fossem dotados do mais elementar bom senso?

Noticiam as folhas que o governo federal, por boca do seu presidente, impressionado com a exposição feita pelo sr. Belisario Pena, prometeu uma verba de mil contos como auxilio á obra empreendida pelo abnegado higienista.

Mil contos! Já é alguma coisa...

Sempre cabem 50 réis para cada duodeno afetado. Esta quantia, reduzida a timol, dá para matar pelo menos uma duzia de ancilostomos dos tres milheiros que, em media, cada doente traz consigo. Os 2.988 ancilostomos restantes ficarão aguardando verba...

Cumpre agora que os estados enveredem pela mesma trilha, e com generosidade parelha da federal contribuam com verbas suficientes á expugnação de, pelo menos, mais meia duzia de parasitas.

Nessa toada em menos de duzentos anos estará o Brasil libertado de uma das suas endemias, podendo, cuidar das outras com igual largueza de vistas.

Entrementes, fotografemo-nos. (1)

É vantajoso que os nossos netos e bisnetos, aos quais vamos legar tantos onus, possuam bons documentos do aspecto somatico do homem em florescencia e frutificação na atualidade.

Sem essa documentação fotografica, como poderiam mais tarde concluir dos atos praticados pelos seus avós que pertenciam eles ao genero *Homo sapiens*, culminante na escala dos vertebrados?

(1) Todas as revistas em papel glacé daqueles tempos eram sustentadas por meio da publicação semanal de instantaneos da gente do governo. Nunca entre nós a fotografia prosperou tanto.

Um fato (1)

Anos atrás um grupo de frades agricultores, vindos da França, fundou a Trappa Maristella á beira do Paraíba, no Tremembé.

Impressionava mal a população ribeirinha ali fixada. Os caracteres somáticos da normalidade humana apresentavam nela desvios depressivos — donde uma singular feiura. Concomitantemente, o moral padecia as consequências reflexas do mau corpo — donde uma singular apatia.

Derramada lado a lado daquelas águas mansas, vivejando no casebre clássico de sapé e lama, feito com menos arte que o ninho do João de Barro, essa gente palida e cansada sugeria a imagem dos urupês silenciosos que no sombrio das matas auscultam com suas orelhas moles a lenta consumção dos troncos podres.

Entaliscavam-nos na varzea úmida e malsã duas barreiras. De um lado, a via-ferrea. A pressa, a lufa-lufa de um trem que chega, chia e parte, os silvos agudos, o italiano, a gente bem vestida — esta faixa de vida fumegante que a estrada de ferro cria por onde passa, opunha a sudoeste uma barragem aterrorizante

(1) Este artigo foi publicado originalmente sob o título de "A TRAPPA DE TREMEMBÉ", na Revista do Brasil. n.º 28, abril de 1918.

ao piracuara. Tudo nela eram lesões dolorosas ao seu viver sossegado, ao silencio a que afizera o ouvido, ao primitivismo lacustre da vida nas restingas inundaveis.

Do outro lado amedrontava-o a Mantiqueira, com seus caminhos ingremes escalados de caldeirões, os topes "cala-a-boca" e a vida serrana, exigente nas minimas coisas de um esforço duplo do habitual no plaino.

Serra e Central o piracuara as queria de longe, para gozo dos olhos — azulegão grato á vista, penacho de fumo bom para distrair o olhar vadio. Negocios, porém, nem com uma nem com outra.

Dava-lhes subsistencia o rio. Com o anzol dele tiravam a piabanha e o lambarí, e com o cóvo apanhavam, nos afluentes, cardumes de curimbatás.

Quando sobrevinham grandes enchentes, ilhavam-se os seus casebres, muitos armados sobre estacas, como a habitação do homem lacustre.

Escorrida a agua na vasante, os piracuara coavam por peneira as poças lodacentas da leziria. Era o apogeu da safra. Encambados em cipós, os piracuara contentes, em trotinho picado, traziam o peixe colhido para as vilas. Fora disso teciam balaios e jacás, e mercavam coisas do mato, ingás aos molhos, maracujás ás pencas, guembês picantes, orquideas em flor, e barba-de-pau no tempo dos presepes.

De lavoura, nada.

Parasitas do rio e da leziria, olhavam as fazendas com horror, e daí, na boca dos fazendeiros, a sua má fama de indolentes. Indolentes e ruins, incapazes, resolho de gente, lesmões humanos. Era unanime esta

opinião na lavoura circunjacente, caida em modorra por falta de braços.

Desorganizadas pelo 13 de maio e desprovidas de colonos italianos, as ricas fazendas de outrora, em penuria de musculos, apelavam em vão para os urumbevas ribeirinhos. O piracuara não dava de si nenhum trabalho compensador, ainda quando armado da melhor boa vontade. Não valem o que comem — dizia todo mundo.

Mas vieram os frades.

Instalados alí procuraram solver a premente questão do braço. Sem campo para escolha, resolveram pegar no homem que havia, a titulo de experiencia.

Em vez, porém, de toma-lo como o encontravam, alquebrado pela má alimentação, pela má habitação, roido pelo ancilostomo exhaustivo, e pô-lo na enxada com o feitor atrás, tiveram a luminosa ideia de proceder ás avessas: primeiro atucharam-lhe a fibra com alimentação abundante; depois abrigaram-no em casas higienicas construidas em lugares secos e os curaram nos limites do possivel.

Resultado: uma ressurreição.

Das carcassas opiladas onde morrhava a indolencia do pobre Jéca Tatú, saiu, pelo equilibrio alimentar, um homem resistente; pela cura das mazelas, um homem ativo; pela noção do relativo conforto, um homem sedentario, que “parava” na fazenda e criava amor á faina agricola.

As faculdades cerebrais beneficiando-se logo com os reflexos da saude, foi possivel ensinar-lhes as mil

coisas necessarias a um bom operario; foi possivel disciplina-los; foi possivel adapta-los ao maquinario agricola.

Breve, graças á inteligencia da solução dada ao problema, pôde a Trappa movimentar toda a sua enorme exploração arrozeira, a mais aperfeiçoada que existe no estado, fazendo funcionar as mais modernas maquinas de lavrar, plantar, ceifar. Como resultado surgiu logo uma produção de 15 a 20 mil sacas de arroz, extraidas de uma terra que vivia a monte, por meio de musculos definitivamente classificados pela opinião geral como equivalentes a zero.

Este exemplo é frisante.

Mostra o caminho a seguir, e mostra o erro dos nossos governos em nunca levarem em conta, para solucionar o problema do trabalho agricola, a parte da higiene.

A politica adotada nesse pormenor sempre foi irmã da politica financeira — tomar emprestimos de musculos europeus.

Faltou-nos o estadista de visão bastante lucida para apreender este outro modo de obter braços: a restauração pelo saneamento dos milhões que temos em casa, incapacitados para o trabalho por força de males curáveis e evitaveis.

O exemplo da Trappa ensina-nos que o saneamento vale por avultada corrente imigratoria. É mister, curando-o, valorizar o homem da terra, largado até aqui no mais criminoso abandono.

Cura-lo é criar riqueza.

É estabelecer os verdadeiros alicerces da nossa restauração economica e financeira.

Sem que revertam á atividade milhões de criaturas aposentadas, e sem aumentar a eficiencia das que, apesar de ativas, dão de si apenas uma fração do esforço normal das criaturas sadias, sem transfaizer em quantidades positivas o que vai por aí de quantidades negativas — peso morto, esteril e, além disso, oneroso para os demais — nunca nos arrancaremos ao atoleiro do *deficit* economico e males consequentes.

A nossa gente rural possue otimas qualidades de resistencia e adaptação. É boa por indole, meiga e docil. O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol.

Mas é um homem em estado latente.

Possue dentro de si grande riqueza em forças.

Mas força em estado de possibilidade.

E é assim porque está amarrado pela ignorancia e falta de assistencia ás terriveis endemias que lhe depauperam o sangue, caquetizam o corpo e atrofiam o espirito.

O caipira não “é” assim. “Está” assim.

Curado, recuperará o lugar a que faz jus no concerto etnologico.

O caso da Trappa é concludente.

Mostra como em brevissimos anos se opera nele uma verdadeira ressurreição fisica e mental, se lhe acudimos com o remedio inteligente, e mostra ainda como a riqueza surge, larga e farta, quando a boa organização o toma sob o seu palio.

Ora, num momento destes, em que a chacina europeia destroi aquele excedente de população donde nos vinha o caudal de braços, é condição de vida para o

país atender ao apelo da lavoura, fornecendo-lhe em vez dos chins propostos, trabalhadores nacionais restaurados nas suas energias pela cura e pela higiene.

Um chim fica-nos, segundo o calculo do Ministro da Agricultura, em dois contos de réis, um chim que lá na China vale vinte piastras a peso.

Com dois contos reduzidos a assistencia profilatica ou a medicamentos, quantos caboclos assolados pela ancilostomose ou pela maleita não reverterão á atividader?

Talvez que da guerra resulte mais este beneficio — o aproveitamento do musculo de casa, até agora ao leu pela facilidade que havia em importar musculo exotico.

Aconteceu isso com o carvão nacional.

Se se der o mesmo com musculo nacional, teremos extraido da guerra um beneficio de consequencias incalculaveis. Talvez o maior de todos...

A fraude bromatologica

O problema da saude cinde-se em dois ramos — restaura-la nos que a têm combalida, e conserva-la nos que a têm perfeita. Divergentes quanto aos meios, ambos convergem para o mesmo fim: a saude publica. Um zela do problema, outro precavê o futuro. Como o presente somos nós — e a nós doi, é mais compreensível o desleixo pelo futuro do que a falta de assistencia ao presente.

Entretanto, parece que a nós nada doi.

Parece que presente e futuro são inexistencias de igual valia. A crosta de insensibilidade que nos faz sacudir os ombros quando está em causa a saude de nossos filhos — pois que o futuro quer dizer isso — é a mesma que nos entrega indefesos ao mal do momento. Os calos nos fazem de pau.

São Paulo, cidade havida como modelar em materia de defesa sanitaria, e onde realmente muito se fez, São Paulo que é a exceção buzinada aos quatro ventos, São Paulo traz brechas tremendas na sua armadura profilatica.

Não quanto aos inimigos microscopicos em eterna tocaia aos centros urbanos para desencadearem ofensivas mal se ofereçam oportunidades. Mas quanto aos inimigos visiveis, ao microbio bipede que baseia a sua

prosperidade economica no engenhoso envenenamento dos incautos.

Se por uns minutos nos detemos na observação do "a bolsa e a saude" corrente, apavora o nosso estado de absoluto desaparelhamento defensivo.

A grande industria do momento é o veneno.

O *nouveau riche* é o falsificador.

Temos codigos e leis artilhados contra eles — mas codigos e leis que lembram os dragões de papelão construidos pelos chineses para amedrontar o inimigo. Esses dragões, vomitando chamas de zarcão, seguiam na frente das tropas; se o inimigo, apavorado, debandava, muito que bem, era a vitoria. Mas o inimigo, nada ingenuo, nunca debandava e a China só conheceu derrotas.

Temos codigos dragões e leis que vomitam o fogo das penalidades; entretanto, como o falsificador sabe que o codigo é dragão chinês e o fogo das penalidades é puro "fogo pintado", a classe proliféra, cresce de vulto e de insolencia — e sorri, piscando o olho, se alguma vez o monstro lhe arreganha a dentuça. Sabem eles o segredo de transformar a fera em manso cordeiro de veludo...

Era assim o falsificador, antes da guerra. Depois, com a escassez da mercadoria importada e os altos preços alcançados pela que consegue entrar, e tambem pela produção indigena, ficou assim: gordo, soberano.

A lepra cresceu como maré. Raro é o dia em que não rebenta nos jornais um caso de falsificação.

Cada falsificador tem á sua cauda uma coorte de advogados administrativos, prepostos a inutilizar a ação

dos poderes publicos, porque não ha melhor negocio do que defender um falsificador. Gente que paga bem!

Inda ontem explodiu o caso das banhas saídas para a França. Foram condenadas enormes partidas por conterem de 17 a 30% de agua. Sabido como é que o maximo de impureza tolerado pelos regulamentos franceses é de 0,5 a 1%, ressalta logo a miseravel exploração que o caso denuncia. Ora, a banha que para lá tem ido será melhor, peor é que não é que a que consumimos cá. Veja o povo como o espoliam, este pobre povo que ainda conta com a eficacia de leis sarrafaçadas com truculencia de dragão, para inglês ver. Quem interrogar os nossos laboratorios de analises quimicas sairá deles descrente de tudo, do homem e das leis.

O laboratorio dirá que as banhas em giro no comércio, além dessa porcentagem fantastica de agua, encerram ainda de 1 a 2% de membranas de sebo, pêlos e terra.

Dirá que os oleos bateram todos os recordes da adulteração criminosa. O oleo de linhaça é oleo de algodão bruto com querosene e breu, de onde resulta descascarem-se as pinturas com ele feitas. O oleo de amendoas, vendido em latas e vidros sem marca, é extraído do amendoim. O oleo de ricino compõe-se por metade de oleo de algodão. O oleo de oliva, para uso culinario, só tem da oliva a marca fraudulentamente estampada nas latas: é oleo de algodão.

As nossas crianças chupam balas coloridas com tintas minerais nocivas á saude e comem chocolate onde a manteiga é substituida por margarina de algodão.

A marmelada é feita de chuchu, banana podre, um sexto de marmelo e tinta de urucú.

A goiabada segue a trilha da sua irmã.

O açucar mascavo traz de 3 a 5% de areia, resíduos de bagaço, além de alta porcentagem de mel de tanque — glicose nociva. O açucar refinado é composto com um terço de açucar cristal pulverizado em moinho.

O sal moido traz boa dose de impurezas malsãs; dissolvido na agua produz uma lama que sobrenada e deposita areia, conchas moídas, ossos de peixe e escamas.

A massa de tomate chega a provocar pilherias; leva abóbora, chuchu, pimentão, óleo de algodão e às vezes até tomate. Conforme o acondicionamento serve indistintamente de massa para uso culinário ou de graxa para sapatos amarelos.

O pimentão seco e moído é feito com a casca dos raros tomates empregados na pasta supra.

A farinha de mandioca sofre uma peneiragem que lhe extrai o polvilho, e leva fubá fino à guisa de compensação. Uma grande partida há pouco enviada para a Europa chegou a destino toda empelotada, o que não acontece com as farinhas puras.

Em matéria de bebidas alcoólicas a Europa curva-se diante de S. Paulo.

Falsifica-se tudo.

Vermutes em garrafas legítimas são vendidas a 2 e 3 mil réis, analisados, revelaram até mirra e álcool alílico. Os conhaques, idem.

Ha um grande comércio de garrafas vazias com os rotulos perfeitos; vidros vazios de perfumes de boa marca são pagos a 2 e 3 mil réis.

Quartolas vazias não ha que cheguem, tanta progressos faz o "Clos Bom Retiro". A cidade de S. Paulo exporta unicamente pela Central e Sorocabana mais vinho do que o entrado por Santos.

Aguas minerais, Vichy, Salutaris, Rubinat, Janus, Vilcabras, conservam legitimas as garrafas e os rotulos; dentro é Cantareira com suas amebas, mais sulfato de sodio, sal amargo, etc. Ha Lambarí e Caxambú cuja formula é simplesmente Cantareira mais CO 2.

Muitas amostras de leite revelam a presença de polvilho e acido borico.

A cerveja leva acido salicilico e algumas são amargas com acido picrico e nó de pinheiro do Paraná. De lupulo, zero.

Vinagre é acido acetico diluido em agua.

O sabão leva argila e taguá.

A farinha sofre inumeras adulterações, inclusive a mistura do caolim, e o pão recebe alumén para clarear e crescer. Tambem é usado o sulfato de cobre para o mesmo fim no fabrico dos biscoitos.

Ha macarrão com ovo onde o ovo é anilina ou amarelo de cromo.

Na manteiga a parte de agua atinge nalgumas a proporção de 12%.

Vendem-se cafés em pó asquerosos, feitos de escóllas com 15% de cascas, paus, lixo, etc. e o resto de grãos verdes, ardidos ou podres.

Muita da poaia de Mato Grosso que foi para o estrangeiro sofreu lá a extração da emetina e voltou inocua. Uma grama dessa raiz pulverizada não produz o menor sintoma de vomito.

Ha pó de arroz para uso de toucador preparado com sais de chumbo. Ha cigarros feitos com fumo lavado em gasolina e outros em cozimento de papoulas.

Ha artefatos de folha de Flandres estanhadas com liga em que o chumbo entra na proporção de 20% quando o limite da tolerancia é 10.

Ha louças vidradas com minium, o venenosissimo oido de chumbo.

Em materia de drogas nem é bom falar.

Iodoformio adulterado com flor de enxofre. Emetina fabricada com sais de quina. Quinino e aspirina feitos com lactose. Oleos minerais e medicinais clarificados com acido sulfurico impurissimo, contendo arsenico. E, cumulo, 914 em ampolas que não passa de finissimo fubá de milho amarelo.

O rosario não teria fim se fossemos enfileirar todas as contas.

Para o nosso caso basta essa pequena amostra. Chegamos a uma tal perfeição que corre á boca pequena existirem sardinhas de Nantes, legitimas Canaud, preparadas com lambarís do rio Tietê.

S. Paulo virou o paraíso da fraude bromatologica. Indefesa como está a cidade, confiada como está a fiscalização a uns fiscais que fiscalizam para si, os desalmados envenenam-nos por todas as vias e amontoam fortunas colossais á custa da saude alheia.

Se nos sertões ha barbeiros, e anofelios, e anelostomos, na cidade ha a peste do macrozoario da fraude, o envenenador de profissão, contra o qual a

nossa lei tem força — mas não tem força o aplicador da lei.

O dinheiro facil, acumulado á larga pelo crime impune, encarapaça-o de escudos invulneraveis aos dentes bôtos dos artigos e paragrafos nascidos mortos. A profilaxia que S. Paulo opõe hoje contra a coorte formidavel resume-se no fiscalato inocuo exercido por uns pobres fardetas que acabam arranjadinhas.

Operam-se por aí tais malabarismos que o posto de fiscal é disputado.

São duas coisas que, arrel valem a pena: falsificar e fiscalizar.

A comprova está no numero irrisorio de analises bromatologicas feitas nos nossos laboratorios. Em abril do ano passado foi feita... uma! A avaliar por esse movimento, a Pauliceia é uma cidade angelical onde tudo é tão puro que os laboratorios ficam ás aranhas.

Agora, se um fiscal honesto apreende um produto falsificado e a Higiene Sanitaria inicia o processo contra o homem, saltam logo em sua defesa os advogados de fama, que embrulham tudo, corrompem a justiça e acabam forçando o estado a pagar ao malandro gorda indenização.

Esta resignação diante da fraude, este curvar a cabeça em face do veneno, este generalizado tolstoismo da advocacia velhaca e da justiça capenga, isto só se da “não resistencia ao mal”, esta subserviencia diante explica como doença.

Todos os povos se defendem, todas as cidades têm campanha permanente contra as ratazanas do estomago. Só nós cruzamos os braços. E, resignados carneirinhos que somos, prostramo-nos diante do lobo gordo que nos tosquia a lá e derranca a saude.

É doença.

Não pode deixar de ser doença.

Só uma grave caquexia pode derrear assim um povo, a ponto de lhe adormecer o proprio instinto de conservação.

O nosso organismo está combalido até á medula. Sofremos da mais profunda apatia. Não reagimos contra o barbeiro dos campos, nem contra os barbeirões da cidade. Por desencargo de conciencia rezam-se umas mandingas na roça, e armam-se umas tarascas chinesas nas capitais.

Quando rebenta um escandalo como este das banhas recusadas pela França, as autoridades movem-se, o dragão remexe os olhos de fogo — mas a advocacia arruma tudo.

No caso vertente, se alguma medida vier será por coação da França e em beneficio exclusivo dela. As banhas endereçadas para lá seguirão puras, e as consumidas por cá serão adulteradas em dose dupla. É o meio de evitar prejuizos aos pobresinhos dos envenenadores.

Citamos este fato da falsificação avassaladora que campeia em S. Paulo não para concluir “pedindo providencias a quem de direito” — pedido inutil e pilhe-

rico; mas sim para frisar ilustrativamente o gráu de quebreira que nos anemia o querer.

Nem sequer reagimos contra a faca ao peito.

Barbeiro, ancilostomo, falsificador, advogadão — é-nos indiferente acabar nas unhas de uns ou de outros. Nossa preocupação unica é esconder a verdade no poço para que ela nos não perturbe a agonia com o seu espelho cruel.

Início de ação

Ideias ha que ferem fundo e se propagam com tal rapidez, coligem tal numero de adeptos, empolgam de tal forma o espirito, explicam com tal lucidez tantos fenomenos desnorteadores que, ainda em meios de opinião rarefeita como o nosso, passam rapidamente da fase estatica para a dinamica. Fazem-se força, e levam de roldão todos os obstaculos.

A ideia do saneamento é uma.

Bastou que a ciencia experimental, após a serie de instantaneos crueis que o diario de viagem de Artur Neiva e Belisario Pena lhe pôs diante dos olhos, propalasse a opinião do microscopio, e esta fornecesse á parasitologia elementos para definitivas conclusões, bastou isso para que o problema brasileiro se visse, pela primeira vez, enfocado sob um feixe de luz rutilante. E instantaneamente vimo-la evoluir para o terreno da aplicação pratica.

E a ideia-força caminha avassaladora.

Avassaladora e consoladora, porque o nosso dilema é este: ou doença ou incapacidade racial.

E preferivel optarmos pela doença.

Dest'arte coincidirá a lição científica, que afirma ser doença, com os anhelos do nosso amor proprio, que pre-

fere a confissão de doença á confissão desalentadora da incapacidade.

Respiramos hoje com mais desafogo. O laboratorio dá-nos o argumento por que ansiavamos. Firmados nele contraporemos á condenação sociologica de Le Bon a voz mais alta da biologia.

Esta corrente, entretanto, encontra ainda objetores de varios matizes.

Ha os que negam o nosso estado caquetico e vogam ainda, felizes, em pleno mar de ilusões.

Retardatarios, amigos da fachada, trazem cem anos de retorica nos miolos, estão convencidos de que Perí arrancou a palmeira e de que os caboclos são outros tantos Perís de camisa aberta ao peito. Salva-os a boa fé.

Ao lado destes ha os de má fé, os percevejantes, os que ressurtem das frinchas do periodismo que late. Em vez de contrabaterem ideias com argumentos, estes triatomas mordiscam furiosos nas pessoas, e contestam por negação.

Ha ainda os cansados de esperar e por isso desesperançados de tudo, inclusive da ação construtora da ciencia.

Para todos eles só existe uma replica: fatos.

O governo paulista, em hora feliz de inspiração pôs de parte mesquinhas injunções politicas e para superintender no serviço de higiene escolheu uma competencia.

Artur Neiva, cientista no rigor do vocabulo, filho de Manguinhos e discípulo dileto de Osvaldo Cruz, distinguiu-se por tal capacidade de trabalho e tão superior visão que, na frase de Carlos Seidl, se tornou logo um homem disputado.

Após á campanha anti-paludica do Xerem, da qual o diretor dos serviços, o engenheiro Sampaio Correia, disse "que se não fosse a ação eficaz e dedicada deste cientista ilustre e seus dedicados auxiliares, as obras de abastecimento de agua do Rio não teriam sido conclusas"; após a segunda campanha na Noroeste, que possibilitou a construção da estrada na região infernal; após as viagens de estudo e a expedição através dos sertões da Bahia e Goiás, a sua figura acrescentou-se dum relevo tão brilhante que a Republica Argentina, esquecendo velhas turras, o tirou de Manguinhos para organizar a secção de zoologia medica no primeiro instituto científico do país.

Lá, findo o contrato, foi o homem disputado novamente, pela Argentina, desejosa de conserva-lo para si e por S. Paulo, ansioso de tê-lo a serviço da sua remodelação higienica.

S. Paulo compreendeu a necessidade de, ainda neste pormenor, conservar o seu papel de locomotiva, arrastando rampa acima os dezenove vagões irmãos.

A nossa organização sanitaria já era a melhor, ou antes a unica do país (que, seja dito entre parentesis compungidos, não na tem nenhuma). O modo por que se jugularam as epidemias amarilica e variolosa honra ao nobre trabalhador que foi Emilio Ribas, nome que terá sua aureola quando se escrever a historia da higiene no Brasil.

A ação de Artur Neiva, porém, manifestou-se logo pronta e eficiente. O codigo sanitario, remodelado e acrescentado apesar da tempestade de protestos, transformou-se em lei, e é um dos mais completos existentes.

tes. Quem por ele correr os olhos verá como o combate sistematico ás endemias que nos deprimem foi ali organizado com a segurança de quem está senhor do assunto.

Enquanto no Rio a ideia do saneamento gira no ciclo da propaganda pela palavra, em S. Paulo gira no terreno dos fatos. A campanha foi iniciada, não com a latitudine que era mister, porque está restrita á parcimoniosa dotação que o Congresso atribue á higiene; todavia, foi iniciada e esse passo é gigantesco.

Nossos governantes inda não compreenderam o alcance economico do saneamento. Alegam aperturas financeiras e restringem as verbas destinadas á higiene. No dia, porém, em que pela demonstração inofismavel dos fatos, arraigar-se a convicção de que o dinheiro despendido no restabelecimento da saude do povo e na extinção dos focos infecciosos é dinheiro adiantado, que volta ás arcas acrescido de alto premio, porque esse dinheiro foi restabelecer a eficiencia economica de milhares de criaturas transformadas pela doença em quantidades negativas, nenhum serviço receberá mais generosa dotação e nenhum sobre ele terá primazia.

O povo clama ao ver seu dinheiro escoar-se em aplicações deshonestas ou improdutivas, mas baterá palmas vendo-o empregado na obra sobre todas urgente da sua melhoria sanitaria e do preparo aos filhos dum ambiente mais limpo de germes consumptores ou letais.

Os serviços de profilaxia permanente iniciados em S. Paulo cifram-se por enquanto no ataque á malaria

em Vila Americana, Nova Odessa, Monte Mór e Santa Barbara; e agora na campanha anti-malarica e anti-parasitaria de Iguape.

Na primeira, adstrita apenas á supressão da malaria, a profilaxia foi completa: tratamento dos doentes e extinção radical dos focos. Para isto foi mister executar um serviço de terra verdadeiramente notável, canalização de ribeirões, desobstrução de cursos de agua, aterros, drenos de brejos, petrolização, roçados, etc.

A epidemia foi julgada e a endemia extinta, pela supressão de todos os viveiros onde a larva da anofelia se desenvolvia á vontade.

Aqui ha uma nota a fazer.

O saneamento exige como condição fundamental de eficiencia a conservação dos serviços feitos. Do contrario será um trabalho de Sisifo. Compreende-se que a ação saneadora parta do centro, já dotado do aparelhamento necessário, mas deverá entrosar coordenadamente numa serie sucessiva de trabalhos, incumbente ás municipalidades.

Se um serviço desses, oneroso, difícil, exaustivo, tiver de perecer por falta de continuidade municipal, é preferivel não enceta-lo nunca. Não pode de maneira nenhuma ficar isso á mercê da veneta dum prefeito coroneloide, "ceptico" que "não crê" na transmissibilidade de morbus pelo mosquito, que acha uma "bobagem" isso de fossas, drenos, aterros, etc., e que alapado nas covas escuras duma noite cerebral sem estrelas reedita as velhas pilherias da campanha carioca contra Osvaldo Cruz.

O estado deve prevenir-se de leis que compilam o coroneloide revel a abster-se do direito do lesar a saude publica, fazendo uso das "suas opiniões pessoais".

Adotado com o preciso rigor este criterio de conservação, os trechos saneados ir-se-ão constituindo em oasis purificados; o numero desses oasis crescerá pela persistencia da obra: e no correr de alguns anos o oasis será todo S. Paulo. E será um dia o Brasil inteiro...

Iguape

Quem, por viver no mundo da Lua, inda descrê do nosso estado coletivo de doença, e atribue esta campanha do saneamento a mil e um moveis, menos ao unico real: desejo ou ansia de ver queimar-se o derradeiro cartucho na defesa da nacionalidade vacilante, que vá a Iguape. Que vá a Iguape que de lá voltará apostolo.

Iguape lhe porá ante os olhos, em eloquente epitome, o quadro geral da caquexia organica que emperrou o país.

Iguape é o Brasil.

Descontadas as zonas vivas, criadas ou revigoradas pelo afluxo do sangue europeu emigrado, o Brasil é Iguape.

Marasmo senil, modorra. Tudo lento, a arrastar-se em paraplegia de tabetico. O comercio, ronceiro e mesquinho; a industria, tacteante e ingenua; a lavoura, incapaz de criar riquezas, eternamente adstrita á enxada e ao nomadismo da foice e do fogo.

Vida intelectual nula. Impenetrabilidade ao progresso, não pela resistencia rotineira de quem possue uma forma e lhe defende a rigidez, mas pela indiferença oriunda desse estado morbido a que se convencionou chamar indolencia. O cerebro humano não dá alí a

impressão da maquina maravilhosa que é; parece antes um cemiterio, um paúl, onde as ideias se empegam, languescem e morrem asfixiadas.

A politica foge ao molde da visão larga do interesse publico, encarquilhando-se na cuscuvilhice miuda dos compadres, comadres e afilhados.

O povo, triste e mazorro, sem vibração, indiferente a tudo. Povo que não rí, não brinca, não canta, não dansa — desconfiado e sorna.

Quando, por força da imaginativa, evocamos uma cidadezinha norte-americana estuante de vitalidade e a compararmos a uma nossa correspondente em população, constringe-nos a garganta um nó de desespero. A mesma idade, o mesmo céu, o mesmo continente — e sempre a vida vitoriosa lá, e sempre o marasmo do urupê aqui.

Qual a razão disso?

Não dêem ao problema nenhuma das soluções pavlovianas de uso corrente. Nada de pedir á retorica ou à politica, ou à etnografia, explicações que nada explicam. Mudemos de rumo. Peçamos a opinião da ciencia experimental e a parasitologia no-la dará sincerissima. Conduzindo-nos ao Posto de Profilaxia de Igua-
pe ela nos fará estas tremendas confissões.

O recenseamento da cidade revelou em dezembro uma população de tres mil e tantos individuos, dos quais se inscreveram na lista dos candidatos á saude 3.104. Examinadas as fases destes inscritos, o microscopio revelou em 2.673 individuos a presença de uma velha verminose. Ascaris, ancilostomos, tricocefalos, anguilulas, triconomas, amebas, tenias, himenole-

pis, oxiuros, etc., uma fauna inteira, voracissima, vivendo á tripa forra, em familia ou em sociedade de duas, tres e quatro especies nos intestinos da pobre gente!

Só o ancilostomo, essa praga tão grande que moveu a piedade de Rockefeller e o levou a organizar no mundo inteiro uma campanha contra, só este maldito estagnador da vida, ascoroso percevejo dos intestinos, peste duodenal, só ele envenenava a vida a 2.102 pessoas!

Recapitulemos os algarismos para arrolhar de vez os negadores impenitentes e os otimistas que acoimam de exageradas as nossas palavras: em 3.104 iguapenses examinados, 2.673 traziam os intestinos transfeitos em jardins zoologicos, menageries de micro-feras! E 2.102 revelaram-se viveiros do flagelo que comoveu o coração duro de Rockefeller!

Imagine-se agora que a ação desses parasitas é ininterrupta, começa na infancia e prolonga-se até á morte.

As lesões que eles praticam nas paredes intestinais, ulcerando-as, funcionam como outras tantas portas abertas ao livre transito das toxinas.

O pai dessa pobre criatura já foi um bichado, como o foi o avô e o bisavô. Deles recebeu ela uma vitalidade menor, uma tonicidade organica decaída, um indice fraco de defesa natural. E por sua vez transmitirá ao filho a má herança acrescida funestamente da sua contribuição pessoal de degenerescencia, consecutiva á continuação do trabalho do verme em seu organismo.

Isto explica porque e como dos Fernões Dias Paes Leme de outrora, terriveis varões enfibrados de aço, ressurtiu uma geração avelhentada, anemiada, feia e incapaz.

Não é a raça — a raça dos bandeirantes é a mesma de Jéca Tatú. É um longo e ininterrupto estado de doença transmitido de pais a filhos e agravado dia a dia.

Examinando-lhes o sangue, assombra a pobreza em hemoglobina: não é mais sangue o que lhes corre nas veias, senão um aguado sôro. E nessa agua suja, para remate de males, ainda vem aboletar-se o protozoario da malaria...

Eis o estado de Iguape; e, em que pese á ingenua turra contraditoria, eis o estado do país inteiro, feitas as devidas exclusões.

Já o dissemos e repetimos: no dia em que o Brasil convencer-se do seu estado de doença, estará salvo. O que se fez em Iguape prova de modo irrefragavel a possibilidade da vitoria.

O problema cifra-se em fazer em escala grande o que ali se fez restrito a uma cidade.

Graças á orientação de Artur Neiva a campanha foi iniciada de modo a demonstrar por A mais B não só a nossa capacidade científica, como também a nossa capacidade organizadora. A ofensiva de Iguape merece ser divulgada com amplitude para orientação das subsequentes, e lição aos increus.

Iniciada em dezembro sob as ordens de Melquiades Junqueira, apesar da nenhuma experiência pre-

liminar, pois que nunca no Brasil se fez coisa parecida, foi com superior criterio executada da seguinte maneira.

Recenseou-se a cidade e inscreveu-se no rol profilatico, depois de intensa propaganda, a maioria quasi absoluta da população. Houve rebeldes, sujeitos tão perros de inteligencia e tão amigos dos seus vermes, que se recusaram ao exame preliminar de fezes. Parece impossivel que a imbecilidade humana atinja tais altitudes, mas atinge...

Nos inscritos, feito o exame, e autenticada a presença dos parasitos, foi fichada a identidade de cada um com o competente diagnostico.

E começou o trabalho medicativo.

Um a um, todos, fiscalizados pela comissão, receberam a dose do anti-helminntico requerido.

Passados quinze dias, novo exame veiu verificar o efeito da medicação; e conforme se comportavam os vermes assim prosseguia o tratamento, persistindo os exames até que o microscopio dêsse alta ao verminado.

Deste modo, dos 3.104 inscritos só não se libertarão da mazela intestinal os que de todo preferirem a doença á saude. Em junho conta a comissão concluir os seus serviços e Iguape estará por esse tempo liberta da endemia atrofante.

Se juntarmos a isso a instituição da fossa obrigatoria, que a comissão impôs á cidade, e tambem a campanha anti-malarica conduzida com extremo rigor paralelamente á anti-vermica, não é arrojo dizer que Iguape será a primeira cidade do Brasil onde se terá feito uma obra completa de saneamento.

Até aqui campanhas identicas visavam sempre epidemias ameaçadoras; campanha completa como essa, contra endemias, não ha caso de segunda.

Dest'arte é possivel prejulgar: se as ações consecutivas se não dispartirem do rigor desta, e forem conduzidas com espirito de sistematização pratica, o saneamento de S. Paulo virá a ser uma realidade. E daqui irradiar-se-á pelo resto do país.

Cunha de progresso que já é S. Paulo, será ainda uma cunha de saude metida de enxerto no corpo valitudinario do país. E este, arrastado, curar-se-á — caso não ache mais simples morrer de lazeira como os refratarios de Iguape.

Os resultados da profilaxia não virão imediatos, como alguem supõe. O vinco deixado no organismo do recemcurado por um longo passado de verminação é cicatriz lenta de desaparecer.

Mesmo assim ha consequencias imediatas de sugestiva evidencia. Opilados, portadores de horrendas ulcera fagedenicas resistentes a toda medicação, pelo simples fato de se libertarem do ancilostomo verificam a sua rapida cicatrização. O organismo, livre da causa anemiante, reage, readquire a defesa natural e a ferida desaparece por si — feridas que vinham de anos.

Fato mais eloquente não ha.

Por ele se evidencia a elevação de tonus vital, com o seu cortejo de reflexos no moral, revigorizantes da vontade, desmodorrantes das faculdades adormecidas. O curado, de negativo, passará a fator ativo de produção. O país ganhará nele a energia correspondente á de um imigrante entrado.

Eis um calculo por fazer: a cura dos tres mil verminados de Iguape quanto representará de energia humana restituída ao país?

Serviço identico ao de Iguape será feito este ano em Tremembé, Santo Amaro e Cosmopolis. É pouquissimo, diante do que ha a fazer. Mas é muitissimo, como significação de primeiro passo no terreno das realidades.

Um aforismo norte-americano quer que o primeiro passo corresponda a meia obra feita. De fato é assim, e já hoje ninguem deterá a obra formidavel de saneamento ora em inicio.

É uma ideia que venceu esplendida e fulgorantemente.

NOTA

Para patentear de modo irrefragavel a influencia depressiva que a verminose exerce no cerebro humano, aqui transcrevo este precioso documento, publicado num jornaleco de Iguape. O vinco da opilação está aí nitido, no estilo e nas ideias, dando medida perfeita do grau de decadencia mental a que o verme arrasta os pobres flagelados.

“MONTEIRO LOBATO — *As explosões do seu despeito* — Manuseando *O Estado de S. Paulo* em sua edição de 15 do fluente, deparamos com um artigo intitulado — “O problema do saneamento”

Este artigo, firma-o Monteiro Lobato, escritor de nota e jornalista da imprensa grande.

Antes de tudo, nele faz o articulista ressaltar não só uma nota anti-patriotica, como um desprezo nada honroso pelas coisas que dizem respeito ao seu país natal, atendendo á maneira com que as trata e as presume evidenciar.

E por que?

Porque abusa do seu talento e de sua reputação literária, para enxoalhar os seus patrícios, para amesquinhar, reduzir, degradar o que há de mais santo, de mais puro e respeitável no âmbito da pátria, abalando o nome desta, caluniando o que é seu, ao impulso, ao leô das explosões de seu despeito.

Mas não é tudo.

O seu artigo é mais uma contribuição valiosa — entre outras contribuições de igual jaez — para o monumento do descredito que o estrangeiro nos erige, glorificação injusta, mas, justificável à luz de conceitos dessa chusma de escritores que faz História, quasi invariavelmente d'um montão de juízos ligeiros.

Escritores, — ha-os de fato, dos que se não preocupam tão somente com o esplendor do estilo, com as frases lapidares, requintes e louçanias; ha-os, dos que, desprezando essas lanteboulas banais, se apegam à verdade dos fatos, à precisão dos conceitos, à imparcialidade, à independência.

O seu caráter, a sua consciência, o seu “eu pensante”, não se prendem ao liame degradante do pieguismo de escola. E o pessimismo é uma escola... Uma escola doentia e sordida, que dá aos seus filiados essa originalidade excentrica do moral doentio. Porém, — pessimismo é o termo.

De Iguape, por excelência, faz Monteiro Lobato, o alvo de seu pessimismo atavico. E lhe atira, com ar desprezador e fanfarrão, apostrofes flagrantemente irrisórias.

Vamos à evidência:

O ilustre e genial escritor visitou-nos de relance.

No curso rapidíssimo de algumas horas, fora estolidez supor que alguém, mesmo um “aguia”, pudesse formular uma ideia precisa e colher dados sérios, duma cidade, que, se não tem foros de adiantada e rica, ao menos encerra em si o germe da civilização e da riqueza, embora oculta no seu seio. Um bafejo siqueir desse auxílio que impulsiona as suas congêneres e Iguape surgirá tal qual é, estuante de vida, exuberante de seiva, plena de riquezas...

E a extensão do seu território, a uberdade de seu solo, os seus rios, a sua flora e outras gemas naturais, estariam a comprovar brilhantemente, que isso de "impenetrabilidade ao progresso" de que fala o escritor é — no rigorismo do termo — um conceito banalíssimo — uma expressão de efeito e nada mais.

No curso rapidíssimo de algumas horas — prosseguimos — fora ilogismo admitir que Monteiro Lobato pudesse privar com os intelectuais da terra, e assim, redondo absurdo conceber, que em Iguape, é a — "vida intelectual nula".

Nula, porque se ressente, talvez duma infinidade de jornaleros, para gaudio de escrivinhadores de literatice oca, para escrinio de despauterios, a exemplo de alhures, onde, ainda assim se proclama o conceito literario?

"O povo não rí, não brinca, não canta, não dansa" e... não faz recepções de literatos, á laia dos arraiais, a toques de musica e estrugidos de foguetes. Neste particular, ha de conceder o ilustre dr. Lobato.

O reduzido espaço de que dispomos, coibe-nos de outras considerações, que a pena dum conterraneo ilustre e distinto já esplanou de sobra.

Agora, uma observação.

É inegavel a boa profilatica, desenvolvida aqui sob os auspicios excepcionais do grande cientista brasileiro exmo. sr. dr. Artur Neiva no intuito de debelar o mal endemico que nos assola. É inegavel; não visamos depreciar o merito a quem n'o tem! O nosso objetivo, consiste apenas em frisar a injustiça patente dum escritor sem escrupulos, os excessos de seus conceitos apaixonados, a sua critica parcial, desonesta e inverosimil. Como inverosimil e ridicula se revela a atitude dum escritor que ataca, indecorosamente, numa campanha verbosa e venal, um flagelo, cujo germe têm-no em si, a refletir-se no semblante amarelento e sujo, no fisico desengonçado e feio, atrofiado e apatico; e, conseguintemente, reclamando providencias, senão do terreno do saneamento material, pelo menos, bradando um corretivo, ao campo do saneamento moral.

Aí ficam, pois, essas linhas, como um brado de protesto e um sorriso de desprezo, atirado contra quem, num movimento

impulsivo e despeito vil, ousa cuspir á face duma população inteira, a lama e a sordidez da infamia e da mentira!"

• • •

Caso perdido? Absolutamente não. Um jornalista destes, depois de tratado a fundo pelo timol e as competentes purgas, sára e ainda escreve no jornal suas notíciasinhas de anos ou falecimentos sem mais asneiras que as do costume. Salvam-se quasi todos.

A casa rural

É corrente o grito de guerra — saneamento dos sertões!

Mas que é sertão? Se o definirmos com a precisa clareza veremos que não foi bem apreendida a essencia do problema.

Sertão é o deserto, a terra apenas pisada pelas sentinelas perdidas do povoamento. Tratos sem fim de territorios vazios, ao léu, com, de longe em longe — leguas intermeio — casebres humilimos onde vegetam seres humanos.

Sem estradas, sem transporte outro além do lombo do burro ou do boi, sem ligação nenhuma com os centros povoados, são reservas de espaço onde o futuro acomodará o extravasamento da população litoranea.

Sanear os sertões é inexequivel. Nem toda a fortuna de Rockefeller bastaria para isso.

O problema premente e de solução possivel dentro das nossas forças é o saneamento dos nucleos urbanos. Riqueza predial já criada, centro captador e coordenador de forças, grumos de vida já socializada, sanealos é valoriza-los, é deter a meio a sua decadencia economica filha da decadencia da saude e prepara-los, pelo crescimento rapido, para a ação transbordante que irá multiplicar nos sertões novos nucleos plasmados por

aquele molde. Esta empresa, sim, cabe nas forças do país, sobretudo no caso de, pela sistematização da campanha, funcionarem em harmonia as forças da União, dos Estados e dos Municípios. E não se comprehende que seja de outra forma.

É lá possível pensar em sertões despovoados quando nos centros urbanos o mal atinge o apogeu?

No ultimo artigo expusemos o estado sanitario de Iguape, ressaltando que ele dá a medida do que vai por aí além em cada uma das nossas cidadesinhos e vilas do interior.

Isto não quer dizer que se ponham de banda as zonas rurais já em exploração agricola. Em S. Paulo, graças á orientação segura do dr. Artur Neiva, já foram lançados os alicerces para que a higiene não constitua um privilegio exclusivo das cidades. Legislou-se no Código Sanitário tambem para as fazendas, sítios e sitiocas.

Esta parte do Código foi recebida com quatro pedras na mão. A opinião publica, sem preparo preliminar para bem lhe compreender as intenções remotas, acolheu-a como uma impertinencia insolente. Hoje, melhor informada, é de crêr que a encare com menor azedume. O estado de doença, de miseria, de deperecimento do roceiro, só agora posto em relevo pela imprensa, sofria coleras e diatribes injustas contra quem só mira a obra humanitaria de arranca-los ao paúl.

A casa nos climas frios ou temperados, lá onde o inverno funciona como uma desinfecção anual do solo, impedindo a proliferação excessiva de insetos nocivos, vermes e micro-organismos parasitarios, tem por mi-

ra principal fornecer ao homem um abrigo contra a intemperie das estações.

Já nos climas quentes, onde não ha a barreira tremenda do frio e a vida inferior é uma perene bacanal vitoriosa, a casa, além da sua função de abrigo, ha de ter uma função de defesa contra o excesso de vida invasora.

Prescrições de higiene desnecessarias lá são indispensaveis aqui.

Hão de, nas regiões maleitosas, pela barragem das telas de arame, prevenir-se contra a invasão das anofelinas contaminadoras. Na Amazonia, graças á obra de Osvaldo Cruz, já inumeras casas adotaram este regime defensivo, e meia campanha estará vencida no dia em que o povo compreender a imperiosa necessidade que é a adoção de tal profilaxia.

Nas regiões vitimadas pelo mal de Chagas a casa tem que fugir ao sistema corrente do barro e sapé.

A ideia de Artur Neiva, de estabelecer aqui as bases legislativas desta transformação, provocou, como era natural, grande celeuma. Entretanto, hoje, quem, com a visão nitida do caso, fora os diretamente interessados, se levantará contra?

A nossa situação relativa ao barbeiro, se não é grave como em Minas e Goiás, é de molde a provocar apreensões. Em S. Paulo já está autenticada a presença do infernal percevejo em nada menos de 170 localidades! Em 40 destas verificou-se a existencia do triatomina infaccionado! Vê-se que a invasão caminha, que o terreno lhe é propicio e que no correr dos anos a zona rural de S. Paulo estará na horripilante situação

daquelas que Neiva, Chagas, Pena e outros descrevem. Teremos a papeira endemica, o cretinismo alastrado e o cortejo de miserias cardiacas oriundas da ação letal do tripanosoma cruzi.

O meio de deter a infecção e jugular para sempre a calamidade, é prevenir. Provado como está que é no sapé e nas fendas do barro que se alapa o hematofago noturno, sem a supressão desses coutos propícios ele nunca será vencido.

Qual a atitude unica da higiene num caso destes? Impor normas á construção das casas rurais, como as impõe na cidade.

Nós, até aqui, nós que moramos em casas confortáveis, com luz eletrica, agua e esgotos, regalos internos de toda ordem, mobiliario comodo, quadros na parede, tapetes, mil mimos da civilização por dentro e por fora, nós achamos naturalissimo que o caboclo viva numa arapuca de barro.

Em nome do pitoresco opomo-nos a mudanças prejudiciais á cõr local.

De fato, tem sua graça, de longe, na paisagem, uma choça de palha, sobretudo em estado de tapera.

Vejamo-la de perto, porém.

Quatro esteios, paredes de barrotes ripados de tiquara com entrevãos atochados de barro; teto de sapé; chão de terra, esburacado, desnivelado; portas, ás vezes (grande numero se fecham com achas de embaúba); janelas, ás vezes...

É só.

O barro ao secar fendilhou-se de mil rachaduras por onde se coa o vento e onde os triatomas fazem ninho.

Essas casas, se é possível dar tal nome à arapuca, custam uma miseria. Empreiteiros há que as constroem a 2 mil réis o palmo, fora o sapé. Em média tem de comprido 20 palmos. Com 40 mil réis o fazendeiro aloja uma pobre família. É natural que gritem, e movam campanha contra o Código Rural, já que lhes "doi na fazenda" o ter de construir-la, doravante, telhadas, emboçadas e atijoladas.

O prejuízo deles, entretanto, é aparente. A melhoria do lar melhorará o operário. Ressarcirá o dispêndio a maior eficiência do trabalhador mais bem abrigado. Diminuirão os dias perdidos por doença, por lombeira, por desânimo.

Se São Paulo tiver bastante grandeza de ânimo para, respeitando a lei, operar lentamente a reforma do tipo já condenado da casa rural, dentro de alguns anos os nossos campos apresentarão o aspecto dos argentinos e norte-americanos. Esta macula vergonhosa da casa de barro e palha já não se vê por lá, e talvez que só se encontre na África e em países aleijados pela caquexia.

Concordamos, é lei dificilíma de bem funcionar. Tem contra si a oposição tremenda do hábito inveterado, dos interesses ofendidos, dos políticos regionais, do literato e até do pintor amigo do pitoresco; todavia, essa lei é talvez a maior conquista feita por São Paulo nos domínios da higiene. Dia há de vir em que todos o reconhecerão, fazendo justiça plena aos seus propagadores.

Os colonos estrangeiros merecem tudo dos governos e fazendeiros. Dão-lhes patronatos e casas boas, de telha e reboco. Entretanto, negam-no ao pobre patrício, decaído em grande parte pelo criminoso abandono em que o deixamos.

É comodo atacar a extensão da higiene á zona rural. Sentados numa secretaria de embuia, á luz farta de uma lampada, com o telefone ao pé e um charuto na boca, os argumentos acodem lepidos ao bico da pena, e a ironia sorri facil, a piada brota feliz e engracada. Mas o "frondeur" mudará de ideia se se transportar em imaginação para a choça cuja permanencia defende.

Lá verá, alumados pelas brasas do fogão, o pobre homem, chefe da familia, estirado nuns fiapos de esteira sobre a terra humida. Ao seu lado a triste mulher sorvada e a prole miseravel, semi-núa, sem cobertas, retransida de frio — crianças a quem o excesso de miseria tirou até o choro, esse protesto natural dos organismos debeis.

O vento esfuzia nas frinchas donde saem os percevejões noturnos para o horrendo repasto de sangue. As anofelinas zoam no ar a sinfonia da morte.

É a miseria dos vencidos na concorrença da vida.

Nas mesmas terras, adiante, está a casa farta do colono que prosperou. *Que prosperou porque tinha mais saude...*

Foram os nossos párias, entretanto, que devassaram os sertões, que fizeram a penetração das bandeiras, e inda hoje é com os restos de sua energia que se abrem as regiões novas e pestilenciais. Eles é que roçam, rom-

pendo assim a impenetrabilidade das selvas, e rasgam picadas, e dão todos os primeiros passos de vanguardeiros do arranque para a frente.

Aqueles pobres doentes trazem um rosario de avós tombados na luta ingloria e obscura.

O pai morreu espetado por uma lasca de jíssara em certa derrubada fatal. O avô acabou de febre ao abrir-se a fazenda do coronel X. Um tio rebentou de exaustão nos trabalhos da Noroeste. Herois desconhecidos, vidas soterradas nos alicerces da nossa civilização — e malditos... E abandonados ao leu, ao deperecimento pela miseria fisiologica porque, vitimados pelo meio, assaltados de mil parasitos, sugados pelo barbeiro, não puderam defender-se, perderam o equilibrio biológico e hoje não suportam a concorrença do colono forte, chegado de fresco, exigente e protegido.

O maior objetaor á higiene rural mudará de ideia se por instante evocar este quadro — e refletir que estas energias em decadencia revigorar-se-ão de novo pela tutela humanitaria do higienista. E verá que a transformação do casebre nefasto é uma das pedras angulares da regeneração dessa pobre gente — essa pobre gente que na guerra é quem se bate por nós, e na paz é quem produz a pouca riqueza de que nos gozamos...

As grandes possibilidades dos países quentes ⁽¹⁾

A questão da degenerescencia do homem nos climas tropicais preocupou sempre aos sociologos, provocando varias teorias explicativas — engenhosas, tanto quanto vulneraveis ás flechas da objeção.

O problema põe-se nestes termos: é nas zonas tropicais que a vida, já animal, já vegetal, evolve para as formas mais altas. Esta regra, entretanto, falha com relação ao homem.

Por que?

Foi mister que um dos ramos mais novos da ciencia, a parasitologia, ganhasse o vulto apresentado hoje, para que o xiz de mais esse problema fosse expungido de vez.

De fato, por pouco que detenhamos o espirito na biologia da fauna e da flora das regiões quentes, ressalta o contraste entre o surto plenorio da vida em todas as suas manifestações e o tremendo parenteses de exceção aberto pelo homem. Onde tudo alcança o apogeu, só ele, o rei, decai.

(1) O titulo original deste artigo era: "As novas possibilidades das zonas quentes". (Revista do Brasil, n.º 29, maio de 1918).

É na região do calor que rugem os maiores felinos, o leão africano do deserto, o tigre real da jangal Indiana, truculentos detentores do cinturão da ferocidade.

Na America vemos o jaguar mosqueado, que semia o pavor nas regiões onde vige a lei da sua fome; e nas ilhas da Sonda a pantera de graciosos movimentos.

É nas terras do sol que trombeteia o elefante, monstroso proboscida, senhor da força maxima e da maxima inteligencia irracional. Ao seu lado espapaça-se nos rios o planturoso hipopotamo e tosa a folhagem das arvores o formidavel rinoceronte.

No genero piteco é a região equatorial que apresenta o solitario gorila, herculeo, ferocissimo.

Na Sumatra os maiores orangos passeiam em grupo, graves como diplomatas do Itamarati.

O maior dos marsupiais é na Australia que habita, o cangurú. E é nos rios das terras quentes que mergulham os maiores saurios. O crocodilo do Nilo atinge lá seis metros de comprimento e dá tal impressão de força que os antigos egipcios o ergueram á categoria de animal sagrado. O gavial indiano, lagartão de nove metros de comprido, é o maior da especie: tala os peixes do Ganges e pega bufalos que vêm beber ás margens. Os caimães da America e o jacaré amazônico são outros tantos exemplares esplendidos da plethora da vida.

Entre os ofídios é sempre na zona calida que rabeiam os mais gigantescos; a sucurí e a anaconda de dez metros do Surinan bastam para documentar o asserto. Entre os venenosos é ainda nela que vivem os

mais letalmente apetrechados, a naja india, os nossos crotalos, os trigonocefalos da Martinica.

Se volvermos o olhar para os ruminantes vemo-los ascenderem ás formas mais altas sempre na zona dileta do sol. O camelo, a girafa, o bufalo são seus filhos. Os solipedes, cavalo e zebra, nela é que se desenvolveram.

Não abre exceção o batraquio: a maior das rãs, *Rana mugicus*, rã-touro, coxa na America, e com tal vigor que Martius, na sua Historia Natural, diz: "Em bando fazem tal bulha que um destacamento de soldados se assustou um dia a ponto de fugir, cuidando ser o estrondo da artilharia inimiga". Não será tanto assim. Algum Antoine, talvez, foi quem referiu o caso ao naturalista de boca aberta. Mas que sobrepujam em tamanho e berram mais alto que as suas irmãs das zonas frias, isso é fato, e nos basta.

Nas aves a riqueza tropical é inaudita, em forma, côr e força. A maior delas, o avestruz, tem resistencia capaz de suster, montado no seu cangote, um homem. Ao lado dessa monstruosa ave-cavalo volitam as mais aperfeiçoadas joias da criação, os beija-flores.

Os maiores coleopteros zumbem no tropical. O escaravelho herculeo, *Dinastes hercules*, é filho da America do Sul. Nos lepidopteros a terra quente detem todos os recordes. Nas aranhas nenhuma sobrepuja a nossa caranguejeira, *Terafosa avicularia*, assim chamada em virtude da fama que gosa de apanhar no ninho pequenos passaros.

Se do reino animal saltamos para o vegetal, cresce a riqueza da vida. Os maiores fetos remanescentes dos

periodos eos, viçam nos sombrios humidos da região equatorial. Nela as gramineas alteiam-se a proporções gigantescas que vão do milho ao bambú. As arvores atingem as proporções fantasticas da sequoia da Califórnia, do baobá africano e do nosso jequitibá de incomparavel beleza.

A palmeira, essa mesquinharia das regiões entanguidas, exubera aqui em gigantes. Foi ao avistar-se com a palmeira imperial, no Rio, que Darwin, esmagado pela majestade daquele fuste flabelado no tope, caiu de joelhos, murmurando: — “Salve, rei dos vegetais!” Já Lineu as classificara de principes do reino, e Humboldt dissera: “Tres formas de perfeita beleza encontram-se nas regiões tropicais, a palmeira, a bananeira e o feto arborescente”. A Vitoria Regia, com folhas de até dois metros de diametro, é a maravilha das plantas aquáticas. Na India a euriale dos misteriosos lagos, e no Egito o nelumbo proclaimam a vitoria do calor para os surtos supremos da vida.

Não teria fim esta enumeração de primasias. Mas ao nosso intento basta o punhado de glorias biologicas aqui apontadas. Elas nos revelam de maneira flagrante que é nas regiões tropicais que a vida ascende ao esplendor maximo, apogeu de beleza e força.

E é logico que seja assim.

A vida é filha do calor. O sol a criou, o sol a mantem, e o seu indice flutua em ascenção ou depressão conforme o *habitat* foge ou se aproxima dos gelos polares. Mais sol, mais calor: maior eclosão da vida.

Mas se é assim, como esta lei falha mal entra em campo o homem? Por que degenera o homem justamen-

te onde, por impulsão ambiente, devera altear-se ao apogeu? Por que na Amazonia, onde tudo alcança o maximo, só ele dá de si o minimo?

Refitamos.

O homem, com civilizar-se, afastou-se da natureza. Desrespeitou-a, infringiu-lhe as leis. A consequencia foi o enfraquecimento. O uso do vestuario quebrou a resistencia da epiderme. O habito de casa paralizou o desenvolvimento da resistencia organica ás agressões do ar livre, e atrofiou a já criada no longo estagio de vida selvagem. O regime alimentar, a vida em sociedade, o transporte facil, a especialização de funções, cada criatura transformada em certa peça de imensa maquina, atrofiando assim as facetas do individuo que permanecem inertes, os vicios, a hipertrofia do urbanismo, tudo, enfim, que a palavra civilização enfeixa, é, biologicamente, transvio — e transvio destruidor da defesa natural do corpo.

Cessada a função, ou desviada da trilha natural, o organismo enfraquece e reage com fraco vigor contra os assaltos dos inimigos. Além disso, o regime do direito e da moral, imposto pela vida em sociedade, anulou a força dos processos seletivos; os fracos defendidos pela lei, amparados e conservados artificialmente; o forte impedido de vencer e eliminar o fraco; a revogação, em suma, da suprema lei da biologia, lançou o *Homo sapiens* no despenhadeiro da degenerescencia fisica. Biologicamente, o homem é um animal em plena decadencia.

Por força desse enfraquecimento organico ele só pode prosperar nas regiões temperadas ou frias, onde

a vida circunvolvente é pouco intensa graças á ação refreante do inverno, onde o mundo dos micro-organismos não alça o colo, onde o parasitismo é quasi nulo.

Ao invés disso, nas regiões tropicais, onde não ha o marasmo anual do frio e tudo propicia um "fiat" ininterrupto, a vida desabrocha num esfervilhar de mundo em formaçāo.

A fauna invisivel e a fauna dos vermes e insetos atingem proporções desmarcadas. A concorrença vital é tremenda. A guerra, a luta, a invasão, a adaptação e a evolução rápidas constituem o ambiente normal em que o fraco é eliminado incontinenti.

Ora, o homem, que hoje prospera magnificamente nas zonas de vida fraca e nelas constroi civilizações, ao transportar-se para o meio tropical vê-se tomado de assalto pela legião dos parasitos, e baqueia.

Estes seres agredem tambem as altas formas de vida nele vigentes, mas esbarram na resistencia natural fornecida pela reação imediata do organismo, e caem vencidos.

No sér fraco, porém, dessorado pela civilização, a baixa animalidade encontra todas as portas abertas, nenhuma reação eficaz, e faz dele hospedaria.

Daí o estado de doença. Esse corpo não mitridatizado verga na caquexia, quando não tomba aos primeiros assaltos do invasor. Está inerme, posta de carne atônica entregue á voracidade do animalculo.

Isto explica porque o homem não consegue prosperar justamente onde a vida atinge o fastigio.

Mas já não é assim hoje, por felicidade nossa. A ciencia dá-nos elementos para modificar este estado de

coisas, de modo a permitir á vida humana na zona dos tropicos um surto paralelo ao das outras formas de vida.

Se lhe não é possivel readquirir a resistencia perdida, ha meios de evitar os botes insidiosos do micro-organismo.

Vale tanto ser agredido e vencer o germe do mal pelo contra-ataque da imunidade nativa, como impedir por processos mecanicos a agressão.

A higiene, eis o segredo da vitoria.

A higiene é a defesa artificial que o civilizado criou em substituição da defesa natural que perdeu. Ela permite ao inglês na India uma vida prospera, exuberante de saude no meio de nativos derreados de lazeira.

Ela permitirá erguerem-se grandes emporios nas zonas até aqui condenadas.

Ela, só ela permitirá criar na terra brasileira uma civilização digna deste nome.

O nosso estado de profunda degenerescencia fisica e decadencia moral provem exclusivamente disso: desaparelhamento de defesa higienica.

O nosso povo, transplante europeu feito em epoca de magros conhecimentos científicos, foi assaltado pela micro-vida tropical, e verminado intensamente sem que nunca percebesse a extensão da mazela. Só agora se faz o diagnostico seguro da doença, e surge uma orientação científica para solução do problema da nossa nacionalidade, ameaçada de desbarato pelo acumulo excessivo de males curaveis, evitaveis, e jamais curados ou evitados — porque sempre ignorados, quando não cri-

minosamente negados. Desfeitos todos os veus da ilusão, livres para sempre da mentira ditirambica, o caminho está desembaraçado para a cruzada salvadora.

Semear o país deve ser, pois, a nossa obsessão de todos os momentos.

É a grande formula do patriotismo que se não contenta com o jogo malabar do palavreado sonoro. E, além disso, é o ultimo cartucho que nos resta queimar...

Jéca Tatú

A RESSURREIÇÃO

I

Jéca Tatú era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de varios filhinhos palidos e tristes.

Jéca Tatú passava os dias de cocoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem animo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha a ideia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.

Dava pena ver a miseria do casebre. Nem moveis nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de tres pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinaria, e só.

Todos que passavam por ali murmuravam:

— Que grandissimo preguiçoso!

II

Jéca Tatú era tão fraco que quando ia lenhar vinha com um feixinho que parecia brincadeira. E vinha arcado, como se estivesse carregando um enorme peso.

— Por que não traz de uma vez um feixe grande?
perguntaram-lhe um dia.

Jéca Tatú coçou a barbicha rala e respondeu:

— Não paga a pena.

Tudo para ele não pagava a pena. Não pagava a pena consertar a casa, nem fazer uma horta, nem plantar arvores de fruta, nem remendar a roupa.

Só pagava a pena beber pinga.

— Por que você bebe, Jéca? diziam-lhe.

— Bebo para esquecer.

— Esquecer o quê?

— Esquecer as desgraças da vida.

E os passantes murmuravam:

— Além de vadio, bebado...

III

Jéca possuia muitos alqueires de terra, mas não sabia aproveita-la. Plantava todos os anos uma rocinha de milho, outra de feijão, uns pés de abóbora e mais nada. Criava em redor da casa um ou outro porquinho e meia duzia de galinhas. Mas o porco e as aves que cavassem a vida, porque Jéca não lhes dava o que comer. Por esse motivo o porquinho nunca engordava, e as galinhas punham poucos ovos.

Jéca possuia ainda um cachorro, o Brinquinho, magro e sarnento, mas bom companheiro e leal amigo.

Brinquinho vivia cheio de bernes no lombo e muito sofria com isso. Pois apesar dos ganidos do cachorro, Jéca não se lembrava de lhe tirar os bernes. Por que? Desanimo, preguiça...

As pessoas que viam aquilo, fizeram o nariz.

— Que criatura imprestável! Não serve nem para tirar berne de cachorro...

IV

Jéca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caisse. Jéca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.

Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jéca não fazia o mesmo?

Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:

— Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.

— Mas como é que o seu vizinho italiano não tem formiga no sitio?

— É que ele mata.

— E por que você não faz o mesmo?

Jéca coçava a cabeça, cuspia por entre os dentes e vinha sempre com a mesma historia:

— Quál! Não paga a pena...

— Além de preguiçoso, bebado; e além de bebado, idiota, era o que todos diziam.

V

Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miseria. Vendo o caboclo tão amarelo e chucro, resolveu examina-lo.

— Amigo Jéca, o que você tem é doença.

— Pode ser. Sinto uma canseira sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito que responde na cacunda.

— Isso mesmo. Você sofre de anquilostomias.

— Anqui... o quê?

— Sofre de amarelão, entende? Uma doença que muitos confundem com a maleita.

— Essa tal maleita não é a sezão?

— Isso mesmo. Maleita, sezão, febre palustre ou febre intermitente: tudo é a mesma coisa, está entendendo? A sezão também produz anemia, moleza e esse desânimo do amarelão; mas é diferente. Conhece-se a maleita pelo arrepio, ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor. O que você tem é outra coisa. É amarelão.

VI

O doutor receitou-lhe o remédio adequado; depois disse: “E trate de comprar um par de botinas e nunca mais me ande descalço nem beba pinga, ouviu?”

— Ouvei, sim, senhor!

— Pois é isso, rematou o doutor, tomando o chapéu. A chuva já passou e vou-me embora. Faça o que mandei, que ficará forte, rijo e rico como o italiano. Na semana que vem estarei de volta.

— Até por lá, séo doutor!

Jéca ficou cismado. Não acreditava muito nas palavras da Ciência, mas por fim resolveu comprar os remédios, e também um par de botinas ringideiras.

Nos primeiros dias foi um horror. Ele andava pisando em ovos. Mas acostumou-se, afinal...

VII

Quando o doutor reapareceu, Jéca estava bem melhor, graças ao remedio tomado. O doutor mostrou-lhe com uma lente o que tinha saído das suas tripas.

— Veja, sêo Jéca, que bicharia tremenda estava se criando na sua barrigal. São os tais *anquilstomos*, uns bichinhos dos lugares humidos, que entram pelos pés, vão varando pela carne a dentro até alcançarem os intestinos. Chegando lá, grudam-se nas tripas e escangalham com o freguês. Tomando este remedio você bota p'ra fora todos os *anquilstomos* que tem no corpo. E andando sempre calçado, não deixa que entrem os que estão na terra. Assim fica livre da doença pelo resto da vida.

Jéca abriu a boca, maravilhado.

— Os anjos digam amem, sêo doutor!

VIII

Mas Jéca não podia acreditar numa coisa: que os bichinhos entrassem pelo pé. Ele era “positivo” e dos tais que “só vendo”. O doutor resolveu abrir-lhe os olhos. Levou-o a um lugar humido, atrás da casa, e disse:

— Tire a botina e ande um pouco por aí.

Jéca obedeceu.

— Agora venha cá. Sente-se. Bote o pé em cima do joelho. Assim. Agora examine a pele com esta lente.

Jéca tomou a lente, olhou e percebeu varios vermes pequeninos que já estavam penetrando na sua pele,

através dos poros. O pobre homem arregalou os olhos, assombrado.

— E não é que é mesmo? Quem “havera” de dizer!...

— Pois é isso, sêo Jéca, e daqui por diante não duvide mais do que a Ciencia disser.

— Nunca mais! Daqui por diante nha Ciencia está dizendo e Jéca está jurando em cima! T’esconjuro! E pinga, então, nem p’ra remedio...

IX

Tudo o que o doutor disse aconteceu direitinho! Tres meses depois ninguem mais conhecia o Jéca.

A preguiça desapareceu. Quando ele agarraava no machado, as arvores tremiam de pavor. Era *pan, pan pan*... horas seguidas, e os maiores paus não tinham remedio senão cair.

Jéca, cheio de coragem, botou abaixo um capoeirão para fazer uma roça de tres alqueires. E plantou eucaliptos nas terras que não se prestavam para cultura. E consertou todos os buracos da casa. E fez um cheiro para os porcos. E um galinheiro para as aves. O homem não parava, vivia a trabalhar com furia que espantou até o seu vizinho italiano.

— Descanse um pouco, homem! Assim você arrebenta... diziam os passantes.

— Quero ganhar o tempo perdido, respondia ele sem largar do machado. Quero tirar a prosa do “italiano”.

X

Jéca, que era um medroso, virou valente. Não tinha mais medo de nada, nem de onça! Uma vez, ao entrar no mato, ouviu um miado estranho.

— Onça! exclamou ele. É onça e eu aqui sem nem uma faca!...

Mas não perdeu a coragem. Esperou a onça, de pé firme. Quando a fera o atacou, ele ferrou-lhe tamанho murro na cara, que a bicha rolou no chão, tonta. Jéca avançou de novo, agarrou-a pelo pescoço e estrangulou-a.

— Conheceu, papuda? Você pensa então que está lidando com algum pinguço opilado? Fique sabendo que tomei remedio do bom e uso botina ringideira...

A companheira da onça, ao ouvir tais palavras, não quis saber de historias — azulou! Dizem que até hoje está correndo...

XI

Ele, que antigamente só trazia tres pausinhos, carregava agora cada feixe de lenha que metia medo. E carregava-os sorrindo, como se o enorme peso não passasse de brincadeira.

— Amigo Jéca, você arrebenta! diziam-lhe. Onde se viu carregar tanto pau de uma vez?

— Já não sou aquele de dantes! Isto para mim agora é canja, respondia o caboclo sorrindo.

Quando teve de aumentar a casa, foi a mesma coisa. Derrubou no mato grossas perobas, atorou-as, lavrou-as e trouxe no muque para o terreiro as tóras todas. Sozinho!

— Quero mostrar a esta paulama quanto vale um homem que tomou remedio de Nha Ciencia, que usa botina cantadeira e não bebe nem um só martelinho de cachaça!

O italiano via aquilo e coçava a cabeça.

— Se eu não tropicar direito, este diabo me passa na frente, *Per Bacco!*

XII

Dava gosto ver as roças do Jéca. Comprou arados e bois, e não plantava nada sem primeiro afifar a terra. O resultado foi que os milhos vinham lindos e o feijão era uma beleza.

O italiano abria a boca, admirado, e confessava nunca ter visto roças assim.

E Jéca já não plantava rocinhas como antigamente. Só queria saber de roças grandes, cada vez maiores, que fizessem inveja no bairro.

E se alguem lhe perguntava:

— Mas para que tanta roça, homem? ele respondia:

— É que agora quero ficar rico. Não me contento com trabalhar para viver. Quero cultivar todas as minhas terras, e depois formar aqui uma enorme fazenda. E hei de ser até coronel...

E ninguem duvidava mais. O italiano dizia:

— E forma mesmo! E vira mesmo coronel! *Per la Madonna!*...

XIII

Por esse tempo o doutor passou por lá e ficou admiradissimo da transformação do seu doente.

Esperara que ele sarasse, mas não contara com tal mudança.

Jéca o recebeu de braços abertos e apresentou-o á mulher e aos filhos.

Os meninos cresciam viçosos, e viviam brincando, contentes como passarinhos.

E toda gente ali andava calçada. O caboclo ficara com tanta fé no calçado, que metera botinas até nos pés dos animais caseiros!

Galinhas, patos, porcos, tudo de sapatinho nos pés! O galo, esse andava de bota e esporal!

— Isso tambem é demais, sêo Jéca, disse o doutor. Isso é contra a natureza!

— Bem sei. Mas quero dar um exemplo a esta caipirada bronca. Eles aparecem por aqui, vêem isso e não se esquecem mais da historia.

XIV

Em pouco tempo os resultados foram maravilhosos. A porcada aumentou de tal modo, que vinha gente de longe admirar aquilo. Jéca adquiriu um caminhão Ford, e em vez de conduzir os porcos ao mercado pelo sistema antigo, levava-os de auto, num instantinho, buzinando pela estrada afora, *fon-fon! fon-fon!*...

As estradas eram pessimas; mas ele consertou-as á sua custa. Jéca parecia um doido. Só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas. Aprendeu logo a ler, encheu a casa de livros e por fim tomou um professor de inglês.

— Quero falar a lingua dos bifes para ir aos Estados Unidos ver como é lá a coisa.

O seu professor dizia:

— O Jéca só fala inglês agora. Não diz porco; é *pig*. Não diz galinha! é *hen*... Mas de alcool, nada. Antes quer ver o demonio do que um copinho da “branca”...

XV

Jéca só fumava charutos fabricados especialmente para ele, e só corria as roças montado em cavalos arabeis de puro sangue.

— Quem o viu e quem o vê! Nem parece o mesmo. Está um “estranja” legitimo, até na fala.

Na sua fazenda havia de tudo. Campos de alfafa. Pomares belíssimos com quanta fruta ha no mundo. Até criação de bicho da seda; Jéca formou um amoreiral que não tinha fim.

— Quero que tudo aqui ande na seda, mas seda fabricada em casa. Até os sacos aqui da fazenda têm que ser de seda, para moer os invejosos...

E ninguem duvidava de nada.

— O homem é magico, diziam os vizinhos. Quando assenta de fazer uma coisa, faz mesmo, nem que seja um desposito...

XVI

A fazenda do Jéca tornou-se famosa no país inteiro. Tudo ali era por meio do radio e da eletricidade. Jéca, de dentro do seu escritorio, tocava num botão e o cocho do chiqueiro se enchia automaticamente de rações mui-

to bem dosadas. Tocava outro botão, e um repuxo de milho atraia todo o galinhame!...

Suas roças eram ligadas por telefones. Da cadeira de balanço, na varanda, ele dava ordens aos feitores, lá longe.

Chegou a mandar buscar nos Estados Unidos um telescópio.

— Quero aqui desta varanda ver tudo que se passa em minha fazenda.

E tanto fez, que viu. Jéca instalou os aparelhos, e assim pôde, da sua varanda, com o charutão na boca, não só falar por meio do rádio para qualquer ponto da fazenda, como ainda ver, por meio do telescópio, o que os camaradas estavam fazendo.

XVII

Ficou rico e estimado, como era natural; mas não parou aí. Resolveu ensinar o caminho da saúde aos caipiras das redondezas. Para isso montou na fazenda e vilas próximas vários Postos de Maleita, onde tratava os enfermos de sezões; e também Postos de Anquilotose, onde curava os doentes de amarelão e outras doenças causadas por bichinhos nas tripas.

O seu entusiasmo era enorme. "Hei de empregar toda a minha fortuna nesta obra de saúde geral, dizia ele. O meu patriotismo é este. Minha divisa: Curar gente. Abaixo a bicharia que devora o brasileiro..."

E a curar gente da roça passou Jéca toda a sua vida. Quando morreu, aos 89 anos, não teve estatua, nem grandes elogios nos jornais. Mas ninguém ainda

morreu de conciencia mais tranquila. Havia cumprido o seu dever até o fim.

XVIII

Meninos: nunca se esqueçam desta historia; e, quando crescerem, tratem de imitar o Jéca. Se forem fazendeiros, procurem curar os camaradas da fazenda. Além de ser para eles um grande beneficio, é para você um alto negocio. Você verá o trabalho dessa gente produzir tres vezes mais.

Um país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade da sua gente. Ter saude é a grande qualidade de um povo. Tudo mais vem daí.

NOTA

Esta pequena historia teve um curioso destino. Adotada por Candido Fontoura, esse homem de visão tão penetrante, para propaganda de seus preparados medicinais contra a malaria e a opilação, vem sendo espalhada pelo país inteiro na maior abundância. As tiragens já alcançaram quinze milhões de exemplares — e prosseguem. Não ha recanto do Brasil, não há fundo de sertão, onde quem sabe ler não haja lido o "Jecatatuzinho", que é o nome popular da historia por causa do pequeno formato das edições distribuidas. E desta forma, graças á ação de Fontoura, as noções dadas no "Jecatatuzinho" sobre as origens da malaria e da opilação já entraram no conhecimento do povo roceiro, habilitando milhares e milhares de criaturas a se defenderem e também a se curarem, quando por elas alcançados.

Este livro foi composto e impresso na

GRÁFICA URUPÊS S. A.

Rua Pires do Rio, 338

São Paulo

1961



Date Due

~~DE 7 66~~

JA 4'67

DEC - 8 1988

DEC 22 1966

Demco 293-5

Date Due

MY 28 '69

JA 5 '70

DEC 1 9 1969

DEC 2 0 1969

89045926276



b89045926276a



89045926276



b89045926276a

GRADIENTADDITIONS